A IMAGEM DE UM ORÁCULO

IRA PROGOFF

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

A IMAGEM DE UM ORÁCULO

UMA QUESTÃO DE QUEM ESTÁ A FALAR

Em 1957 conheci o Dr. Karlis Osis, então diretor do Departamento de Investigação da Parapsychology Foundation, na cidade de Nova Iorque, que me apresentou a Mrs. Eileen J. Garrett. A Mrs. Garrett há muito que estava estabelecida como o mais notável médium psíquico do século XX. O seu trabalho levara-a a muitas áreas da ciência e da religião, e tinha alcançado uma posição especialmente proeminente no campo das manifestações espiritualistas. Contudo, quando nos encontrámos, verificou-se que a Mrs. Garrett tinha uma pergunta que me queria fazer. A minha resposta a essa pergunta, juntamente com as investigações que tornou necessárias, é o conteúdo deste relatório.

A pergunta da Mrs. Garrett era essencialmente esta. Ao longo de mais de trinta anos, tivera uma variedade de experiências em transe durante as quais várias vozes falaram através dela. Essas vozes diziam pertencer a indivíduos ou entidades espirituais e falavam com um conhecimento e uma consciência independentes sobre os quais a própria Mrs. Garrett não tinha controlo. Pareciam ter acesso a informação que a Mrs. Garrett desconhecia e possuíam perceções clarividentes que ela não tinha na ausência delas.

A Mrs. Garrett não tinha conhecimento consciente da identidade das pessoas a quem essas vozes pareciam pertencer. Alegavam ser as vozes de pessoas há muito falecidas, em particular de dois homens que tinham vivido no Médio Oriente há vários séculos. Nas suas manifestações na presença de outros, as palavras desses homens, falando através da Mrs. Garrett, tinham sido de tal modo impressionantes que muitas pessoas acreditaram na sua realidade e aceitaram a visão de que essas vozes que falavam em transe eram efetivamente as vozes de "entidades desencarnadas". Um número significativo de pessoas, na Inglaterra e na América, considerou-as

espíritos que procuravam comunicar a partir do mundo dos espíritos para falar com pessoas modernas.

Com base nessa crença acerca das "figuras de controlo" que falavam através da Mrs. Garrett, muitas dessas pessoas passaram a construir conceções mais amplas acerca da natureza da imortalidade e da existência dos espíritos, formuladas em termos de uma filosofia que incluía uma expectativa específica quanto à natureza da vida após a morte.

Quando passámos a conhecer-nos, a Mrs. Garrett explicou-me que, à medida que refletia sobre os acontecimentos e as situações da sua vida, se apercebera progressivamente de que um grande número de pessoas em todo o mundo estava a basear as suas crenças sobre a natureza da imortalidade e as suas expectativas pessoais de vida após a morte nas descrições de certas experiências que lhe tinham acontecido. Mas, no que lhe dizia respeito, ela não podia nem validá-las nem refutá-las. Havia muito pouco que pudesse saber quanto à validade ou ao significado das vozes que falavam através dela, sobretudo porque não estava consciente nem desperta nesse momento.

Encontrava-se num transe hipnótico, pelo que o seu juízo consciente não estava acessível. Não tinha forma de verificar pessoalmente a realidade das vozes que falavam através de si; nem sentia estar capacitada para interpretar, ou sequer conjeturar, o que a sua presença e a sua mensagem poderiam significar. Ainda assim, sentia uma responsabilidade definida para com as pessoas que demonstraram tamanha fé nos fenómenos da sua personalidade a ponto de basearem as suas crenças sobre o seu futuro existencial no testemunho das suas experiências, pelo menos tal como essas experiências tinham sido interpretadas por outros. A Mrs. Garrett chegou então à conclusão de que era sua responsabilidade pessoal descobrir qual o verdadeiro significado das suas vozes, para que as pessoas não fossem arrastadas para crenças falsas por uma má compreensão dos seus fenómenos pessoais.

A sua pergunta para mim era, portanto, clara e direta: poderia eu, com base nos meus estudos no campo da psicologia profunda, dizer-lhe qual era a natureza e o significado das vozes que falavam através dela? Seriam de facto entidades desencarnadas, em que os espiritualistas tinham direito a acreditar? Ou teriam outro significado? A Mrs. Garrett é uma mulher com forte veia dramática, mas senti uma sinceridade definida, uma preocupação genuína, na sua pergunta. Na verdade, senti que a questão que me estava a colocar era mais do que de natureza intelectual. Parecia envolver uma necessidade pessoal forte.

Em parte, reconheci, tratava-se do seu sentido de responsabilidade para com as pessoas, em vários países, que haviam depositado a sua fé no seu trabalho e baseado nele as suas filosofias de vida. Mas parecia também envolver uma responsabilidade para consigo mesma. Afinal, se outras pessoas tinham sido induzidas em erro pela interpretação espiritualista dos seus fenómenos psíquicos, ela também tinha sido induzida em erro; e ela era pelo menos tão importante como qualquer outra pessoa. Inferi então que era realmente para a sua própria paz de espírito e para o seu próprio sentimento de integridade interior que a Mrs. Garrett procurava uma resposta à sua pergunta.

Era também parte da honestidade amadurecida da sua busca pessoal do significado da sua vida, sobretudo porque era bem claro que o significado da existência, para a Mrs. Garrett, se encontra intimamente identificado com o seu trabalho mediúnico. Senti, por conseguinte, uma urgência pessoal na sua interrogação, o que me impressionou quanto à autenticidade da pergunta que fazia. Assim, com considerável interesse pessoal, além da curiosidade intelectual, concordei em empreender uma investigação de investigação sobre as suas experiências mediúnicas para ver que conclusões, ou hipóteses, me surgiriam.

Decidiu-se em breve que a investigação básica consistiria em conversas com as várias figuras que falam através da Mrs. Garrett quando está em transe. Usaria aqueles métodos da psicologia profunda

que costumo utilizar na prática, na medida em que tais métodos fossem aplicáveis, e procuraria descobrir qual era o significado dessas vozes para a personalidade da Mrs. Garrett enquanto um todo.

Para preparar essas sessões de transe, era necessário primeiro que me familiarizasse com a história e o enquadramento da vida da Mrs. Garrett. Havia material abundante disponível em forma impressa para me preparar para as nossas conversas, tanto no estado de vigília como no estado de transe. Dos seus vários livros, um foi particularmente útil a esse respeito, o seu estudo autobiográfico Aventuras no Sobrenatural.* Além disso, existiam numerosos relatórios e transcrições de estudos e sessões realizadas no âmbito do trabalho da Mrs. Garrett sob os auspícios da Parapsychology Foundation e de outras organizações. Não havia falta de material para estudar.

O que parecia haver era escassez de um olhar novo sobre um tema antigo e intrigante. Ao ler os materiais que descreviam a sua vida e as suas experiências anteriores em transe, fiquei com a impressão de que, devido à intensidade do seu envolvimento no trabalho, à sua inteligência de base e, especialmente, à sua abertura pessoal e intelectual, a Mrs. Garrett poderia muito bem ser a pessoa que tornaria possível obter um novo ângulo sobre este assunto. Entrei, portanto, no estudo com interesse crescente e até entusiasmo; e, à medida que avançava, descobri que dedicava cada vez mais tempo e atenção a ele, até ao fim, muito mais do que havia inicialmente planeado.

Ver Eileen J. Garrett, Aventuras no Sobrenatural, A Personal Memoir, Garrett Publications, N. Y., 1949.

Mas é o tipo de inquérito que não sabe como se limitar. Necessariamente, porque é uma viagem ao ilimitado, onde os limites da personalidade se desfazem.

Depressa descobri que a minha tarefa de explorar a psique profunda de Eileen Garrett era nova para mim, mas não era de todo nova para ela. Descobri que uma linhagem muito distinta de predecessores tinha passado antes de mim, aprofundando vários aspetos da fenomenologia da psique de Eileen Garrett, embora, é

certo, o foco específico de estudo parecesse, em todos os casos, ser bastante diferente daquele que eu estava a empreender. A lista desses predecessores, para mencionar apenas os nomes mais ilustres, incluía William McDougall, William Brown, J. B. Rhine, Gardner Murphy e Robert Laidlaw.

Nenhum deles, contudo, havia assumido a tarefa específica que agora me cabia: usar os novos procedimentos da psicologia profunda holística para extrair, dos recessos da personalidade de Eileen Garrett e das personalidades das vozes que falavam através dela, algumas pistas quanto à natureza e ao significado dos fenómenos de mediunidade exemplificados na experiência da Mrs. Garrett. Neste aspeto do trabalho eu não tinha predecessores e, portanto, não tinha modelos nem precedentes a seguir na conceção do meu plano de abordagem.

Ao indagar sobre o enquadramento da vida da Mrs. Garrett e a história das suas experiências mediúnicas, descobri que o padrão predominante consistia em ela entrar num transe autoinduzido, durante o qual falavam as vozes de vários homens distintos, sobretudo de origem árabe. Duas figuras tinham dominado essas sessões de transe ao longo de muitos anos. Eram Ouvani, cuja descrição geral de si próprio era a de um jovem soldado árabe do século XIII que morrera em combate; e Abdul Latif, um médico persa do século XVII. Havia, no entanto, outras figuras que tinham falado de tempos a tempos.

O meu plano de abordagem principal ao problema foi estabelecer o contacto mais completo possível com a dimensão da psique de Eileen Garrett através da qual essas figuras de controlo, como eram designadas na terminologia da mediunidade espiritualista, se manifestavam. Pedir-lhe-ia que entrasse no estado de transe, do modo que lhe era habitual, e então falaria com as figuras que aparecessem — e quaisquer outras que quisessem aparecer.

Acima de tudo, trataria as figuras como pessoas, quer devessem realmente ser entendidas como entidades espirituais quer não.

Procuraria, nas minhas conversas com elas, alcançar o âmago das suas personalidades, extrair os seus desejos e entrar em comunicação com elas acerca dos objetivos e das possibilidades da sua existência, exatamente como faria com qualquer indivíduo, em trabalho psicológico profundo, que viesse falar comigo.

PARTE I
CONVERSAS
COM OUVANI
O GUARDIÃO DA PORTA

CONVERSA N.º 1*
COM OUVANI

(Respiração profunda, bocejos, gemidos, à medida que a Mrs. Garrett entra em estado de transe.)

EG Sou convocado, por assim dizer, pelo meu instrumento, quando ela passa ao estado de, chamemos-lhe, quietismo. É do nosso agrado que um de nós possa vir. Sempre, naturalmente, eu tenho vindo, a menos que haja uma exigência por Abdul Latif, bendito seja o seu nome, caso em que ele tomará o seu lugar.

IP Bem, o que eu pensava: há algum propósito? Há algo que desejas; isto é, nós que vivemos aqui agora, há algo que desejas dizer, ou algo que desejas que façamos?

EG Oh, não! Eu desejar?

IP Que eu venha?

Não, mas se preparas o caminho, naturalmente comparecerei para perguntar-te qual é o propósito.

Há um desejo, há um propósito?

Esta é na realidade a segunda conversa que mantive com Ouvani. A primeira ocorreu alguns dias antes, mas infelizmente o gravador avariou-se e a sessão não pôde ser transcrita.

Ah, sim. Bem, o que eu queria dizer era: há algo que vês, algo que sabes, na perspetiva do tempo, na tua visão do tempo? Há algo que sabes e que nós aqui não saberíamos? Algo que desejarias dizer, ou algo de que nos queiras falar? Há algo acerca da tua natureza? Sobre o que é viver aqui?

Isso de que eu falaria?

Sim.

Não, não era isso... não. Oh,... não. Oh, pensas que eu venho procurar-te?

Sim, bem, foi isso que perguntei. Se vens para dizer algo. Se há uma razão que desejas.

Mas há sempre uma razão para tudo o que acontece. Nada pode acontecer sem uma razão. Agora perguntas qual é a razão? Creio que te é bastante óbvio que, antes de haver qualquer grande mudança na visão daqueles que habitam esta pequena terra, como lhe chamarias, antes de grandes mudanças, não terá sempre acontecido que há aqueles que vêm em voz de segura profecia? Antes, de certo modo, não somos nós, na nossa aparição, aqueles que entram com a mudança, da mudança, antes da mudança e durante a mudança? Não somos, de certo modo, a experiência dramática através da qual e por quem se operam mudanças nos métodos da refletividade humana?

Portanto, antes de qualquer manifestação de vida nova e duradoura, sempre houve, na casa das pessoas mais pensantes, a necessidade de falar com os seus deuses, como dizem. E assim, não somos nós, portanto, em certa medida, mensageiros da mudança? Estou muito certo ao dizer-te que o trabalho do nosso instrumento não é tanto o seu trabalho quanto ela tem sido a manifestação disto que trazemos. Mal podes olhar ao teu redor e não ver a escrita na parede do tempo, pois no passado todo o vosso grande saber veio do Oriente, como também o doador da lei e o doador da vida nasce no Oriente. Todas as vossas compreensões que permaneceram convosco vos chegaram em virtude do mesmo, chamemos-lhe nascer do sol, pelo mesmo mensageiro da mudança. E vós, que sois capazes de ler as manifestações, talvez vejais que mudanças tremendas vêm aí para a humanidade. Os seus métodos pelos quais se preservou estão a desfazer-se, e antes de estas coisas terem acontecido nos primeiros dos homens, certamente vêm aqueles que preparam a mudança.

Sim, agora mencionaste o teu instrumento e…

Quem é o nosso instrumento e quem é instrumental em se manifestar no seu pequeno modo? Há muitos assim, trabalhando nos seus diferentes níveis de experiência, a operar estas mudanças; e é para eles e por eles que todo o processo da mudança se determina, não é assim?

Sim, agora, quando vieste, quando escolheste este instrumento; isto é, quando escolheste esta e não outra, houve algo que te influenciou a fazer essa escolha?

Oh, sim, sem dúvida. A escolha não foi feita por mim. Fui nomeado, se quiseres, para ser o guarda-porta, digamos, mediante certas evidências de fatores então relacionados com os povos em causa. A escolha não foi minha. A escolha foi feita por mim por um daqueles que, na falta de melhor palavra, chamarás os mestres da sua evolução ou do seu destino.

Ou seja, do destino do teu instrumento, então?

Assim é. O destino dela está soldado muito estreitamente ao nosso destino. Não há dúvida de que não é a primeira vez que esta, como dizes, voz foi ouvida, nem será a última. Eu disse-te que a alma escolhe a sua prisão. Verdade? Mas, antes de escolher a sua prisão, também te disse que tem livre-arbítrio para fazer a sua escolha. Mas até onde vai a vontade? Nenhum homem tem livre-arbítrio, concordarás comigo? De modo que há aqueles que fazem a obra dos outros, que diriam: este é o teu caminho, que darás à compreensão, e esta será a tua boca dentro do tempo em que esse trabalho particular esteja concluído.

Este instrumento e o seu destino. Esse destino inclui algo anterior a este tempo e a esta forma em que ela está agora? Quero dizer, algo e algum tempo no passado?

Ah, sim.

Ela já esteve na terra no passado?

Claro.

E em que forma?

Na mesma forma. O corpo de uma mulher faz sempre o melhor instrumento para esta forma de conhecimento. Ela é a recetora passiva de pensamentos e imagens. Não é a criadora. Não há muitas grandes mulheres que — uh, como diríeis — tenham tomado estradas sobre montanhas, nem há mulheres que tenham feito os engenhos para cruzar a estrada, mas há mulheres que conceberam ou deram a semente que produz a criança que fará esta obra. O homem nem sempre é a matriz para a qual as imagens fluem. A mulher está de facto a olhar, é o espelho, se quiseres, do que há de ser criado.

Relativamente a esse espelho que a mulher é, parece, pela minha observação, que este instrumento é muito ativo. Isto é, há muito que ela teve de fazer para tornar possível que falasses com ela.

Sim, de facto, mas ela é a percebedora. Ela concebe ou aceita a imagem e é também, apresso-me a lembrar-te, tarefa da mulher tomar a criança, que é a imagem, e nutrir essa imagem até ao momento em

que essa imagem esteja apta a ser projetada mais além através do veículo do masculino. Não é assim? E embora ela tenha feito muito na sua vida para tomar essas imagens, talvez a sua maior função seja receber. E, recebendo, saber o que fazer com estes órfãos, nutri-los e criá-los, como é o forte da mulher cuidar dos seus filhos até que estejam, como diremos, capazes de se suster por si. Não é essa a função da…?

Mulher, como mãe. Como nutriz, sim. Mas, para que ela assumisse este papel de modo a tornar possível servir como tal instrumento, houve alguma preparação especial de que precisasse? Ou nesta vida, ou numa anterior?

Bem, creio que talvez notes as associações históricas de tão eminentes mentes quanto houve; lembrar-te-ás de que o papel da mulher não era apenas o de confortar o homem, mas que era dentro da sua casa, às portas da cidade, que juntos os eruditos vinham, noutros tempos — não é assim? — para conversar e repartir o pão e encontrar-se uns com os outros. Assim, o papel da mulher na história antiga, daquela que tinha de pôr ideias cá fora, não era, de modo algum, apenas o de co-recetora e refletora da imagem, mas também o de manter intacta a casa do conhecimento onde se reuniam os sábios do seu tempo.

Sim, creio que esse é um papel que o teu instrumento desempenha ainda hoje.

Muito, muito mesmo. Não é na vida moderna, talvez, que encontras a mulher de hoje que será como um espelho do tempo, de modo que essas imagens se produzam ali. Mas ela também teve a função de ter a casa, uma mansão, se quiseres, na qual o masculino encontra para si o conforto da vida, a essência sustentadora da vida, e onde ele próprio virá encontrar-se com os seus pares e conversar. Assim, ela não só alberga a imagem como recolhe aquilo a que chamaremos as obras dos eruditos. Tens isto nas tuas velhas associações históricas — a preservadora, a guardiã.

Agora, pergunto-me: o teu instrumento faz isto, e ela dedicou grande parte da sua vida a fazê-lo no mundo moderno. Pergunto-me se isto é algo que desejaste que ela fizesse e se a ajudaste, ou tentaste ajudá-la, a fazê-lo.

Creio que todo este processo, se olhares profundamente dentro da vida dela — não é a vida dela que ela vive, isso torna-se-te muito óbvio. Se observares esta vida, verás que não é a vida de uma mulher, mas uma vida que é governada, ordenada e, num certo sentido, projetada, não é assim?

Sim, isto é, não é uma vida que ela vive, mas uma vida que é projetada, que é...

Espero que concordes comigo que somos os engenheiros da nossa própria existência. Em cada um de nós está o conhecimento que por vezes se mostra no sono: de que não somos apenas os agentes mas também os criadores; e que, se já na pequena semente está o perfume e a cor da flor de amanhã, ainda invisível, também há em todos os homens o caminho, ou os muitos caminhos, se quiseres, as muitas rotas que poderá tomar para a estrada final que traçará para si mesmo na fase do sonho. Ele irá até certo ponto e lançará, por assim dizer, o trilho através da selva, criando para si aquilo sobre o qual, agora, voltará para descansar dos seus labores e que amanhã cumprirá. Somos, portanto, os engenheiros da nossa própria vida. Acreditas nisso?

Sim, acredito.

Mas vou um pouco mais longe e digo-te que, na vida desta mulher em particular, há também o domínio daqueles que, por assim dizer, vão adiante e deitam fora esses trilhos e estruturas pelos quais ela acabará por abrir caminho.

Ora, isso requer muito conhecimento, e falaste de conhecimento. Mencionaste um conhecimento que se mostra até no sono; isto é, um conhecimento do que está presente na semente, antes de a flor crescer. Esse é o conhecimento do que ali está contido e que a pessoa deve encontrar para fazer essa engenharia, para levar a cabo a engenharia

da sua vida. O que alguém pode fazer tem, então, a ver com o que está presente na semente — se entendo o teu significado. Agora pergunto: esse conhecimento, que muitas vezes vem por vias difíceis, por estar oculto, está no teu poder ajudar uma pessoa trazendo esse conhecimento à consciência e à expressão?

Creio que é isso que temos conseguido fazer. Pelo menos vimos a estação, projetámos a estação no ecrã. Muitas vezes ela, na sua petulância ou desejo de agarrar algo que é frutificação de amanhã, pode procurar trazê-lo a frutificação depressa demais; e assim causar dificuldade a si própria. Mas, não obstante, reparas que ela própria também tem acesso ao conhecimento. Compreendes que ela possui os olhos que olham para dentro e para fora. Ela tem conhecimento, talvez nem sempre das nossas fontes, mas tem conhecimento das suas próprias fontes e, muito frequentemente, portanto, afastar-se-á para uma área que lhe parece legítima e correta para ela. Ora, nós não podemos interferir. Podemos projetar uma imagem adiante disso, ou muitas imagens, mas, porque a alma é responsável perante si mesma, só podemos projetar a imagem; não podemos interferir com a forma como essa alma poderá encontrar o seu caminho em direção à imagem.

Consequentemente, tendo ela o seu próprio acesso ao conhecimento, assim como ao que é lançado diante dela, digamos, e que finalmente deve levar a cabo, há conflito. Mas o conflito gera força e maior luta. Nada disto teria surgido se o nosso instrumento fosse — como dizeis — serenamente passiva, imaginativa, a sonhar com essas imagens. Muito se teria perdido para ela. A tua vida está — uh, como lhe chamo — entrelaçada com pessoas cujas vidas estão cheias de “talvezes” e cheias dos seus sonhos, sim? E, consequentemente, uma turbulência que produz dificuldades, de modo que perdem o rumo. Há o caminho dela e, por cima e além do caminho dela, há também esse caminho. Agora, muito frequentemente, há um conflito nela quanto à rota, mas, no fim, a sua rota e a rota que nós tomaríamos não são assim tão distantes. Fui claro para ti?

Bem, posso fazer uma pergunta entre isto? Usaste a palavra “nós” e não pude deixar de me perguntar como poderias descrever a que se refere esse “nós”.

Oh, creio que posso descrevê-lo muito facilmente para ti. Vês, Ouvani é o guarda da porta nomeado no princípio, que trata das várias questões dos povos — tudo isso é de muito pouca importância. O que ele quer dizer, isso é como tu o vês, mas deixa-me mostrar-to como ele o vê. Por fim, temos aqui aquilo a que chamaremos algo que, por uma melhor impressão visual, eu poderia descrever-te como a luz através da qual a vida é lançada ao mar. Ora, se qualquer um puder entrar e mover esta vida em todas as direções, haverá muita confusão, não só ao largo, mas mesmo aqui perto.

Assim, quando Ouvani se refere a si próprio como o guarda da porta, não está a pensar em ti, e em ti, e em ti; está a pensar em tudo isto que é necessário para manter o equilíbrio. Porque, se há um farol, muitas pessoas gostariam de enviar a sua mensagem. Muito bem, imagina que confusão haveria se não houvesse alguém capaz de se colocar entre a confusão da imagem e aquela parte da impressão do próprio instrumento. Portanto, vês, tem de haver ordem e, talvez, por isso, eu seja melhor reconhecido como aquele que mantém a ordem. Sim, aquele que sustém.

Sim, isto é-te claro, o que quero dizer?

Talvez não completamente, não, e, no entanto, creio que o sinto.

Bem, tens aqui uma máquina muito bela, dentro da qual podes olhar e ver, através dela, minúsculas partículas da terra, ou qualquer lugar da terra, espiritualmente. É pele, chamemos-lhe assim, para o teu microscópio. Olhas dentro dela e o que não te é claro torna-se diferente e claro. Isso é-te um pouco precioso, creio. Agora, se fores deixar que todos os teus amigos e os teus filhos e os amigos dos teus filhos peguem neste instrumento e o usem em todos os tempos e ocasiões, ele corre perigo, não é assim? Não só de ficar desfocado, mas de ser gravemente danificado. Dá-te isso a ideia?

Sim, eu—uh—

Portanto, tem de haver alguém que mantenha a ordem, ou ela seria inundada de imagens, impressões e todas aquelas confusões indisciplinadas e indignas às quais a mente, tendo agora um pequeno afluente a ser aberto, pode subitamente encontrar-se como a tua terra em tempo de cheias, carregando não só o bom mas o menos bom, a escória, todas as coisas — portanto, vês, tem de haver ordem.

Agora, essa ordem — pensamento — era isso que eu não compreendia plenamente. Essa ordem, essa ordenação, dá-se na mente dela?

Não. Não. Não.

Então onde?

EG Onde subsiste — onde pensas tu que está a mente?

Ah, uhuh. Bem, isto é, não na mente, num domínio dentro do espaço do corpo dela?

Não, não. A ordem está — e deixa-me dar-te um exemplo. Vais ter uma produção, vais agora pensar "levemo-nos ao teatro". Vamos ter os nossos atores. Vamos ter uma produção. Ora, nesta produção precisas, e muito, de uma disciplina, ou terás todos os teus atores a tomar as suas falas e a desempenhar papéis que são completamente desnecessários e desadequados. Se não tiveres o teu, chamemos-lhe, cenógrafo, terás grande dificuldade em montar o panorama do que vais mostrar. Se não tiveres o lugar preparado para o teu público, não saberás quem são os atores e quem é o teu público. Então, provavelmente, descobrirás que o teu pobre amador foi talvez atropelado — não por qualquer desejo de ser voluntarioso ou mal-intencionado, mas pelo excesso de entusiasmo de todos em querer ajudar.

Não, em vez disso imaginemos que, ao descermos a este poço da mente, ao qual temos um pequeno acesso, permitiremos que muitos afluentes nele desaguem. O curso transbordará, as margens romper-se-ão, águas virão de muitas direções. Não haverá nada de errado com as águas, nada, mas haverá lodo e areia e os destroços de muitas zonas, e

o afluente deixará de ser um afluente bem ordenado e governado. Ter-se-á tornado uma torrente furiosa e, portanto, será inútil. Ora, é isto que quero dizer ao ser aquele que guarda a porta, aquele que está no controlo de quem deve controlar e quem não deve controlar, quem deve pegar neste afluente que está no dique e que, portanto, é um perigo. Não é assim?

Sim. Agora—

É, portanto, um perigo se não houver quem o guie. Então repara no que pode afluir, a entulhar, a turvar a água e, por fim, a fazer rebentar a margem do afluente.

Sim, creio que vejo isto. Creio que isto é da maior importância. A tua, a tua instrumento sabe isto, achas?

Não creio que ela o saiba em qualquer sentido particular. Pode ser que isso lhe tenha sido explicado, que é Ouvani quem aparece e é mais frequentemente aquele com quem o inquiridor deve entrar em contacto. Duvido que ela compreenda o verdadeiro significado da minha postura. A sua alma sabe-o, mas o seu conteúdo consciente sequer o pergunta? Duvido.

Duvidas disso? Bem, agora, quando me dizes tais coisas, tais informações sobre o que ocorre nela, ou quando me dás qualquer informação, alguma parte disso, de algum modo, percola até ela? "Goteja" para a sua mente? Quero dizer, ela de algum modo chega a sabê-lo?

Agora deixa-me só ver isso. Suponhamos que estamos a falar desta parcela de terra, temos um jardim, não temos?, ao qual vêm dois ou três jardineiros — e são três, quatro — e esses jardineiros têm as suas funções próprias, sim? Ora, respeitam-se mutuamente porque um cuidará desta área particular enquanto outro cuida da sua. Portanto, têm de se respeitar para trabalhar dentro desta área. São responsáveis, não são?, por irrigar e por fornecer o conhecimento que será exigido por todos e por cada qual.

Lembra-te de que é um só pedaço de jardim. Como podes ter a certeza, na tua própria mente, de que a terra táctil que colocas à sua morte para fazer crescer algo aqui não espalha, por necessidade, a sua energia por outras áreas do jardim? Assim, seria quase impossível dizer-te que, ao longo dos anos, temos usado esta parcela de terra — se quiseres, pois é um território, o território ou substância ou corpo — fazendo passar ideias, filosofias, pensamentos, sugestões, mãos amigas para todos, e pensar que a terra por onde isso passa não teria sido nutrida por isso. Se não o fosse, então não teríamos sido jardineiros. E tampouco teríamos podido ter ouvido enunciados que tratavam do cuidado, do amor e, sobretudo, da responsabilidade sem ansiedade, se não déssemos à alma que usamos algo de sustento. Seríamos, de facto, descuidados da nossa vinha, não é verdade?

Sim. Bem, isto é uma coisa muito importante; tem sido importante na vida dela, então.

Pode ser que ela não pergunte, e ainda assim o simples facto de estar aqui nesta sala significa que está a pedir-te. Eu—uh—penso que ela poderia perguntar a muitos, que lhe darão muitas respostas, e essas respostas ela olhará; e, se essas respostas não forem as respostas certas, colocá-las-á com os dez mil anos de ontem.

IP Sim, disseste então. Agora, tenho de perguntar isto, porque de algum modo penso que é para mim muito, muito importante e esclarecedor. Aqui, nesta frase, ela, o teu instrumento, olha para as respostas que são dadas e, se forem falsas, disseste "nós" vamo-las atirar para o passado. Podes explicar esse "nós" outra vez?

Sim, explicar-to-ei. Ela está muito preocupada neste momento com o processo da comunicação, tu sabes isso. Nós também o sabemos. Mil respostas lhe foram dadas por toda a sorte de homens, dizendo-lhe: "Como é tolice não tomares uma decisão. Aqui estão os mortos vivos. Aí estão eles. Caminhas com eles, falas com eles. Por favor, decide-te." Ora, olhamos para isto e, quando ela pensa nisso, há muita confusão na sua mente. Nós somos os jardineiros e, se há

demasiada confusão, cabe-nos deixar a mente de tal modo que possamos dar-lhe uma espécie de paz.

Deixar este drama. Assim, ela afasta-se do drama. E, por fim, no estado de sono, Abdul Latif, que lhe é profundamente devotado, acariciará a mente e dir-lhe-á: "É mais difícil do que isto; não é tão fácil como isto", e assim limparemos, como um professor apagaria o que não está correto. E isto é também, acredita, muito importantemente uma das razões pelas quais ela não nos pode afastar, nem nós nos podemos afastar dela. Não, ela atravessará todas essas áreas de análise. Ouvani encontrou muitos bons eruditos; falam e vão-se embora; falam do que vós chamais disparates, falam esta tolice. Então, Ouvani faz o que lhe mandam, e afasta-se, fechando a porta atrás de si. Que mais fará? Mas amanhã está de volta. Quando alguém precisa dele. Assim, vês que não há tempo em que alguém — como dizeis — se vá embora? Estamos tão vinculados como ela está vinculada.

Sim, sinto isto e vejo-o. Fala a algo em que pensei.

Agora já não pode escapar, não é possível. Eu afastar-me-ia da minha obrigação e do meu dever? Tu, tendo gasto boa parte da tua vida a respirar o arco do teu ser, a preparar para os teus filhos e a tua mulher um lugar que é quieto e solene, irias de súbito, porque alguém te veio dizer "Oh, vai-te embora, não existes", então acreditar que não existias, sair porta fora e deixar a responsabilidade da mulher e das suas confusões — podias? Farias? Não, não.

Sou tanto parte da vida dela como as suas mãos, como os seus lábios, vês como, porquê?

Porque, porque ela precisa de ti, é isso?

Completamente.

Sim, porque ela precisa de ti.

A operação que percebes é tão intrincada, mas essa necessidade está lá. Nós viemos e seríamos muito indignos se nos fôssemos embora antes de termos solenemente cumprido não o nosso dever para

com a vida e connosco mesmos, mas o dever para com os nossos pastores e os nossos mestres. Não penses por um momento que a tua hierarquia se molda em algo que acontece por acaso. O homem entrou na selva há milhões de anos e disse: "Agora ouvir-me-ás." Não o fez porque gostasse do som da sua voz. Teve de o fazer para preservar a ordem e a disciplina e a sobrevivência, para que os Deuses não se desagradassem dele. Nós não desagradaremos aos Deuses da ordem e da disciplina; somos também os humildes servos da lei e também somos necessários. Não seríamos dignos se aligeirássemos a nossa tarefa.

Há algum outro servo, algum outro porteiro, como tu, que venha — tu e Abdul Latif — há algum outro?

Sim, e depois temos um a quem vamos muito frequentemente em assuntos ligados a filosofias profundas. Vamos àquele que é o guardião da palavra. Penso ter-te dito, é conhecido em muitas das tuas línguas como Ta-ho-tay (Toth).

Tah...

Ta-ho-tay, o doador da chave do conhecimento. E depois há um que se importa muito, que é o grande mestre de Abdul Latif, e é conhecido pelo nome de Rama. Ora, vamos por nossa vez a estes, tal como tu irias amanhã a um dos teus mestres quando precisasses de ajuda. E acredita em mim quando te digo que existem estas áreas do pensamento, pois o pensamento não surge, sabes, por acaso. É tecido em sonhos e passado de uma área ou nível de experiência para outra, conforme o homem o pode receber.

Agora, há outro — isso faria quatro. Há agora outro que venha até ela, talvez de outra maneira? De quem tu penses, de quem saibas?

Do nosso grupo?

Bem, pergunto-me se é do vosso grupo, é por isso que pergunto. Um homem que vem falar com ela sobre ela própria? Sabes de quem falo? Chama a si mesmo "Um Estranho", chama-se "Lúcifer" quando fala com ela.

Lúcifer?

Lúcifer. Conhece-lo?

Bem, ele não é Lúcifer, o anjo de luz?

O anjo de luz, sim, mas ele — este — vem e usa o seu nome. Às vezes vem até ela como um grande e belo e sábio estranho. "O Nobre Estranho", às vezes ela o chama. Às vezes chama-se Lúcifer, às vezes chama-se o Diabo. Conhece-lo?

Não.

Não? Conheces um que vem falar com ela enquanto ela caminha junto ao mar? E que lhe diz: "Faz isto" ou "Não faças isto". Com quem ela discute, e que discute com ela.

Não será este Tote?

Talvez seja, mas ela não tem a certeza de quem ele é, e é por isso que pergunto. Na verdade, pergunto em nome dela.

Não achas que isto deve ser um método e um meio de lhe dar conhecimento de Tote? Sabes, não sabes?, do seu lugar, especialmente na literatura caldaica primitiva. E também julgo que o encontras nos mistérios egípcios primitivos. Não tinha ele por vezes a manifestação da ave?

Do nascimento?

Da ave que voa. Do homem que caminha como ave.

Sim, sim. O homem que caminha como ave. Ele não é esse Tote, o doador da palavra? Foi muito cultuado, creio, no mitraico. Verás que é ainda hoje cultuado. Foi cultuado na civilização cretense primitiva, foi cultuado na civilização egípcia. É o único que trabalhará com ela e lhe dará conhecimento preciso — conhecimento realmente preciso — esse seria Tote.

Mas este homem fala com ela sobre o que deve fazer; fala com ela sobre as suas confusões. A confusão de que falaste antes, ele fala disso com ela. Será este Tote? Ele vem até ela enquanto está desperta,

enquanto caminha junto ao mar. Fica ao lado dela, sobre o ombro dela ou diante dela.

Ele é o doador dos sinais e das palavras. Sim.

Ele é o doador dos mistérios. Tem muitas formas, não tem, na vossa literatura?

Uh, como Mercúrio?

Sim. Sim, tem muitas, muitas formas. Foi dado a Pitágoras o significado das palavras e dos símbolos. Ele é o grande doador de símbolos. Ele insufla vida no simbolismo do homem. Não seria este Tote?

Esse seria, talvez. Mhmm.

Creio que sim.

E o Tote viria enquanto ela está desperta? Quero dizer, na sua experiência quotidiana. Isto é, não do mesmo modo que tu vens, mas desta…?

Sim, porque tinha por hábito, no passado, mostrar-se ao sacerdote. Tinha por hábito vir e dar riquezas veladas em compreensão. Sim, tem muitas vestes, muitas vestes. Creio que foi adorado pelo homem sob muitos disfarces.

Percebo. Sim, penso que isto—posso ter a tua permissão para dizer isto ao teu instrumento? Que essa pessoa que vem é Tote?

Bem, não é—uh, dizes-me que ele se chama por esse—uh, nome?

Lúcifer. Às vezes Lúcifer, às vezes o Diabo, e ela fala dele como o seu Nobre Estranho.

Creio que sim. Esse seria Tote. Esse seria Tote.

Tote é um grande mestre, um grande guardião da vida, que certamente tem maior força, maior poder, e tem andado entre os homens por muitos éones. Então ela personificou este? Bem, isto é extremamente—uh, interessante para Ouvani, que não poderia esperar nunca aconselhá-la nesta área. Espero que ela o trate com respeito.

Penso que trata, e é uma das razões por que vem inquirir aqui. Por respeito. Posso—talvez te canse—posso ter a tua permissão para falar contigo novamente, porque me disseste muito que é de grande valor.

Obrigado pela tua tolerância para comigo. Peço que os Deuses te abençoem no teu trabalho e em… (a voz esbate-se até um sussurro). (Sons da EJG a sair do transe, suspiros, etc.)

COMENTÁRIO

SOBRE A CONVERSA N.º 1

COM OUVANI

Aqui eu procurava abrir a conversa, algo desajeitadamente, ao início. Ao perguntar se as entidades têm um propósito ao vir, eu estava a aceitar a conceção espiritualista, sentindo que isso nos poderia dar uma base imediata para conversar. O tom da resposta de Ouvani, porém, deu à discussão uma viragem muito significativa e situou-a numa perspetiva muito mais ampla.

Logo à partida, Ouvani estabelece o tom oracular de grande parte dos enunciados que se seguirão. A perspetiva que ele estabelece não é o mundo do espiritualismo, mas a história da civilização. A história está sujeita a ritmos de mudança e há sempre porta-vozes que falam

“em voz de segura profecia”, exprimindo uma perceção da crise da situação particular e uma visão de como o futuro se pode desdobrar. Sempre tais pessoas falaram com o tom de oráculos ou profetas, como se fossem mensageiros dos deuses. No nosso tempo devemos avançar e considerar a hipótese de que essas vozes são os porta-vozes das “profundezas” do homem. Podemos ver aqui, em todo o caso, que um ponto de vista importante a partir do qual as figuras de controlo falam é a consideração refletida da situação moderna, enunciada a partir de uma posição para além da consciência racional, mas formulada na perspetiva simbólica — e, ocasionalmente, oculta — da plenitude do tempo. Este aspeto das conversas está particularmente forte nos diálogos com Tote e Rama.

Aqui eu tentava estabelecer a relação especial entre a Mrs. Garrett e o grupo de vozes. Esta questão foi respondida de várias maneiras ao longo das conversas.

Aqui Ouvani declara a sua função especial como “guardião da porta”, que controla e regula a aparição das figuras oraculares. Podemos pensar em Ouvani como o guardião do umbral dos vários níveis de profundidade na psique da Mrs. Garrett. Quando Ouvani fala de “os mestres da sua evolução ou do seu destino”, é evidente que se referem Tote e Rama, pois são estes as figuras mais fundamentais do grupo.

A relação entre a Mrs. Garrett e as vozes começa aqui a tornar-se mais específica. Tal como por todo o texto, a perspetiva do tempo é muito mais ampla do que a existência individual; mas isto torna-se muito mais concreto mais adiante.

Esta conceção da mulher como instrumento passivo, mais apto para o trabalho de mediunidade, não deve ser tomada demasiado à letra. O ponto em causa é, muito provavelmente, o facto de que quando uma pessoa decide entrar numa relação mediúnica com figuras deste tipo, tem de adotar uma postura feminina de recetividade, seja o indivíduo fisicamente homem ou mulher. O que está em causa aqui é o lado feminino da psique.

Esta conceção da mulher, e especificamente da Mrs. Garrett como nutriz e veiculadora de ideias e imagens, está obviamente muito próxima da conceção consciente que a própria Mrs. Garrett tem do seu papel na vida. Atribui-lhe um papel feminino ativo que é decerto verdadeiro do estilo de vida da Mrs. Garrett nas suas experiências de vigília. O seu papel como médium para as declarações feitas nas conversas parece, contudo, ser mais passivo.

A questão aqui é colocada mais diretamente sobre a relação da vida da Mrs. Garrett com os propósitos das figuras de controlo. A pergunta foi deliberadamente formulada nos termos metafísicos da conceção espiritualista, mas muito pouco depois foi passada a termos físicos pela própria Mrs. Garrett, ou pela sua voz, indicando os termos em que a sua psique o percebia.

Aqui, onde se coloca a questão dos poderes das figuras em contraste com a própria Mrs. Garrett, é interessante notar que se confere peso considerável às capacidades do instrumento. De um ponto de vista, isto pode ser tomado como expressão de egotismo; mas, mais fundamentalmente, indica o grau de separação entre os dois sistemas expressos na psique da Mrs. Garrett. Indica-se aqui um equilíbrio delicado: tanto um papel ativo para as figuras de controlo como uma severa contenção. Como afirma Ouvani, "Nós não podemos interferir." Os dois são distintos mas estão em estreita relação.

A questão do "nós" refere-se à natureza grupal das vozes que falam. A natureza disso torna-se mais clara à medida que avançamos. Embora a questão tenha sido aqui levantada de forma específica, a resposta não foi dada senão por alusão. A imagem do canalizar da luz é um símbolo muito expressivo da condição que a Mrs. Garrett sente na sua psique. Na medida em que podemos projetar nisso, a sua experiência interior parece ser a de que tem intimações de algo de grande força e magnitude a operar dentro dela.

Sente-o a jorrar de dentro, sente os impulsos para o exprimir; mas parece ser demasiado. Sente a sua grandeza, mas o facto mesmo de ser

tão pleno é perturbador e confuso para ela. A que parte disso deverá dar expressão? Que parte deverá eliminar? A personalidade consciente da Mrs. Garrett não é capaz de fornecer a resposta, sobretudo porque o efluxo deste material não deriva do nível consciente da sua personalidade, e não está ligado de modo integral à sua consciência. Se algum fator de salvaguarda e controlo há de vigorar, tem de vir não da consciência mas de outros níveis da psique — talvez níveis mais profundos, mas, em qualquer caso, outros níveis.

É este o papel que Ouvani se atribui a si mesmo como "guardião da porta". Indica que a sua função particular, entre o grupo de figuras de controlo, é regular o fluxo de luz e de sabedoria, ou de inspiração, para a Mrs. Garrett. A implicação parece-me ser a de que o segredo dessa sabedoria ou luz não está nas próprias figuras de controlo, pois então presumivelmente poderiam regulá-la cada uma por si. Parece, antes, indicar que o segredo da luz é mais generalizado, que exprime talvez uma vasta área da personalidade da Mrs. Garrett, ou um aspeto, ou um lugar, ou um nível, da sua psique. A conceção espiritualista ou metafísica disto seria, claro, que o segredo dessa inspiração é outra dimensão da vida, como o reino dos espíritos.

Não precisamos de aceitar literalmente essa conceção para sustentarmos a ideia de que estes efluxos de luz que são sentidos pela Mrs. Garrett têm um significado e uma validade maiores do que os trazidos pela sua consciência comum. Pareceria antes indicar que derivam de dimensões da psique nas quais a plenitude de significado da vida se reflete. O que aqui se reflete é de tal modo grande e multiforme que a consciência individual não o pode assimilar de uma só vez, e chega mesmo a ter a sensação de que, se isso lhe sobrevém tudo de uma vez, será inundada. Esta parece ser uma sensação implícita na estruturação da psique da Mrs. Garrett, como a presença e o estilo das figuras de controlo o indicam.

Assim, Ouvani exprime qualidades que indicam que ele é a personificação da função regulativa da psique. Ele é, especificamente, a personificação daquele aspeto da psique que limita e canaliza o fluxo dos conteúdos da psique profunda como um todo. Neste sentido,

dado que a existência de Ouvani, juntamente com as declarações que faz e as ações que toma nas suas conversas, derivam do nível mais do que pessoal da psique, da psique transpessoal, pode dizer-se que Ouvani é uma personificação da capacidade autorreguladora da psique. Ela (ou ele) regula o efluxo dos níveis simbólicos exuberantes da psique da Mrs. Garrett, e fá-lo de modo a evitar a inundação e a tornar possível um desenvolvimento de vida relativamente eficiente para o indivíduo.

Um aspeto disto dramatiza-se mais adiante, quando Ouvani atua como guardião da porta no sentido específico de ser a primeira figura a aparecer quando a Mrs. Garrett entra no estado de transe e quando eu desejo falar com outra figura. Ouvani então aparece, fala, averigua a situação e retira-se, "deixando a porta entreaberta" para que a figura seguinte possa surgir. A combinação desse papel com a descrição espontânea que Ouvani faz de si indica que ele é o guardião do umbral da psique de Eileen Garrett. Esta conceção, claro está, requer considerável ampliação, e ela surge ao longo das conversas que se seguem. Para a base teórica destas interpretações, remeto o leitor para o meu livro O Simbólico e o Real, especialmente o Capítulo III, intitulado "Psique, o Princípio de Direção e o Lugar da Profundidade".

O parágrafo 21 indica especialmente que o perigo de inundação foi sentido como possibilidade muito real na psique da Mrs. Garrett. A perceção disso por ela deve certamente ser considerada não consciente, e o aparecimento de Ouvani como um esforço espontâneo por parte da psique para evitar o desastre, fornecendo um fator que pudesse manter a ordem. O aparecimento de Ouvani não deve ser entendido, contudo, como um mero cuidado negativo.

O funcionamento de Ouvani na psique de Eileen Garrett, e de outros princípios de ordenação na sua psique que não estão tão especificamente personificados e dramatizados, tornou possível que os grandes recursos disponíveis à sua personalidade chegassem a expressão frutuosa na sua vida exterior. Não devemos deixar de notar também que, quando uma psique não dispõe de grande provisão de materiais psíquicos profundos, o problema da inundação não se põe.

Uma pessoa reguladora dentro da personalidade como um todo é necessária apenas quando a provisão psíquica é mais do que abundante. Uma casa com poucos visitantes não precisa de porteiro; mas um lugar de passagem ativo precisa de forte supervisão, e é nestes termos que devemos conceber o papel de Ouvani na vida psíquica profunda da Mrs. Garrett.

Onde tem lugar o trabalho de regulação? A maneira como Ouvani aparou esta pergunta com outra pergunta — "Onde pensas tu que está a mente?" — indica o tom em que é vivida toda a condição das figuras de controlo. Não é "psicológica" enquanto tal, mas expressão da experiência vital total da personalidade. A importância de Ouvani reside nos problemas que um indivíduo complicado como a Mrs. Garrett enfrenta ao tomar ação seletiva perante os muitos recursos psicológicos que lhe são disponibilizados.

Aqui ocorreu um erro muito interessante e revelador. Esta foi a segunda conversa que tive com Ouvani. A primeira não ficou preservada no gravador, e portanto nenhuma transcrição dela aparece aqui. Sendo a minha segunda conversa de transe com a Mrs. Garrett, e tendo falado com Ouvani na primeira sessão, fiquei com a impressão de que Abdul Latif seria a segunda pessoa a falar comigo. Essa era a minha suposição ao entrar na sessão, e certas observações que aparentemente entendi mal fixaram a minha impressão de que desta vez era Abdul Latif quem me falava. Lembro-me de, no início dessa sessão, ter sentido que não notei qualquer diferença de voz entre a primeira e esta segunda sessão. Tinham-me dito que notaria uma diferença nítida na qualidade da fala entre Ouvani e Abdul Latif. Isto foi uma leve deceção, mas não pensei muito disso na altura. Quando revelei o equívoco que tinha em mente, a resposta de Ouvani foi rápida e muito instrutiva. Deu-me uma descrição nítida e precisa das qualidades que Abdul Latif possuía. Em sessões subsequentes tive ampla oportunidade de reconhecer a diferença de voz e de estilo entre Ouvani e Abdul Latif. A voz de Ouvani era contida, com um sotaque do tipo espanhol ou árabe e um modo calmo. Abdul Latif, por outro

lado, tinha um modo expansivo, extrovertido, que o identificava de imediato e o contrastava com Ouvani.

O meu ouvido não é suficientemente apurado para distinguir os sotaques das várias vozes. Acabei por conseguir distinguir os quatro que me falaram com base no seu estilo de fala. Abdul Latif permaneceu o único com um estilo extrovertido. Tanto Tote como Rama pareceram-me semelhantes a Ouvani de um modo geral. Tote falava mais seriamente do que Ouvani e num timbre ligeiramente mais grave. Era, porém, extremamente fluente e descontraído nas conversas comigo, independentemente do quão abstratos e difíceis se tornavam alguns dos nossos temas de discussão. Quando Rama falava, o sotaque parecia-me muito semelhante ao meu ouvido destreinado, mas era identificável pela pesantez do seu modo e por um estilo carregado na fala que dava a impressão de que cada palavra estava a ser proferida desde uma grande distância. Mas teremos ocasião de notar essas diferenças mais adiante.

A descrição que Ouvani faz de Abdul Latif é muito interessante. Fala de Abdul Latif como um indivíduo, uma pessoa única a ser tratada com respeito, e também como alguém com quem partilha o acesso a uma fonte comum de conhecimento pessoal. “Ele pode vir usar a minha janela e eu posso ir ter com ele em busca de conhecimento.” Isto indicaria que tanto Ouvani como Abdul Latif pertencem a uma única dimensão de experiência ou, dito de outro modo, participam numa dimensão semelhante da psique. A diferença entre eles é simplesmente que exprimem aspetos diferentes, e talvez profundidades diferentes, da psique.

Alguns aspetos dessas distintas profundidades são indicados nas qualidades de Abdul Latif que Ouvani descreve. Abdul Latif é filósofo, médico e astrólogo — qualidades dos sábios persas dos séculos XVI ou XVII.

A questão que aqui coloquei foi concebida para abrir a questão mais ampla de saber se a função que Ouvani descreve como desempenhando na psique da Mrs. Garrett — a função de ser o

regulador da sua psique e o guardião do seu umbral — é desempenhada por ele diretamente, ou de algum outro modo, quando ela não está em estado de transe. A relação das figuras ativas no estado de transe com o funcionamento da personalidade da Mrs. Garrett como um todo é de importância maior para compreender a natureza destes fenómenos.

A resposta de Ouvani neste ponto evita a questão mais ampla.

Passámos, no entanto, para a questão igualmente importante de qual é a relação consciente da Mrs. Garrett com as vozes e, com isto, a questão adicional de saber se a informação dada pelas vozes se torna acessível à sua personalidade consciente.

A pergunta e a resposta aqui são muito significativas no que respeita ao sentimento global que a Mrs. Garrett tem do significado pessoal da sua vida como médium. Por um lado, ela é bastante insistente em que não sabe o que é dito quando está em transe. Sem dúvida que isto é bastante verdadeiro, pelo menos na medida em que não recorda nada do que foi dito enquanto está em estado de transe. Simplesmente correu por ela. Ela foi como um funil para isso. Esta é a sua atitude consciente em relação ao fenómeno e sublinha a qualidade de separação mental entre as áreas consciente e não consciente da sua psique.

Por outro lado, tanto as expressões conscientes como as não conscientes ocorrem dentro de um único indivíduo, e todas deixam os seus vestígios. Para além disso, a atitude da Mrs. Garrett para consigo mesma, e a sua apreciação das qualidades especiais da sua singularidade, inclinam-na a valorizar toda esta experiência mediúnica como algo que a distingue como pessoa de capacidade especial e de valor especial. Para a psique conseguir elaborar, nas suas profundezas, um equilíbrio razoável entre estas duas atitudes — ser um coador e ser uma pessoa especialmente capaz — é algo de muito delicado. E, no entanto, parece que, a um nível profundo, a psique da Mrs. Garrett tem sido capaz de trabalhar uma perspetiva de equilíbrio desse tipo, e que essa perspetiva é aqui articulada por Ouvani.

Aqui, como é típico quando é necessário enunciar uma afirmação delicada para transmitir um ponto de vista subtil que vai além da racionalidade, as figuras de controlo recorrem à metáfora. Falam simbolicamente; poder-se-ia até dizer que falam espontaneamente em parábolas. É uma característica que se encontra ao longo de todas as conversas. A parábola dos jardineiros a trabalhar um pedaço de terra — que é a psique da Mrs. Garrett — exprime o duplo sentimento que ela tem acerca da natureza dos fenómenos que nela ocorrem. Não são obra dela, e não são feitos para ela. Este último ponto é importante, porque, nas suas doenças e dificuldades de vida, a Mrs. Garrett não tem sido capaz de deles se socorrer, pelo menos não diretamente, para obter apoio. E, no entanto, é necessário dar conta do facto de que a Mrs. Garrett tem qualidades e capacidades especiais, e de que estas parecem estar ligadas ao facto de as vozes falarem através dela. Ao nível consciente, é uma forma engenhosa de dizer que, embora as figuras de controlo não venham em benefício da Mrs. Garrett, o seu efeito indireto é o de desenvolver nela aptidões especiais. Num plano mais fundamental, porém, a afirmação de Ouvani aqui é uma forma de exprimir que, quando fatores psíquicos atuam numa personalidade com uma força superior à do ego, põem em marcha princípios que ampliam o âmbito da vida do indivíduo como um todo.

O reconhecimento aqui é o de que o simples facto do aparecimento das figuras é expressão de uma busca inconsciente em que a Mrs. Garrett está empenhada. É uma busca que ela tem trilhado durante muitos anos sem a reconhecer conscientemente. Ela não convoca conscientemente as figuras, nem lhes coloca as suas próprias perguntas. Mas o ponto aqui é que uma procura subjacente por uma verdade pessoalmente significativa é a força motriz mais profunda do que consciente por detrás de todo o processo de muitos anos.

O comentário no fecho deste parágrafo, “Estamos tão vinculados como ela está vinculada”, indica quão integralmente ligadas estão as figuras ao processo de procura da verdade. Verdade aqui refere-se aparentemente tanto ao significado destas experiências pessoais que aconteceram à Mrs. Garrett sem que ela as pedisse, como à natureza

metafísica mais ampla das entidades e à questão de saber se uma dimensão de realidade espiritual está envolvida na sua existência.

A conceção apresentada aqui, das figuras dizerem à Mrs. Garrett "Por favor, decide-te", lança uma luz interessante sobre a motivação da Mrs. Garrett para se envolver em investigações como a presente. Ela tem, claro, estado envolvida em muitas pesquisas comparáveis antes. Sempre, ao que pareceu, infrutíferas. Talvez uma razão principal por que essas pesquisas sempre a deixaram indecisa, embora conduzidas por "muitos bons eruditos", seja o facto de terem produzido respostas vindas de fora.

O ponto de partida e a suposição sobre as quais estas investigações têm sido conduzidas é que a resposta que a Mrs. Garrett procura já está contida nas profundezas da sua psique. Ela já a conhece e talvez sempre a tenha conhecido daquele modo vago e esquivo com que a psique sabe mais do que pode enunciar. "O homem sabe mais do que compreende", como diz Adler. A psique profunda já conhece a resposta, mas a pessoa consciente que é a Mrs. Garrett, como mulher com uma personalidade social no mundo moderno, não pode enunciar essas respostas. A própria psique retém-nas, porque não seria adequado que ela as declarasse em termos intelectuais. O seu significado perder-se-ia — tanto para ela como para a sua audiência. Por conseguinte, a psique reteve as respostas, mas o facto de já estarem presentes como um conhecimento inconsciente é uma razão principal para a compulsão aparente de descobrir qual é a resposta. É uma compulsão, por parte desse conhecimento inconsciente, presente nas profundezas da psique da Mrs. Garrett, de vir à superfície, de chegar à consciência e de se articular e dar a conhecer à Mrs. Garrett e ao mundo.

Prosseguindo com base nisto, as nossas investigações orientaram-se para tornar possível à psique profunda da Mrs. Garrett trazer à luz o conhecimento que já possui. Este é o princípio subjacente à condução das conversas com as figuras de controlo: permitir-lhes formular a sua visão interior do significado do seu aparecimento e da sua manifestação na vida da Mrs. Garrett. Aquilo que a Mrs. Garrett

procura é o conhecimento que já está contido nas profundezas da sua natureza psíquica e que ela tem desesperadamente precisado de trazer à consciência. O efeito global destas conversas, especialmente das com Tote e Rama, parece de facto envolver a articulação de tal conhecimento e perspetiva aos quais a Mrs. Garrett não tivera antes acesso consciente. Apresentá-las aqui, sob a forma de transcrições e comentários, dá-lhe a oportunidade de as ver como um todo e por escrito. A sua resposta consciente está por ver e pode, finalmente, ser entendida a partir de vários pontos de vista.

Bem distinta da avaliação e aceitação pessoais da Mrs. Garrett das respostas trazidas das profundezas da psique pelas figuras de controlo está a avaliação deste material por estudantes de psicologia de profundidade e de outras disciplinas. Deixamos isso para discussão posterior.

Estas secções ilustram ainda os pontos acima enunciados, indicando quão estreita é a ligação das figuras com a sua busca interior do significado da existência. São parte integrante do seu ser, o qual é de facto legitimamente vivido psiquicamente como uma "confusão". Confusão, neste contexto, pode descrever-se como um aspeto do facto de o conhecimento estar intuído, mas não terem sido encontradas as formas conscientes da sua expressão. Consequentemente, existe um vazio e isso é vivido como confusão. As figuras são parte disto e, sendo o meio pelo qual a resposta e a resolução do problema são procuradas e hão de ser encontradas, não podem partir até que a resposta seja descoberta, enunciada e reconhecida pela consciência.

Aqui levanta-se uma questão que veio a ser da maior importância no nosso trabalho. Ouvani e Abdul Latif têm sido, correntemente, parte das experiências de transe da Mrs. Garrett. O meu objetivo era descobrir, pelas próprias figuras, qual a sua composição completa e obter a sua relação entre si. Aqui, Ouvani fala de Tote e Rama e, assim, delimita a quaternidade de figuras que compõem o grupo.

A pergunta aqui colocada refere-se especificamente a uma série de experiências em estado de vigília que a Mrs. Garrett tinha vivenciado durante o período imediatamente anterior a estas sessões. Nessas experiências, um homem aparecia-lhe e falava. Ela referia-se a ele, por várias razões, como o "Nobre Estranho" e, por vezes, como Lúcifer. Eu procurava aqui estabelecer se esse homem representava uma quinta figura na psique da Mrs. Garrett. A resposta pareceu ser que não. Cheguei depois à conclusão de que a sugestão de Ouvani aqui era correta e de que essa figura era outra representação psíquica da figura de Tote.

Ouvani indica aqui alguns aspetos da figura de Tote. Trata-se de uma discussão preliminar que abriu caminho para as várias sessões com Tote que vieram depois. Será interessante reler estes comentários à luz das sessões posteriores.

CONVERSA N.º 2
COM OUVANI

EG (Sons de preliminares de transe, respiração profunda, suspiros e gemidos.) Sou eu, Ouvani. Saúdo-te, amigo.

IP Saudações, Ouvani.
A paz esteja contigo e com a tua vida e no teu trabalho e na tua casa. Que desejas de mim neste dia?

EG Bem, estou muito feliz por falar contigo novamente, Ouvani. E pergunto-me se poderíamos continuar as conversas que tivemos, há alguns meses, a respeito dos vários membros do teu grupo e a respeito dos seus papéis e dos seus desejos neste mundo. Recordas-te de que falei particularmente com Tote da última vez, e perguntei-me se poderia falar contigo, talvez um pouco mais sobre Tote, agora que falei com ele próprio. E se poderias descrever-me, clarificar-me, se tu e Tahotch sois iguais na vossa natureza.

EG Mm, oh, não. Basicamente, sim, mas se bem que haja a mesmidade na natureza de toda a vida e a quietude na natureza de toda

a humanidade, há contudo a unicidade de cada um que torna muito certo que o grande tapete de Abdullah que repousa no seu templo possa ser trabalhado pelas mãos de muitos técnicos, cada técnico contribuindo com a sua parte, cada técnico tendo extremo cuidado para não interferir nem disfarçar os planos do seu vizinho. Se o fizesse, o conceito básico da vida seria desfocado, como aconteceu hoje. É a unicidade de cada um e aquilo que ele traz para a sua tarefa que cria a ordem do universo, dos muitos universos. Assim, embora possas dizer que o bípede que é o homem pode parecer igual quando o observas ao longe, tu próprio tens de saber que, no homem, cada um é a unicidade que é espírito. Esse é o milagre, o mistério, o consolo, finalmente regressar à inteireza. Não é assim?

Sim, a pergunta que eu tinha em mente é algo deste género. Tu, Ouvani, foste, em tempos idos, um homem a viver entre homens—

Em serviço limitado.

Sim, agora perguntava-me se Tote é da mesma natureza? Isto é, terá ele também sido um homem entre homens?

Sim. Claro que um homem entre homens, caso contrário não estaria hoje a falar em termos de homem. Por muito conhecimento que se aplicasse ao princípio de Tote, que o seu nome seja de facto bendito e preservado, de nada valeria, meu amigo, se o espírito de Tote, ou o meu, ou o teu, não tivesse sido vertido no molde. Sem o molde, neste caso, o molde do homem enquanto ser humano, nada seria conhecido. A grande empresa, para usar algumas das vossas palavras mais úteis, a grande empresa do espírito é fazer-se sentir. E isto dá-se de um modo pelo qual se torna não só a palavra mas um símbolo através do qual a palavra pode coalescer.

Então, Tote foi um homem a viver no mundo. É daí que vem o nome? Isto é, era este o nome do homem?

Este era o nome tanto de um legislador, antes de haver reis nas suas dinastias, como o nome de um símbolo, bem como o nome de um sacerdote. O nome, claro, é Tahoo. (Aqui, a Sra. Garrett emitiu um

longo som cantado de “o” fechado para a última sílaba deste nome e depois ficou em silêncio.)

(após pausa) E isto era proferido pelo sacerdote?

Isto era entoado pelo sacerdote. (Repete o som Taoooooo.) A respiração que te permite receber a inteireza do sopro e a respiração que te permite deitar fora o que está queimado e reter o que é bom.

Então o Taooo é uma inspiração?

É um esforço de inspirar e suster e rejeitar.

Sim, agora, quando foi isto?

Foi antes de quaisquer das vossas civilizações conhecidas, sim. Tenho razão para crer que os primeiros babilónios o conheceram e, digamos, o conheceram não tanto quanto o método. E os sacerdotes conheciam o método e tornaram-se serventuários da palavra. E ao tornarem-se serventuários da palavra, assim a palavra tomou forma simbólica e o homem tornou-se um símbolo, o homem tornou-se sacerdote.

Um homem tornou-se símbolo?

Um homem tornou-se símbolo, pois o homem é apenas um símbolo e, por fim, um símbolo torna-se um chefe para completar as suas leis, nomeia um sacerdote e, finalmente, sucedeu que o chefe e o sacerdote eram um só, e assim ele se tornou simultaneamente chefe, sacerdote e rei. Mas o significado da palavra é: o sopro da lei. O sopro que é bom, Deus e bom. Assim, o sopro de Ooooohmm. (Repete o som “o” com um estalo no fim.)

Disseste Ohhhhmmptuh.

Para Tote, sim, mas depois pronunciei para ti a palavra de Deus ou do bem.

Ohmm, isso é o “bem”?

Sim, porque é preciso, antes de mais, abrir o trato sexual que é a boca e a garganta, e os foles. Não é assim? Assim o ar pode passar e

tocar esta água do sangue e expulsar todas as impurezas do instrumento. Verdade?

Sim. Sim, de facto, e o processo de o fazer é—disseste que esses babilónios podem ter conhecido melhor o método do que o deus, é isso?

Sim. E assim o método torna-se imediatamente parte do deus. Ouvi-vos, nos vossos termos modernos, falar das doutrinas da vossa igreja e das doutrinas dos vossos estadistas. Tira quinhentos anos, talvez mil anos, ao tempo, que naturalmente permanece imóvel, mas aquilo que foi a doutrina continua por aí. E pode muito bem ser chamado pelo nome do homem que foi responsável por ela. Leva isso um pouco mais adiante e terás o que tens no teu Testamento, as palavras de homens que estudaram as estrelas e os elementos e deram a lei segundo o seu desejo e interpretação.

Ora, isto leva-me a uma questão muito importante. E é o que teve Tote a ver com aquelas experiências básicas, esses encontros de homens como Moisés e talvez Ezequiel e talvez Isaías mais tarde, que escreveram essas leis, e muitas delas afinal eram mais do que leis, não eram? Quero dizer, eram—

Eram filosofias. Eram modos de vida de povos a viver em certos países que eram influenciados por certos elementos. Não é verdade? E continham em si a sabedoria tanto do chefe, do legislador, como do guia.

Sim, agora muitas dessas coisas são leis com respeito a um modo específico de vida. Envolviam coisas específicas para o povo fazer—

Pelas quais os homens tiveram de viver desde que o homem surgiu como homem.

Sim, mas agora, o que estou a pensar é na qualidade ou no conhecimento do método no homem que obtém a visão da lei. Isto é, antes de ele receber a lei, a qualidade no homem e o poder que lhe dá a capacidade de obter uma lei que terá significado para o tempo em

que vive. Quando Moisés escreveu os Mandamentos nas pedras, ele já—

Pergunto-me se—

Sofrido?

Sim, ele já tinha passado por muito.

E se tu não passaste?

Sim.

Sim.

Agora pergunto-me, nesse tempo, em tudo isso por que ele passou, esse sofrimento e também a busca por que passou antes de o produto final surgir nas tábuas da lei. Agora pergunto-me o que teve Tote, talvez devesse dizer "o que tem Tote", a ver com isso?

O teu registo—posso estar errado nisto—porque de facto ele foi, foi um guardião da palavra. Tinha muito sofrido. Era forte.

Moisés era um guardião da palavra, dizes?

Sim, mas o vosso Moisés também, não?

Sim. Eu disse "Moisés".

Ele não era um soldado.

Não.

Não era um rei. Era ambos, mas não era. O que realmente se tornou foi um guardião da lei. Porque tinha sofrido. Ora, não pode haver vida, nem compreensão, sem sofrimento. Deixa-me levar-te de volta, milhões de anos se quiseres; por um momento estou certo de que Tote concordará que o faça, já que nada retiro da sua estatura, nem, de facto, poderia, mesmo que quisesse. Mas é minha responsabilidade ser também responsável por aquilo que sou. Portanto, vamos levar-te de volta ao processo da chegada do homem.

Não te vou falar em termos de chegada lendária. Falo-te desse lugar onde um relâmpago iluminador de terror deve ter tornado o

animal-homem tão medonho, que ele pode ter ficado assim, apoiado contra o monumento, uma pedra, ou deitado na terra, que era tudo o que conhecia diante do terror, terror dos elementos. Não havia deus, havia vida, porque sempre houve. Agora, nessa histeria, que assim lhe poderias chamar, uso o teu termo. Chamarias-lhe medo que produziria um estado de quase histeria, não chamarias? Nessa histeria, ocorre-lhe que ele nada é, "nenhuma coisa", desamparado, desesperançado, mas em medo definido—medo de não sabe o quê. Esta é a primeira exigência, oração, desejo, do animal-homem de procurar uma ajuda extrínseca. Ele golpeia este túmulo, a terra, as árvores.

De onde vem isso? Veio até ele porque sempre lá esteve desde o momento em que primeiro foi um sopro. (Aqui, a Sra. Garrett exala com força.) Um sopro agora saiu. Já está a fundir-se com outros sopros. Está a atrair para si, e, como bem sabes, está a fundir-se com outros sopros. Está a ganhar forma. O que era, o sopro infinito? Totalidade? Totalidade. Agora, na sua grande necessidade, visão, compreensão, entendimento, eros. O momento lá estava; ele sabe-o? Não o pode saber. Então, de onde veio? Veio, ele raciocina, por causa do medo. O que produziu o medo? A terrível necessidade de sobreviver, que é a lei básica—verdade? Verdade. Se há uma resposta à necessidade que a lei básica produz, ele tem de concluir, na sua simplicidade, que a resposta veio de onde vieram os elementos. Este é o começo da capacidade do homem de pensar.

Estamos aqui a falar do grande sábio. Ele trabalha com toda a sua instrumentação, com algo de lado—não tenho agora tempo para isso. Sai do caminho desse algo por um momento. Ele examina-o depois. Aconteceu algo. De onde veio isso? Veio do seu próprio impulso inconsciente de conhecer e veio porque aquilo que ele pôs de parte e deixou ali se reuniu com os elementos e com o seu trabalho. E assim nasce o conhecimento. Está sempre lá. Não é privilégio de reis, príncipes, servos ou escravos. É privilégio do demónio dentro dessa criatura compreender. Isto não diminui a grandeza da inteligência infinita e assegurada. Mostrei-te apenas como o animal, o homem, tropeçou nela. Podes estar certo de que, a partir daí, ele tenta lembrar-

se de como a percebe. E como a percebe? Percebe-a apenas através da busca. E a busca do eu produzirá o sofrimento.

Agora, antes de ele iniciar a busca, onde estava Tote?

Tote era a palavra dos elementos universais, era o vento, era a água, era o canto nas ribeiras, era o vento no cimo da montanha, era o tudo.

Mas ainda não entre os homens?

Não. Tote tem de nascer de uma mulher. Tote tem de ser uma criança. Tote tem de buscar. Tote tem de saber. E Tote tem de sofrer pelo seu conhecimento, como todos os homens tiveram de sofrer que alguma vez produziram, porque o conhecimento não vem facilmente, Sahib.

Agora, Tote teve de nascer, e no entanto eu entendia que o seu nome era um caminho, sim, da palavra.

Achas que a palavra poderia ter nascido se não tivesse havido um veículo de alguma natureza através do qual tivesse de se verter.

Sim, tem de ter um veículo, mas este é um veículo de mais do que um homem. Talvez fosse isto que eu perguntava.

O veículo continua a ser muitos homens. Supuseste que a tua teoria cristã—posso entrar em teoria, não é outra coisa?—Atira-te comigo para trás: o que tinha este jovem para estar inquieto, urgente? Não fora forte. Não era forte como os seus irmãos. Não se atirava ao mar para apanhar peixe. Não brincava aos jogos das outras crianças. Não se levantava e tomava o seu lugar com os outros. Não era forte. Ninguém conta isto. Tu não o encontras quando ele é largado do ventre da sua mãe, cansado e desolado e cheio de ousadia infantil. Tu só o encontras quando ele se examina e busca compaixão.

Está bem. Quem era ele antes de buscar compaixão?

Muitos homens, muitos pensamentos, muitas ideias e compreensões citaram agora o sopro desta criança—ou ainda gostas de acreditar que a ação do corpo produziu este milagre? Não, são os

sopros, a totalidade, que entra neste pequeno tubo e contém o que chamas os genes de ti e dele e de todos, e de todos, repara, de todos. E depois contém o sopro de todos. E então ele nasce desta mulher, ela é mais terna, consequentemente ele é mais fraco. Tem mais tempo para reflexão. Enquanto os outros estão em jogos rudes, ele senta-se à porta do tabernáculo e escuta, e uma urgência cai sobre ele para conhecer, e por esse conhecimento paga uma pena. Pagar-lha-ia hoje. Muitos homens pagaram esta pena. Muitos deles com maior dificuldade. Quantos homens foi o Christus?

Quantos Cristos há? Quantos achas, no mundo?

Talvez muitos.

Quantos? E quantos fizeram o mesmo sacrifício pelos seus semelhantes?

Quantos ladrões de valor? Quantos, em seu nome e sem o seu nome, pelo mundo fora, fizeram mais? Mas é um tempo, e é um acontecimento, sabes, que faz o salvador ou o destruidor. Não é o homem.

Foram os acontecimentos que o fizeram salvador?

Foram os acontecimentos do tempo que o fizeram símbolo. Chegara um tempo. Digo-te algo que Tote te dirá um dia: os acontecimentos do homem de hoje—e Tote disse-o a todos os que quisessem ouvir—fazem o tempo. Falas em termos de hoje e os olhos do mundo olham para ver o que se passa numa cidade romana. E uma grande dose de romance e de história e de costume entra no que chamas a panela a ser mexida. Mas o que pensas que está a fazer o homem que é o líder da Igreja, o quê? Os acontecimentos.

Quem terá mais a dizer?

O homem com o bolso maior, com mais siclos, o homem que tem mais para dar, mais para reter, mais para coagir—e assim nascerá outro rei a partir destas qualidades. Não a partir da bondade, não a partir da falta de proveito, não a partir da antiguidade—isso é um símbolo, isso é uma máscara—mas, no íntimo destes, quantos, três

dezenas, quatro dezenas de cansados e antigos déspotas. O que acontecerá? Surgirá um plano que será pendurado ao pescoço de um pobre indivíduo que parece capaz de cumprir a obrigação. E, em pouco tempo, os homens erguerão a cabeça e dirão: "Santo, santo, santo, foi-lhe dado conduzir-nos." E, daí em diante, pobre alma, provavelmente viverá num inferno perpétuo de poluição.

Porque então está a ser usado?

Sim. Agora a vontade e o desejo de—

Ora, o rabi cristão foi usado? Foi?

Não foi usado pelas multidões que não queriam pagar impostos, que queriam algo rápido por nada, que queriam rebelar-se? E então reuniu-se o Sinédrio, não foi, e disseram: "Um jovem rabi mais sábio? Isto não pode ser. Tudo o que representamos está em causa. Aceitais o seu entendimento, não traz ele o caos à comunidade?" E há um homem corajoso entre os jovens noviços e é este homem que se destaca e diz: "Meus mestres, segui-me, levar-vos-ei e mostrar-vos-ei onde ele está. Em verdade, as vossas palavras são corretas." E assim, sobre o nome deste jovem com maior conhecimento, maior compreensão da lei, da ordem, da disciplina e também compreensão, embora talvez não fosse tão boa quanto poderia ter sido. Mas ele não via o seu amigo, a quem amava muito, fazer nada melhor, por isso fez o que os homens chamam o julgamento. Quem achas, no seu coração, ser o homem mais forte e melhor? Agora, da necessidade do jovem—porque penso que foi de facto Alexandre, não foi?, que, ele próprio jovem, possessivo, vigoroso, insolente, um macedónio com a guerra na alma—que pensa ter chegado o tempo de pôr de lado todas estas outras coisas e talvez produzir a obra deste jovem. Ele foi de algum modo responsável.

O homem de negócios, Paulo, teve também uma histeria do corpo e então olhou para esta coisa, e depois ela ficou deitada nas cinzas do tempo. Agora, se Alexandre tivesse vivido até velho, poderia ter-se feito à maneira dos deuses, mas não viveu e os que com ele trabalhavam continuaram a confundir-se sem liderança, e assim

nasceu uma religião de Estado, nasceu uma fórmula. Tiveste o mesmo acontecer nos dias da mudança russa. Tudo era impiedoso, tudo era confusão, mas havia um homem que pensava ter lido muito e estudado muito e que poderia salvar o seu povo. Ele também sofrera. Agora, o que ele achava que os homens deviam ser, o que os seus coortes diziam: "Arquitetai." Mas que estas coisas continuem deve-se ao facto de os homens se esquecerem de pensar. Tens isso hoje no teu país, Sahib. Colocaste-te à beira da guerra, à beira da confusão e à beira da incoerência, porque tens velhos que nunca sofreram o suficiente para entender compaixão, misericórdia; isto sempre esteve connosco. Este é o ensinamento de Tote, não o de Abdul Latif, mas eu ouvi e estive à sombra dos seus pensamentos e digo-te isto: isto é o que ele me mandaria dizer-te…

Posso perguntar, já que disseste que este é o ensinamento de Tote e não de Abdul Latif—

Abdul Latif não é o mestre. Abdul Latif foi um simples árabe. Abdul Latif abre a porta. Para abrir a porta tem de ter humildade. Não pode ter um ponto de vista, se há de abrir a porta, mas tem de ser táctico e a todo o tempo estar pronto para dar a palavra que o seu mestre der.

E tu, Ouvani, tens um ponto de vista?

Não.

Tu também, então, és um abridor da porta?

Eu abro a porta e a palavra flui através dela e a palavra é boa.

Crês que Tote ainda desejaria falar comigo hoje?

Em verdade, mas pediste que fosse eu a fazê-lo.

Pois bem, serias amável, como fizeste outra vez, de chamar e perguntar se Tote está disposto a vir?

É de facto meu prazer fazê-lo. E que a graça da inteligência infinita esteja contigo para receberes as suas palavras.

Agradeço-te, Ouvani.

COMENTÁRIO
SOBRE A CONVERSA N.º 2
COM OUVANI

A questão aqui colocada é uma tentativa de obter da Sra. Garrett e das figuras de controlo uma declaração específica acerca da natureza da identidade pessoal e da continuidade da existência pessoal para além da morte. Ao longo das conversas, declarações específicas a este respeito têm sido evitadas. Ao ler as transcrições das sessões, pode muito compreensivelmente ficar-se com a impressão de que as vozes que falam através da Sra. Garrett evitam uma afirmação direta sobre a questão da identidade pessoal e da imortalidade.

O que deve, porém, ser tido em conta é que conceções estreitas e específicas deste tema falham o ponto das grandes questões que estão em causa. As questões específicas, mesmo tal como eu as coloquei nesta secção, podem assim ser um caso de pergunta inadequada a que não se pode dar uma resposta verdadeiramente significativa sem falsificar todo o assunto. Assim, a impressão que se obtém e que aqui começa com Ouvani, e demonstra uma unidade de ponto de vista que é expressa também nas outras figuras, é que uma conceção mais ampla da natureza, da personalidade e do tempo está em segundo plano na visão total da sua experiência.

Não é tanto, portanto, que questões específicas sobre a sobrevivência individual estejam a ser evitadas nas respostas que as figuras de controlo dão, mas antes que as perguntas precisam de ser aparadas para que a conceção global do assunto não seja falsificada. Esta é uma das razões legítimas e lógicas, creio, pelas quais as figuras se encontram muitas vezes na posição de responder a uma pergunta com outra pergunta. A tendência dessas segundas perguntas é frequentemente abrir caminho para a conceção mais ampla do homem e da sobrevivência, que é inconvenientemente menos específica e mais

difícil de enunciar de forma concreta do que conceções espiritualistas mais convencionais.

A questão de saber se Ouvani viveu como um indivíduo real é assim respondida afirmativamente, e, no entanto, fica-se com a nítida impressão de que esta resposta não deve ser tomada em sentido espiritualista. Ouvani teve em tempos a forma de um ser humano e isto é, nos termos em que Ouvani aqui fala, essencial, caso contrário não poderia agora manifestar-se num nível humano de discurso e falar em termos humanos. Mas, num sentido mais amplo, Ouvani não é uma pessoa, mas antes a expressão de um princípio de vida que aparece sob a forma de pessoas. O próprio princípio desdobra-se mais claramente e é mais especificamente expresso nas sessões com Tote.

Estamos aqui a falar do grande sábio. Ele trabalha com toda a sua instrumentação, com algo posto de lado—não tenho agora tempo para isso. Sai do caminho desse algo por um momento. Ele examina-o depois. Aconteceu algo. De onde veio isso? Veio do seu próprio impulso inconsciente de conhecer e veio porque aquilo que ele pusera de parte e deixara ali se reuniu com os elementos e com o seu trabalho. E assim nasce o conhecimento. Está sempre lá. Não é privilégio de reis, príncipes, servos ou escravos. É privilégio do demónio dentro dessa criatura compreender. Isto não diminui a grandeza da inteligência infinita e assegurada. Mostrei-te apenas como o animal, o homem, tropeçou nela. Podes estar certo de que, a partir daí, ele tenta lembrar-se de como a percebe. E como a percebe? Percebe-a apenas através da busca. E a busca do eu produzirá o sofrimento.

IP Agora, antes de ele iniciar a busca, onde estava Tote?

EG Tote era a palavra dos elementos universais, era o vento, era a água, era o canto nas ribeiras, era o vento no cimo da montanha, era o tudo.
Mas ainda não entre os homens, ainda?

Não. Tote tem de nascer de uma mulher. Tote tem de ser uma criança. Tote tem de buscar. Tote tem de saber. E Tote tem de sofrer

pelo seu conhecimento, como todos os homens tiveram de sofrer que alguma vez produziram, porque o conhecimento não vem facilmente, Sahib.

Agora, Tote teve de nascer, e no entanto eu entendia que o seu nome era um caminho, sim, da palavra.

Achas que a palavra poderia ter nascido se não tivesse havido um veículo de alguma natureza através do qual tivesse de se verter.

Sim, tem de ter um veículo, mas este é um veículo de mais do que um homem. Talvez fosse isto que eu perguntava.

O veículo continua a ser muitos homens. Supuseste que a tua teoria cristã—posso ir à teoria, não é outra coisa?—Atira-te comigo para trás: que se passava para este jovem estar inquieto, urgente? Não fora forte. Não era forte como os seus irmãos. Não se atirava ao mar para apanhar peixe. Não brincava aos jogos das outras crianças. Não se levantava e tomava o seu lugar com os outros. Não era forte. Ninguém conta isto. Tu não o encontras quando ele é largado do ventre da sua mãe, cansado e desolado e cheio de ousadia infantil. Tu só o encontras quando ele se examina e busca compaixão.

Está bem. Quem era ele antes de buscar compaixão?

Muitos homens, muitos pensamentos, muitas ideias e compreensões citaram agora o sopro desta criança—ou ainda gostas de acreditar que a ação do corpo produziu este milagre? Não, são os sopros, a totalidade, que entra neste pequeno tubo e contém o que chamas os genes de ti e dele e de todos, e de todos, repara, de todos. E depois contém o sopro de todos. E então ele nasce desta mulher, ela é mais terna, consequentemente ele é mais fraco. Tem mais tempo para reflexão. Enquanto os outros estão em jogos rudes, ele senta-se à porta do tabernáculo e escuta, e uma urgência cai sobre ele para conhecer, e por esse conhecimento paga uma pena. Pagar-lha-ia hoje. Muitos homens pagaram esta pena. Muitos deles com maior dificuldade. Quantos homens foi o Christus? Quantos Cristos há? Quantos achas, no mundo?

Talvez muitos.

Quantos? E quantos fizeram o mesmo sacrifício pelos seus semelhantes?

Quantos ladrões de valor? Quantos, em seu nome e sem o seu nome, pelo mundo fora, fizeram mais? Mas é um tempo, e é um acontecimento, sabes, que faz o salvador ou o destruidor. Não é o homem.

Foram os acontecimentos que o fizeram salvador?

Foram os acontecimentos do tempo que o fizeram símbolo. Chegara um tempo.

Digo-te algo que Tote te dirá um dia: os acontecimentos do homem de hoje—e Tote disse-o a todos os que quisessem ouvir—fazem o tempo. Falas em termos de hoje e os olhos do mundo olham para ver o que se passa numa cidade romana. E uma grande dose de romance e de história e de costume entra no que chamas a panela a ser mexida. Mas o que pensas que está a fazer o homem que é o líder da Igreja, o quê? Os acontecimentos.

Quem terá mais a dizer?

O homem com o bolso maior, com mais siclos, o homem que tem mais para dar, mais para reter, mais para coagir—e assim nascerá outro rei a partir destas qualidades. Não a partir da bondade, não a partir da falta de proveito, não a partir da antiguidade—isso é um símbolo, isso é uma máscara—mas, no íntimo destes, quantos, três dezenas, quatro dezenas de cansados e antigos déspotas.

O que acontecerá? Surgirá um plano que será pendurado ao pescoço de um pobre indivíduo que parece capaz de cumprir a obrigação. E, em pouco tempo, os homens erguerão a cabeça e dirão: "Santo, santo, santo, foi-lhe dado conduzir-nos." E, daí em diante, pobre alma, provavelmente viverá num inferno perpétuo de poluição.

Porque então está a ser usado?

Sim. Agora a vontade e o desejo de—

Ora, o rabi cristão foi usado? Foi?

Não foi usado pelas multidões que não queriam pagar impostos, que queriam algo rápido por nada, que queriam rebelar-se? E então reuniu-se o Sinédrio, não foi, e disseram: "Um jovem rabi mais sábio? Isto não pode ser. Tudo o que representamos está em causa. Aceitais o seu entendimento, não traz ele o caos à comunidade?" E há um homem corajoso entre os jovens noviços e é este homem que se destaca e diz: "Meus mestres, segui-me, levar-vos-ei e mostrar-vos-ei onde ele está. Em verdade, as vossas palavras são corretas." E assim, sobre o nome deste jovem com maior conhecimento, maior compreensão da lei, da ordem, da disciplina e também compreensão—embora talvez não fosse tão boa quanto poderia ter sido. Mas ele não via o seu amigo, a quem amava muito, fazer nada melhor, por isso fez o que os homens chamam o julgamento. Quem achas, no seu coração, ser o homem mais forte e melhor? Agora, da necessidade do jovem—porque penso que foi de facto Alexandre, não foi?, que, ele próprio jovem, possessivo, vigoroso, insolente, um macedónio com a guerra na alma—que pensa ter chegado o tempo de pôr de lado todas estas outras coisas e talvez produzir a obra deste jovem. Ele foi de algum modo responsável.

O homem de negócios, Paulo, teve também uma histeria do corpo e então olhou para esta coisa, e depois ela ficou deitada nas cinzas do tempo. Agora, se Alexandre tivesse vivido até velho, poderia ter-se feito à maneira dos deuses, mas não viveu e os que com ele trabalhavam continuaram a confundir-se sem liderança, e assim nasceu uma religião de Estado, nasceu uma fórmula. Tiveste o mesmo acontecer nos dias da mudança russa. Tudo era impiedoso, tudo era confusão, mas havia um homem que pensava ter lido muito e estudado muito e que poderia salvar o seu povo. Ele também sofrera. Agora, o que ele achava que os homens deviam ser, o que os seus coortes diziam: "Arquitetai." Mas que estas coisas continuem deve-se ao facto de os homens se esquecerem de pensar. Tens isso hoje no teu país, Sahib. Colocaste-te à beira da guerra, à beira da confusão e à beira da incoerência, porque tens velhos que nunca sofreram o suficiente para

entender compaixão, misericórdia; isto sempre esteve connosco. Este é o ensinamento de Tote, não o de Abdul Latif, mas eu ouvi e estive à sombra dos seus pensamentos e digo-te isto: isto é o que ele me mandaria dizer-te…

Posso perguntar, já que disseste que este é o ensinamento de Tote e não de Abdul Latif—

Abdul Latif não é o mestre. Abdul Latif foi um simples árabe. Abdul Latif abre a porta. Para abrir a porta tem de ter humildade. Não pode ter um ponto de vista, se há de abrir a porta, mas tem de ser tácico e a todo o tempo estar pronto para dar a palavra que o seu mestre der.

E tu, Ouvani, tens um ponto de vista?

Não.

Tu também, então, és um abridor da porta?

Eu abro a porta e a palavra flui através dela e a palavra é boa.

Crês que Tote ainda desejaria falar comigo hoje?

Em verdade, mas pediste que fosse eu a fazê-lo.

Pois bem, serias amável, como fizeste outra vez, de chamar e perguntar se Tote está disposto a vir?

É de facto meu prazer fazê-lo. E que a graça da inteligência infinita esteja contigo para receberes as suas palavras.

Agradeço-te, Ouvani.

COMENTÁRIO
SOBRE A CONVERSA N.º 2
COM OUVANI

A questão de saber se Tote teve uma existência específica como ser humano é aqui tomada à letra e respondida em termos históricos. Isto também não é bem o ponto. Há uma questão mais ampla por detrás. A discussão histórica pode muito bem ser descartada como camuflagem intelectual de um princípio e experiência mais fundamentais. Os estudiosos do oculto podem discutir e disputar a questão de que área específica da história e da história das religiões deriva Tote. Mas isso é irrelevante. De maior significado é o estilo simbólico de Tote no que respeita às suas qualidades.

O aspeto simbólico das suas qualidades fornece a chave para a natureza do princípio que Tote exprime. Assim, a ligação de Tote com a respiração é muito importante. A relação é com o sopro, com a palavra, com as orações e, em última análise, com o princípio do Logos. Isto fornece uma chave simbólica para o princípio que Tote exprime.

Este trecho, e muitos outros que se seguem em conversas posteriores, devem, parece-me, ser compreendidos em dois níveis. Por um lado, toma a forma de uma declaração intelectual em termos de conceções ocultistas, e tem um tom marcadamente doutrinal. Por outro, sente-se, a vir de trás da declaração de doutrinas ocultas, uma perceção muito subtil e esquiva de um princípio subjacente quanto à natureza da vida nas suas dimensões mais vastas.

Trata-se de uma qualidade de consciência e de experiência difícil de enunciar especificamente em qualquer ponto, e as doutrinas do oculto que a transportam não a definem realmente. São meramente os seus portadores intelectuais, mas não a definem e, certamente, não esgotam o seu significado. Ao longo das conversas, estas declarações doutrinais pelas várias figuras devem ser lidas com esta qualidade dupla em mente, alcançando através das afirmações de tipo ocultista um princípio mais fundamental que é a experiência conetiva que tem

lugar ao longo dos anos na psique da Sra. Garrett à medida que as manifestações das vozes e personalidades de transe foram surgindo.

A questão que aqui se levanta envolve as fontes de inspiração das grandes pessoas. Em termos modernos, é a questão das fontes da criatividade. A conceção de Tote como "dador da palavra" conduz à perspetiva a que Ouvani alude aqui e que é muito mais fortemente expressa mais tarde em conversas com Tote. Esta perspetiva é que Tote é uma personificação do princípio da "Palavra" como "Logos" e que traz implicações do estilo de ensinamento que se encontra na afirmação do Novo Testamento: "No princípio era o Verbo"; isto é, na própria fonte da experiência humana está o Logos. E este princípio de experiência é apresentado na pessoa de Tote.

Tote pode assim ser concebivelmente entendido como o princípio que é a fonte de inspiração superior; isto é, o nível de inspiração que se identifica com os contactos sagrados com a realidade na história das religiões. Esse é o significado de falar de Moisés em relação a Tote, como voltamos a fazer em conversas posteriores. Há, contudo, a questão mais branda e menos articulada de qual seja a relação de Tote com as capacidades de inspiração, ou criatividade como talvez melhor se diga hoje, na própria Sra. Garrett.

Devemos inferir de várias declarações que, embora ela não faça conscientemente a voz falar, as coisas que são ditas estão de algum modo relacionadas com ela. Partilha a sua perceção, mesmo que não conscientemente. É capaz de ser inspirada, ou criativa, ou pelo menos invulgarmente eficaz nas suas experiências de vida por causa de vozes como a de Tote. Por vezes, por causa delas, pode falar como pessoa consciente em seu próprio nome, como Eileen J. Garrett, com uma perceção maior do que aquela por que conscientemente pode responder. A sensação é, então, que há uma ligação definida entre uma figura profunda e obscura como Tote e o desenvolvimento da personalidade na Sra. Garrett. Há uma unidade de experiência, de crescimento interior e de perceção. E uma das formas que usa para se trabalhar e desdobrar é a das personalidades que falam a partir da condição de transe.

A minha pergunta, Onde estava Tote?, surge aqui como equivalente a perguntar ao João do Evangelho: "No princípio, onde estava o Verbo?" A resposta toma a forma de uma conceção metafísica esquemática da evolução.

Há certas implicações de um desdobramento em termos de uma necessidade que sugerem uma moldura de referência oriental. Tote, por exemplo, está primeiro na natureza e só depois no homem. Tem de nascer de mulher, o que parece indicar simplesmente que a palavra tem de se tornar carne para se tornar significativa para o homem. Não devemos certamente interpretar isto como expressão de uma doutrina cristã; por outro lado, também não se opõe à doutrina cristã. É antes a expressão de uma conceção da experiência humana em termos de um princípio universal que toma muitas formas simbólicas especiais ao longo da história.

A experiência simbólica do Verbo de Deus a tomar forma na pessoa de Jesus é uma manifestação histórica disto. O princípio subjacente, porém, e a fonte permanente disto no Cristianismo e em muitas outras formas, é o princípio que Tote corporiza.

A discussão de Cristo em termos do princípio da "Palavra" é indicativa da dimensão mais ampla do Logos que Tote representa. Deteta-se aqui uma qualidade de mundanidade política e até de cinismo que está decerto relacionada com o envolvimento pessoal da Sra. Garrett em acontecimentos políticos na Europa e na América nas últimas décadas. A sua consciência da presença do princípio do Verbo na história mantém-se, porém, definida. É apenas, creio, que a psique profunda da Sra. Garrett se sente mais livre e mais capaz de articular este princípio e perspetiva através de uma figura de transe do que através da sua personalidade consciente. Não devemos entender esta observação de modo estreito, mas permanecer abertos para ver as suas implicações mais amplas, à medida que são sugeridas em sessões posteriores.

A observação sobre o que poderia eventualmente ter acontecido se Alexandre, o Grande, tivesse vivido até ser um homem velho com

grande poder é certamente interessante. À primeira vista pode sugerir-nos que a sagacidade e a imaginação da Sra. Garrett estão pelo menos tão envolvidas nisto quanto Tote, mas isso volta a obscurecer o ponto mais importante. Onde e como se marca a divisão? Claramente há uma unidade de fluxo nos níveis profundos da psique subjacente às declarações destas vozes. O que é dito de um nível não consciente num ponto acaba por atingir expressão consciente e torna-se parte da consciência da Sra. Garrett.

Devemos notar que as afirmações feitas aqui dizem respeito a conceções que são atribuídas a Tote, mas não são enunciadas por Tote próprio nesta conversa específica. Aqui temos Ouvani a falar e a declarar o que entende ser a doutrina de Tote. Ouvani, cumpre-nos perceber, está o mais próximo do nível consciente de consciência da personalidade da Sra. Garrett, de entre as quatro figuras com quem falamos. Como "guardião da porta", está psiquicamente colocado em posição permanente na abertura entre os níveis consciente e inconsciente da psique. Há, portanto, uma maior tendência para atitudes e crenças sustentadas pela consciência da Sra. Garrett serem proferidas por Ouvani do que por qualquer das outras figuras. Neste quadro, também, a observação de Ouvani no fecho do parágrafo 23 de que "este é o ensinamento de Tote e não de Abdul Latif" é de especial interesse e vale a pena ser estudada mais de perto.

A elaboração por Ouvani das diferenças entre Tote e Abdul Latif, embora breve, é muito indicativa. A diferença principal é que Tote é "mestre" enquanto Abdul Latif não o é. A forma em que Tote é personificado é a de um indivíduo de grande saber e com grande capacidade de transmitir conhecimento. Tote tem, por outras palavras, as características que C. G. Jung atribuiu à figura a que chamou "o arquétipo do Velho Sábio". No contexto do pensamento de Jung, tal figura é uma expressão simbólica da capacidade da psique humana para trazer conhecimento e perceção das profundezas do inconsciente. O Velho Sábio encena simbolicamente a qualidade da psique inconsciente que lhe permite atuar como mestre da consciência. Tote parece tomar esta forma simbólica e, neste sentido, podemos dizer

que, visto do ponto de vista psicológico, Tote é a personificação do mestre inconsciente na psique da Sra. Garrett. Aqui novamente, e mantendo o contexto que Tote estabeleceu, o facto de Tote poder desempenhar este papel psicológico específico na psique da Sra. Garrett só deve ser interpretado no sentido de que esta é a forma particular em que o princípio universal do Logos, ou a Palavra, se exprime simbolicamente na individualidade psíquica da Sra. Garrett.

O aspeto psicológico, por outras palavras, envolve a relação dual entre o princípio universal e a unicidade da pessoa. O símbolo psicológico, como a figura do Velho Sábio que pode tomar forma ativa como pessoa e falar na psique, é o veículo pelo qual o princípio universal, ou mais vasto cosmológico ou metafísico, se torna manifesto. Que se torne indivíduo, portanto, não limita nem restringe as suas implicações mais amplas.

Ao ler esta transcrição e estudar de perto as observações sobre a natureza de Abdul Latif, surgiu uma curiosa discrepância. As diferenças entre Abdul Latif e Tote são muito marcadas e são facilmente discerníveis. Quanto aos estilos de fala, o de Abdul Latif é caloroso, extrovertido e vigoroso, enquanto o de Tote é contido, meditativo e levemente retraído. Quanto ao estilo de imagem, Tote é representado como mestre, enquanto Abdul Latif se apresenta como curador, o que é um dinatipo totalmente diferente. (O termo dinatipo refere-se à imagem ativa e em desdobramento da personalidade. Ver a definição e discussão de Dinatipo e Cognitipo apresentada em Progoff, *Depth Psychology and Modern Man*, Capítulo 7, pp. 182–188.)

O tipo de trabalho que Abdul Latif costuma realizar quando aparece em situações de transe exprime esse dinatipo de curador. Ele faz descrição e diagnóstico clarividentes de doença física e emocional, como se mostra nas duas conversas com Abdul Latif que se registam abaixo. Especialmente a Conversa N.º 2, Capítulo 7, é um exemplo do estilo de trabalho de Abdul Latif como curador. Este papel foi explicado pela afirmação de Abdul Latif de que, em encarnação anterior, fora médico na Pérsia.

A curiosa discrepância é que, no Parágrafo 24, Ouvani fala aqui de Abdul Latif como "um simples árabe" que "abre a porta". Ambas as descrições cabem a Ouvani próprio e não a Abdul Latif. Na sessão não percebi esta discrepância, provavelmente porque eu não tinha então suficientemente claro na mente as diferenças entre as várias figuras. Lendo agora, a diferença vê-se facilmente. É Ouvani quem é o simples árabe e guardião da porta. Abdul Latif é o médico que desempenha uma função curadora por meio de mediunidade psíquica. Tote, o mestre, exprime a sabedoria das profundezas. Essa, pelo menos, é a declaração esquemática das diferenças entre as figuras de controlo que aqui se pode fazer.

Só podemos especular sobre o significado do deslize na conversa que levou Ouvani a descrever-se a si mesmo sob o nome de Abdul Latif. O meu pensamento é que, embora seja instrutivo comentá-lo no nosso contexto presente de interpretação, não tem maior significado. Muito provavelmente indica o facto de que a experiência subjetiva das quatro figuras pela psique da Sra. Garrett classificou Ouvani e Abdul Latif em conjunto como o par de figuras que exprimem o nível mais superficial de experiência, ao passo que Tote e Rama personificam as profundezas. Assim, Ouvani e Abdul Latif podem ter sido agrupados e foram inadvertidamente identificados nas suas características. É instrutivo de observar, mas não tem necessariamente maior significação.

A partir daqui entrámos num transe mais profundo, do qual emergiu a voz de Tote. Isto está registado na Conversa N.º 2, com Tote, apresentada abaixo no Capítulo 11.

PARTE II

CONVERSAS

COM ABDUL LATIF

O Curandeiro Psíquico

CONVERSA N.º 1

COM ABDUL LATIF

(EG entra em transe e irrompe uma voz calorosa e exuberante.)

Pois, pois, pois, meu filho, tenho observado, tenho escutado, senti que irias querer, em breve, fazer o conhecimento deste velho. Ora, eu sou Abdul Latif.

IP Saudações, Abdul Latif.

Acho que tens desejado que eu venha um pouco das trevas para a luz, hã?

Respondeste ao meu desejo.

Aqui estou. Agora penso que, se há questões intrigantes, estou mais do que disposto e pronto, diria antes ansioso, por te ajudar a compreender muitos problemas, porque talvez estejamos tão dispostos a encontrar-nos contigo quanto tu estás disposto a encontrar-te connosco, eh?

Isto é maravilhoso. Estou muito, muito feliz.

Então, vamos agora conhecer-nos. Ótimo.

É particularmente interessante para mim. Só ontem discuti com outro dos teus confrades como bem poderia ser que chegara o tempo—creio que chegou o tempo; desejaríamos o teu conselho—de abrir estas áreas dentro do instrumento. Estava a falar com o teu confrade, que também trabalha para nos encontrar, a nós, nós, nós, muitos de nós. Mas, nos primeiros dias da disciplina deste instrumento, foi usado muito poder hipnótico para apagar as memórias do sono e do estado de vigília, percebes? Portanto, estamos, vês, numa sala a que não há muito acesso, devido à hipnose. Eh?

Oh. Queres dizer que a hipnose atua como um bloqueio?

Agora já não. Quando primeiro aparecemos somos muito surpreendentes, hã?

Muito surpreendentes para ti.

Sim.

Certamente.

Ou para qualquer pessoa que não esteja pronta para—er—receber visitantes desta forma, eh?

Sim, de facto.

Portanto, o—como lhe chamarás—o… nem sempre encontro as palavras—o princípio, o treino, o psicológico…?

A técnica…?

O técnico da… da escola, para que o instrumento fosse desenvolvido segundo a fórmula espiritualista, percebes? Notas o ponto? Então deseja que ela própria não interfira nesse desenvolvimento, e deu muitas, muitas sugestões hipnóticas ao longo de um período de tempo. De modo que, como proteção contra a nossa aparição no estado de sonho ou no estado clarividente no início e lhe dar conclusões adicionais…

Sim?

Uhmm, portanto, se me entendes, interpretações comigo, verás que lá estamos, mas numa com—numa compressão.

Sim.

Percebes, tinha de ser mente. Foi, portanto, transformado numa coisa como uma caixa…

Sim, um contentor.

Um contentor no qual nós estamos, por assim dizer—dirias?—trancados.

Mhmm. Normalmente trancados.

Normalmente trancados. Penso que isto, em certo sentido, não foi assim tão bom. Creio que entendes por que sinto isto. Nenhuma parte da área da mente deve ser mantida fora de completo alcance, sim?

Isto é, deve poder vir, vir à vida.

Sim. Ela teria sido melhor em todas as áreas de liderança se não estivéssemos contidos de modo tão definido no que se chama o efeito de transe.

Isso parece muito importante.

Ora, não acharias que isto é verdade? Consequentemente, há muitos outros—como lhes chamas—um panteão, uh?

Um panteão, sim. Mas quantos, há algum número? Falei com Ouvani há dois dias—

Ele é, bendito e enriquecido seja o seu nome, aquele que é e sempre foi o que abre esta área de pensamento ao inquiridor, e o que por fim a fecha. Mas vês, nós entendemo-nos todos muito bem e todos nos conhecemos. Assim, embora tenhamos a nossa função particular, não há entre nós, como há em muitos casos de controlo, dificuldades.

Sim, penso que isto tem algo a ver—quando usaste a palavra panteão, estás a indicar que sois como deuses, pois não sois como seres humanos que disputam, mas percebo esta cordialidade.

Não há disputa.

Tendes cordialidade e compreensão, sim.

Há cordialidade e compreensão, há método também e significado. Em tempos em que o mundo tem seguido, e eu vi-o muitas vezes, girando para a sua própria destruição, surgem entre os homens entidades, se quiseres, seres, que, eles próprios, foram de algum modo—por vezes de grande modo, por vezes de pequeno modo, por vezes de modos indiretos—responsáveis pelo pensamento, pela palavra, pelo conceito e pelo conteúdo que, em certo sentido, embora não tenha sido destinado a isso, ainda assim foi significativo no sentido de que trouxe vida, mas também trevas.

Sim.

Essa é a missão de todo aquele que vem com uma mensagem, eh? Traz a luz mas também verás que tem de trazer consigo o outro lado, para que a imagem…

Sim, para que a imagem inteira.

Sim. No nosso tempo, portanto, já aparecemos antes. Talvez sejamos conhecidos por muitos outros nomes para muitas outras pessoas. Verás que os nomes são pouco importantes. Importante é a missão. Agora, eu venho sobretudo porque é o papel na mente mais adaptável a ajudar com, talvez, a ativação de motivos. O nome de Abdul Latif identifica-se com cura.

Cura. Sim. Foste médico?

No meu tempo, sim.

Sim.

Não como contais médicos, porque o meu trabalho tinha muito mais a ver com o sentir—algo que tu terás de abordar um dia.

Sim, creio que sim.

Tinha sempre a ver com a cura da personalidade e com a forma como ela é afetada pelas estrelas nos seus cursos, pelos ventos, pelos

elementos e, por fim, pela vida que já não é, e pelos elementos… assim como tu próprio não és mais do que os elementos. Portanto, vim numa altura em que o próprio instrumento precisava de cuidados particulares. Foi um tempo de grande dor para ela, com a perda dos filhos. Vim também para aprofundar a consciência. Tenho o meu papel: tomar tudo o que pudesse ter crescido para dentro e virá-lo para fora, para o nível compassivo da experiência, não deixar que essa natureza exuberante se volte para dentro e destrua, nem deixar que essa natureza exuberante se volte para fora e se escoe, mas também mantê-la numa regulação extremamente cuidadosa. Isto fica-te um pouco claro?

Sim, mas isto foi só uma vez para o teu instrumento, foi um ajustamento para o teu instrumento.

Foi o ajustamento de algo que eu conhecia, algo aqui nos elementos desta mente, digamos, ou—não corpo—substância de alma conhecida por mim através de muitas éonas. Porque vês, não há dúvida de que seria fantástico acreditar que aquilo que és, ao passares pelas tuas muitas experiências de emoção, mental, física, espiritual, possas perder sempre o contacto com o que tens sido e com o que és. Não podes, portanto, muito facilmente retirar da personalidade de Abdul Latif dizendo que parte desta personalidade é Abdul Latif e parte desta personalidade é o instrumento.

Mhmm, sim.

Onde os separas?

Sim. Este é um ponto muito importante, um ponto muito importante. Porque não há essa separação e… agora, sabes que usamos esta palavra—tão inadequada—"entidade" para descrever homens do teu tipo que vêm desta maneira. Ora, esta palavra "entidade" significaria algo separado e inteiro; não é uma descrição correta, pois não?

Não. À medida que a alma segue adiante, passando de um—podemos usar a palavra de novo—cativeiro, uma boa palavra. Ao passar de um cativeiro para outro cativeiro, vai a reunir, não vai?,

experiência. Não estamos agora a falar de experiência homem-mulher. Estamos a falar de experiência como um todo. Não suporias, portanto, que, ao passar de uma esfera de experiência a outra, ela se perdesse?

Não… mas continua—e cresce?

Continua e cresce, trazendo consigo, contudo, a sua própria memória.

Então, isto significa, Abdul Latif, que estás aprisionado no corpo, no instrumento, de Abdul Latif como uma pessoa e estás aprisionado noutras pessoas também como Abdul Latif?

Sim. Claro.

Agora, usarias os outros nomes?

Usaria… usaria muitos nomes. Tive de usar muitos nomes.

Sim. Podes dizer-me alguns desses outros nomes?

Não, porque ainda não estamos preparados para isso.

Quero, porém, explicar-te quem é o outro que não atua como nós e quero que reflitas sobre este. Aquele que agora está para o instrumento, de que ela deu a conhecer, ou de que falou, não é novo. Ele também lá tem estado, desde o princípio. Encontraste-o muitas vezes na literatura e deves encontrá-lo agora, quando os homens fazem confusão de palavras, porque ele é o doador da palavra, não é?

Revelo-te isto em particular porque ele vem numa época em que os homens fazem tal confusão. Ele é um doador de palavras, sempre deu palavras, sob muitos disfarces. Está intimamente ligado a mim, mas não sou eu. Ele é, e tem sido, reconhecido pelos homens em forma quasi divina. Não mais quasi divina, porém, do que outros que vieram dar a lei. Percebes? A missão dele é, por conseguinte, um pouco diferente da nossa, porque nós tornámo-nos parte, como vês, de uma consciência de grupo e cumprimos os nossos papéis. Mas ele tem duas maneiras significativas de os cumprir que nos são externas. O instrumento é, como sabes, bastante capaz de tomar o mundo exterior

e a palavra deste mundo muito mais a peito do que as palavras de Abdul Latif, eh?

Bem, sim, ela está em contacto com o mundo exterior.

De tempos a tempos, Abdul Latif viu, contudo, a necessidade de que estas palavras lhe fossem trazidas do ponto de vista de a tornar agudamente consciente da sua própria individualidade. Só interfere ou intercede quando descobre que ela pode estar a usar mal o veículo. Verás isto. Agora, Tote é diferente. Ele tem usado o instrumento de muitas maneiras e continuamos a usar o instrumento…

Quem é este?

Tawt.

Oh, é este o Tote?

Este é Ta-ho-teh.

Sim, dizes "Tawt"?

Ora, o que é ele na literatura, o que é ele para o Oriente, senão aquele que traz a palavra. E quem traz a palavra tem de trazer a confusão. E quem traz a confusão tem também de ter o outro lado da imagem. Não é assim? Assim, o doador da palavra é, por um lado, o confundidor da palavra e, por outro, magnifica a palavra de modo que ela se torne clara. Ele não trabalha como nós; é necessário, por necessidade, que haja duas outras figuras, não é? A trabalhar de fora para dentro.

Percebo.

Aí tens Ram, ou Rama, e quem foi Ram ou Rama nas lendas antigas senão o doador da vida. E quem foi Tohet ou Tote nas lendas antigas senão o doador da palavra. Mas, se há estas figuras dentro que são—iremos chamá-las bondade—então têm de existir duas outras figuras fora que são disciplinadoras e têm de dar retidão. Ora, bondade e retidão não precisam de ser as mesmas pessoas. Concordas comigo? Consequentemente, temos de ter precisamente o que é direito lá fora, mas não necessariamente qualquer deles o que é bom. Agora, a

personalidade Ouvani e a de Abdul Latif representam, na maneira como trabalham, a bondade; os outros, a retidão. Não necessariamente, repara, a bondade. Vês o…?

Sim. Portanto, tanto Tawt como Ram preocupam-se com o facto prático, o facto real.

Isso mesmo.

Mhmm.

Isso mesmo. Se tiveres apenas bondade, ela não funciona. Sabes disso. A bondade, por si, é apenas bondade, sim? Mas, para a fazer funcionar, para a tornar útil, para a tornar experimentada, tens então de ter ordem, não tens? Não necessariamente—chamemos-lhe retidão—retidão não é necessariamente bondade; portanto, o nosso trabalho não seria tão disciplinado nem tão útil se fluísse placidamente sem termos este lado da imagem representado por estes dois outros. Agora, eles estão exteriorizados. Isso dá-te um quadro?

Sim, agora estes, por exemplo, Tahot aparecerá fora mas também aparecerá a partir de dentro?

Para certas pessoas. Só para os legisladores. Só para aqueles que precisam de entender e compreender a lei. Oh, sim. Ele aparecer-te-á, mas não aparecerá a muitas pessoas porque lembra-te de que ele só se ocupa daquilo a que chamarás todas as palavras que supostamente representam bondade e não o fazem. Humanidade é uma delas. Justiça é outra. Tolerância é outra. E podes percorrer todas essas listas e ver que são usadas para abusar. Ora, ele aparecerá àqueles que estão ligados à ordem e à disciplina—mas não a muitos.

Mas, quando chegar o tempo, dizes, ele falará comigo?

Sim.

Oh, sim. Mas eu queria deixar-te muito claro que, quando falares com ele, estejas bem preparado com as tuas perguntas. Faz a tua preparação para isso, meu filho, e que sejam perguntas talvez relacionadas com o que quer que se relacionem; então penso que um

dia seria muito bom para a saúde do instrumento—e nisto estou a pensar de modo bastante egoísta—se o processo de hipnose que foi firmemente estabelecido no início deste trabalho pudesse ser desestabelecido. Compreendes o que quero dizer? Dessa forma, portanto, o papel que usamos—e uso o termo assim—ficaria então aberto e livre. Ela não protestaria contra a nossa escrita quando viéssemos visitar, e teria acesso a nós e nós ainda estaríamos em ordem, mas não haveria a coação. Porque vês, tu mesmo, Abdul Latif pertence, é parte de, e tem—e como separarás o instrumento de Abdul Latif?

Sim, sim.

Vês o problema do teu lugar?

Sim, de facto. Especialmente pela maneira como descreves a tua personalidade a fundir-se com a dela, de modo que, se entendo bem, até poderia ser que, noutra era do tempo, isto não é Abdul Latif, isto é Eileen Garrett.

É isso. Tens a chave. Aí está a chave.

Ora, se entendo o que dizes, do ponto de vista do teu instrumento, de Eileen Garrett, isto deveria ser aberto e disseste egoisticamente; isto é, do teu ponto de vista, abrir o caminho e torná-lo mais claro para ti, para ti próprio.

Torná-lo todo claro, melhor, egoisticamente, sim, porque então podemos fazer mais. Exatamente. Podemos então vir à mente sem esta atmosfera constrangida e também não estamos enterrados, percebes.

Então virias através em estado de vigília, também?

Sim.

Então poderias vir através em todos os momentos?

A qualquer momento, e deixaria de ser necessário ter o que chamas, o, o—

Transe?

Sim, sim. Sim. Tens a palavra.

Toda a situação de transe pode ser—

Aberta. Mas penso que tu próprio concordarias comigo que seria uma coisa muito boa acontecer.

Seria mais do que uma boa coisa. Seria tremendo no que faria. Tanto para o instrumento como talvez para outras pessoas. Sim. Agora, como pensas que virias através então? Seria por escrito?

Sim, e em pensamentos. A falar. E, no entendimento, sentar-nos-íamos e tu dirias: Não, não quero os teus pensamentos hoje, Abdul Latif, mas deve haver alguns dos outros amigos, aí. E, em vez de estarmos por detrás de uma cortina, poderíamos vir e conversar.

Sim, mhmm. Agora, o que precisaria o instrumento nela própria para poder fazer isto?

Ela não o pode fazer sozinha. Tem, antes de mais, de dar o seu acordo a isto. E depois teria de, com alguém que entenda de hipnose, ir retirando gradualmente aquilo que foi construído para manter as águas de fora, por assim dizer. Temos de remover o que foi sugerido lá no início do treino dela. E só alguém com compreensão desta situação pode, por assim dizer, remover estes comandos. Estes comandos foram dados ao longo de um ano ou mais.

Sim. Com McKenzie.

Isso mesmo. Então vês por que é que ele fez isto? Foi talvez bom para a época, mas ela própria procurou, através de—como lhe chamo—através de falar com homens da tua formação, abrir isto. Mas nós não podemos abri-lo. Foi feito do lado de cá, percebes?

Deste lado, mhmm. Ora bem, então é algo que ela tem de fazer. Tem, dizes, de dar o seu acordo.

O seu acordo para que isto seja aberto. Então seria preciso tempo para remover esta barreira, e ela teria de estar certa, no seu próprio entendimento, de que a remoção da barreira não torna de modo algum o seu trabalho menos útil.

Sim, mhmm, isto é, se isto lhe fosse mostrado?

Sim, sim.

Agora, poderás dar-nos provas para a convencer? Isto é, há algo que lhe possas dizer, algo que possamos mostrar-lhe para a convencer de como isto funcionará quando estiver feito. Isto é, gostarias que eu lhe dissesse o que me estás a dizer agora?

Sim, penso que o que te disse é talvez a resposta que ela procura.

Sim, sim, de facto.

Ela diz: "Quero livrar-me deles", verdade?

Não. Bem, ela diz "livrar", mas não quer dizer livrar, realmente.

Não, ela quer é compreender. Porque livrar-se de nós é livrar-se dela.

Certo. Sim, de facto. Livrar-se de ti seria livrar-se dela. Penso também que talvez ela própria gostaria de poder falar contigo. Isto é, tal como está agora, ela própria realmente não consegue falar contigo.

Não, ela é uma porta fechada. E penso ser muito necessário e muito importante que se entenda, embora talvez neste universo não seja agradável para muitas pessoas pensar que a alma, ao prosseguir, tem muitos nomes e muitas vidas, é óbvio, claro, para ti que não viemos aqui hoje assim, para irmos embora amanhã e pronto. E a memória? Que utilidade teria tudo isto se aparecêssemos como—como dizes—um fenómeno da natureza e saíssemos porta fora como outro fenómeno da natureza e fosse tudo. Não estaria no significado da vida. O significado da vida é que começamos desde o princípio da intemporalidade, que começamos eternamente, e que continuamos a mover-nos por todas as áreas que o homem chama evolução. Mas todas as áreas do tempo e da intemporalidade, sempre na eternidade, mas, definitivamente, ao passarmos—não penso agora como homem ou mulher—tomando experiência segundo a forma como as glândulas da criatura que nos trouxe a nascer nos compeliram a moldar-nos. E o

nosso próprio desejo, vontade e anseio de experienciar, que é limitado. Ora, não é possível acreditar que nos esqueçamos de tudo isto.

Não, permanece.

Não, porque ainda não estamos preparados para isso.

Quero, porém, explicar-te quem é o outro que não atua como nós e quero que reflitas sobre ele. Aquele que agora está para o instrumento—que ela revelou, ou de que falou—não é novo. Ele também lá tem estado, desde o princípio. Encontraste-o muitas vezes na literatura e deves encontrá-lo agora, quando os homens fazem confusão de palavras, porque ele é o doador da palavra, não é?

Revelo-te isto em separado porque ele vem numa época em que os homens fazem tal confusão. Ele é um doador de palavras; sempre deu palavras, sob muitos disfarces. Está intimamente ligado a mim, mas não sou eu. Ele é, e tem sido, reconhecido pelos homens em forma quasi divina. Não mais quasi divina, porém, do que outros que vieram dar a lei. Percebes? A missão dele é, portanto, um pouco diferente da nossa, porque nós tornámo-nos parte, como vês, de uma consciência de grupo e cumprimos os nossos papéis. Mas ele tem duas maneiras significativas de os cumprir que nos são externas. O instrumento é, como sabes, bastante capaz de tomar o mundo exterior e a palavra deste mundo muito mais a peito do que as palavras de Abdul Latif, eh?

Bem, sim, ela está em contacto com o mundo exterior.

De tempos a tempos, Abdul Latif viu, contudo, a necessidade de que estas palavras lhe fossem trazidas do ponto de vista de a tornar agudamente consciente da sua própria individualidade. Só interfere ou intercede quando descobre que ela pode estar a usar mal o veículo. Verás isto. Agora, Tote é diferente. Ele tem usado o instrumento de muitas maneiras e continuamos a usar o instrumento…

Quem é este?

Tawt.

Oh, é este o Tote?

Este é Ta-ho-teh.

Sim, dizes “Tawt”?

Ora, o que é ele na literatura, o que é ele para o Oriente, senão aquele que traz a palavra. E quem traz a palavra tem de trazer a confusão. E quem traz a confusão tem também de ter o outro lado da imagem. Não é assim? Assim, o doador da palavra é, por um lado, o confundidor da palavra e, por outro, magnifica a palavra de modo que ela se torne clara. Ele não trabalha como nós; é necessário, por necessidade, que haja duas outras figuras, não é? A trabalhar de fora para dentro.

Percebo.

Aí tens Ram, ou Rama, e quem foi Ram ou Rama nas lendas antigas senão o doador da vida. E quem foi Tohet ou Tote nas lendas antigas senão o doador da palavra. Mas, se há estas figuras dentro que são—iremos chamá-las bondade—então têm de existir duas outras figuras fora que são disciplinadoras e têm de dar retidão. Ora, bondade e retidão não precisam de ser as mesmas pessoas. Concordas comigo? Consequentemente, temos de ter precisamente o que é direito lá fora, mas não necessariamente qualquer deles o que é bom. Agora, a personalidade Ouvani e a de Abdul Latif representam, na maneira como trabalham, a bondade; os outros, a retidão. Não necessariamente, repara, a bondade. Vês o…?

Sim. Portanto, tanto Tawt como Ram preocupam-se com o facto prático, o facto real.

Isso mesmo.

Mhmm.

Isso mesmo. Se tiveres apenas bondade, ela não funciona. Sabes disso. A bondade, por si, é apenas bondade, sim? Mas, para a fazer funcionar, para a tornar útil, para a tornar experimentada, tens então de ter ordem, não tens? Não necessariamente—chamemos-lhe

retidão—retidão não é necessariamente bondade; portanto, o nosso trabalho não seria tão disciplinado nem tão útil se fluísse placidamente sem termos este lado da imagem representado por estes dois outros. Agora, eles estão exteriorizados. Isso dá-te um quadro?

Sim, agora estes, por exemplo, Tahot aparecerá fora mas também aparecerá a partir de dentro?

Para certas pessoas. Só para os legisladores. Só para aqueles que precisam de entender e compreender a lei. Oh, sim. Ele aparecer-te-á, mas não aparecerá a muitas pessoas porque lembra-te de que ele só se ocupa daquilo a que chamarás todas as palavras que supostamente representam bondade e não o fazem. Humanidade é uma delas. Justiça é outra. Tolerância é outra. E podes percorrer todas essas listas e ver que são usadas para abusar. Ora, ele aparecerá àqueles que estão ligados à ordem e à disciplina—mas não a muitos.

Mas, quando chegar o tempo, dizes, ele falará comigo?

Sim.

Oh, sim. Mas eu queria deixar-te muito claro que, quando falares com ele, estejas bem preparado com as tuas perguntas. Faz a tua preparação para isso, meu filho, e que sejam perguntas talvez relacionadas com o que quer que se relacionem; então penso que um dia seria muito bom para a saúde do instrumento—e nisto estou a pensar de modo bastante egoísta—se o processo de hipnose que foi firmemente estabelecido no início deste trabalho pudesse ser desestabelecido. Compreendes o que quero dizer? Dessa forma, portanto, o papel que usamos—e uso o termo assim—ficaria então aberto e livre. Ela não protestaria contra a nossa escrita quando viéssemos visitar, e teria acesso a nós e nós ainda estaríamos em ordem, mas não haveria a coação. Porque vês, tu mesmo, Abdul Latif pertence, é parte de, e tem—e como separarás o instrumento de Abdul Latif?

Sim, sim.

Vês o problema do teu lugar?

Sim, de facto. Especialmente pela maneira como descreves a tua personalidade a fundir-se com a dela, de modo que, se entendo bem, até poderia ser que, noutra era do tempo, isto não é Abdul Latif, isto é Eileen Garrett.

É isso. Tens a chave. Aí está a chave.

Ora, se entendo o que dizes, do ponto de vista do teu instrumento, de Eileen Garrett, isto deveria ser aberto e disseste "egoisticamente"; isto é, do teu ponto de vista, abrir o caminho e torná-lo mais claro para ti, para ti próprio.

Torná-lo todo claro, melhor, egoisticamente, sim, porque então podemos fazer mais. Exatamente. Podemos então vir à mente sem esta atmosfera constrangida e também não estamos enterrados, percebes.

Então virias através em estado de vigília, também?

Sim.

Então poderias vir através em todos os momentos?

A qualquer momento, e deixaria de ser necessário ter o que chamas o—

Transe?

Sim, sim. Sim. Tens a palavra.

Toda a situação de transe pode ser—

Aberta. Mas penso que tu próprio concordarias comigo que seria uma coisa muito boa acontecer.

Seria mais do que uma boa coisa. Seria tremendo no que faria. Tanto para o instrumento como talvez para outras pessoas. Sim. Agora, como pensas que virias através então? Seria por escrito?

Sim, e em pensamentos. A falar. E, no entendimento, sentar-nos-íamos e tu dirias: "Não, não quero os teus pensamentos hoje, Abdul Latif, mas deve haver alguns dos outros amigos, aí." E, em vez de estarmos por detrás de uma cortina, poderíamos vir e conversar.

Sim, mhmm. Agora, o que precisaria o instrumento nela própria para poder fazer isto?

Ela não o pode fazer sozinha. Tem, antes de mais, de dar o seu acordo a isto. E depois teria de, com alguém que entenda de hipnose, ir retirando gradualmente aquilo que foi construído para manter as águas de fora, por assim dizer. Temos de remover o que foi sugerido lá no início do treino dela. E só alguém com compreensão desta situação pode, por assim dizer, remover estes comandos. Estes comandos foram dados ao longo de um ano ou mais.

Sim. Com McKenzie.

Isso mesmo. Então vês por que é que ele fez isto? Foi talvez bom para a época, mas ela própria procurou, através de—como lhe chamo—através de falar com homens da tua formação, abrir isto. Mas nós não podemos abri-lo. Foi feito deste lado, percebes?

Deste lado, mhmm. Ora bem, então é algo que ela tem de fazer. Tem, dizes, de dar o seu acordo.

O seu acordo para que isto seja aberto. Então seria preciso tempo para remover esta barreira, e ela teria de estar certa, no seu próprio entendimento, de que a remoção da barreira não torna de modo algum o seu trabalho menos útil.

Sim, mhmm, isto é, se isto lhe fosse mostrado?

Sim, sim.

Agora, poderás dar-nos provas para a convencer? Isto é, há algo que lhe possas dizer, algo que possamos mostrar-lhe para a convencer de como isto funcionará quando estiver feito. Isto é, gostarias que eu lhe dissesse o que me estás a dizer agora?

Sim, penso que o que te disse é talvez a resposta que ela procura.

Sim, sim, de facto.

Ela diz: “Quero livrar-me deles”, verdade?

Não. Bem, ela diz “livrar”, mas não quer dizer livrar, realmente.

Não, ela quer é compreender. Porque livrar-se de nós é livrar-se dela.

Certo. Sim, de facto. Livrar-se de ti seria livrar-se dela. Penso também que talvez ela própria gostaria de poder falar contigo. Isto é, tal como está agora, ela própria realmente não consegue falar contigo.

Não, ela é uma porta fechada. E penso ser muito necessário e muito importante que se entenda, embora talvez neste universo não seja agradável para muitas pessoas pensar que a alma, ao prosseguir, tem muitos nomes e muitas vidas, é óbvio, claro, para ti que não viemos aqui hoje assim, para irmos embora amanhã e pronto. E a memória? Que utilidade teria tudo isto se aparecêssemos como—como dizes—um fenómeno da natureza e saíssemos porta fora como outro fenómeno da natureza e fosse tudo. Não estaria no significado da vida. O significado da vida é que começamos desde o princípio da intemporalidade, que começamos eternamente, e que continuamos a mover-nos por todas as áreas que o homem chama evolução. Mas todas as áreas do tempo e da intemporalidade, sempre na eternidade, mas, definitivamente, ao passarmos—não penso agora como homem ou mulher—tomando experiência segundo a forma como as glândulas da criatura que nos trouxe a nascer nos compeliram a moldar-nos. E o nosso próprio desejo, vontade e anseio de experienciar, que é limitado. Ora, não é possível acreditar que nos esqueçamos de tudo isto.

Não, permanece.

Permanece. Então o que é Abdul Latif? O Isto, não é assim?

O Isto, sim.

Não é assim? Passou por todas essas experiências e é parte do—

É-te possível dizer um pouco mais sobre o que é esse “Isto”; isto é, dizes que Abdul Latif é esse “isto” que passou por todas essas experiências no tempo, através do tempo.

E é parte deste instrumento. Sim, é parte—é parte, sim.

Da memória, do todo. Abdul Latif é Abdul Latif, mas Abdul Latif não é Abdul Latif.

Sim, sim, sim, de facto. Agora, então dizes que Abdul Latif, com todas essas memórias, faz parte do instrumento? Ora, se entendo isto—

Eu faço. Mas isso não torna Abdul Latif menos Abdul Latif.

Sim, claro.

Está claro?

Sim, Abdul Latif é Abdul Latif e é muito mais do que Abdul Latif por causa de todas as experiências e memórias acumuladas no tempo.

Exatamente.

Agora ele está neste instrumento, e é também deste instrumento. Mas, se te entendi corretamente antes, o instrumento não tem acesso a Abdul Latif; isto é, o instrumento não tem acesso a tudo isto que veio através do tempo porque está nesse compartimento fechado de que falaste. Sim. Agora, através do estado hipnótico de transe, tens vindo falar, não com o teu instrumento, mas com outros. Agora, o que estás a dizer é que ela própria te acolha como parte de si; isto é, que ela própria tenha acesso a ti, coisa que não teve antes.

Mas vês, é muito difícil… fazer as pessoas compreenderem Abdul Latif como uma separação e como uma pertença sua. É isso…?

Uh, sim, bem, essa dificuldade pode ter a ver com todas as palavras diferentes que as pessoas usam, sabes, para isto.

Exatamente.

Sabes, por exemplo, essa palavra entidade de que falei, e pessoa, e alma, mas podemos, com esta informação que me dás, talvez ultrapassar isso.

Eu não sou uma entidade. Há entidades, porém… que o instrumento vê. Tal como acabo de te dizer: “Não é possível acreditar que entramos do ventre de uma mãe e saímos por esta porta e é tudo.”

Isto não seria útil. Consequentemente, quando a alma escapa ao seu cativeiro, está na sua forma por enquanto—isso tens de saber—porque certamente não pode largar a forma até que tenhas tomado para ti outro veículo de expressão.

Sim.

De modo que, ao escapar—como se diz. Talvez não lhe chamem escapar—mas nós sabemos que é o fim da sessão e o começo da seguinte. Ora, durante este período de—podemos chamar-lhe espera—não podes imaginar por um momento que alguém perde o conteúdo do que foi, pois tem de haver, seja qual for o estádio de existência a que chegues, tem de haver forma. Porque, se não houver forma, então não pode haver crescimento. Nem pode haver troca. Podes ter os conceitos mais maravilhosos, as virtudes mais espantosas e elaboradas, mas, se não tiveres forma com que te exprimas, nada muda. Acreditas nisto, claro?

Sim, de facto.

Consequentemente, quando a alma é libertada para outra sala de aula da experiência, muito naturalmente ainda tem de estar vestida, não é, até estar pronta a largar essa veste. Não existe tal coisa como esses estados conceptuais de que o homem fala como o lugar da felicidade, o lugar da paz, o jardim sem trabalho. É disparate. Um bom método de confusão, mas nada mais. Portanto, há estes estádios pelos quais, de facto, alguém está, por assim dizer, dentro de forma, o que faz parte da preparação eterna desde o momento em que a criança atinge o estado. Assim, há entidades, há entidades.

Sim, percebo. Agora, como é que uma entidade passa a ser como tu és. Isto é, ao longo de um período de tempo…?

Isto é a evolução através do tempo.

E todas as entidades então tornam-se como vós?

Estamos aqui hoje a falar juntos na nossa viagem para o âmago do significado, para renascer, remodelar-nos, segundo a nossa habitação. Até que seja de facto que estamos a fazer o mundo crescer,

e, ao fazermos o mundo crescer, consegues conceber esse tempo em que somos os mundos, percebes? Pois bem, tornamo-nos então a luz do mundo, a energia do mundo, tornamo-nos os sóis e as luas de outros universos, não nós sozinhos, mas nós e aqueles que, como nós, atingiram este estado de crescimento. Não vês, portanto, que somos o grande continuum do mundo, aqui e agora. Sempre em movimento, sempre em crescimento, sempre a exprimir estas diferenças essenciais ao passarmos de estado para estado. Mas, na realidade, somos o espírito do universo, do mundo que há de ser, mundos a nascer, mundos a dividir. Nós somos isso agora.

Somos isso. Sim.

Somos isso agora. Somos o mundo agora. Somos o mundo por vir. E todo o nosso trabalho e tudo o que somos e tudo o que fazemos é moer esta experiência, transformar o inconsciente em consciente, para dar experiência. Somos os dínamos, não somos? É muito difícil tornar isto claro. Estamos aqui, estaremos aqui, estaremos ali, mas somos isso, a palavra.

Sim, agora, de novo, talvez isto seja uma pergunta tola, mas perguntei acerca do "nós" e do número do "nós"; isto é, percebo realmente o que este "isto" é, essencialmente não é nada realmente separado nas suas partes; isto é, vindo através do tempo, é Abdul Latif, e outra pessoa, e outra e outra pessoa; isto é, todos por quem adquiriu experiência. Sim. Agora, pergunto-me: aqui ao alto, isto vem a subir através do tempo, sabes, de algum modo verticalmente, através do tempo—isto de que acabei de falar. Agora no transversal, digamos, por exemplo, no tempo de Abdul Latif, no tempo em que o instrumento, Abdul Latif, viveu. Ora, havia outras pessoas, outros médicos, outros filósofos, pessoas de todos os quadrantes da vida; agora, essas outras pessoas…

Estão aqui e agora, perguntas-me?

Sim, sim.

Ora, claro. Vês, nesta taça da vida é vertido—e repara bem, pois é uma grande prova—este impulso gerador. Olha para os tipos no

universo. Nenhum deles poderia vir do mesmo crescimento. Não poderiam vir do mesmo período nem da mesma experiência, porque, se viessem, seria estático e não poderia fluir. Consequentemente, vêm dos seus períodos diferentes, dos seus níveis diferentes, para roçarem ombros uns com os outros, para trazerem esse atrito que é necessário, consciente e inconscientemente, e que é necessário para o crescimento de cada um dos outros. Assim, vês que todos estes níveis de experiência estão em turbilhão; está a vitalidade, talvez, e depois vês, à volta e à volta e à volta, todos estes níveis de experiência que têm de roçar ombros uns com os outros, uns com menos, outros com mais, para moer a vida. O infinito não tem escrúpulos quanto a isto: são todos vertidos em conjunto, aqui dentro, para tomarem a sua experiência e darem a sua experiência; é isso que temos de fazer—percebes? Assim, vês que há muitos povos a começar e muitos povos a parecerem que estão a acabar. É por isso que verás estes níveis interpretativos: uma criança brilhante, um velho como uma criança, todos a passar, contudo, contribuindo a partir dos seus vários níveis muito bem ordenados, sentindo—é um mundo de sentir, meu amigo—no qual temos de roçar, roçar, roçar, roçar ombros uns com os outros o tempo todo para ajudar, não interessa como pareça, mas ajudar cada um ao outro a ganhar experiência.

Mhmm, isso explica, sim.

Vês, portanto, por que têm de existir aquilo a que chamamos estes muitos níveis de expressão. Como é, quantas vezes me têm perguntado, numa família talvez de três ou quatro, que há uma criança tão brilhante, outra tão lenta. Não é verdade de todo; são os diferentes níveis de experiência e a alma disse a si mesma: "É aqui que vou." Ora, a alma é livre, quando está de fora, para fazer a sua escolha, mas, uma vez lá dentro, aí está na experiência e tem de a usar o melhor que pode.

Mhmm. Isto tem muito que ver com o instrumento? Isto é, a condição do instrumento—no caso da criança lenta? Ou da criança brilhante? Isto é, a condição física do instrumento, ou isso é secundário—

Não; a alma que entrou naquilo a que chamarías o corpo—tomemos, por exemplo, um corpo doente—essa alma escolheu esse caminho, sabes, para—porque é aí que sente que alcançará os seus melhores resultados. Por isso, não tenhas grande pena de uma alma presa num corpo disforme. Há compensações. Ele usou isto. Não tenhas pena nenhuma de alguns daqueles que vês com um corpo grande, um corpo belo, e sem mente. É assim que a alma escolheu para si o papel no qual ficará aprisionada. Não precisamos de ter pena nenhuma do que vemos na natureza e lembra-te de que a alma está a usar isto o melhor que entende para obter experiência, experiência, experiência.

Percebo, e, da próxima vez, será ainda algo diferente, bastante diferente.

E, como sabes, a alma é hermafrodita—encaremos isso—assim, não importa se é deste lado do quadro ou daquele lado do quadro. Porque cada alma tem, de si mesma, de se exprimir em qualquer nível, ou num nível, ou num duplo nível, ou num nível tríplice, ou, por vezes, nem sequer consciente de si.

A alma não é masculina nem feminina, mas ambas?

Ambas.

E pode vir quer em masculino quer em feminino?

Exatamente.

Como é que isto—poderias dizer-me algo—quando, por exemplo, no masculino, quando uma alma toma o… e se aprisiona num masculino, mantém características femininas e vice-versa?

Tem de manter. Agora, às vezes podem exprimir-se mais, outras vezes menos.

Por vezes mais, por vezes menos, mas lá estão. E exprimir-se-ão segundo as necessidades da alma. Por vezes verás, claro, que a alma está a exprimir dualidade. É pena que o que na verdade correu mal foi a própria humanidade não ter compreendido o papel.

Não, porque ainda não estamos preparados para isso.

IP A minha ideia—e a pergunta—é se, para a alma se exprimir numa experiência mais plena, seria necessário que ambas as partes se expressassem no cativeiro? Isto é, para se exprimir de modo mais pleno.

Vês que isso já aconteceu. Lês isso em todas as histórias dos deuses. Verás que os homens sabiam isto muito bem. E dizem que os deuses vinham em diferentes formas. E julgo que encontrarás—e também sempre se ensina, não é?—que os próprios deuses são hermafroditas e que o próprio homem entende que a Mãe Terra dentro dele é de máxima importância, não é assim? Penso que isto se perdeu um pouco na formação da mente.

Sim. Pois agora isto levanta a questão, por exemplo, quando a pessoa—dizes que não se deve ter pena ao ver corpos disformes ou ao ver uma mente baça num corpo bonito—ora, não se deve ter pena, mas do ponto de vista da pessoa…

De ajudar a pessoa a tirar o máximo da experiência, oh, sim. Mas quero dizer: não se deve ter falsas simpatias por isto, porque verás que essa pessoa, se a observares, tem grande compensação. Podes dizer: "Este homem é um pouco tolo"—ele não pensa assim. É verdade?

Sim, mas se, por exemplo, o corpo dela é disforme?

Mas, se encontrares o disforme, não encontras também que ele obtém grande prazer do simples facto de ser diferente dos outros?

Sim, agora por vezes. Aqui está uma pergunta que pode ser tanto específica como geral. No caso de uma pessoa—lembro-me agora de alguém que acabou por cometer suicídio por infelicidade. Ficara paralisada por pólio e, tendo sido bela na adolescência, de repente se tornou disforme e confinada a uma cadeira de rodas e, após alguns anos, perdeu o ânimo e suicidou-se. Ora, se o que dizes é assim, então esta rapariga tinha uma compreensão, percebes?

Se esta rapariga não tivesse sido—se, em vez de a deixarem compreender apenas que a forma física exterior era bela, tivesse sido

dado mais à compreensão dessa personalidade, ela poderia ter-se elevado a grandes alturas.

Agora, a questão que tenho é como e o que envolve trazer tal compreensão a essa pessoa, se, por exemplo, ela não pensa em termos da alma. Isto é, se começasse com uma compreensão das coisas de que estamos a falar, então pode dizer-se que é essa a causa. Mas se começarmos com uma pessoa…

Que não teve essa compreensão, então não temos de nos entristecer de todo. A alma simplesmente depôs as armas neste corpo desordenado e tem de recomeçar.

Tem de recomeçar, percebo. Mas agora, talvez o que estou a tentar alcançar com esta pergunta é: que parte da consciência há, na pessoa, que está na…

Apanhada na malformação? Que parte da consciência? Não muita consciência. Não o suficiente, não o suficiente. Bem pode ser que esta seja uma alma a ganhar a sua experiência, porque a alma começa na pedra e a pedra está na árvore e a energia está em tudo. Ora, alguma alma que esteja apanhada nesta deformidade disforme em que não pode lutar, não tinha a consciência para fazer mais do que fez. Não tinha a consciência para fazer mais.

E então não há realmente um ponto de contacto que se pudesse estabelecer. Penso em termos…

Tu poderias não ter sido capaz de fazer o contacto… Outra pessoa poderia tê-lo feito. Percebes? Porque, agora, fazes o contacto comigo, mas há muitas pessoas com quem falo que não aceitariam o que estou a dizer porque contrariaria o que acreditam. Percebes o meu ponto? Tu poderias não ter sido a pessoa a fazer esse contacto. Outra pessoa poderia ter estado lá e tê-lo feito, trazendo a luz necessária. Isto também, percebes, aqui estamos e quantas vezes sucede sentares-te numa sala com três ou quatro pessoas: com duas entras imediatamente em rapport e, por fim, reparas que as outras se levantam e vão-se embora. Percebes, não estão nesse nível em que possam ficar para

compreender. É realmente uma questão de química. A regra da vida é a química dos corpos que não correspondem nesse momento.

Mhmm, mas do ponto de vista de fazer contacto com a alma…

Se fores um filósofo sábio que agora talvez caminha pelas ruas, podes fazer contacto com qualquer coisa.

Percebo. Então está lá?

Sim, está lá.

E pode-se, em princípio, olhar—

Estender a mão e encontrar a grande alma no veículo em que viajas. Sim, quantas vezes o fizeste.

Posso agora fazer esta pergunta? Estive a pensar nisto enquanto falávamos. Descreves como tu e o teu grupo estais neste instrumento e como seria melhor para vós e melhor para este instrumento se pudésseis vir através mais livremente. Ora, no caso—como se compara isto, pergunto, com o caso de outras pessoas? Isto é, o teu instrumento tem esta capacidade particular com respeito a essa hipnose e ao transe pelo qual vos é possível falar não com ela mas com outras pessoas, dar-vos a conhecer e dizer o que desejais dizer. E nas outras pessoas que talvez não tenham essa capacidade de transe, de hipnotismo? Existem pessoas como tu e como o teu grupo que estejam em outros indivíduos?

Por detrás dos indivíduos? Sim, sem dúvida.

Podes dizer como o podemos entender ou como o podemos comparar e relacionar?

Julgo que a grande dificuldade aqui é que, no vosso mundo moderno, não há tempo para reflexão. São muito poucas as pessoas que são sequer elas mesmas, e noto, com algum desarranjo, que a personalidade está a tornar-se menos ciente de si própria. Mas a personalidade—são poucas as pessoas que têm tempo para dizer: "Quem sou eu?" De modo que, na ordem em que hoje viveis, a personalidade… (Fim da gravação.)

COMENTÁRIO
SOBRE A CONVERSA N.º 1
COM ABDUL LATIF

Abdul Latif fala aqui com o tom caloroso que o distingue das outras figuras. O seu estilo de personalidade é muito extrovertido, muito menos formal do que o dos outros e mais acessível. Há que dizer, porém, que nenhuma das quatro figuras mostrou verdadeira relutância: todas comunicaram prontamente nestas conversas. A única possível exceção foi Rama, e aí não se tratava de relutância, mas de distância e de dificuldade na formulação dos pensamentos.

A observação de Abdul Latif de que "estamos tão dispostos a encontrar-nos contigo quanto tu estás disposto a encontrar-te connosco" pode ser tomada como confirmação da ideia de que os níveis profundos da psique da Sra. Garrett, que contêm as suas intuições não articuladas, desejavam vir à superfície para se clarificarem e darem um passo rumo à consciência. À época da sessão, interpretei esta observação como indicação de que o meu estilo de abordagem estava na direção certa, pelo menos no que tocava ao estabelecimento de rapport com o grupo de figuras.

Creio que a referência aqui é às sessões que a Sra. Garrett realizou com o Dr. Nandor Fodor, o psicanalista que investigou fenómenos parapsíquicos de muitos tipos. A referência pode também ser ao psicanalista italiano Dr. Emilio Servadio, ou ao psiquiatra de Nova Iorque, Dr. Robert W. Laidlow, que se interessou especialmente pelo aspeto hipnótico dos fenómenos ligados a aparentes entidades espirituais. Note-se que a aparição de Abdul Latif na experiência da Sra. Garrett deriva do período da sua vida em que recebeu formação em mediunidade no âmbito do movimento espiritualista em Inglaterra. Essa formação baseava-se na sugestão hipnótica e parece que a postura de transe hipnótico manteve um papel central no trabalho medianímico da Sra. Garrett, especialmente no que respeita à aparição de Abdul Latif e de Ouvani, que são as duas figuras que mais

frequentemente apareceram e falaram quando outros investigadores realizaram pesquisas com a Sra. Garrett.

Abdul Latif está aqui a discutir vários aspetos da formação hipnótica da Sra. Garrett em mediunidade espiritualista, na medida em que isto pode relacionar-se com a aparição das figuras em transe. A Sra. Garrett tinha consciência desta questão e vinha a discuti-la em estado de vigília nos dias imediatamente anteriores a esta sessão. Começa a formar-se a conceção de que a sua formação hipnótica a encerrou numa situação demasiado estreita. Isto faz parte da sensação de que algo precisa de ser afrouxado para que, onde as figuras foram artificialmente encaixotadas, possam agora sair. Eu sentia que a psique da Sra. Garrett como um todo estava a responder ao procedimento que seguíamos nas nossas sessões de modo a torná-lo uma alternativa ao velho tipo de hipnose com que ela aprendera a arte medianímica. Ela sentia algo libertador e a sua psique aparentemente procurava algo que pudesse libertar as figuras para que se revelassem mais plenamente.

Mais uma declaração da relação de Ouvani com as outras figuras. Ele é o porteiro que abre e fecha a porta para as profundezas da psique.

Nova indicação do caráter grupal das figuras de controlo. Cooperam, trabalham juntas e não discutem nem competem. Isto pode muito bem indicar que, na sua individualidade, participam numa unidade ou inteireza maior que as sessões posteriores poderão revelar. Surge aqui uma primeira referência ao conceito de que as figuras fazem parte de um padrão maior e de uma manifestação de significado na história. Surge também uma indicação da qualidade oracular destas experiências.

Iniciamos aqui uma discussão sobre a natureza das manifestações das figuras.

A declaração de Abdul Latif aqui indica uma conceção das entidades como contínuas ao longo de muitas gerações. Indica uma individualidade e unicidade em cada uma das entidades e, sobretudo,

uma clara separação no seu funcionamento que as distingue da personalidade consciente do instrumento. Esta é a autonomia das entidades que está na base da crença, nos círculos espiritualistas, de que as declarações feitas pelas figuras de controlo possuem uma sabedoria superior. Crê-se que a sua autonomia espiritual indica que provêm de outra dimensão da realidade.

A afirmação, porém, de que há um intercâmbio de personalidades, isto é, de Abdul Latif e da Sra. Garrett, e de que esse intercâmbio não limita a validade ou o poder da personalidade de Abdul Latif, coloca a questão numa luz mais ampla. Indica que um aspeto psicológico faz parte da força e da realidade das figuras de controlo, e que a sua validade e perspicácia não são minimamente atenuadas pela sua relação com a psique do seu instrumento.

A minha pergunta aqui visava obter de Abdul Latif uma declaração que indicasse quaisquer encarnações anteriores. Nada de específico desta natureza surgiu, porém. Em vez disso, houve um muito significativo interesse por parte de Abdul Latif em abrir para mim uma relação com Tote. A descrição de Tote que se segue é de interesse no contexto das sessões posteriores.

Note-se a declaração esquematizada, no parágrafo 25, sobre o papel e a posição das quatro figuras. Esta observação deve também ser considerada à luz do conjunto das sessões.

A afirmação de que Tote aparece sob diferentes disfarces e em diferentes aspetos a diferentes pessoas, consoante a sua atividade na vida, indica novamente a imagem de inspiração oracular que está subjacente à conceção da personalidade de Tote. Como doador da palavra, ele é representado como figura do Logos, fonte de inspiração, o que significa que fala diretamente aos espíritos espiritualmente grandes e fala indiretamente e por inferência às pessoas comuns.

Vemos aqui a preocupação prévia que a Sra. Garrett tinha naquele período com as limitações da hipnose e a possibilidade de que o seu uso, nos primeiros tempos, tenha limitado seriamente o seu desenvolvimento subsequente. Encontramos novamente a implicação

de que ela gostaria de deixar para trás o estilo hipnótico de transe a fim de poder ter uma relação mais plena e aberta com a sua psique.

A permutabilidade dos nomes das personalidades levanta um ponto interessante que volta a surgir nas sessões com Tote. Deve esta entidade chamar-se Abdul Latif ou Eileen Garrett? A falta de importância disto aponta para uma qualidade de realidade mais fundamental do que a forma e a experiência do indivíduo temporal.

Comentário sobre a Conversa N.º 1 com Abdul Latif

Esta conceção mais fluida das figuras de controlo conduz então à ideia de abrir toda a condição da sua psique e remover a limitação da sua relação com as figuras de controlo que a hipnose e o transe implicavam. O programa para superar o padrão de relação hipnótica com as figuras de controlo foi iniciado, mas não foi levado a bom termo devido a outros fatores.

A continuidade da vida é experienciada como um fator impessoal de continuidade. Não é uma personalidade individual, mas um "isso" impessoal, e este "isso" traz o nome da pessoa em que mais ativamente foi experienciado. Abdul Latif parece aqui tentar articular uma conceção de imortalidade que vai além das visões espiritualistas convencionais. É uma visão das ligações contínuas da experiência humana que vão além da fixidez das entidades pessoais. Por isso a possibilidade de abrir acesso direto, sem transe hipnótico, à dimensão de experiência que as figuras de controlo representam se torna uma possibilidade para Abdul Latif e para a Sra. Garrett.

Abdul Latif prossegue apresentando uma declaração da unidade e continuidade da experiência que é atribuída às formas cambiantes das entidades pessoais. Isto é articulado muito mais plenamente por Tote mais adiante, mas a questão do grau de semelhança é interessante de especular.

Procurei aqui cristalizar a conceção de individualidade em relação à continuidade da vida, e a declaração no parágrafo 56 que foi suscitada é uma revisão clara e decisiva da experiência aberta que Abdul Latif descreve aqui e no parágrafo seguinte.

CONVERSA N.º 2
COM ABDUL LATIF

(Nota: Esta sessão foi precedida por uma conversa informal com a Sra. Garrett, que foi captada pelo gravador. É incluída aqui como indicativa da natureza de algum do outro trabalho da Sra. Garrett e também por causa de algumas hipóteses ali enunciadas sobre certos aspetos do trabalho medianímico. Após esta conversa consciente, a Sra. Garrett entrou em transe e Ouvani apareceu. Falou brevemente e depois retirou-se para que Abdul Latif pudesse entrar e conduzir o resto da sessão.)

EG …quando as pessoas entram na sala para se sentarem comigo, como ontem, não faço ideia de quem ela é. Ela telefona. Dou-lhe uma marcação porque é prima de um homem que eu tivera há seis anos. Eu disse: "Está bem, o que é que ela quer?" Pois ele pediu-lhe que viesse. Ela sentou-se. "Bom dia, como está? Como vai o seu primo?" Assim tenho notícias dele. E então ela disse: "Sofri uma grande perda." E eu disse: "Sim, não me diga mais nada. O seu marido, aqui o tem, era assim, os olhos, era assim, o bigode que usava. Era isto que fazia. Era engenheiro, sim? Ou era homem de negócios. Deveria ter sido padre. Eis todas as coisas que ele era, eis todas as coisas que perdeu." Vai-se embora e diz: "Perfeitamente notável." Eu disse: "Traga-me algo para o Dr. Osis, lacrado, dele." Infelizmente, não há nada para trazer. Eu disse: "Tem uma velha carteira?" Ela disse: "Tenho. Encontrei-a há dois dias." Eu disse: "Traga-a, lacrada, e eu darei a médiuns para a lerem que nada saberão dela. Logo veremos."

Portanto, tudo isso aconteceu. Ora, isto tem acontecido na minha vida a vida inteira e cheguei à conclusão de que está muito bem. Podemos dizer que Eileen Garrett está a comunicar com o marido falecido da Sra. Tal. E no entanto não é certo. De onde vem isto? Quem é? Assim, Eileen Garrett concluiu que deve impelir-se, pela contemplação, para além da luz que vê na árvore, para além da expectativa, para além da antecipação e até à exaltação, por outras

palavras, para um território em que eu estou que é ilimitado e sem fim. Nesse território vejo então estas pessoas, a viver em casas, em comunidades. As casas são de vidro colorido. As comunidades são calmas, ordeiras. Andam atarefadas com algo, mas com o quê, não sei. Não me venham dizer que tinham sido pessoas na terra porque não acredito; mas andam ocupadas consigo próprias. Deparei com um grupo de filósofos sentados, reclinados em paz, quase como vasos chineses. Fui tão longe que abanei um, para ver se era um pedaço de jade. Descubro que tem carne. É uma pessoa. Vive. Eu abano-o. Ele olha para mim com bondade. Sigo o meu caminho. Muito bem. Falam comigo? Não.

Enquanto consigo andar à volta deles e examiná-los, estão numa estranha comunidade onde há luzes muito, muito brilhantes, azuis, verdes, amarelos, mas todo o tipo de luzes, e nem consigo conceber a cor. Eis a grande dificuldade que surge num momento de emoção em tudo isto, quando já não se encontram palavras. Então fico bloqueada. Não sei o que fazem, não sei o que dizem e não parecem capazes de comunicar comigo. Mas caminhei entre eles; é isso. Toquei as suas casas e estive nos seus átrios. São objetivos; são vítreos; são como rebuçado de açúcar.

Olhei as suas montanhas. Olhei o seu verde. É um verde mais verde do que qualquer verde que eu te possa dizer. As montanhas são montanhas mais altas do que qualquer coisa que te possa dizer. E voltei de lá exausta e disse: "Então? O que fiz agora? Limitei-me a descobrir que a terra não é mais do que um modesto reflexo daquilo que estive a olhar. E, depois do que vi, agora que aqui estou, é pálido. É insignificante. É sem cor, é pequeno, é constrangido, e por isso tudo o que fiz foi regressar com uma impressão fotográfica de algo que está a acontecer lá. Longe de me dar paz de espírito, isto deixou-me numa dificuldade adicional. Agora, se pudesse ficar mais tempo com eles, talvez conseguisse beliscar alguns para os acordar, talvez conseguisse algum conhecimento deles. Talvez descobrisse por que eram, quem eram e, acima de tudo, onde estou eu."

Quando fizeste isto de que tens estado a falar?

Dois verões atrás, em França.

E como procedeste para o fazer?

Expandi-me até ter tanto ar que eu própria já não era. Mas tinha dado a mim mesma instruções, de antemão, sobre o que queria fazer.

Sim. E estava alguém contigo?

Não. Tinha regressado. Senti-me ligeiramente nauseada. Fui para casa doente. Fui para casa e escrevi tudo. Agora gostaria de voltar lá outra vez. E ser interrogada quando lá estiver. Mas queria que alguém que entendesse estivesse presente para me trazer de volta. Ora, este seria o único uso que a mescalina teria para mim. Porque fui tão longe quanto posso ir em clarividência, até à beira desse precipício onde a mente quase recusa receber mais, por causa da cor, por causa da necessidade de mais oxigénio, por causa do ponto de quase rutura de exaltação em que se entra.
Pergunto-me, no entanto, se não poderia ser feito sem isso. Disseste que o que viste lá era uma imagem. Que querias dizer com isso?

Eles não falavam comigo. E assim, quando irrompi nesse lugar, deixaram de parecer carne e osso como são quando me sento e digo à Sra. Fulana: "O seu marido está lá e é isto que ele diz." Agora criei outra dificuldade para mim: está o marido lá? Está ele a dizer isto? Onde está ele? De onde está a dizê-lo? Estará a dizê-lo a partir desse território extraordinário e fantástico e será esse território da mente ou será um território para o qual eu voltei a fugir? Não vês? Quanto mais—bem, não sei—portanto estou mais longe da resposta do que alguma vez estive.

Pois bem, consideremos agora uma experiência como a de ontem. Apenas como hipótese. Haveria, seria possível, no que respeita a essa mulher, que as coisas que lhe disseste fossem todas coisas que ela sabia, mas que as sabia inconscientemente?

O que lhe disse estava fora do meu conhecimento.

Sim, mas eram coisas que ela sabia e tu não sabias? É correto dizê-lo?

Nunca a tinha visto. Nunca ouvira falar da sua existência. Lá estava o marido, lá estava o caso de amor, lá estava como ela era quando ele casou com ela, lá estava como ele era. Morreu de problema cardíaco. Negócios. Engenharia. Bebia. Encantador. Família. Tudo. No espaço de…

Teria sido possível que o tivesses obtido não dele mas dela?

Perfeitamente. Isto é, claro, é provavelmente daí que o obtive. Oh, ter passado por tantas coisas no espaço de tempo que tive.

Pois é aqui que está realmente a questão. Aí, algo ocorreu espontaneamente que te levou a outra dimensão ou aspeto. De algum modo, a tua consciência abriu-se então.

Mmmm, como muitas vezes acontece.

Sim, e…

A mesma coisa pode acontecer na Quinta Avenida ao passar por alguém, e eu diria de repente para comigo: "Esse homem vai morrer de cancro."

Sim. Agora, se uma pessoa entra e faz esse tipo de pergunta, quero dizer, como esta mulher fez, ela entra e diz…

Diz: "Estou em grande aflição."

Sim.

E eu digo: "Não me digas." Ela não tem de me dizer porque, aqui, mais perto de mim do que ela e muito mais vivificante do que ela poderia ser, está uma mulher que apareceu. É pequenina e um pouco decrépita, e até pensei comigo mesma que não aguentava o chapéu que ela tinha. Tiro-lho, tiro-lhe isto. Ela diz: "Sim, era assim que era com ela." E a mulher ficou estupefacta. Agora, queres dizer que todos nós temos essa taça de entendimento. Ninguém me fala de todos os homens por quem me apaixonei, e muitos deles morreram. Teria grande dificuldade em dizer-te a cor dos olhos deles ou os nomes dos pais deles ou quem eram ou qualquer outra coisa. No entanto, suponho que algures no subconsciente isso está armazenado. Mas, no meu

estado normal, teria grande dificuldade em recuar e lembrar-me. Levar-me-ia bastante tempo a desenterrar tudo isso; já tentei.

Mas se está em outra pessoa…?

Então, qual é o processo pelo qual acontece? O que acontece?

Supondo que quisesses fazer isso deliberadamente. Poderias fazê-lo deliberadamente? Por exemplo, agora, neste momento.

Não.

Mas se acontecesse. Acontece quando vais pela rua.

Não acontecerá. Não com dez. Porque aquele? Porque esta? Porquê? Que escolha? Qual é o gatilho? O que é? Percebes? Não me preocupa se vivem ou morrem ou se vi a morte ou não. Quero saber em que área estou.

São na sua maioria mortos, porém. Parece ser o caso com as pessoas envolvidas. Embora nem sempre. Se estás a diagnosticar alguém que está vivo…

Vou direta e ponho a mão em cima e digo: "É isso que é."

Ora, quando isto acontece, não tem de ser um dos teus amigos, pois não?

Oh, não quero os meus amigos perto de mim. Não faço isto com ninguém que conheça.

Quero dizer, não seria o Abdul ou o Ouvani a fazê-lo?

Não, apenas Eileen Garrett.

Sim, pois, era isso que eu pensava fazer hoje. Pensava tentar com o Abdul, pensar em duas ou três pessoas com quem estou a trabalhar e ver o que surgia. Mas pergunto-me se isso poderia ser também com Eileen Garrett.

Não sei. De qualquer modo, deixa-me adormecer e depois explico. E então tenta, um dia, com Eileen Garrett. É a única maneira de te responder. Muito bem, vamos tentar com Abdul. (Gemidos,

suspiros, respiração pesada, bocejos, etc., enquanto a Sra. Garrett entra em transe.) É-é eu, Oo-va-nii. Saúdo-te, amigo.

As minhas saudações, Ouvani.

A paz esteja contigo, com a tua vida, o teu trabalho.

Quererias falar comigo?

Bem, Ouvani, gostaria de falar acerca de certas pessoas que estão a trabalhar comigo psicologicamente e queria discutir as suas qualidades. Mas tinha pensado que Abdul Latif seria o indicado para isto.

Então retirar-me-ei para que Abdul Latif, bendito seja o seu nome, se apresente a ti. Assim seja.

Muito obrigado.

(Respiração funda adicional, gemidos, suspiros, enquanto a Sra. Garrett aprofunda o transe.) Bem, bem, meu amigo, tudo bem contigo? (Nota: Isto foi dito de modo caloroso e extrovertido, com um tom de voz muito mais cheio do que o usado por Ouvani.)
IP Sim. Obrigado, Abdul. É muito bom ouvir a tua voz novamente.

E quero agradecer-te a discussão que tivemos da última vez sobre o nosso amigo W., que me foi muito útil. E hoje estou a pensar em dois homens que estão a trabalhar comigo psicologicamente e pergunto-me se podemos discutir os problemas deles e os problemas e questões envolvidos em trabalhar com tais pessoas, uma vez que apresentam uma dificuldade que não é facilmente tratável. Diria também que escolhi estes dois homens para pensar porque têm algo em comum.

E um, creio, é mais velho do que o outro?

Sim.

Embora não muito. É o mais novo, se me permites dizê-lo, que para mim te apresenta um problema. Penso que ambos, conforme a impressão que recebo—deixa-me distinguir-te o mais velho. O mais

velho não pareceria apresentar problemas. Talvez para si mesmo. Talvez para aqueles com quem trabalha. Agora tomaremos o mais velho. Ele pode ter apresentado problemas. E esses problemas teriam, creio, sido agudamente sensíveis e problemas que penso que descobriste que estavam relacionados com uma profunda e aguda—uh—concentração neurótica de imagens no início da vida, onde sem dúvida ele não… Oh, creio que venerava o pai, pode não ter sido de modo algum compreendido pelo pai. Tinha um sentido muito definido de ser mais protegido e mais inclinado para a mãe. Era um homem afável. Um homem que, eticamente,

Diria eu, sempre tentou fazer o melhor. E, de facto, quando te digo "tentou", estou realmente a pôr o dedo no gatilho de parte da sua dificuldade. Porque tentou demais. Sempre foi moderadamente bem-sucedido. Não demasiado evidente para a família e talvez não para si próprio, mas passou por muitas tempestades e, já nos cinquenta, eu diria, finais dos cinquenta, chega a um ponto de sentir: "Bem, afinal não está assim tão mal." O grande problema dele ainda hoje é consigo mesmo. Do ponto de vista médico, ele pode não saber, mas olhando o homem tal como é exteriormente, penso que vai ter um pequeno problema de saúde. E o problema de saúde parece-me ter a ver com uma congestão antiga e, provavelmente, quando se lhe apresentar, como pode um dia acontecer, terá algo a ver com a próstata. Ele queixou-se, de tempos a tempos, daquilo que descreveria como uma sensação desagradavelmente cheia. Eu não diria uma dor.

Noto também que o tipo de composição deste homem tem sido, de certa maneira, dual. Pode ter vindo de uma família muito sensível e, eu diria, profundamente religiosa onde poderia, se tivesse sido livre para vaguear, livre para se exprimir com mais vitalidade, ter escrito, entrar no mundo das coisas criativas. Em vez disso, creio que teve de entrar no mundo—um mundo muito competitivo. Um mundo competitivo que, de tempos a tempos, o fez recuar e o magoou um pouco. Duvido que alguma vez—se aquilo a que chamas a corrente, o padrão de energia entre si e a produção biológica que—uh, como hei de pôr isto? Ele é o filho da mãe, percebes. A mãe deu-lhe muito mais

da força de caráter, muito mais das qualificações. Embora, ao olho exterior e visível, se assemelhe muito mais ao progenitor masculino, não o é na constituição. Não penso que este homem tenha, por assim dizer, problemas agudos. Penso que sempre sofreu no passado com outras pessoas, porque é essencialmente um indivíduo amante da paz e um indivíduo amante da paz que não possui o mais saudável espírito agressivo para se afirmar em certos momentos da vida pode descobrir, quando esses momentos passam, que a sociedade competitiva em que vive toma demasiadas coisas por garantidas. Não creio, portanto, que tenha sido tão conspirado contra quanto foi incapaz de agarrar aquele momento preciso, na sua constituição, em que deveria, por assim dizer, ter-se exprimido de modo saudável, agressivo e firme. Descobriste isto?

Sim, o problema, a parte principal do problema, é a passividade.

Exatamente. Agora, essa passividade, claro, não o prejudicou—digamos—demasiado exterior e visivelmente. Creio que atravessou a vida pegando nas funções da vida, tirando o máximo delas, não tendo uma vida muito excitante, como se consideraria em todos os seus aspetos, mas, apesar disso, cumprindo o seu dever e as suas obrigações conforme entendeu. Mas, com o método da mente que é o seu, acho que tem um cálculo matemático muito preciso.

Não.

Não achas?

Não.

Bem, teve.

Teve?

Teve.

Bem, ele não sente que tenha este princípio. É uma pena, porque houve um tempo em que o teve. Ele tem um cálculo musical.

Sim.

Pois então, se tem um cálculo musical, tem de ter um cálculo matemático.
Mmmm. Sim.

Porque não podes separar um do outro. Quer o tomes nesta oitava, quer o tomes em números, continuas a lidar com o mesmo problema. Portanto, o cálculo matemático algures terá sido, por assim dizer, suprimido; e tenho a sensação, de facto, de que este era um dos pontos fortes. Teria sido muito interessante recuar com ele, pelos primeiros aspetos da adolescência, e ver quem lá estava, entre amigos ou outros membros da família, alguém que teria sido três a cinco anos mais velho, que lhe poderá ter criado um sentimento da sua própria incompletude. Isto pode tê-lo entravado nas suas relações com a família, nas relações com o seu conselho de administração, nas relações com muitas pessoas. Mas, apesar de tudo, não tenho qualquer dúvida de que isto é uma supressão. Começou há muito tempo e eu diria que começou a manifestar-se por volta da idade em que estas coisas são muito articuladas e são suprimidas, na idade em que as glândulas começam a afirmar-se, quando a criança perde primeiro a sua inocência e assume os primeiros atos da criação. Aí, há muitos problemas ligados à sua personalidade.

Isso seria, queres dizer, nos anos da adolescência. Nos anos da adolescência, sim.

Na adolescência acerta bastante bem. Agora, o problema é ele sentir a sua incompletude e isto seria ele sentir a falta de—uh…

Um impulso sexual, um impulso vigoroso, o impulso criativo, o impulso para poder estar aqui vigorosamente e tomar essa parte da sua vida que não é apenas mental e espiritual, química, tudo isso.

Ah, pois. Creio que estás a dizer que o problema vem da incapacidade dele aceitar a sua individualidade no ponto em que a individualidade começa a crescer. Nesse ponto em que entra, onde o seu próprio eu começa a emergir.

Onde o macho se torna saudavelmente agressivo e onde a masculinidade tem de ser saudavelmente definida.

Sim, onde todo o fulcro de atitudes que acompanham tornar-se macho…

Um macho completo, não um macho na forma exterior e visível, mas um macho completo.
Sim, uma atitude masculina, ativa.

Masculina, ativa, progressiva. Sim.

Aqui, porque a evolução da espécie está nas suas mãos e deve certamente continuar. Ora, é aqui que este homem está ferido e eu imaginaria que, mais tarde, portanto, ele tenha ficado subjugado ao que chamaríamos—e não é verdade, se o observas, mas na sua própria mente—uma condição de vida de segunda classe.

Sim. Porque apenas uma parte de si vive.

"Eu nunca fiz realmente as coisas que queria." Nunca esteve completa e saudavelmente na cama com uma mulher e sentiu verdadeira e completamente "eu sou o deus, eu sou o senhor, eu sou a vida". Deixa-me pôr-to assim. Isto não lhe aconteceu. Não lhe aconteceu poder erguer-se ali, mesmo aos vinte e um anos, quando se entregou um pouco ao desporto, e dizer: "Eu sou o capitão da minha vida." Não é assim?

Sim, sim.

Consequentemente, vês que, quando tens uma ferida desta natureza na personalidade, não no corpo, isso começará a afetar-te em três lugares. Começará por te afetar, antes de mais, nas gónadas, pois aqui está o centro da primeira indução; aqui começarás a sentir as primeiras pressões. E, se sentes as pressões aqui, começarás então a senti-las no córtex suprarrenal e começarás, portanto, a sentir uma espécie de cansaço. O homem usa por vezes óculos?

Sim. Sim, dificuldade com os olhos.

Exatamente. Assim, quando o córtex suprarrenal não está a funcionar porque tudo não passa por essas múltiplas cadeias para alimentar o mecanismo secundário, que é a substância cerebral com

todas as suas instalações, começarás a descobrir que os olhos não brilham intensamente; por outras palavras, não são os olhos que falham, mas os olhos que foram embaciados. Quando a personalidade é embaciada, encontrarás o homem a procurar tomar uma esposa e talvez verás que isso está bem, mas, ao fim de três anos, algo começa a roer-te por dentro e então começas a ter várias formas de perturbações digestivas inquietantes. Mas isto não é digestivo de todo, porque a mucosa não está agora plenamente a vir à superfície, dando a saliva que deve entrar nos testículos e entrar na garganta.

A seguir, começas a notar que há aqui uma função (toca com a mão) e começas a notar, por vezes, uma limpeza da garganta porque a garganta não é o fino órgão sexual de expressão que deveria ser. E então, o que acontecerá, terás a recidiva e, por fim, começarás a encontrar, em idade bastante precoce, talvez por volta dos quarenta, uma incompletude nas atividades sexuais, quarenta e cinco, quarenta e sete, e começarás então a ver que o baço é ativado porque não está a transportar o que poderíamos chamar as energias precisamente necessárias ao padrão instintivo da mente que diz: "Cria e acaba com isso." E, finalmente, encontrarás congestão em todas essas áreas e, por fim, começarás a verificar que as salivas não chegam aos testículos e então tens outra agravação e começarás a ver que a próstata e a bexiga dão problemas, todas propensões, não um corpo, repara, de um sistema nervoso vegetativo. Agora, eu imaginaria que, se estendesse a mão assim, a mão tremeria. Já experimentaste?

Vou ver com ele. Penso que pode estar certo.

Notarás também que um pé é um pouco—não tão grande como o outro. Penso que, desde que está contigo, ri um pouco mais facilmente, está um pouco mais alegre talvez porque é, na tua presença, simpático e tu não te sentas em juízo e estás a prepará-lo para pelo menos desfrutar alguma parte da sua experiência de vida.

O homem não está doente, sabes disso. Em nenhum sentido da palavra. Porque, na estrutura óssea e no sistema nervoso simpático, ele é resiliente e penso que o coração é razoavelmente forte, embora ele te

possa dizer o contrário. A digestão está melhor do que ele sabe. Ele preocupa-se com isso, mas o verdadeiro problema está contido na coluna vertebral. Deita-o e põe toda essa coluna a abrir-se, desde o padrão instintivo do cérebro até aos pés, pressiona-a e faz com que ele obtenha algum estímulo no sistema nervoso, que, como sabes, está encerrado na coluna em duas bainhas. Quando começares a pôr as áreas deste sistema—este sistema vegetal—a trabalhar com algum grau de utilidade, então começarás a ver que o teu indivíduo se torna alerta. E eu diria que este homem precisa de caminhar.

Mudou ele de ambiente ou está prestes a mudar? Uhh, para sair para o bom ar, para se balançar, para se mover, para abandonar todas essas loucuras do que tem de fazer pelas pessoas, para largar, por enquanto, as responsabilidades que são suas e, se possível, fazer o que puder, mas, sobretudo, fazer o que puder por si. Esse é o teu indivíduo mais velho, mas penso que um indivíduo muito fino. Embora te tenha dito tudo isto, penso que este homem é muito correto; mas penso que está bastante inseguro quanto ao seu dogma religioso.

Ele é o quê? Inseguro nas suas crenças religiosas?

Sim, isto seria central.

Ele está bastante inseguro nas suas crenças religiosas. Não saberia, em nenhum sentido, escolher as suas imagens. Porque, de algum modo, na resposta da vida inicial—talvez algum membro da família doente, ou alguma situação familiar, ou mudança de vida—houve, em certa medida, um sacudir para o lado. Portanto, também havia com ele esta perda de segurança. E há a incapacidade, numa comunidade de pessoas, de entrar nela. Encontrá-lo-ás sempre bastante afável, bastante contente, penso, bastante satisfeito contigo; mas põe dez "tus" numa sala e ele espreitará na periferia do grupo. Tornar-se-á também não responsivo.

Terá muitas ideias finas e criativas, porque ele é tudo isso. Mas é preciso arrancá-las dele e fazê-lo reconhecer que tudo isto sempre lá esteve porque a personalidade—nos "teens", como lhe chamas, que é uma boa palavra—mas que a aproximação da adolescência, um pouco

antes dela e depois dela, foi, por assim dizer, maculada. O homem não está definitivamente doente, mas pode ser dado a depressões e essas depressões não são mais do que os humores negros; não vêm nada da alma, meu amigo, mas de um baço que não opera bem nem atua como um canal deve atuar entre pâncreas e fígado. É assim que o vejo.

O principal, o central, como indicas, é falhar e ser incapaz de aceitar verdadeiramente o seu próprio desenvolvimento. Achas que, se ele pudesse encontrar e exprimir o seu eu básico, os padrões físicos mudariam então?

Oh, claro.

Sim. E todos estes sintomas físicos são tensões.

Tensões, sim. Pressões, pressões. Também entrou nisso bastante autocomiseração, sabes, ao longo dos anos, pela simples razão de que ele reconhece muito bem que é muito melhor em inteligência do que a maioria das pessoas com quem trabalhou. Sabe também muito bem que outras pessoas tiveram promoções e avançaram em direções diferentes, para o mundo, numa altura em que ele não conseguiu trabalhar para o mundo; e, claro, em vez de se perguntar porquê e dizer a si mesmo: a minha taxa de inteligência e de compreensão, a minha viabilidade para o trabalho, a minha tenacidade são tão boas como as de qualquer outro—ele nunca conseguiu fazer o gesto que o produziria. Por outras palavras, nunca conseguiu fazer o rangido no momento certo que chamaria a atenção da comunidade. E, como não conseguiu fazer isto, obrigou-se a acreditar que, de certo modo, não é capaz de o fazer, que não teve a capacidade.

Não me digas que não teve a formação e não tem a capacidade, porque recuso acreditar, a menos que me digas que estou totalmente errado. Está tudo lá. Ele é de boa linhagem; vem de boa cepa. Biologicamente é um bom espécime. Instintivamente, o padrão está lá. Mas nunca conseguiu produzi-lo. Nem no ato de virilidade, nem no ato agressivo dentro de uma sociedade competitiva. Ao procurar algo, começa a vestir-se de todas estas velhas roupagens de autocomiseração e a puxá-las à sua volta. Agora tens de as rasgar, uma

a uma, e o que encontras dentro? A revelação: uma personalidade muito fina. Tudo isto foi coberto, foi escondido, e por não aceitar o seu eu básico.

Penso que ele foi uma pessoa muito sensível em jovem. As probabilidades eram de que fosse muito sensível. E provavelmente teve de desempenhar o que chamas um papel menor, por vezes. Pode também ter tido uma ligeira debilidade em mais novo e, em criança, e, infelizmente, ter tido de ser mimado, com o resultado, claro, de que isto é sempre muito mau para a personalidade. E, quando saiu para a vida, penso que nunca foi aquilo a que chamarias capaz de entrar no jogo competitivo com os companheiros de infância. Não era que essas coisas não o interessassem; era que era tímido e desajeitado. Bem, todos somos tímidos e desajeitados e, por fim, tentamos dar um passo e outro passo e, finalmente, descobrimos que conseguimos, talvez não tão alerta como o outro, mas, com persistência suficiente, fazemo-lo.

AL Agora há uma falta de persistência na sua constituição. E, por fim, os superiores dele disseram—qualquer pessoa que tenha trabalhado com ele te dirá que é um tipo simpático, mas difícil de lidar. E os homens dirão dele: "Bem, é um bocado enfadonho." O resultado é que ele tomou o lugar de trás e cobriu-se com estas muitas experiências. Mas dentro dele há um poeta. Há um homem que pode fazer quase tudo o que quiser, porque tem um ouvido muito bom, deixa que te diga, um ouvido muito bom. E, se tem um ouvido muito bom para a música, então não há razão para que não pudesse também ter sido muito bom na capacidade para os negócios.

Mmmm. Há uma capacidade básica enorme que seria…

Inestimável. Inestimável em qualquer lugar, inestimável em qualquer processo, porque ele é astuto e também perspicaz e também compreensivo.

Sentes que ele está a resolver as suas questões religiosas?

Penso que, se ele conseguir simplesmente agarrar um aspeto de Deus, ou digamos um aspeto de si próprio, teremos feito muito. Porque o que é Deus senão a relação do nosso eu com o impulso total.

Creio que, se conseguires estabelecer esta relação com ele, de modo que a possa aceitar, estás bem encaminhado. Não o farás sendo brando com ele, porque o mundo tem sido brando com ele. Ele não diria que isso é verdade; diria que o mundo tem sido cruel para com ele, mas não tem. O que aconteceu é que ele se retirou do funcionamento altamente necessário da competitividade da verdadeira personalidade masculina, não adulterada, que é o seu direito e a sua lei e justiça.

Por outras palavras, tem realmente sido tímido em afirmar a atitude masculina básica perante a vida.

Em todos os momentos.

Sim. E isto poderia ser alcançado se trabalhássemos…

Sabes tão bem como eu que os homens ficam apreensivos com estes fracassos. Não são curados por médicos, no sentido de lhes poderes dar este medicamento ou aquele. Não podes. Só lhes podes chamar a atenção para certas fases da sua própria incapacidade, em certas fases da vida, para saírem e tomarem os remos nas mãos e trazerem a experiência para si e não terem medo do fracasso—tu sabes disso. Todo o jovem, perante uma experiência física, tem medo dela. Sabes que é verdade; sente apreensão. É algo para ele, é uma aniquilação em certo sentido. Mas tem de ficar forte dentro de si; não o pode obter dos seus pastores ou mestres, nem da mãe, e muito raramente do pai, de quem tem uma consciência hostil, porque agora é a sua posição estabelecer a sua masculinidade e tem de empurrar o pai com a sua arma. Consequentemente, nunca conseguiu fazer isso nem estabelecer-se. Mas não se deve a qualquer falta na qualidade química do corpo. Deve-se às feridas da personalidade. Agora, ele tem também vaidades especiais, sabes. Uma vez que arranques algumas dessas—uh, chamemos-lhes exageros. Sabes que se pode dramatizar muito uma posição até deixar de caber num espaço pequeno. Podem construir-se coisas à volta até se perder o espaço de ar. Foi isso que ele fez.

Sim, atrofiou-a um bocado.

Atulhou-a, de modo que não entra luz nenhuma.
Sim, há que abaná-la e soltá-la; sim, para que se possa respirar através dela, sim.

Acreditas nas técnicas que podem soltar todo este sistema vegetativo do corpo—boa massagem profunda, boa terapia profunda que atinja os sistemas vegetativos, que os solte, o abra ao bom ar, o ilumine, lhe dê, pela primeira vez, um pouco de vida ao fim desta longa visão telescópica que está fechada.

Mmmm.

Ele tem afeto por ti?

Sim, acho que temos uma boa relação.

Tendes uma relação simpática, uma relação que pode perdurar. Ele respeita-te. Precisa de ti. Há uma qualidade de perseverança na amizade dele. Penso que outras pessoas tentaram ajudá-lo sem sucesso. Creio que tens compaixão. Creio que vês que a sua grande necessidade vital está em toda a região do impulso criativo; o Deus interior e o Deus exterior estão-lhe perdidos, percebes.

Ele tem de se tornar o Deus interior, e isto não meramente em sentido verbal.

Oh, não, não. Já tentaste com ele, se tiveres tempo, pôr-lhe a extrair algumas dessas experiências? Em tempos, creio, foi bastante bom artesão com as mãos, não foi?

Sim. Ele sabe pintar.

E o seu desenho técnico? Ser-te-ia muito elucidativo, quando estiveres a falar com ele, pedir-lhe que pegue num lápis. Penso que ele pinta com bastante liberdade. Mas, se pudesse pegar num lápis e desenhar uma planta, creio que notarias, à medida que começasse a desenhar essa planta, quão pequeno ele faria certos espaços do seu quarto. E, se pudesses fazer isto com frequência suficiente com ele, até que tivesse construído uma espécie de quarto maravilhoso em que pudesse ter ar e sol à sua volta, terias também esse quarto dentro dele.

Não sei quanto acreditas que um homem pode escrever, desenhar ou pintar a experiência que o mantém prisioneiro dentro de si. Mas poderá ser uma medida muito terapêutica.

Neste caso específico, parece-me que seria.

Neste caso específico, estás a pedir-lhe que faça algo que lhe agrada. Estás simplesmente a dizer-lhe que queres que ele conceba algo.

Conceber uma casa. Sim. Muito interessante.

Notarás que, à medida que a concebe, verás que haverá certas partes dessa casa que são exíguas em comparação com as outras partes. E, ao olhares para o projeto, começarás a ver exatamente o que se passa e que ele está a deixar um caminho muito pequeno, de facto, para a sua própria personalidade. Podes fazê-lo sem, de modo algum, lhe causar desconforto e estarás a trabalhar com ele numa área de bom ajustamento.

Sim, creio que isto é realmente uma sugestão admirável, porque…

Ele tem essa habilidade, percebes; consegue fazê-lo—e, quando te disser que não consegue medir no seu espaço de linhas, não o ouças, porque está bastante familiarizado com o vosso sistema métrico. Tem um olho muito bom para o detalhe. Tem um olho muito bom para o espaço. Ora, se estes estiverem distorcidos—e verás que alguns estão—claro que todo o seu conteúdo matemático há de estar distorcido. Então, talvez, quando o fizeres desenhar, ele comece a recordar certas coisas nas suas próprias motivações e terás acabado de desatrancar um quarto, um sótão, que esteve cheio de entulho durante muito tempo; e, uma vez que o limpes, começarás a sentir que ele está a dar excelentes passos.

Tenho a sensação de que tocaste em algo—a palavra aqui seria "engenhoso". É algo, Abdul, que pode ser um modo de chegar a esta pessoa.

Chega ao que ele sabe que consegue fazer. Ele sabe que consegue.

Sim. Ele sabe que consegue fazer isto, permitir-se-ia, teria também interesse.

Teria interesse e seria algo que não começaria a negar a si mesmo.

Sim. E, no desenho objetivo da planta, isto estaria "lá fora" para ele; trabalharia nisso enquanto algo lá dentro estaria a ser…

E, enquanto trabalhava nisto, poderias chamar a atenção dele, se começasses a ver as manchas escuras ou os pontos de desajuste ou o lugar onde ele não está, porque, nalguns sítios, não estará bem em equilíbrio, pois dentro de si há esta timidez, esta falta de equilíbrio. E encontrarás um canto dessa habitação que não estará bem conforme o resto. Esse canto da habitação está dentro da sua própria visão.

E, à medida que desenhar as plantas dessa casa—esta será uma casa exterior e uma casa interior. E é uma casa que, penso, é verdadeiramente o símbolo adequado para ele.

Uma casa é o símbolo para ele. É a casa em que habitará, por um lado, e é também algo com que tem andado a brincar. E quero que ele diga simplesmente: "Pois bem, onde teríamos este lugar? Onde o havemos de assentar? Havemos de o assentar num sítio fora do território onde estamos agora? Havemo-lo de assentar no campo? Claro que precisaremos de espaço, precisaremos de ar, precisaremos de um lugar para andar e pensar. Então construamo-la agora, como se tivéssemos todos os tijolos e argamassa e todas as ferramentas." Mas trabalhemos nisto, porque me apraz sobremaneira pensar nisto e talvez descubramos algo que nos possa ser muito útil. Ficaria muito interessado em ver se isto não o excitava e derrubava algumas das barreiras insistentes que têm continuado, eu diria, começando há quarenta anos. É muito tempo para manter lixo na cave.

Sem dúvida, e não duvido: se eu pegar nesses quarenta anos—dá-se ou tira-se um par de anos—e subtrair isso à idade dele,

encontraremos o ponto de que falaste antes. Sim, esse seria o ponto em que a atitude ativa deveria ter surgido no que respeita à sua masculinidade.

Sim, no momento em que a masculinidade ficou apreensiva e a sua fraqueza se mostrou primeiro. É o que eu pensaria.

COMENTÁRIO
SOBRE A CONVERSA N.º 2
COM ABDUL LATIF

Nesta conversa em estado de vigília com a Sra. Garrett temos um bom indício do tipo de conceção do espiritualismo que ela está a tentar superar. Durante muitos anos, ela viu-se na posição de falar com o "marido falecido da Sra. Tal" ou equivalente e, cada vez mais, passou a sentir que isto é uma conceção estreita, literalista e excessivamente personalizada da imortalidade. No decurso deste trabalho, enquanto exercia como médium profissional usando a hipótese espiritualista para estabelecer ligações familiares com os mortos, surgiram nela outras hipóteses. Algumas estão, sem dúvida, relacionadas com o seu trabalho com G. R. S. Mead e outros envolvidos em estudos gnósticos e de ocultismo, mas ela não conseguiu convencer-se intelectualmente da verdade de nenhuma dessas visões, em parte por se sentir impressionada, como pessoa moderna, pelas novas teorias e investigações das várias disciplinas psicológicas.

Consequentemente, não houve qualquer teoria única que a Sra. Garrett tenha sido capaz de aceitar de todo o coração como resposta à pergunta sobre o significado das suas experiências medianímicas.

Teve de continuar a procurar. Pela natureza das coisas, houve apenas uma conclusão acerca da qual ela foi definitiva: a hipótese espiritualista de sobrevivência e comunicação em termos de entidades pessoais é totalmente inadequada. As declarações de Abdul Latif, na conversa anterior, e as declarações de Tote e Rama nas secções que se seguem são indicativas das suas tentativas de encontrar respostas mais satisfatórias para estas questões.

As experiências que a Sra. Garrett descreve aqui impressionam-na como tendo uma força e validade comparáveis ao que se passa quando está em transe medianímico. Nesse sentido, parecem-lhe ter uma realidade que envolve uma dimensão transcendente da realidade. Estas experiências da Sra. Garrett, porém, parecem ser instâncias espontâneas de Imaginário Crepuscular comparáveis às descritas no Capítulo IV do meu livro *O Simbólico e o Real*. Neste procedimento do Imaginário Crepuscular, o indivíduo fecha os olhos e encoraja a aparição de imagens no ecrã do olho da mente; e muitas vezes essas imagens têm um poder de efeito transpessoal. Habitualmente é necessário cultivar conscientemente o fluxo destas imagens; mas, nalguns casos—particularmente no de pessoas como a Sra. Garrett, cuja psique é especialmente fluida—o fluxo imagético pode surgir espontaneamente e em momentos inesperados.

Nessas alturas, possui frequentemente um poder marcadamente numinoso e exerce um efeito emocional fortemente excitante. É necessário lembrar, então, que essas imagens são expressões dos níveis profundos da psique, com toda a riqueza de implicações que isso comporta. Voltaremos a este ponto mais adiante pelas comparações e sugestões que oferece.

A sugestão que faço aqui—de que a eficácia da Sra. Garrett nestas experiências clarividentes pode depender de uma faculdade peculiar que ela tem de ler não a mente consciente, mas a mente inconsciente—tem provas consideráveis a sustentá-la. Parece aplicar-se a bastantes das sessões que tive com ela, particularmente nas experiências em que mantive na mente o estado de determinados pacientes sem lho dizer, pedindo-lhe que tentasse descrevê-los

clarividentemente. Nessas ocasiões, o seu grau de exatidão pareceu depender da capacidade de ler os níveis não conscientes da minha mente. Fê-lo em transe, mas aparentemente também o fez em vigília, em algumas ocasiões em que estive presente para observar. Devemos ter em mente, porém, que, embora esta hipótese possa ser correta como explicação de alguns aspetos do trabalho clarividente, certamente não explica os aspetos mais amplos das experiências da Sra. Garrett.

A entrada de Ouvani para desobstruir o caminho e depois a sua retirada para permitir a entrada de Abdul Latif dramatiza o seu papel básico de porteiro da psique da Sra. Garrett.

Até aqui, Abdul Latif tem sido razoavelmente exato de modo generalizado. Senti-me à vontade para confirmar a qualidade de passividade depois de descrita.

A insistência de Abdul Latif nas capacidades matemáticas do indivíduo pareceu-me algo desviada, mas a focalização das dificuldades na época da adolescência pareceu-me bastante correta.

Aqui Abdul Latif foi muito certeiro, embora, claro, se trate de um ponto geral.

A coisa interessante aqui é que, embora eu não o tivesse mencionado na conversa com Abdul Latif, o homem em questão tinha-me apresentado, poucos dias antes, um esboço de parte de uma casa. Era em parte uma fantasia ligada a algo que surgira na sua situação de vida. Trabalhámos nisso um pouco e voltámos a trabalhar nele em sessões subsequentes. O aspeto "engenhoso" disto foi Abdul Latif tê-lo referido sem eu o mencionar verbalmente. Isto pareceu-me um caso em que a Sra. Garrett, estando em transe, foi capaz de ler telepaticamente pensamentos e intuições sobre a pessoa que eu reunira em sessões anteriores com ele, mas que nem sequer tinha articulado conscientemente para mim próprio. Nesse sentido, a sessão foi talvez mais útil para mim do que para o paciente, na medida em que a Sra. Garrett conseguiu cristalizar e verbalizar para mim pensamentos e

intuições que jaziam dormentes nos níveis subconscientes da minha mente.

Talvez este não seja o grande papel espiritual e metafísico que lhe tem sido atribuído, mas é provavelmente o efeito mais útil alcançado no trabalho clarividente e medianímico popular. Não toca, claro, nos aspetos mais amplos das experiências da Sra. Garrett, como estes ficam indicados nas conversas com Tote e Rama.

PARTE III
CONVERSAS
COM TOTE
O Dador da Palavra

CONVERSA N.º 1
COM TOTE

(EG geme, suspira, entra em estado de transe.) Sou eu, Ouvani. Saúdo-te, amigo. A paz esteja contigo e com a tua vida, sobre o teu trabalho e dentro da tua casa. Peço-te um momento, pois não vim para ficar, apenas para me certificar da tranquilidade do meu instrumento e abrir o caminho às perguntas que desejas apresentar a um dos nossos amigos venerandos. Abdul Latif pede, portanto, que deixemos o caminho livre para ti e, dentro de instantes, outro falará contigo, embora eu permaneça perto para fechar a porta. Assim, Tote explicar-te-á ele próprio a sua presença, e eu ofereço-te as minhas saudações e deixo-te com a porta entreaberta. (Preliminares de gemidos.)

(Outros gemidos, suspiros e respiração profunda enquanto Ouvani se afasta e entra outra figura com voz e sotaque diferentes.)

Agora, meu amigo, queres trocar palavras comigo?

Sim. Tu és Tote?

Sou conhecido como aquele a quem chamam Tote.

Sim. Podes dizer-me algo sobre a tua natureza?

Sim, creio que me será muito fácil explicar-te. A minha natureza é universal. É o sopro da vida. É o sopro dos elementos. É o sopro da tempestade e o sopro das estrelas. É o sopro dos tempos, o sopro do mar, o sopro das correntes que correm. É, na verdade, o sopro da vida que é tanto quanto aquilo que reclamarás para ti, ou eu reclamarei para mim. Pois é este elemento que torna possível encontrarmo-nos para uma conversa amistosa. Mas fui considerado por alguns homens um símbolo do bem e, por outros, um símbolo da liberdade, um símbolo daquilo que está dentro da constituição do homem, por outros ainda, um símbolo desse lado criador do homem. Não poderei então chamar-me, com verdade, em relação a ti, o princípio criador da vida? E, se sou então o princípio criador da vida e fui conhecido como tal em vida, é óbvio que, se fui, sou. Se sou, tenho de continuar e, portanto, devo ter para mim mesmo um duplo significado — para mim e para todos os homens. Agora, tem paciência um momento. Na ortodoxia da tua época, não tenho lugar?

Não. Não, não te conhecemos.

Não tenho um lugar, mas isso não significa que eu não seja muito, muito importante; já tive o meu lugar.

Sim. Podes falar-me desse lugar ou desses lugares?

Tenho sido e, o que é sempre mais importante para te lembrares, estou sempre no coração do homem em sofrimento. Sou o símbolo do próprio homem, multifacetado, de muitas arestas, de muitos lados. Fui tomado segundo o modo do homem — chamemos-lhe o agrado do homem — e chamado por muitos nomes; segundo o processo do seu entendimento fui nomeado. Fui conhecido como o mensageiro alado, fui conhecido como aquele que viaja por mar, pelo vento, pelo ar. Os fenícios fizeram as suas estátuas para colocar nos navios e os homens fizeram estátuas para pôr nos contornos dos seus deuses. Deram-me muitos dos rostos do homem. Mas, no teu tempo, não creio que eu tenha rosto, eh?

Não, é assim.

Logo, quem não tem rosto não é, portanto, suspeito.

Sim.

E pode, digamos, andar livremente à vontade. Onde, então, pergunto-te, achas que estou? Na vida, se não tenho rosto; e, no entanto, faço parte da história do homem. Não estarei eu em cada sopro que ele inspira, em cada desejo, em cada voluntarismo, dentro do seu anseio, dentro do seu conceito de fazer, de criar? Não serei eu o criador dos seus sonhos? E não serei também o perturbador dos seus sonhos? Não serei, portanto, muito, muito definitivamente, um elemento fixo? O facto de não me conheceres por nenhum dos nomes pelos quais os teus pais e avós e as gerações anteriores me conheceram não tem importância alguma. Estou lá como, chamemos-lhe, uma rocha, a estrutura de toda a mescla do homem. Ter eu um nome como símbolo para esta geração ou para aquela é indiferente. Posso chamar-me por mil nomes e lidar com mil nomes e lidar com mil níveis de conhecimento. Porque razão, então, neste ponto não estou quedo, perguntas? Porque sou o perturbador da paz? Porque sou.

E porquê, por que disseste?

Quero saber se tens alguma ideia de porque sou o perturbador da paz.

Bem, seria porque algo no homem moderno causa essa perturbação?

O homem moderno trouxe-se à beira daquele lugar, nota bem, onde pode apagar-se a si mesmo. Ora, não está nos posicionamentos fixos das estrelas, nos seus cursos monumentais, que deva fazê-lo. Acreditas nisso?

Sim, acredito.

E, no entanto, por qualquer chamado desejo — e este é o único pecado, o não saber, esse é o único pecado: não saber o que faz — pode projectar o seu universo num tal estado de ignorância que perde completamente o rumo e pode então, por doença e enfermidade e por tudo quanto produziu dentro da falta de equilíbrio, desaparecer. Ele

poderia fazê-lo, acredita. Não te falo levianamente. Ora, existem estas estruturas fixas, acreditas, estes níveis fixos de interpretação.

Existem estes monumentos fixos de entendimento. Existem estas inter-relações entre um e outro de todos os símbolos infinitos. Chamo à Terra um símbolo. Tu és um símbolo. Eu sou um símbolo. Somos todos símbolos, instrumentos, se quiseres, simples brinquedos, se quiseres, de uma inteligência maior do que a que possuímos. Mas estamos a caminho de a tentar possuir e, por causa da crassa ignorância e estupidez e desumanidade e intolerância e indecência com que o homem olha hoje para a sua vida, trouxe sobre si um destino extremamente difícil de compreender. Um destino que não foi produzido em todos os homens ao mesmo tempo, antes. Portanto, tens de saber que as vagas de qualquer mar de um homem hão de afetar as vagas do oceano. Acreditas nisso? E acreditas que os ventos que sopram ternamente sobre a face de um regato tranquilo podem ser irmãos da tempestade que destrói montanhas e cidades, sim?

Sim, de facto.

Muito bem. Então estamos relacionados com o passado, não estamos? Somos filhos do passado. Fomos construídos, gene a gene, estrutura a estrutura, cadeia a cadeia, seja qual for o termo que prefiras, sobre o passado. Somos, portanto, responsáveis por ele, não é assim? Seremos então apenas responsáveis pelo passado ou seremos também responsáveis pelo futuro?

Pelo futuro também.

Em tempos, portanto, de grande assédio, é que os homens perdem a sua bondade e perdem o senso de aptidão para governar e, em tais épocas, os panteões dos que compreendem, dos que já passaram, dos que têm uma mão — e, quando digo uma mão, falo daqueles que estão a fazer a evolução — têm de fazer a evolução em virtude dos que já passaram. Vês, o modelo é sempre o mesmo. O modelo de cada edifício está relacionado com todos. Regressa onde quiseres na história e verás que o simbolismo é construído sobre exactamente o mesmo modelo. Verdade?

Sim.

Há alguma diferença entre o que as pessoas acreditam hoje e o que acreditavam há cem mil anos? Há cem mil anos olharam para a vastidão com inocência, viram erguer-se o doador da vida e olharam para si mesmos e eram os criadores, não eram? Viram-se como dois tipos, o que chamais homem e mulher. E culpa-los se começaram a pensar que eram, de facto, como deuses? Porque são, sabes, em formação. Consequentemente, tens aqui todos os sinais e aspetos que nasciam com a aurora e se punham com a noite. Eram os governantes; depois havia as tempestades e havia os oceanos e havia os ribeiros, e eram todos modelos dentro do universo das partículas que dão vida. Estes tornaram-se para os homens aquilo a que hoje chamam mitos, creio. Tornaram-se-lhes importantes, para que encontrassem palavras para os designar. Eram os padrões da inteligência infinita pela qual a palavra é composta e mantida unida, não por aquilo que o homem faz, mas às vezes por aquilo que ele não… Faz, sim. Verdade?

Sim, de facto.

Portanto, este grupo com o qual estás a contactar tem feito este tipo de destruir e criar desde o princípio dos tempos. É isto que o nobre médico te diz: “Eu sou e sempre serei.” Assim serás tu, porque és. Por isso, sempre hás-de ser. Tudo o que acontece em toda esta galáxia de movimento é mudança. Verdade?

Sim, de facto.

É só isso.

E a mudança, tal como ocorre no homem, é a tua área especial?

É isso, uma área especial na qual todos estes aparentemente inocentes com quem estás em discurso estão ligados. Repararás, na mudança de cada época — poderemos chamar-lhe mutação — em que a ordem social do homem cresce ou se quebra, que há aquilo a que chamaríamos um grande afluxo do inconsciente, e o inconsciente começa a produzir imagens, tanto construtivas como destrutivas.

Aconteceu que olharás através — uh qual é a história com a qual estás mais familiarizado — uh qual havemos de tomar?

Diz, os Israelitas.

Sim, agora, bem, o que está a acontecer aqui. Olhas para isto e viste como este padrão está para sempre a mudar e para sempre a tornar-se o mesmo.

Posso fazer esta pergunta, já que me ocorreu mencionar os Israelitas? Os Israelitas, especialmente nos primeiros tempos, nos dias do Antigo Testamento, estavam preocupados com um deus particular a quem sentiam ser um deus sem nome. Tens alguma relação com esse deus?

Hoje, não gostam de pronunciar o nome de Deus. Isto porque sabem que Deus tem muitos nomes, não é assim? E sabem, portanto, que é muito sábio e muito justo e muito correto que ele não seja chamado, que a sua atenção não seja chamada demasiadas vezes. E, sendo homens muito sábios, não o chamaram eles por vários nomes?

Sim, chamaram, sim.

Mas o verdadeiro nome não é muitas vezes pronunciado. Não seria uma grande bênção para os homens se tivessem hoje o mesmo respeito? Mas toda a gente fala do doador de tudo, o grande motivador do todo, como se estivesse pessoalmente muito próximo dele. Não creio que tenha havido na história da humanidade — e digo-o com ponderação — um tempo em que toda a humanidade estivesse em motim contra ele, usando porém o seu nome para o enganar. Importa-te que eu diga isto?

Bem, penso que é assim. Mas perguntei-me se tinhas alguma relação com esse deus com quem os Israelitas sentiam ter ligação. Ou a tua vida pertence a outra área, de outro estilo?

Como poderia ser muito diferente? O homem que tirou o teu povo da servidão, metaforicamente — embora ele existisse — de onde obteve a sua verdadeira interpretação? Ele conhecia-me. Conhecia-me bem.

Moisés conhecia-te? Sim, podes dizer-me isso? Podes dizer-me como foi, com Moisés?

Não poderia ter sido um grande legislador se não fosse um grande buscador.

Sim, sim, acredito nisso.

Acredito nisso profundamente.

Ele não poderia ter absorvido tanto do sofrimento e da implacabilidade e da hipocrisia e da idiotice e da tolice do povo com quem vivia — os egípcios, com quem talvez eu também tenha tido muito a ver, e de quem te falarei um dia, e muito — sem também se tornar, dentro de si mesmo, um homem que tinha de clamar para compreender o que lhe estava a acontecer. E o que era ele? Era mais do que um profeta.

Sim, era.

É verdade que falou com Deus. Falou com Deus?

Porque, quando um homem está em tormento, quando já não se reconhece a si mesmo mas reconhece que ele próprio não é mais do que um monumento a algo ainda maior, e na sua agonia tem de pedir ajuda. E invoca a divindade com tudo o que nele há. Então, a esse homem é dada inspiração e ajuda.

Então foi assim com Moisés?

Foi assim com Moisés.

E tu, Tote, prestaste alguma ajuda a Moisés?

Prestei ajuda e não prestei. Porque o meu método, claro, é, antes de mais, erguer aquela parte do tabernáculo que pode ser destruída.

Erguer aquela parte do tabernáculo que pode ser destruída?

Sim. Agora pensa bem nisso.

Com isto queres dizer aquelas crenças, ensinamentos e atividades que pertencem ao mundo dos homens, é isso que queres dizer?

Sim, é isso. Sempre foi o meu lugar, na vida, aparentemente derrubar, para, no entanto, proteger o pouco que há para proteger, que é ao mesmo tempo tão magnífico e avassalador. Portanto, tenho sido e continuarei a ser — e sabes que continuarei a ser, e sabes que continuarei e devo continuar — enquanto existir a forma através da qual esta parte da empresa é conduzida. Porque, existindo, tem de ser vertida até que esta experiência a que chamas homem esteja concluída.

Se não houvesse homem, haveria tu, Tote? Não?

Sim, mas informe. Sim, haveria, mas não haveria o Tote.

Como assim?

Não estarias a falar com ele.

Haveria a palavra, mas não o falante?

Exatamente. Porque vês que faz parte do seu trabalho, faz parte do seu elemento — digamos assim —, na lei universal, que é externa à humanidade e também interna a ela, que sem a palavra não podemos confundi-lo, certo? Sem confusão, ele não pode sofrer. Sem sofrimento, não pode experienciar, não teria modelo contemplativo, não é verdade?

Sim, muito verdade.

Portanto, qual é a minha parte em tudo isto? É, ao mesmo tempo, seduzir para trazer a palavra. Ora, a palavra pode muito bem confundi-lo, e vives numa era, meu filho, que poderíamos descrever como a confusão da palavra.

Sim, vivemos.

Muito bem, portanto, há muito para eu fazer, como tem havido muito para eu fazer em muitos destes grandes clímaces. Agora, não penses que somos novos nisto; somos antigos nisto. Temos aparecido em todas as aflições do homem, em todo o desejo decisivo do homem de, digamos, obliterar-se a si próprio.

Quando apareces, Tote, apareces apenas no fim de uma civilização? Ou apareces em cada geração?

Em cada geração. Cada geração traz-nos à cena. Sempre que o homem se faz para si um novo — chamemos-lhe, já que falámos em termos do padrão israelita —, um novo cálice de ouro.

Sim. Agora, em—

E é tua tarefa ajudar o homem a queimá-lo?

Agora vês, portanto, que eu sou e não sou.

Sim. Agora queres dizer algo sobre o que desejarias fazer agora, nesta geração?

Bem, creio que estamos a… — não desejo que uses estas minhas palavras — apenas para o teu próprio entendimento —, creio que tal conhecimento é extremamente perigoso e não seria bom que o pusesses perante o mundo, porque te tornarias meu amigo e, portanto, altamente suspeito. E gostaria de falar contigo muitas vezes, em diferentes aspetos destas coisas que aconteceram e que são paradoxais em relação ao que estamos a falar hoje, onde eu apareço em toda a bondade, porque tenho de ter ambos os lados.

É por isso que te peço que retenhas de mim o reflexo que quiseres e que saibas que te falo agora não pelo nosso instrumento, mas por ti. Estamos a trabalhar juntos, creio, pois, se eu não pensasse que estavas a trabalhar em direção a algo que é ao mesmo tempo bom e não bom, eu não estaria aqui. Não terias a tua utilidade. Para fazer o bem, como dizes do teu Moisés, ele teve de derrubar. Portanto, hoje, o homem está muito ocupado a arrancar. Mas está a arrancar a um ritmo tal, e sem compreensão. É isto. Pelo menos o teu grande líder sabia por que concebeu esta estrutura e por que concebeu a ressurreição. Ele sabia o que fazia. E, por isso, a sua imagem teve de ser preservada e está preservada no mundo. Vês a sua importância. Enquanto estivermos a passar por esta condição de ter de arrancar para fazer melhor, a sua imagem tem de estar lá.

Sim.

A sua imagem tornou-se mais profunda para muita gente. E verás esta imagem tornar-se ainda mais profunda com o passar dos anos. Agora, não saberás em que forma eu virei ou falarei contigo, mas digo-te que estarei aqui, dentro desta esfera de luz e trevas, em muitas imagens, em muitos empreendimentos. Assim tem sido desde que o homem fez a sua primeira aparição; este é, então, o meu recreio, esta é a minha região, esta é a minha cultura, esta é a minha atmosfera. E, no entanto, não é nada disso. Percebes, tens de passar para o outro lado, que é o lado da luz.

Agora deves olhar comigo para o que é. É aqui e agora parte do Grande Todo-Poderoso, magnífico, contínuo. É sagrado, é abençoado, está para além do conceito do homem, e ele procurará puxá-lo e rasgar-lhe as entranhas. E eu, meu filho, acredita bem, devo ajudá-lo a rasgar esta santidade, a rasgar esta inocência. Depois devo tomar o outro lado disso e ajudar a curar esse lado e, se possível, fazê-lo compreender o que rasgou. Agora, o que estás a fazer aqui? Neste momento estás a derrubar, quer o saibas ou não, as filosofias de alguns dos mestres que seguiram um pouco à tua frente. Sabes disso?

Muito provavelmente.

Consequentemente, chegaria o momento em que, de uma forma ou de outra, eu me encontraria contigo. Não é possível, não é assim?

Sim, talvez. Talvez eu tenha, de uma forma ou de outra, andado à tua procura.

À procura disto, para compreender o significado de todas estas mudanças. O homem, hoje, parece estar assustado e, no seu temor, faz coisas que são, segundo outros homens, más. Mas tu e eu sabemos que a natureza do homem é má e não má. Boa e não boa. E sabemos que, se há isto no coração do homem para o fazer, então temos de abrir esse coração e drená-lo do sangue da escuridão, não devemos? Sim, é para isso.

Ora, não é isto o que tem acontecido? É por isso que, sempre que o nosso instrumento faz uma pergunta, eu lhe respondo de uma maneira ou de outra — nunca plenamente, repara. Porque não pode

ser pleno. Não pode ser completo. Porque é que lhe dou respostas? Pela simples razão de que ela é uma das páginas dentro da folha do livro, virando-as profundamente, com cautela e preocupação.

Assim, tal como se guardam e guiam as luzes pelas quais se atravessam as cavernas da alma, assim se guarda e guia, induzindo em erro para interpretar. Sou uma parte muito importante da sua compreensão. E, embora nem sempre seja visto, e não haja razão para que seja visto por aqueles que não compreenderiam, contudo, se fores observar algumas destas coisas que aconteceram, talvez chegue o dia em que te possamos revelar mais. Verás que, tudo o que foi destrutivo, eu ajudei a destruir. E tudo o que é bom e revelador eu ajudei a revelar. Agora, isso dá-te alguma noção de qual é o meu papel e função na vida?

Sim, creio que sim. Fazes isto, cumpres este papel, quer estejas a falar ou não? Na verdade, sobretudo quando não estás.

Sim.

És diferente de outros do teu grupo, nisto de estares sempre com ela, de estares com ela de dia e de noite?

Sim. Oh, sim. Pois eu estou lá, relacionado com ela, como estou relacionado contigo, como estou relacionado com todos os homens. Mas ela tem, pelas suas capacidades de projetar, de tomar a dimensão do eu e do não-eu, de tomar esta dimensão para fora do inconsciente já-para-ser-criado — já para ser criado, nota bem. Porque é com isto que lidamos. É a plenitude fecunda da matéria ainda não transformada em experiência. Portanto, não te preocupes com o simbolismo. Eu pertenço a isso. Eu sou isso. Sou parte do grande redemoinho de energia e memória e completude e incompletude. Assim, deves saber: não como personalidade, não como personalidade, mas, para que haja interpretação, eu tomo a minha forma.

Para que possas ser visto, ou para que se fale contigo?

Mas de onde a tomo eu? Do grande inconsciente. Posso vestir-me de muitos moldes, mas tenho um conveniente que apela à nossa

sensualidade. Porque é através da sensualidade que eu trabalho, não através da completude, não através do justo, não através do altar sagrado, mas através da sensualidade da expressão encontro o meu caminho.

Mhmm. Através do desejo.

Sim, com efeito. Ora, então, tu és a essência, o criador de símbolos.

O criador de símbolos. Posso projetá-los no ecrã, fazê-los mudar a si mesmos. E isto, creio, já foi dito de mim, não foi? Eu trouxe estas palavras, transformei-as em atos, transformei-as em imagens, transformei-as em criações artísticas, trouxe estas mensagens dos deuses — e não me entendas mal, há deuses.

Há deuses?

Há deuses. Os homens, na sua completa inocência, estavam mais próximos da verdade. Com isto quero dizer que existem diferentes ordens. Teria de ser assim. Compreendes, o conhecimento, enquanto conhecimento puro, tem de se filtrar, não tem? Tem de vir por via, por força da compreensão. O mais pequeno conceito humano tem direito ao seu conhecimento, mas, se lhe chega em grande aparato, ele assusta-se e não o consegue conceber; portanto, não te esqueças de que o teu universo é ordenado — todo o universo, agora — de tal modo que há ordem e, dentro da ordem, a disciplina da forma. E a forma é aquilo por que uma interpretação se torna possível ao ser visual do homem, não necessariamente aos olhos, mas ao ser visual-conceptual.

Agora, o que ele faz com isso é a sua parte na criação. O que ele faz com essa forma — podem ser formas artísticas, podem ser distorções de todas as naturezas e tipos — mas, se o são, lembra-te também de que estão relacionadas com a própria destrutividade conceptual do homem. É por isso, hoje, que o vosso simbolismo e a vossa arte e as formas criativas são aquilo a que chamarias “pouco claras”. Estais a nascer de uma era para outra era. Daí que aqueles que sustentam disciplina e ordem e forma estejam muito dentro e fora

desta turbulência, ajudando a fazer nascer aquilo que podeis conceber. O homem de hoje não tem tempo, ou pensa não ter tempo, para reflexão. Consequentemente, todas as suas imagens são, basicamente, incorretas. Posso dizê-lo da sua literatura, posso dizê-lo da sua arte, posso dizê-lo de tudo o que ele produz em ordem e forma: que é algo inábil.

Terias, tens alguma sugestão para ele?

A sugestão tens-lha tu, meu amigo. Não estou aqui para sugerir. Estou aqui para te dizer o que sou.

Sou aquele com duas rodas — às vezes parecem anéis. Por vezes movem-se assim e por vezes assado. Mas estou aqui no simbolismo da ordem, da morte e da destruição. E, no entanto, tornando-as uma e a mesma coisa.

Agora, quando vens, quando vens às pessoas do nosso tempo, vens a muitas? Vens do mesmo modo que vens a este instrumento?

Ah, não exatamente do mesmo modo e, no entanto, de muitos modos; para alguns, muito de perto; para alguns dos teus líderes, em espécie de forma de oração. Oh, tenho muitos, muitos, muitos, muitos simbolismos com que dizer ao homem, com que induzir o homem a tomar um pouco de conforto de mim. Oh, sim, tenho muitos símbolos. Creio que poderia indicar-te muitos homens — que há muitos homens dentro de toda a estrutura do teu ser — que estão a cegar-se voluntariamente, que realmente não sabem o que estão a fazer, porque todo o processo da mente do homem — falo agora do conjunto, não falo de nenhum país —, todo o processo da mente do homem está voltado para outra imagem. Não é assim? Outra imagem do seu universo por completo.

Sim. Como descreverias isto? Esta outra imagem tem uma figura, uma pessoa, como tu?

Esta outra imagem, se a desenhasse para ti, desenhá-la-ia talvez como um redemoinho quíntuplo ou séptuplo — chamemos-lhe emoção? — e teria isto dentro, teria o sol, teria o sentir, porque o que

está a causar tudo isto hoje é o sentir da humanidade. Portanto, teria, por assim dizer, o símbolo do sol dentro disto, a irradiar dos seus raios um sentir, e o sentir teria, claro, de estar para além de toda a tua ortodoxia. Teria cinco dimensões, porque é bastante óbvio hoje que o mundo tridimensional do homem está a mudar à medida que ele vai alcançando o conhecimento daquilo que está dentro do oceano do ar e dentro do oceano da água, que, como sabes, são um e o mesmo. Mas ele há de dar-lhes outras dimensões. Consequentemente, está a preparar-se para viver não numa área de três dimensões, mas numa área de cinco dimensões, não é assim? E não me surpreenderia ver o homem regressar mais e mais e mais às águas; na verdade, penso que o está a fazer. E regressar mais e mais e mais ao ar. O que significa, claro, que têm de existir aqueles que descerrem estes aspetos da sua vida para lhe permitirem compreender. Por outras palavras, o homem está hoje a bater à porta do conhecimento. Parece muito destrutivo. Tem de o ser, pois tudo quanto conheceste desmorona perante esta uníssona voz. Mas ele está a fazer nascer uma nova imagem, é verdade. E creio que podes acompanhar-me por um pouco e ver que virão mesmo mutações do homem, à medida que o homem vai mudando a imagem conceptual de si próprio. Não é assim? Estou certo de que vês esta imagética a mudar. O teu povo chama-lhe mutação, penso eu. Mas virá o dia, não muito distante, em que a cabeça do homem terá de ser inteiramente diferente por causa da quantidade de absorção; mas talvez, quando a parte manual do homem, pela qual ele se fez caminho em quatro apoios, já não seja tão necessária, quando talvez — tal como viste na evolução de alguns aspetos da vida na água — os braços deixem de ser tão importantes, nem as pernas tão importantes. Percebes o que quero dizer?

E que está a surgir um novo tipo de espécie que, claro, será então inaugurada por alguma grande mudança que o próprio homem produz dentro da sua atmosfera. Ora, ele não pode fazer isto por si. Não pode. Têm de existir aqueles que sempre lá estiveram, que lhe hão de dar as chaves pelas quais ele realmente faz a coisa que tem de fazer.

Sim, e que um novo tipo de espécie—

Sim, e é aqui que estás. Foi assim que surgiste.

Sim, mas agora disseste que têm de existir esses.

Têm de existir esses.

Sim. Onde os encontramos?

Encontramo-los dentro, onde sempre os descobrimos. Falaste do teu Moisés. Ele foi um grande sacerdote. Foi um grande mestre. Foi um grande líder, não foi? Foi também um grande ser humano. Quem foi aquele que conduziu as crianças à tentação quando ele não estava presente?

Esse foi Aarão, queres dizer.

O mais fraco, a parte mais fraca—

De Moisés. Sim.

Quem foi que sempre o inspirou com nova imagética? Quem foi a esposa de Moisés?

Zípora.

De onde tinha ela o seu conhecimento? Talvez de Jetro, seu pai.

Do pai. De muitos modos o pai foi ainda maior, não foi? Atrevemo-nos a dizê-lo? Sim, creio que nos podemos atrever a refletir por um momento que ele talvez tenha sido o mais grandioso arquiteto de base do sonho do que o genro, que levou o sonho por diante.

Sim, pode bem ser, muito bem pode ser.

Talvez vejas, portanto, que parte inspirada ela desempenhou na vida dele. Assim vamos, portanto, sempre, dentro da religião do homem. Ele tem dois aspetos da religião. Tem a religião transcendental, em que volta a atenção para a palavra dos deuses, e tem a outra religião, em que volta a atenção para as palavras de si próprio. Verdade? Chamas a isto, penso, por vezes, ciência, não é? Podes chamá-la de política—

Sim, a exterior.

A exterior. Portanto, encontramos sempre os nossos jardineiros, a nossa vinha, os nossos lavradores, dentro destas áreas. E são estes aqueles para quem sempre encontramos o caminho. Estão sempre prontos e atentos a um sinal. Tu, que és talvez estudante de história bíblica, tens hoje de tomar o teu Talmude. Falo disto como contendo muito mais do profeta. Não é assim? Tomarás isto e olharás para a história especializada do dia e verás, em escala maior ainda, o grande movimento para a luz. Há alguma diferença? Há alguma mudança? Não será apenas que o contrário se tornou maior? Assim é sempre, vês, o mesmo movimento. Portanto, não esperes que os homens, enquanto homens, façam mais do que colher experiência ao passarem por estes níveis do teu planeta. Há tanta experiência quanto podem obter dele — e depois, não mais. Passado algum tempo, saem do meu domínio, como eu próprio um dia passarei deste domínio, quando a obra do domínio estiver concluída. Mas isso não significa que o trabalho fixo mude. Porque há sempre novas eras a nascer e novas — não há nada velho —, por outras palavras, novo a nascer, novo a ser destruído. Por outras palavras, o velho é tomado pelo novo. Nem sequer o grão de cinza sai da maior catástrofe. É, por assim dizer, destruído — e é renovado. Assim, o padrão está sempre a mudar e é sempre o mesmo.

Tinha uma pergunta. Percebo que tenho pensado em ti como masculino. Isto está correto?

Se assim te apraz.

Bem, é por isso que o perguntei, porque pergunto-me se tens mais do que um aspeto masculino? Seria interessante para mim saber.

Não penso por um momento que pudesse levar por diante, no meu simbolismo, e levar por diante, na minha ordem, aquilo que sou, se não tivesse todos os aspetos.
Se pudesses ter todos? Não apenas ambos?
Não ambos, oh, não. Mas as variações. As variações e níveis têm de estar lá, porque nem sempre é através da mulher que se faz a exigência sensual. Também tens de fazer a exigência sensual através,

novamente, do homem. Não é assim? E, nesta tua obra de hoje, em que a mulher está a destruir o simbolismo tão depressa e tão prontamente por nós, é muito necessário, portanto, que usemos este símbolo que ela própria continua a mudar e a destruir — que eu deva ter também essa cobertura.

Sim.

Portanto, vês, se estás a lidar com um símbolo, também tens de ser bom com o — como lhe chamas — o homem que — uh — torna o teu mundo compreensível por via dos seus símbolos. O próprio simbologista tem de ser capaz de fazer uso de um material que é seu.

Agora, és diferente deste modo de Ouvani?

Sim. Ouvani é aquilo que diz que é. Ouvani é um porteiro. E, portanto, uma criatura, um homem de responsabilidade, mas masculino na sua masculinidade.

E o mesmo é verdade de Abdul Latif?

Sim. Mas esse não é o meu papel.

Sim, agora quero perguntar-te também: outro foi-me referido, com o nome de Rama; podes dizer-me algo—

Sim, bem, falaste do teu Moisés. Que pensas que Ra significava para Moisés?

Oh, esse era o deus do Sol.

Pois bem, temos falado em termos do que está a acontecer no mundo hoje, e temos falado em termos do que o homem está a fazer no método de destruição, e estamos a tirar a sua energia da sua vida, do grande deus ele mesmo, não é assim? Para destruir os homens. Portanto, não seria realmente empreendedor, numa altura destas, que houvesse um símbolo deste muito desenfreado na face de muitos homens? E eu diria que, se hoje me perguntasses quem governa, quem, acima de todos, agita a terrível desordem, eu dir-te-ia, definitivamente, que o Próprio Deus-Sol tem muito a ver com isso.

Com a desordem? Que ele, como tu, está preocupado tanto com a desordem como com a ordem — sim, pois essa é a natureza da vida.

Sim, essa é a natureza da vida. E, diante de todas estas mudanças manifestas que o homem pensa que faz, ele não as está a fazer. Ele é a criatura da mudança, tal como o são os símbolos, pois não somos mais do que os instrumentos da mudança — deves lembrar-te disto. Lidas connosco no aspeto do teu grande inconsciente, não é? Mas não vieste frente a frente falar com eles, trazer-nos aonde possamos discutir e discorrer contigo sobre a natureza da destruição e da criação. Ora, esta é a nossa utilidade.

Sim, isto pode ser uma coisa grande, importante, a fazer.

Agora, não penses por um momento que foste tu que combinaste encontrar-nos.

Oh, sim, percebo isso.

Este arranjo foi feito há muitas luas. Tu és a criatura deste arranjo. Escreverás e, de tempos a tempos, eu andarei por perto — e tu dirás simplesmente: “Pois bem, meu amigo, vou entrar num momento de quietude comigo mesmo. Abre-me estas faces do entendimento.” E chegará o dia em que falaremos assim de novo; mas não penses que vim porque o ordenaste.

Isso não penso. Mas agora—

Viemos porque tens todo o entendimento conceptual dos teus tempos, com o qual tens de viver longamente e trabalhar. Por isso ousamos pousar de novo sobre os teus ombros uma túnica de muitas cores.

Oh, sim. Agora—

E o que pensas que significava essa túnica de muitas cores?

Essa túnica de muitas cores era talvez a busca e o sofrimento que José teria de suportar.

Portanto, não é um caminho fácil que te abrimos.

Creio que nisto tens razão, de facto.

Os espetros perante os quais ele seria colocado, a túnica de muitas cores, claro, os significados das muitas pessoas com quem teria de lidar. O aspeto de si próprio que teria de compreender. O conteúdo e o contexto do que tinha de abrir. Oh, há tanto que estes velhos sabiam e atrevo-me a dizer-te que não creio que haja hoje sequer estudiosos que compreendam a sua túnica de muitas cores. Não é verdade?

Penso que tens razão nisto, sim. Falaste de algumas pessoas, no nosso tempo, terem outra imagem, outro símbolo, e depois falaste de um símbolo para o nosso tempo que tu — que nós devíamos ter, isto é, era como se houvesse algo que desejavas dizer acerca de um símbolo que podemos ter agora. Ou uma forma em que—

Tendes tantos símbolos. Penso que o que está à mão — e isto pode chocar-te muito, e espero não te chocar, porque terei de te chocar — o símbolo que está a aparecer é aquele, claro, onde te desenhei o símbolo da Terra, mas nos seus muitos níveis, e creio que vês que este símbolo vem do Oriente. Deixa-me dizer-te hoje, pois isto posso revelar-te e gostaria que o observasses. Creio que o teu grande país recebeu uma oportunidade, mas não conseguiu fazer passar a verdade. Ora, a verdade sempre veio do Oriente. Não é assim? Como o grande deus— (Há aqui uma lacuna na gravação.)

Mas esta força, que pode ser ameaçadora por agora, dentro de cem anos, por si mesma terá entrado em contacto com o que está a nascer por toda a Ásia. A Ásia hoje está a renascer. Em tempos foi a Arca. Lembras-te desta figura que continha em si a palavra, e a palavra era, como sabes, a palavra do grande. Havia menos símbolos. Mas agora, do Oriente vem este novo símbolo muito visual, não de um homem, mas de uma força. Não é assim? Vês a força — a força não é um ser, não pode ser. Tem de ser algo conceptual que leve a processo toda esta vida a descascar-se e a mudar. Produzireis a vossa grande bola de fogo com uma energia algo semelhante à do grande legislador

em pessoa. E, quando isto vier, virá como o grande modelo do universo.

Depois, claro, terá de trazer a sua doutrina de sacerdotes, para a fazer ajustar-se aos ditames das necessidades dos homens. Ireis voltar a ter uma religião muito, muito próxima da religião da terra. Porquê? Pela simples razão de que os homens começaram — e começaram de facto, em todas as partes do mundo — a destruir a fecundidade da terra. Não é assim? Isto eles não podem fazer. Um dia deparar-se-ão com esta terrível esterilidade que eles próprios terão criado. A esterilidade que, por fim, verás, lhes trará fome e um terrível ímpeto para trazer de volta, dos deuses, força. Então, que farão? Produzirão um modelo do seu universo, um modelo do dador de vida e, tendo produzido o modelo do dador de vida, será de novo como a mãe-terra.

Sim. Será como a mãe-terra?

Tem de ser a matriz; por isso vês que os mestres por vir terão muito de capacidade feminina, embora possam estar em corpos masculinos. Mas isso sempre foi verdade de todos os grandes mestres. Haverá muitos mais, porque, vês, terão de vir a três tempos, ou mesmo a cinco, como digo, a partir das diferentes culturas do Oriente, que agora se hão de fundir. E serão, portanto, assim: estas cinco pares de mãos a suster a taça flamejante que invocará os deuses para trazerem de volta fecundidade à terra. Trazendo de volta à terra aquilo que estão tão pacientemente e impacientemente a destruir. De modo que ireis ter uma religião que tem de regressar ao conceito básico de fertilidade, em que a mulher se torna de novo o processo básico do ser, em que ela se torna completamente mulher, em que o homem tem de novo de projetar-se para se tornar completamente masculino. Na verdade, o mundo tem de voltar a pôr-se de joelhos e o homem tem de ser aquilo que é, o projétil através da vida, e a mulher o instrumento passivo, para que o equilíbrio do universo não seja de novo posto de lado. Portanto, de volta tereis de ir a uma forma de culto feminino. E creio que já vês quase ao virar da esquina do plano.

Isto vem do Oriente ou é o próprio homem?

Virá por força dos muitos conflitos, porque vês conflito em toda a China. Agora tens conflito em todos os teus países árabes, não tens? Tens conflito em África. Irás ter muito mais conflito. Ora, podes imaginar que isto trará grande dor, grande preocupação, grande destruição. Mas, por fim, de tudo isto, isto tem de fazer nascer uma nova força. Vês o que está a nascer — uma nova força. E não pode ser que tu te sentes aqui e os teus amigos, que são tão como tu, os que chamas hoje Rússia, se sentem ali, e se insultem mutuamente. Tem de nascer uma grande força nova e vital de toda esta condenação, insultos, dificuldade, falta de inteligência, ignorância — tudo o que é a Ásia. Vês isso, claro.

Não podes deixar de o ver, é quase percetível.

Sim. Agora—

Agora dizes que tem de nascer uma grande nova força. Então tu, Tote—

Está a nascer.

Sim. Está a nascer? Agora, estás preocupado, estás envolvido com isto? Tens um desejo particular a respeito disto? Há algo que desejes dizer sobre isto?

É tão simples o que devemos dizer. Foi no princípio. Tenhamos de novo tranquilidade, para que as trevas, para que todas as águas da inexperiência não nos afoguem, mas para que possamos de novo virar o rosto para a luz. Não importa quantas vezes estas terras sejam destruídas, têm de chegar a esse ponto do tempo em que se diga de novo: “Entremos no equilíbrio e na tranquilidade do entendimento, para que tenhamos tempo de erguer os olhos e, acima de nós, ver a luz desse contínuo, da eternidade, desse Agora que sempre foi e será para sempre.” Portanto, vês, a grande arca tem de conter isto. E é com isto que o homem hoje luta, e por isto; é por isso que ele quebra os seus ídolos e rasga a sua magnificência e destrói todas as qualidades — para quê? Para trazer uma vida nova. Sim. Isto não faz bom sentido para ti?

Sim. O que estou a perguntar, a questão a que tento chegar, é: quando o homem moderno, agora, no Oriente e no Ocidente, está enredado nesta luta dentro de si, que se torna uma luta fora—

Oh, sim, ele não se pode impedir. Ora tu, pela tua natureza, estás a ser o bom—

E o "não bom".

Sim, e o não bom. Estás empenhado — estás no meio dela.

De ambos os lados dela. Não podes estar empenhado num só, porque o que pões aqui tens de puxar de volta ali, não é assim? Tu próprio tens de derrubar palavras, frases, significados, expressões que são absurdos, que já não servem. Tens de fazer isto sabendo que não te podes impedir. Se vais fazer parte deste novo ministério, tens de o fazer. Não podes dizer: "Hoje serei este homem, e amanhã serei aquele homem", porque tens de ser um e o mesmo, tens de ser ambos os lados da imagem a trabalhar ao mesmo tempo. Sim. Isto indica uma resposta.

O equilíbrio, vês, nunca é o equilíbrio, porque tem de estar sempre em perfeito desequilíbrio para manter o aspeto do que o homem chama equilíbrio.

Sim, tem de haver desequilíbrio para que haja movimento, para que a experiência chegue, sim?

Exatamente, exatamente.

Agora, tu, talvez sejas o princípio desse desequilíbrio, isto é, desse desequilíbrio constante, do bom e do não bom, que és a palavra que se move no meio disso.

Sim, assim. E assim, também.

Bem como, sim. No sentido dos ponteiros do relógio, no sentido contrário, ambos ao mesmo tempo. Agora, no nosso tempo, o homem está dentro desta turbulência, e agora há algo que possamos achar para lhe dizer, algo que possamos achar para fazer com ele. Entendo-te

corretamente ao pensar que isto é uma preocupação tua e que é este um interesse maior teu em vir—

É uma preocupação tua, meu amigo. Tu estás preocupado com isto. Eu preocupo-me com isto e com o outro. Revelo-te o meu duplo propósito. Revelo-te também que te cabe a ti dá-lo ao homem da melhor forma que ele o possa compreender. Para que ele faça o melhor com isso. Esta é a doutrina que te revelo. A ti cabe apanhar o pensamento e dá-lo a ele, se ele tiver tempo.

Ah, sim, a tua preocupação é com este grande movimento, tanto como um todo.

Essa é a minha preocupação.

Sim. O meu papel está dentro disso.

Está dentro, porque tens, em termos de entendimento, de o sentir. Não te posso explicar. Tens de o sentir. Depois tens de o abrandar para veres o que significa, para que aquele que lê ou te ouve falar possa dizer: "Agora vejo o que me está a acontecer." Mas o que quero tirar de ti é este fator: que estes dois povos, aqui e ali, arrastando todos os outros para a sua grande desavença, são, de certo modo, os culpados. É maior do que o homem. No entanto, requer o homem para fazer o trabalho. Está claro?

Sim. Quero perguntar, se me permites, algo sobre o tipo de pergunta que te posso fazer. Já que…

Podes perguntar e eu posso responder, mas terás muito cuidado em depois vestir a resposta, pois não é dado aos homens compreenderem o que fazem. Tens de lhes fazer saber o que lhes é bom sem lhes fazer saber que são criaturas presas nesta terrível malha de circunstâncias, da qual não se podem puxar para fora antes do momento marcado.

Mhmm. Não, queria dizer assim: disseste-me antes que por vezes apareces através do teu médium como teu vaso, e por vezes não. Às vezes trabalhas através do teu instrumento e, às vezes, apareces simplesmente assim. Assim, disseste que quando eu, ou talvez

qualquer outra pessoa, estiver profundamente envolvido e a trabalhar nos problemas de que temos falado, lá estarás com ele para o ajudar. Então, lá estarás… Ora, vês, sabes, que eu existo.

Sim, de facto.

Pois bem, no momento em que sabes que eu existo, tens de ter a tua própria imagem de mim. Vês, portanto, o que te forcei a fazer. Forcei-te agora a fazer um conceito, a pôr-me em algo no qual me possa relacionar contigo. Forcei-te, por outras palavras, a olhar para o teu inconsciente profundo e a encontrar-me uma veste adequada. Depois, quando me tiveres vestido nisso, torno-me parte do mobiliário da experiência da tua alma e aí estou, então, para todo o tempo. Vês, eu estive lá todo o tempo, mas era incapaz de te ajudar até tornar possível que me agarrasses e me pusesses na tua própria imagem conceptual. Agora vês?

Sim. O teu nome para mim, então, precisa de ser Tote, ou não precisa. Poderia ser qualquer nome, não poderia?

Qualquer um. Mas, de agora em diante, sou teu — e com o nome de Tote. A minha colaboração de trabalho contigo não precisa de ter relação alguma com nada do que dissemos. Chamaste por mim. Cheguei. Falei contigo. Dei-te algo com que sei que o teu coração precisa de trabalhar. Ora, essa parte de mim pode agora partir, e eu torno-me então parte da tua imagética, de modo a encaixar em todas estas áreas das tuas próprias formas ordenadas, doravante. Isto é o que Abdul Latif tentou dizer-te. Não te podes ver livre de mim. Eu estava lá antes de ti. Mas agora vim habitar em ti, contigo, externo a ti. Mas, porém, agora, estou desperto para ti e tu para mim. Isto é o que Abdul Latif quer dizer-te. Vês o conceito? Agora, pode muito bem acontecer que, ao prosseguires pela vida, aches por vezes muito interessante falar comigo como uma pessoa completamente diferente. Ou podes não querer. Mas creio que agora isso cabe a ti decidir.

Sim. Agora, deixe-me fazer uma pergunta acerca da forma em que estamos a falar agora. Haverá ocasião para voltarmos a falar nesta forma?

Quando o instrumento regressar,* creio que poderemos ter muitos momentos interessantes juntos. Julgo que viste o que tentei mostrar-te: a apresentação do homem a nascer para o aspeto da evolução, querendo ele o queira ou não, e ainda assim tendo isso querido por ele, mesmo que não o compreenda. Ora, o homem que consegue compreender o que lhe está a acontecer vai ajudar na evolução, não só de si próprio, mas de todo o padrão. E isto faz parte da tua função. Por isso, não te preocupes comigo. Eu tornar-me-ei claro para o instrumento assim ou assado. Deixa-me a ela como eu estava.

Como estavas?

Sim. Quero continuar lá, pois sou necessário ao diálogo da mente dela. Deixa-a manter-me nesta forma. Porque eu não constranjo o inconsciente como fazem os outros. Eu controlo-o. Eu controlo-o.

Então controlas-lho — Abdul Latif e Ouvani, queres dizer.

Eu controlo o todo.

Ah, sim, do inconsciente.

Do inconsciente. Essa é a minha função. E que haveremos de entender da observação que Abdul Latif me fez da última vez em que falou comigo, quando disse que ele, Ouvani, preferiria ficar livre do que chamou essa condição hipnótica?

Se isso a fizer mais feliz, se a ajudar a compreender. Se, nos dias vindouros, for mais fácil para ela, certamente não precisam de ser mantidos, porque a vastidão do seu trabalho leva-a para além desse lugar onde precisariam de ser mantidos sob rédea ou sob controlo. Estabeleceram-se. São conhecidos, pois fizeram a sua obra. Mas penso que poderiam fazer uma obra mais vasta, em muitos aspetos, se ficassem livres disso. E então lembra-te, e lembra-te bem, que eles não podem ser menos do que são.

Sim, claro.

Aqui, dentro de toda a bacia da compreensão, de tudo o que foi, a mente dela reagiu ao ser deles. As suas pegadas, vês, caminharam por

aqui. Consequentemente, há algo dentro da experiência do próprio instrumento que os chamaria de qualquer maneira. Percebes o que quero dizer. Eles não têm de viver, como entidades. Eles são. Não os podes destruir.

São entidades?

Não, são eles próprios.

São eles próprios. Queres dizer que são mais do que entidades?

São mais do que entidades. Não os podes afastar. Estão lá. Estiveram lá todo este tempo. Não os vês pela simples razão de que estão numa forma mais acelerada. E assim também está a forma do jovem rabi. Na sua forma não o podes destruir. Só quando os homens o esquecerem o seu evangelho será esquecido e então ele deixará de ser convocado; mas lá estará. Estará tanto lá quanto a imagem da grande omnipotência em que ele teve de viver. Ele ainda tem de viver nela enquanto os homens a recordarem. Não a podes esvaziar. Está feita. É parte de todo o — chamemos-lhe — alicerçado, parte da fundação da vida. Não podes tirar a imagem de Moisés. Está lá; está fixada. Podes dizer que não é assim. Estes são os edifícios, estas são as chamadas torres, as constelações, que são parte de todo o processo sobre o qual a vida do homem está edificada. São fixos. Podes tirá-los da mente do instrumento, para que ela não sinta que estão contidos ali, e libertá-los. Mas não os podes tirar da vida, de que são parte.

Isto torna-te claro? Não o podes fazer mais do que alguém poderá, um pouco adiante, pegar na tua imagem e apagá-la assim; a tua imagem está fixada. Tu a tens em outro. O próprio tipo de homem não pode ser apagado.

Tens na tua literatura que há os gigantes, não é assim? Houve gigantes. Haverá gigantes outra vez. A Natureza prossegue a refletir-se repetidas vezes. Essas imagens estão lá e, se tens mente para as invocar — ou se, por assim dizer, tropeças nelas enquanto procuras —, claro que responderão. Deste modo não há morte. Há apenas mudança contínua. Mas não podes destruir a personalidade depois de ter tomado forma. Ela está lá. E o lá-ser dessa imagem é tanto agora

como foi há miríades de anos. Essa imagem está lá a perpetuar-se e a dar conhecimento; o conhecimento verte através da sua singularidade, tanto hoje como sempre verteu. Talvez não subserviente do mesmo modo, mas ativada. Agora, isso ajuda um pouco?

Sim, ajuda bastante. Dizes: uma personalidade não morre, uma vez formada. Isto é interessante.

Uma vez que veio à forma, uma vez que tomou figura, uma vez que se tornou ela mesma e se tornou aquilo em que uma força vital tem vivido, está lá. Podes cortar a árvore de que esta secretária foi executada, se quiseres. Mas dentro disto ainda está a imagem do que foi. Agora vês o que quero dizer com isto? Podes queimá-la e reduzi-la a cinzas, mas a sua "árvore-idade" existe para sempre. Pode não existir para a tua visão limitada; mas, para si mesma, há de regressar à sua árvore-idade. Não talvez para a tua visão limitada, mas, para si mesma, há de regressar. Há de encontrar-se e tornar-se de novo ela própria. Porque o que há nela não pode ser destruído; e o que ela é não pode ser destruído. Assim, tem de se encontrar. Deixa que to diga de outro modo. Tens tempo para mim?

Sim. Tenho tempo.

Deixa que to diga de outro modo. A criança está de pé à margem do rio e colhe para si a flor. Ao desfazê-la, atira fora esta parte da flor e aquela parte. E talvez finalmente se canse e pegue na flor inteira e a lance sobre a superfície do rio. Para ti, essa flor acabou; está destruída, a sua singularidade perdeu-se para sempre. Uma parte dela está agora apanhada no que chamaremos a corrente que passa, outra parte talvez está apanhada naquela parte da água onde os redemoinhos rodam, outra parte afundou-se no lodo da intemporalidade. Está separada, está acabada. Mas, ao passar pela intemporalidade do tempo, para a eternidade do rio, a sua totalidade alcança o rio e aquilo que ela foi, a singularidade dela, está agora contida em todo o leito. Assim, todo o leito é eternidade e ela encontra-se — não podes destruir aquilo que foi, pois essa imagem está contida no que chamamos eternidade. Está contida. Ela foi. O facto de ter desaparecido do teu olhar e de se ter

fragmentado não significa nada. Voltará a reunir-se na singularidade do seu próprio tempo. Isto é-te difícil?

Não. Bem, talvez um pouco. Falarás mais sobre isso?

Apenas parece como se estivesse destruída.

Sim, bem, é esta questão da singularidade permanecer após a aparente destruição e fim.

A singularidade desse modelo nunca pode ser destruída, nunca pode ser destruída.

Não pode ser destruída enquanto imagem. Mas o que estás agora a dizer, que é difícil de apreender mas é tão marcante para mim, é que a imagem é real.

Claro que a imagem é real.

E a imagem é eterna.

A imagem é eterna.

E é exatamente o que é eterno?

E o que se foi, o que quebraste, foi a química. Disseste-lhe adeus à química, mas a imagem está lá. Ora, o que vive depois de o artífice ter lançado fora todas as suas imagens? Ele tem muitas folhas de papel, não tem? Criou um desejo e um anseio e um sonho, em muitas folhas de papel. E alguém chega, junta todas essas coisas e faz um enorme edifício. Um dia, o enorme edifício cairá. Mas, quando cair, o que não terá desaparecido será o sonho que o concebeu; esse era a sua fonte e é isso que vive. E pode ser retomado vezes sem conta por mil arquitetos e transformado; mas jamais a sua singularidade será destruída.

Ora, se assim é, temos no nosso tempo um ponto de vista, na psicologia moderna, que está a tentar — ou pelo menos no meu trabalho parece estar a tentar — tornar-se um estudo empírico desta realidade de que falas.

Deve fazê-lo, porque é necessária agora uma interpretação moderna do que é realidade. Não me digas por um momento que isto é realidade — aqui onde nos sentamos —, pois dentro de pouco também terá de ceder e perder-se. Não está perdido. Os elementos disso estão no mundo. Mas a singularidade disso, a sua forma, o seu significado, o facto de ter vivido aqui — está a respirar.

Isto é uma coisa viva, a forma.

A forma é viva.

A forma, a imagem, a forma simbólica — é isto que vive.

É isso que está vivo. É isso que está vivo.

A imagem era a vida disso; de facto, esta é a palavra viva nisso.— É isso que quero dizer. Agora, quando te digo que vais fazer uma imagem conceptual de mim, aquilo que fizeres nunca poderá desaparecer, chama-lhe o que quiseres.

Sim. Bem, o ponto então é que essa imagem tua que eu fizer não será apenas uma ideia, mas terá uma qualidade viva?

Vais fazer a qualidade viva a partir do sopro vivo da compreensão, e essa imagem vive para sempre; é retomada um milhão de anos adiante por alguém que pensa ter uma grande ideia.

Agora, relativamente a essa imagem, é através dessa imagem que aparecerás?

É assim que eu trabalho, esse é o jarro que há de conter o teu vinho. Tu dar-lhe-ás o sabor que quiseres, mas eu não posso ser o vinho até que me faças uma imagem que te obedeça. Não é verdade?

Ah, sim, mas agora, diz-me o que queres dizer ao dizer “uma imagem que me obedeça”?

Acautela-te quanto a isso.

Sim, de facto.

Mas tem de ser assim, se vais trabalhar com isso. Bem como porque vai tomar a natureza das imagens. Vai entrar no sopro, na

corrente sanguínea, e vai naturalmente mudar outras imagens. Porque essas imagens têm de ser, enquanto são perenemente e eternamente elas mesmas — se forem criadas —, têm, ao mesmo tempo, de ir fazendo novas imagens conceptuais e, ainda assim, manter-se a si mesmas, pois isto acontece na corrente sanguínea todos os dias. Onde são produzidas as imagens? No rio vivo da irrigação.

Sim. Agora, questionei-te sobre dizeres-me que tenho de fazer de ti uma imagem que me obedeça. Percebo que posso chamar por ti, mas isso é mais…

Sim. Mas, ao chamar por mim, não me chamas apenas para divertimento do momento; chamas por mim porque há uma necessidade e razão vitais.

Sim, agora, deste modo, digamos, surgirá uma situação — como estou certo de que surgirão muitas — em que haverá grande intensidade de esforço e busca da minha parte e eu estarei a procurar uma resposta que não tenho de imediato. Estarei a procurar fazer algo que talvez me seja difícil. Então, nesse momento, será necessário que eu chame por ti?

** A Sra. Garrett preparava-se para deixar a cidade de Nova Iorque para uma viagem ao estrangeiro.*

Não, mas saberás de imediato que há em ti um pensamento criado, algo que tem de fazer cair todo o resto; no instante em que chegas a esse momento de esforço, chamaste por mim. Não foi? Chamaste por mim.

Ah, sim. E a fala? Mas a fala poderá ser de um tipo diferente?

Talvez, e pode até não ser fala de todo. Pode acontecer, por exemplo, que penses: "Oh, bem, eis-me perante uma espécie de incerteza, um sentimento de melancolia, e deixá-lo-ei por agora, porque aquele que é criativo — se é criativo — sabe disso." Tem agora de ser colocado diante de mim em termos tais que o possa compreender. E a tua mente trabalhará assim. E eu estarei a trabalhar entre todas essas tuas pequenas imagens, até que, finalmente, hás de

chegar a algo que saberás não ser teu — mas com o qual terás de lutar, e muito.
Sim. Não algo que eu tenha feito, mas algo que se há de ter feito por meu intermédio.

Sim. Ora, porque o nosso instrumento está habituado a ter visto e visualizado nesta área do seu entendimento, ao longo de muitas luas da sua existência — não só existência através deste processo, mas ao longo de muitas vezes —, ela é capaz de projetar essas imagens de modo a que conversem com ela. Mas eu sou a imagem do seu inconsciente.

És a imagem do inconsciente dela?

Sou.

Ora, quando dizes que ela é capaz de projetar as suas imagens, a que te referes? Não te referes a Ouvani, pois não?

Não, não. Não.

Ao Estranho?*

Refiro-me agora àquele que vem até ela quando ela precisa — e vem vestido de extravagância que agradará ao estado de espírito do momento.

Sim. És a imagem do inconsciente dela?

Sou a imagem do inconsciente dela.

Sim, mas, ao dizeres isto, sabes, creio que sei o que queres dizer, e acredito…

O meu instrumento não sabe o que estou a dizer se eu disser que sou a imagem do seu inconsciente. Porque, vês, a larga extensão do seu inconsciente — onde finda ela?

Não finda. (Ri-se.) Sim.

Ela não sabe o que isso significa, e não creio que neste ponto fosse bom revelá-lo. Mas, porque tens de trabalhar com isto, dou-te

estas pistas e instrumentos para que compreendas como estas motivações estão presentes.

Ora, se compreendo bem, as coisas que me disseste hoje destinam-se a explicar a natureza destas experiências.

Tentei, tentei vertê-lo em palavras e pensamentos e interpretá-lo para ti.

Então, isto não gostarias que eu dissesse ao teu instrumento?

Não neste momento, não neste momento. Penso que, em graus, à medida que os dias passem, mais adiante, diz-lhe: "Sim, o Estranho é algo do teu próprio inconsciente", diz-lhe isso. Mas o que é o inconsciente — que o inconsciente é a vastíssima planura do todo, que foi experienciada, que atravessou todo o processo da sua evolução, através de tudo o que há na evolução. E quando digo "tudo" dou-te um grande cortejo, não é verdade? Através de toda a tentação, através de todas as violências, através de todas as lutas, através das vitórias não ganhas, através das vitórias não registadas, através de todas as explosões e expulsões do ser — o grande e vasto território que ainda está por explorar —, o vasto sangue e homicídio do ser: é isto que eu chamo o inconsciente.

Sim. E isto — mas isto — achas que eu não devo dizer-lhe agora?

Agora, não.

Isso dificultar-lhe-ia as coisas.

Primeiro, creio que seria uma tela demasiado vasta para lhe apresentar neste momento. Creio que lhe podes dizer que possui a capacidade de projetar essas imagens, e que essa imagem que projeta tem uma relação muito próxima contigo; mas não creio que deva, na verdade, explicá-lo — não há tempo. Mas creio que, nos dias vindouros, provavelmente quererás falar comigo. Se te conheço bem, caíste na tentação que te ponho diante dos olhos. Mas haverá muitos aspetos meus que quererás discutir comigo. E, se eu te houver de ser útil, de quando em quando hás de ordenar-me. Ou teremos uma relação de trabalho que tornará isto possível. Mas creio que, se abrires

estas portas e lhe permitires saber que pode, nestes pontos, fazer estas sombras e formas e desenhá-las ao sabor do coração, isso desfaria algo que ainda é bom para ela. Ela deve continuar a receber-me como se viesse de "lá". Também significa que é capaz de fazer muito mais sem ter de pensar em mim em termos do que realmente sou.
Sim. Então assim ficará como está?

Como está.

E continuarás a aparecer-lhe como o Nobre Estranho?

Preferiria que assim fosse, também. Ela pensa em mim talvez como o seu génio não muito malévolo. Não é assim? Pois, penso que talvez possamos manter-nos nesse campo. Não tens tempo. Creio que frustraríamos muito do que poderíamos conspirar fazer se abríssemos toda esta área de pensamento. Não sou eu um pouco sábio na minha virtude? E "virtude" não é um dos meus nomes, como sabes.

Sim, assim entendo. Achas que Ram terá interesse em falar comigo uma vez?
Uma vez. Mas talvez agora que te dei chaves do que acontece no profundo e turvo inconsciente — onde habitamos com os nossos anjos e os nossos deuses e os nossos demónios e os nossos santos — talvez agora comeces a compreender muito melhor o que se passa nessas áreas de que os homens têm medo e que não ousam encarar face a face. Dei-te apenas um pouco — e é apenas uma penumbra o que te dei. Ainda assim, talvez te tenha dado o suficiente para fazer o começo de um caminho.

Sim. O resto tenho de o fazer — tenho de o fazer eu mesmo. Há muito que há de vir, porque ele não se contentará com pouco. Exigirá muito.

Agradeço-te muito. (EG sai do transe.)

** IP referia-se aqui à imagem em vigília a que a Sra. Garrett chamara "O Nobre Estranho".*

SOBRE A CONVERSA N.º 1
COM TOTE
COMENTÁRIO

Nesta, como em todas as sessões com Tote e Rama, Ouvani "abre a porta". Aqui, a sua descrição do motivo por que o faz é muito pertinente: é "para me certificar da tranquilidade do meu instrumento". Isto é dizer, em termos psicológicos, que o propósito de Ouvani é pôr em ordem a psique da Sra. Garrett, de modo que a focalização e a deslocação de conteúdos mentais a partir do nível profundo possam ocorrer sem perturbar a personalidade como um todo. Isto é bastante comparável ao padrão seguido no procedimento da "Imagética do Crepúsculo", onde a ênfase é colocada em suscitar um fluxo de conteúdos simbólicos do nível profundo da personalidade. A condição prévia disto, porém, é o estabelecimento de um estado de quietude e calma; e isto, por sua vez, depende de criar uma boa relação entre o indivíduo e o terapeuta, cuja função é manter a ordem e o equilíbrio da psique enquanto o movimento do material a partir dos níveis profundos está a decorrer.

Na psique da Sra. Garrett, é a figura de Ouvani que cumpre este papel. Ele é o ordenador e balançador da sua psique e, aqui, temos um indício muito significativo de que a aparição e a natureza das figuras de controlo são uma resposta espontânea e legítima a certos requisitos essenciais da psique. No caso de Ouvani atuar como "guarda da porta", este requisito é o seguinte: se as profundezas da psique hão de poder mover-se livremente, deve manter-se um equilíbrio estabilizador algures próximo da superfície da consciência, para que a psique como um todo possa ser mantida em equilíbrio.

Esta função, que de outro modo teria de ser cumprida por uma segunda pessoa externa à Sra. Garrett, é, neste caso, fornecida internamente por uma figura que desempenha o papel a partir do interior da psique. Devemos ter presente que isto, de modo nenhum, limita a natureza do material que emerge das profundezas da psique depois de Ouvani ter aberto a porta e assegurado que prevalece uma condição de tranquilidade. A qualidade do material que então surge do

profundo determina-se a si própria, tal como a qualidade da imagética que emerge no procedimento da imagética do crepúsculo não é definida pela psique do terapeuta, mas pelos conteúdos nas profundezas da psique da pessoa que está a passar pela experiência.

É claro, logo a este ponto, que a figura de Tote deseja apresentar-se como um deus. Devemos compreender, porém, que isto não é, de forma alguma, comparável ao entendimento ocidental do que é Deus. Tote não se apresenta como um ser omnipotente, mas antes como um princípio de vida — e como um princípio entre muitos. É, assim, membro de um panteão de deuses, como seria o caso na Grécia ou na Índia. O sentido que apreendemos deste discurso é que a figura de Tote se apresenta como a personificação de um princípio básico da vida e, portanto, como uma figura divina, mas não como um Deus último.

Devemos perguntar — como teremos muitas ocasiões para perguntar nas sessões subsequentes — quais as implicações do facto de que, assim que o caminho é aberto para que uma voz fale das profundezas da psique da Sra. Garrett, ela fale com os tons de um deus. Se alguém olhasse para isto simplesmente de um ponto de vista psicodiagnóstico, teria de ser tomado como prova de uma inflação avassaladora. Mas isso, na minha opinião, perderia completamente o ponto. A chave está na mudança de foco da área da consciência pessoal, que Ouvani representa, para o nível profundo, que Tote exprime.

T: Não, mas saberás de imediato que há em ti um pensamento criado, algo que tem de fazer cair todo o resto; no instante em que chegas a esse momento de esforço, chamaste por mim. Não foi? Chamaste por mim.

EG: Ah, sim. E a fala? Mas a fala poderá ser de um tipo diferente?

Talvez, e pode até não ser fala de todo. Pode acontecer, por exemplo, que penses: “Oh, bem, eis-me perante uma espécie de incerteza, um sentimento de melancolia, e vou deixá-lo por agora,

porque aquele que é criativo — se é criativo — sabe disto.” Tem agora de ser colocado diante de mim em termos tais que o possa compreender. E a tua mente trabalhará assim. E eu estarei a trabalhar entre todas essas tuas pequenas imagens, até que, finalmente, hás de chegar a algo que saberás não ser teu, mas com o qual terás de lutar — e muito.
Sim. Não algo que eu tenha feito, mas algo que se terá feito por meu intermédio.
Sim. Ora, porque o nosso instrumento está habituado a ter visto e visualizado nesta área do seu entendimento, ao longo de muitas luas da sua existência — não só existência através deste processo, mas ao longo de muitas vezes —, ela é capaz de projetar essas imagens de modo a que conversem com ela. Mas eu sou a imagem do seu inconsciente.

És a imagem do inconsciente dela?

Sou.

Ora, quando dizes que ela é capaz de projetar as suas imagens, a que te referes? Não te referes a Ouvani, pois não?

Não, não. Não.

Ao Estranho?*

Refiro-me agora àquele que vem até ela quando ela precisa — e vem vestido de extravagância que agradará ao estado de espírito do momento.

Sim. És a imagem do inconsciente dela?

Sou a imagem do inconsciente dela.

Sim, mas, ao dizeres isto, sabes, creio que sei o que queres dizer, e acredito…

O meu instrumento não sabe o que estou a dizer se eu disser que sou a imagem do seu inconsciente. Porque, vês, a larga extensão do seu inconsciente — onde finda ela?

Não finda. (Ri.) Sim.

Ela não sabe o que isso significa, e não creio que neste ponto fosse bom revelá-lo. Mas, porque tens de trabalhar com isto, dou-te estas pistas e instrumentos para que compreendas como estas motivações estão presentes.

Ora, se compreendo bem, as coisas que me disseste hoje destinam-se a explicar a natureza destas experiências.

Tentei, tentei vertê-lo em palavras e pensamentos e interpretá-lo para ti.

Então, isto não gostarias que eu dissesse ao teu instrumento?

Não neste momento, não neste momento. Penso que, em graus, à medida que os dias passem, mais adiante, diz-lhe: "Sim, o Estranho é algo do teu próprio inconsciente", diz-lhe isso. Mas o que é o inconsciente — que o inconsciente é a vastíssima planura do todo, que foi experienciada, que atravessou todo o processo da sua evolução, através de tudo o que há na evolução. E quando digo "tudo" dou-te um grande cortejo, não é verdade? Através de toda a tentação, através de todas as violências, através de todas as lutas, através das vitórias não ganhas, através das vitórias não registadas, através de todas as explosões e expulsões do ser — o grande e vasto território que ainda está por explorar —, o vasto sangue e homicídio do ser: é isto que eu chamo o inconsciente.

Sim. E isto — mas isto — achas que eu não devo dizer-lhe agora?

Agora, não.

Isso dificultar-lhe-ia as coisas.

Primeiro, creio que seria uma tela demasiado vasta para lhe apresentar neste momento. Creio que lhe podes dizer que possui a capacidade de projetar essas imagens, e que essa imagem que projeta tem uma relação muito próxima contigo; mas não creio que deva, na verdade, explicá-lo — não há tempo. Mas creio que, nos dias vindouros, provavelmente quererás falar comigo. Se te conheço bem,

caíste na tentação que te ponho diante dos olhos. Mas haverá muitos aspetos meus que quererás discutir comigo. E, se eu te houver de ser útil, de quando em quando hás de ordenar-me. Ou teremos uma relação de trabalho que tornará isto possível. Mas creio que, se abrires estas portas e lhe permitires saber que pode, nestes pontos, fazer estas sombras e formas e desenhá-las ao sabor do coração, isso desfaria algo que ainda é bom para ela. Ela deve continuar a receber-me como se viesse de "lá". Também significa que é capaz de fazer muito mais sem ter de pensar em mim em termos do que realmente sou.

Sim. Então assim ficará como está?

Como está.

E continuarás a aparecer-lhe como o Nobre Estranho?

Preferiria que assim fosse, também. Ela pensa em mim talvez como o seu génio não muito malévolo. Não é assim? Pois, penso que talvez possamos manter-nos nesse campo. Não tens tempo. Creio que frustraríamos muito do que poderíamos conspirar fazer se abríssemos toda esta área de pensamento. Não sou eu um pouco sábio na minha virtude? E "virtude" não é um dos meus nomes, como sabes.

Sim, assim entendo. Achas que Ram terá interesse em falar comigo uma vez?

Uma vez. Mas talvez agora que te dei chaves do que acontece no profundo e turvo inconsciente — onde habitamos com os nossos anjos e os nossos deuses e os nossos demónios e os nossos santos — talvez agora comeces a compreender muito melhor o que se passa nessas áreas de que os homens têm medo e que não ousam encarar face a face. Dei-te apenas um pouco — e é apenas uma penumbra o que te dei. Ainda assim, talvez te tenha dado o suficiente para fazer o começo de um caminho.

Sim. O resto tenho de o fazer — tenho de o fazer eu mesmo. Há muito que há de vir, porque ele não se contentará com pouco. Exigirá muito.

Agradeço-te muito. (EG sai do transe.)

** IP referia-se aqui à imagem em vigília a que a Sra. Garrett chamara "O Nobre Estranho".*

Este nível é não pessoal. Tote fala, assim, do ponto de vista da impessoalidade da vida. É a impessoalidade da sabedoria que ele corporiza, pelo menos no sentido em que uma visão da vida, vista através do prisma da psique da Sra. Garrett, pode ser dita sabedoria. É, pelo menos, o grau e o aspeto de sabedoria que expressa o estilo, a forma e o simbolismo da singularidade da sua individualidade. A sabedoria de outra pessoa seria diferente. Mas isto deve sublinhar-nos o facto de que a sabedoria de que aqui falamos não se mede por verdadeiro ou falso.

Trata-se, antes, de intimações da realidade, de visões simbólicas da realidade percebidas intuitivamente quando o ponto a partir do qual se percebe não é o nível exterior da consciência pessoal, mas a profundidade não pessoal da psique. Vendo e falando a partir desse lugar, a perspetiva das coisas não é em termos de acontecimentos diários, mas da plenitude do tempo. A situação humana é percebida na sua universalidade; a história é vista de um ponto de vista para além do tempo.

Temos assim a experiência interessante e reveladora de comentários feitos sobre a vida humana com a proximidade e o envolvimento que se espera de um ser humano vivo; mas também feitos com o distanciamento de quem não está especificamente engajado no processo de viver. É como se um ser humano estivesse para além do tempo; como se fosse feito da mesma substância de que todos os seres humanos são feitos, de modo a ver, sentir e reconhecer as experiências da vida em termos humanos, mas a sua vida efetiva não fosse afetada nem limitada pelas condições humanas. Deste modo veria a vida em termos humanos, mas com uma qualidade de separação que o colocaria para além da humanidade. Esta é a perspetiva dos deuses, sobretudo naquela conceção cultural em que os deuses são experienciados como seres que existem numa dimensão transcendente e que fazem os seus pronunciamentos sobre os assuntos humanos e as suas ocasionais intervenções na vida das pessoas a partir

de uma posição destacada, onde podem manter-se afastados e sem entraves por qualquer envolvimento nos assuntos dos indivíduos.

É uma conceção deste tipo dos deuses, por exemplo, que se encontra numa cultura como a da Grécia antiga. Aí, uma pessoa ia fazer uma pergunta ao oráculo com a crença de que, quando o oráculo falava, um Deus falava através dele. A mensagem dada era considerada verdade, ou sabedoria última, tal como aplicada à situação do indivíduo que vinha inquirir. Usualmente, essas respostas não eram especificamente pessoais, mas eram formuladas em termos generalizados e impessoais, indicando que eram proferidas a partir, seja qual for o seu derradeiro referente, do nível impessoal da psique.

Algo de comparável deve entender-se ser o caso no que respeita à personificação de Tote na psique da Sra. Garrett. Em qualquer caso, uma hipótese desta ordem deve ser mantida em mente quando começamos a ler as transcrições das conversas que tive com Tote. Há certamente um tom transpessoal e oracular nestas enunciações, faladas acerca do homem e transmitidas por uma boca humana, mas proferidas com uma qualidade transpessoal, como se um deus falasse. Tal é frequentemente o caso quando o nível profundo de uma psique empreende dramatizar-se e comunicar as suas intimações de vida.

A conceção de vida e do princípio abrangente da existência humana que Tote articula não está, de modo algum, limitada pela conceção psicológica da natureza das suas afirmações que acaba de ser descrita. A filosofia de vida que Tote apresenta tem validade própria, que exigiria ser discutida e interpretada noutro contexto. Necessariamente, teremos de discutir alguns dos conceitos filosóficos de Tote à medida que avançarmos, mas, devido ao enfoque especial deste estudo, uma discussão mais ampla das questões metafísicas envolvidas terá de ser deixada para outra ocasião.

O parágrafo 4 é particularmente interessante como indicação do sentido em que Tote é um princípio e não um deus pessoal. Os corolários disto são muito amplas e aparecerão à medida que as conversas com Tote prosseguirem.

Vemos aqui muito vincadamente o facto de que, para Tote, descrever a sua natureza como princípio e como pessoa envolve uma declaração de doutrinas de sabor inequivocamente oculto. As afirmações assumem uma qualidade intelectual que pode, certamente, do ponto de vista psicanalítico, ser vista como racionalizações. Devemos ter em mente, então, a qualidade destes discursos, já comentada, a saber, que a sua fachada intelectual e doutrinal não deve ser tomada à letra. São meros veículos da experiência mais profunda e fundamental de perceber e compreender o que está em jogo no aparecimento das figuras de transe. A natureza e o significado disto desdobram-se no pano de fundo das afirmações ocultistas, e é por isso que a compreensão do conteúdo simbólico das enunciações de Tote e das outras figuras pode dar uma perceção das implicações mais amplas destas experiências de transe.

A questão relativa aos Israelitas e à inspiração de Moisés envolveu tanto os aspetos práticos como os filosóficos da conceção de si mesmo que Tote apresenta. Mas é enganadora. Quando Tote diz que conheceu Moisés e o ajudou, a primeira reação é que aqui está uma afirmação ousada que é ou um disparate inflacionado, ou um contacto com a linha de experiência espiritual que tem sido identificada com a divindade na tradição religiosa ocidental.

A um olhar mais atento, contudo, verifica-se que nada de tão longínquo foi afirmado. O princípio do Logos, ou Verbo — o princípio interior de significado — é o que esteve envolvido com Moisés no seu contacto com Deus. Tote, como personificação desse princípio, esteve naturalmente envolvido com Moisés na sua experiência do divino. Com efeito, a essência da descrição que Tote faz de si é que a sua própria natureza o torna, por definição, inerentemente próximo de qualquer pessoa que mantenha uma relação forte e profunda com os últimos fundamentos da vida. O mesmo se pode dizer do princípio expresso na profundidade da psique. Uma vez que Tote é a personificação desse princípio e, dado que se percebe a agir como sua encarnação, pode, legitimamente, falar de si como conhecendo Moisés nos momentos de intensidade de Moisés; e pode

falar de si também como conhecendo Buda, Jesus e todo o ser humano que tenha estado engajado num encontro último. Se for entendido simbolicamente, isto é verdadeiro em sentido profundo — tão profundo quanto a experiência do indivíduo o habilita a compreender.

Quando Tote diz, portanto, que ajudou Moisés e que também não o ajudou, isto não deve ser tomado como um exemplo de evasiva hábil, mas como uma afirmação fiel aos factos. O princípio do Logos, ou do significado, que opera nas profundezas da psique, de facto ajuda a pessoa que está engajada numa luta para contactar a realidade da existência — para a contactar com tal intensidade que talvez ela lhe fale. Mas este princípio não pode fazer o trabalho pela pessoa. Ela própria tem de o empreender, atravessá-lo lutando, e, se conscienciosamente nele se engajar e por ele sofrer, então o princípio de significado no homem, o fator Logos na psique, pode realmente ajudá-la, inspirá-la, falar-lhe e guiá-la. Assim, os princípios de significado que Tote personifica puderam ao mesmo tempo ajudar e não ajudar Moisés, como podem ao mesmo tempo ajudar e não ajudar todos quantos encetam tal demanda.

O curioso — talvez difícil de apreender — é que, quando este princípio de significado se expressa simbolicamente sob a forma de uma personificação, de modo que ele próprio parece falar e agir como se fosse uma entidade que vive continuamente no tempo, há uma tendência infeliz para que as afirmações que faz sejam tomadas literalmente. Quando são tomadas literalmente — ou entendidas "horizontalmente", como Paul Tillich diria —, perdem-se as profundezas de significado nelas implícitas. Este é o grande escolho de muitas doutrinas ocultistas, e, especialmente, das crenças espiritistas que tanto têm afligido a Sra. Garrett ao longo dos anos.

Quando Tote fala e se identifica como figura divina — isto é, como personificação de um princípio eterno na existência humana —, pode interpretar-se ou como significando que uma pessoa divina está realmente a falar, ou que a Sra. Garrett é culpada de uma inflação escandalosa e está ingenuamente a permitir que uma clivagem

psíquica dentro de si fale como se fosse um Deus. Ambas são interpretações horizontais e perdem o essencial do que está em causa.

A pergunta que coloco a Tote aqui — "Se não existisse homem, existirias tu, Tote?" — lembra uma velha controvérsia sobre a questão de saber se haveria Deus se não houvesse seres humanos. Uma das respostas a essa questão tem sido sustentar que Deus — e, sobretudo, as variadas conceções de Deus — é uma criação cultural do homem. O tom da resposta de Tote indica que a perceção que tem de si próprio é a de princípio interior da existência humana, de modo que o homem e Tote, na multiplicidade das suas manifestações, são idênticos.

As muitas formas são, de facto, a essência da natureza sempre mutável do homem. Elas são a vida do homem e, uma vez que comportam a evolução do significado na dimensão humana da experiência, são a vida de Tote. Os seus aspetos e formas são de variedade infinita. A voz que fala através da Sra. Garrett afirma ser a totalidade delas; e também a expressão individual de cada variação e de cada movimento de sofrimento por meio do qual o significado evolui no mundo. A psique da Sra. Garrett é idêntica a isto? A resposta parece ser que o é, tanto e tão pouco, identicamente com a psique da Sra. Garrett quanto o é com o princípio profundo do significado na psique de todo o outro ser humano que se sinta psicologicamente chamado a lutar e a procurar um contacto com as realidades últimas da existência.

A questão aqui é histórica. Estou a perguntar a Tote se há uma razão ou um objetivo particular no facto de ele falar neste momento. Do ponto de vista psicológico, trata-se de uma questão de "missão". Representará a aparição de Tote um chamamento por parte da Sra. Garrett velado pela dramatização do ato mediúnico? A resposta, novamente, só pode ser entendida no quadro simbólico que nos permite ver a figura de Tote como personificação de um princípio eterno no homem. Há, de facto, uma obra da maior importância a fazer neste momento difícil da história. Há muitas coisas a fazer e, no sentido mais amplo, Tote, como encarnação do significado, ou Logos, é, necessariamente, a fonte de todas elas.

A Sra. Garrett está ligada a isto, mas apenas como instrumento. Tem, assim, um chamamento — uma missão — para ampliar o âmbito do significado no mundo moderno, mas deve servir apenas de veículo. Assim, na verdade, todos devem servir, com sentido, mas apenas como veículos do princípio eterno que opera no pano de fundo e é a fonte motriz de tudo quanto ocorre. Todos participam na vida de Tote, que aparece — e tem aparecido — sob muitas formas e nomes diferentes, mas que, ainda assim, se personifica como alguém que surge e fala através da instrumentalidade da Sra. Garrett. Muitas pessoas estão envolvidas nisto, mas a qualidade de impessoalidade é muito forte. As profundezas psíquicas de muitos podem ser idênticas a Tote, mas isso não significa que sejam deuses ou que vivam a vida dos deuses. Significa apenas que participam ativamente nas lutas difíceis pelas quais o significado da vida continua a desdobrar-se na história do homem.

A longa declaração aqui é uma elaboração de muitos dos pontos sobre os quais já comentámos. As implicações filosóficas destas afirmações exigem interpretação com muito maior amplitude, mas os aspetos psicológicos dessas afirmações foram suficientemente indicados.

A questão da masculinidade é inevitável do ponto de vista psicológico, mas aqui recebe um desvio cosmológico. Um facto óbvio é que as quatro figuras de controlo são masculinas. Se alguém interpretasse isto psicologicamente em termos diagnósticos, poderia dizer que indica um desejo inconsciente, por parte da Sra. Garrett, de falar e agir como homem. Cumpre assinalar, então, que, na sua vida desperta, a Sra. Garrett tem ampla oportunidade de funcionar nos termos e ao nível de um homem. Nas nossas discussões mais analíticas — que não estão aqui registadas, pois não foram feitas em transe nem ligadas ao seu trabalho mediúnico — surgiu a perceção de que há uma imagem que ela representa na sua vida que melhor se descreve como a de uma executiva.

Esta imagem, que é o dinatipo eficaz numa parte importante da sua vida social, envolve fortes capacidades de organização,

administração e direção sistemática de pessoas. Essas capacidades permitiram à Sra. Garrett, ao longo dos anos, ser a fundadora e editora de uma bem-sucedida editora, de uma revista, e organizar a Parapsychology Foundation e servir como sua presidente. Por causa destas e de outras atividades comparáveis em que se envolveu com êxito ao longo da vida, a Sra. Garrett reconheceu prontamente que um dinatipo executivo é um dos fatores efetores em funcionamento na sua psique. Ele expressa certamente qualidades que, segundo padrões convencionais, são percebidas como masculinas, mas que, não obstante, se ajustam à imagem total do tipo de mulher que a Sra. Garrett é. Ou seja, a imagem de mulher que ela vive inclui um forte componente masculino do tipo executivo.

Este dinatipo executivo não está, porém, relacionado com a qualidade masculina das figuras de controlo. De maior significado, talvez, a este respeito, é a conceção de C. G. Jung de que, quando componentes psíquicos nos níveis inconscientes da psique de uma mulher se dramatizam ou se personificam, assumem a forma de figuras masculinas. É a isto que Jung se refere como o *animus*. Ele acrescenta, a este propósito, um comentário de grande interesse quanto ao número de tais figuras. Habitualmente, diz Jung, a figura feminina correspondente que personifica o inconsciente de um homem — a *anima* — é singular; mas o *animus* de uma mulher, por várias razões, tende a ser plural. Esta teoria é fortemente validada — pelo menos aparentemente — pelo facto de haver quatro figuras masculinas a atuar como figuras de controlo na experiência da Sra. Garrett. Se seguíssemos a hipótese de Jung, consideraríamos Ouvani, Abdul Latif, Tote e Rama como figuras masculinas do *animus* que personificam vários aspetos do inconsciente da Sra. Garrett.

Esta teoria do *animus* tem uma validade considerável, mas não conduz necessariamente a conclusões que se ajustem aos termos das suas pressuposições. As quatro figuras de controlo expressam claramente conteúdos mentais de que a Sra. Garrett não tem consciência. Neste sentido geral, são inconscientes. Há também a qualidade adicional de autoridade com que cada uma fala, e esse tom é

culturalmente identificado com o masculino. É compreensível, não apenas psicologicamente mas também culturalmente, em termos das funções principais que estas figuras de controlo cumprem, que sejam masculinas. Contudo, isto está longe de ser toda a história, pois há muito mais envolvido no equilíbrio masculino/feminino da Sra. Garrett, tanto em termos da sua psique pessoal como dos aspetos mais amplos da sua experiência mediúnica.

À luz dos comentários anteriores, é interessante notar a observação de Tote de que Ouvani e Abdul Latif são definitivamente masculinos nas suas personalidades. São, de facto, reputados como representações modernas de homens que viveram em séculos idos, embora a própria Sra. Garrett não esteja convencida disso. São, no entanto, nitidamente masculinos no seu estilo de comportamento e de expressão. Tote, por outro lado, fala de si como masculino em termos gerais, mas salienta que a sua natureza não se limita aos opostos masculino e feminino. Isto é certamente compreensível à luz da nossa discussão anterior, na qual vimos que Tote não é uma pessoa, mas um princípio que se personificou na psique da Sra. Garrett. Um princípio não está limitado às formas corporais de um homem ou de uma mulher, e é por isso que Tote, embora fale de si como se fosse um homem, não é uma figura especificamente masculina como o são Ouvani e Abdul Latif. O que é verdade de Tote, a este respeito, parece ser também verdade da quarta figura, Rama, por razões que veremos à medida que avançarmos.

Nos parágrafos anteriores, Tote tem dissertado sobre a tendência geral dos movimentos da história moderna. Uma vez mais, tentei com a minha pergunta centrar a questão e determinar se Tote sente algum envolvimento específico na situação moderna.

A sua resposta, bastante característica, é coerente com o que já dissera. Ele está de ambos os lados — na verdade, de todos os lados — das lutas do nosso tempo. E isto, que tem implicações filosóficas muito interessantes, indica apenas que o desdobramento do significado via o Logos não é uma questão de moralidade, nem de bem e mal. Todos os aspetos da vida nele intervêm. E Tote, enquanto

princípio de significado na vida, está envolvido em todas as frentes onde a luta se expressa. Isto é verdadeiro no nível abstrato e impessoal de profundidade na psique da Sra. Garrett. No nível pessoal também, onde podemos observar se existe correspondência entre as qualidades das figuras de controlo e a personalidade da Sra. Garrett, encontramos um paralelo interessante. Tal como Tote abarca todos os opostos em conflito, sem rejeitar nenhum, permitindo que todos lutem entre si enquanto trabalham para uma resolução das tensões da vida, assim a personalidade consciente da Sra. Garrett é uma que reúne todo o tipo de pessoas, equilibrando as suas oposições de forma não julgadora; o que, à sua maneira, lembra o modo grandioso e abrangente de Tote.

Chegamos agora à relação do indivíduo com o princípio que Tote expressa. Isto torna-se uma questão de experiência pessoal. A conceção subjacente que Tote exprime é que o princípio do Logos assume tantas formas e é tão variável quanto as pessoas que chegam a conhecê-lo intimamente. Assim, diz Tote: "No momento em que sabes que eu existo, tens de ter a tua própria imagem de mim." Nesse momento, o princípio universal do Verbo torna-se específico e torna-se também capaz de se manifestar no mundo. Neste contexto, vemos novamente que, embora o nome e a forma do princípio do Logos sejam aqui expressos como Tote, não têm de o ser. Podem ser qualquer outro nome e forma; e, com efeito, têm-no sido ao longo da história. Não tem de se chamar Tote, mas o contacto com o princípio do Verbo subjaz a todos. Isto dá-nos uma indicação do amplo e variado enquadramento em que a questão da imortalidade tem de ser entendida. A continuidade da identidade de formas e nomes fixos não é nem de perto tão importante quanto a participação no princípio subjacente do Logos.

A questão da relação das figuras de controlo com a hipnose surgira em discussões anteriores e, agora, Tote diz que entende que esta situação não deve ser alterada. À primeira vista, parece haver uma mudança de atitude aqui expressa. No início, um dos propósitos das nossas conversas em transe era verificar se a Sra. Garrett poderia libertar-se, por seu intermédio, de certas restrições emocionais dentro

de si. Preocupava-a particularmente o facto de Ouvani e Abdul Latif poderem ser auxiliares para outros, mas não para ela. Chegámos ao ponto, nas nossas discussões, em que nos apercebemos de que Ouvani e Abdul Latif entravam e falavam em transe principalmente porque, durante o seu treino inicial em mediunidade, a Sra. Garrett fora ensinada a permitir que as figuras falassem depois de ter sido conduzida ao transe por meio de hipnose. Uma vez aprendido assim, isso permaneceu como padrão de experiência. Dali inferimos que, se Ouvani e Abdul Latif pudessem ser libertos da limitação de só poderem falar quando a Sra. Garrett era levada ao transe por hipnose, seriam muito mais acessíveis e poderiam ser de muito maior auxílio, particularmente à própria Sra. Garrett.

Um dos objetivos definidos para o nosso trabalho, portanto, era libertar Ouvani e Abdul Latif do padrão hipnótico. Nesta conversa, porém, Tote parece ter chegado a outra conclusão. Ele acha que a situação deve permanecer como tem sido. Um comentário que faz a este respeito indica que considera que um resultado importante destas conversas é dar a Tote a oportunidade de expor e desenvolver o seu ponto de vista, podendo, assim, estabelecer contacto pessoal comigo enquanto dialogista (o segundo membro — ou terapêutico — num diálogo psicológico) e, através de mim, chegar a outras pessoas no mundo moderno. Cumprido este objetivo, infere-se não ser necessário alterar a condição hipnótica das figuras de controlo. Deixemo-las como estão, para que possam continuar a falar através da Sra. Garrett no seu modo habitual. Precisam disso, pois é a que estão habituadas; e temos nitidamente a impressão de que há algum desconforto associado à ideia de perturbar o equilíbrio na psique da Sra. Garrett, desmanchando a relação estabelecida das imagens. À medida que a discussão prossegue, torna-se claro que a consideração predominante no pensamento de Tote é o facto de estas figuras serem dados permanentes na psique da Sra. Garrett. Tornaram-se canais e formas através dos quais a sua vida psíquica avança e se desdobra. Nada deve, portanto, ser feito que ponha em risco a continuação do aparecimento destas figuras nas suas formas habituais. Acordámos isto por razões psicológicas muito substantivas.

CONVERSA N.º 2
COM TOTE

(Respiração profunda, gemidos, suspiros, grunhidos, à medida que o estado de transe se aprofunda. A figura e a voz de Ouvani retiram-se e, em breve, a Sra. Garrett começa a falar com o tom e o sotaque diferentes de Tote.)

É Tote quem fala contigo.

Saudações, Tote.

Há em teu coração algo que precisa de compreensão, consolação, ou meramente conselho — seja o que for.

Tenho estado a falar com Ouvani, como sabes, e pergunto-me — para continuar a nossa conversa de há algum tempo. Dirias qual é o teu interesse, no presente?

O que é o interesse no presente não é hoje mais difícil de compreender do que alguma vez foi. Qual é o interesse do homem, em qualquer época ou país, quando fala consigo próprio, com o seu ídolo, com o seu fogão, ou com o seu deus — qual é o seu interesse? Que dirias que é?
É a sua vida.

É o instinto de sobrevivência. Se é que pensa, de todo. Se não pensa, passará, com o resto da vida, através dos ciclos regulares de partilha de experiência, e seguirá o seu caminho nem pior, nem melhor, nem mais sábio. Entrará pela porta e sairá pela porta. Terá sido criatura do seu ambiente e partirá. Não é essa, por vezes, a lei pela qual o homem parece viver? Se se vê confrontado com — bem, no meu tempo, um guerreiro do Norte; no teu tempo, um guerreiro do Norte ou do Oriente; no meu tempo, se os seus cofres não estavam cheios; no teu tempo, se a sua bolsa não obedece à vontade da mudança — fará algumas oferendas votivas e pedirá, expectante, desconfiado, ou em conformidade com o que lembrou dos seus

primeiros ensinamentos, um pouco de ajuda. Por outras palavras, apaziguará os deuses.

Sim, para viver.

Para sobreviver. De onde vem a ideia de sobrevivência? De onde pensas?

Bem, creio que deve começar com a interrogação do homem sobre a sua própria vida no seu próprio dia.

É isso.

E este impulso de sobrevivência, isto é—

Será isso, portanto, apenas porque ele deseja viver mesmo perante sofrimento terrível, ou é algo de básico e profundo? Não é ele o guardião da sua própria tábua particular que lhe foi dada e que tem de levar de volta? Não é ele também sempre um estranho ao seu ambiente?

Sempre um estranho ao seu mundo, sim. Porquê?

EG: Será talvez porque ele vem por tão pouco tempo?

T: E deve regressar. Então, o que o guia? O conhecimento básico e fundamental de que faz parte de algo que não compreende — maior do que sabe e menor do que gostaria que fosse.

Uma vez que é menor do que ele gostaria que fosse, então ele procura…

Então procura fazer um carretel sobre o qual enrolará o cordão, para que dê azo à fantasia e, aos olhos dos seus semelhantes, pareça grande. Aí comete o seu grande erro e não continua a tecer o material da inevitabilidade. Tece apenas o material do acaso, das possibilidades. Mas a inevitabilidade do facto de que tem de sair por aquela porta um pouco mais sábio do que entrou, a fim de regressar àquela certeza que a sua alma lhe diz que deve continuar — isso desconsidera. Assim, infelizmente, fica confuso. As fórmulas e as doutrinas sofreram; tornaram-se ultrapassadas, desatualizadas. Creio

que te disse, ou te insinuei, que antes da chegada de qualquer grande mudança há leis designadas, soltas de estrutura — poderias até chamá-las irracionais. Há aqueles fora da fórmula que então se tornam a voz que anuncia que a mudança está sobre nós. E há depois os exércitos, por fim, que não ouvem a voz que ressoa, mas têm fome também de produzir algo. E continuam igualmente a bater às portas e a produzir, à sua maneira, algo para a mudança. E há ainda os trabalhadores que continuam a obedecer. O homem vive dentro da colmeia. A natureza mostra-te, no labor do animal, exatamente o que acontece na comunidade chamada homem; no inseto, na árvore, no depósito mineral, na terra e nos seus elementos estão as suas escrituras. Verdade? E aquele que é, frouxamente — ou, como diríamos, para manter a palavra, irracionalmente —, trazido em conjunto, é capaz, como a casa construída levemente sobre a areia, de ser um recetáculo conveniente, digamos, através do qual sopram os elementos do conhecimento. E ele tem de o ser — não se pode impedir.

Porque as formas fixas não… as formas não estão fixas à sua volta. Sim?

Ele tem de ser. É aqui que ele sobe ao palco.

É-lhe aberta a disposição pela história, na verdade; ele tem de estar aberto.

Tem de ser aberto por mais do que a história; é aberto pelo processo — tem muitos nascimentos.

Agora, ele passou muitas vezes pelo barro solto da circunstância.

Ora, são duas coisas separadas, não são? Isto é, estamos aqui num tempo na história em que as formas, os símbolos, já não estão fixos. Quebraram-se, deixaram confusão. Depois há, sem essa forma, aquilo que vemos como uma espécie de irracionalidade que não é fixada pelas formas racionais das coisas. E essa irracionalidade, isso resulta na abertura porque não há crença fixa. Sim, isso faz parte da mudança.

Sim, e é assim que a natureza faz as suas mudanças. Independentemente do homem e, no entanto, por causa dele.

Sim. Agora, a natureza está a fazer esta mudança no tempo — aquilo a que eu diria, na história. E, no entanto, ela faz esta mudança por meio de certos indivíduos, presumo.

Sim, os irracionais. Tu trabalhas a tua filosofia, a tua fórmula. São os irracionais que têm de sair primeiro e lançar as sementes. Sempre foi assim.

Sim. Agora, os que são escolhidos para isso, os que têm, digamos, a tarefa de o fazer — qual é a qualidade deles e o que há neles? Foi a circunstância que os fez?

Não, não completamente, oh, não, não, não. Antes de mais, os elementos que estão dentro da circunstância que os criou. É isto. Não penses por um momento que o nascimento é um mero acaso. A criança no adulto — digamos assim — sabe muito bem que vai entrar numa fórmula que será o seu espaço. Será a sua casa. Há muito dentro dele já que moldará as atividades. Há muito dentro dele que trará eventos sobre ele, durante o tempo em que está contido no invólucro, se quiseres — ou o corpo — e a psique, porque ambos lá estão, um para proteger o outro. Sem um, não há outro.

Muito bem, ele sabe que aceitará para esta cápsula particular aquele lugar que lhe trará as medidas corretas na sua vida; que o forçará, que o porá fora da lei, se quiseres, mas que, não obstante, produzirá ali a consequência necessária. Tem, portanto, antes do nascimento, a sua escolha. Essa escolha — agora entramos em química — é que alguém, os elementos, as estações, o contágio do todo, hão de produzir, na área de duas outras máquinas químicas, esta mesma histeria que produzirá aquela sensação na qual ele entrará por amor ou pelo criativo. Fala-se de amor, que seria inteiramente diferente de criação. Não é assim. O princípio criativo é um princípio hostil.

A criação é hostil em que sentido? Em que…

Em que, quando juntas dois corpos para cumprir a lei, para produzir e sobreviver, a produção do tema, a produção dos símbolos e a produção da vida e a sustentação da vida é uma medida dupla. Não é

produzida em solenidade. Não pode ser produzida até que a natureza e os elementos de duas pessoas estejam em explosão emocional. Irracionalidade. Então — e só então —, quando o corpo está em qualidade explosiva, isso pode ter lugar.

Como… sim, é uma espécie de tensão.

Não podes ter nascimento sem tensão, é verdade?

Sim, e portanto o criativo…

Todo o princípio de toda a tua maquinaria fundamental da vida — desde os teus grandes monstros que voam no céu até à mais pequena peça de maquinaria — segue exatamente o que acontece quando a vida é criada entre um homem e uma mulher. Já pensaste nisso?

Sim. Agora, como descreverás isto?

Não podes meter uma coisa noutra, para a fazer, assim (estala os dedos). Para a fazer encaixar e ficar, tens de pegar no teu metal passivo, não é, cortá-lo, pô-lo na forja e moldá-lo, e ajustá-lo àquilo a que se chama a parte macho, para que fiquem trancados um ao outro. Ora, tudo na tua vida industrial segue esse padrão.

Um ajustamento do feminino em torno do masculino. Bem, não é assim?

Sim, de facto, e portanto é uma união destes opostos, mas…

E não é a união dos opostos que se atraem? Não é a força magnética destas duas secções? Positivo e passivo, na maquinaria, que continuarão a contrair e a mantê-los juntos, tal como os elementos serão seu pai e sua mãe. Porque sabes que a tua porta, por melhor que esteja ajustada, não encaixará tão bem quando a chuva cai. Nem a tua porta assumirá o mesmo ângulo e proporções quando o vento trabalha a madeira. Mas a atração entre os teus metais e entre aquilo que mantém todas as coisas juntas é tal que os elementos hão de contrair e explodir, contrair e explodir. E assim todo o princípio de tudo quanto

está na tua vida — e na vida do homem — sempre, quer ele faça um objeto, quer faça uma locomotiva — como é feito? Soldado, junto.

E, portanto, dizes, todo o ato criativo e o processo criativo é um de…

Tensão.

Tensão e uma certa…

Hostilidade.

Hostilidade, sim, que é implícita na criatividade.

Implícita. Implícita. A grande dificuldade — agora deixa-me retomar; voltemos à escola. Pensa em algumas das pessoas que conheceste e que mais te deram. Não eram as pessoas que concordavam sempre contigo. Foste realmente um rapaz brilhante e inteligente. Eram as pessoas que verdadeiramente te faziam pensar. Não precisavas, por necessidade, de gostar delas e de ser confortado por elas. Não foi destas que mais aprendeste. O que mais aprendeste, sabes, foi através das qualidades negativas.

Posso perguntar — ocorre-me este pensamento — se, agora, Tote, verias, uma vez que falas especificamente de alguns dos meus professores. Vês — podes dizer-me — alguns dos meus professores?

Isso não é da minha alçada. Isso pertence ao momento em que quiseres entrar na secção individual dessas pessoas; então, creio que terás de falar com Ouvani, que é o selecionador da personalidade.

Talvez ele pudesse dizer quais desses professores são de importância para mim no quê — no trabalho que devo fazer, agora.

Creio que aqueles que, naturalmente, mais te dão são os que eu escolheria. Recuaria aos testamentos muito antigos, às filosofias antigas. Recuaria, claro, aos séculos X e XII, quando a cultura árabe estava no seu auge e melhor. Depois recuaria — nada tirarás da cultura cristã; perdoa-me se o digo, mas isto não é uma cultura em nenhum sentido da palavra. É — como dizeis quando o rio rompe as margens — subsidiária. É isso, essa é a palavra; não é, de certo modo,

senão uma subsidiária. Mas recua para trás disto e lê de novo, e penso que um dos grandes filósofos, na minha estima…

(Nota: Há uma quebra na gravação aqui, no fecho do Lado I da fita. A conversa prossegue no Lado II.)

Isto é de grande interesse para mim: que tu, sendo muçulmano, digas que o Cristianismo não pode durar demasiado, especialmente porque eu gostaria de falar contigo sobre as coisas que somos chamados a fazer para contribuir para a nossa situação na história. Parece-me que aquilo que dizes é, de facto, parte do problema e da necessidade do presente momento — que o Cristianismo, como dizes, não pode durar demasiado.

Olha para o crescimento hoje das mentes dos homens. Estou certo de que seria muito sensato ao dizer-te que o que estou prestes a dizer-te não é a revelação que te tornará popular, mas estou certo de que vês o crescimento da obra do Islão. Podes não gostar, mas tem estado, vês, em pousio por muito tempo e agora, sob muitos disfarces, vem a dar algum fruto. Verdade?

Sim, parece que sim.

Agora, olha para a religião do Estado. Os homens tiveram religião de Estado toda a vida. As religiões mais antigas podem considerar-se religiões de Estado. Preocupavam-se total e completamente com a disciplina da terra, a sua fecundidade e a sua capacidade de dar — não é assim? E, através da sua capacidade de dar, assim puderam os homens colher dos seus frutos, e assim lutar uns com os outros e, por fim, baterem-se. Os territórios mudaram de mãos, mas, no grande processo dos movimentos do tempo, no seu círculo contínuo, isto aconteceu tantas vezes que já não podemos, como legisladores, levar isto a sério. Ainda assim, devemos levar uma ciência a sério. Agora, ao mesmo tempo que tens o Islão a erguer-se e religiões de Estado a erguerem-se por todo o Oriente — de onde sempre veio a lei; a lei vem do Oriente tão seguramente como a luz do sol. É verdade?

Sim, parece sê-lo.

Sempre foi assim, sempre será. Por isso, essas religiões de Estado não me ofendem. É apenas a forma como às vezes são usadas que me perturba, pois a religião de Estado é tão antiga quanto o próprio homem. Cada homem cultivou aquilo de que cuidou; cada homem rezou para que os elementos o protegessem. E cada homem sofreu na medida em que protegeu.

Quando dizes "religião de Estado", referes-te ao Comunismo?

Sim, posso conceder ao Comunismo, porque que importa? Hoje não é o Comunismo.

Será, talvez, porque ele vem por tão pouco tempo?

E tem de regressar. Então, o que o guia? O conhecimento básico e fundamental de que ele faz parte de algo que não compreende — maior do que sabe e menor do que gostaria que fosse.

Sendo menor do que ele gostaria que fosse, então ele procura…

Então procura fazer uma bobina sobre a qual enrolará o cordão, para que dê azo à fantasia e, aos olhos dos seus semelhantes, pareça grande. Aí comete o seu grande erro e não continua a tecer o material da inevitabilidade. Tecerá apenas o material do acaso, das possibilidades. Mas a inevitabilidade do facto de que tem de sair por aquela porta um pouco mais sábio do que entrou, para voltar àquela certeza que a sua alma lhe diz que tem de continuar — isso desconsidera. Assim, infelizmente, fica confuso. As fórmulas e as doutrinas sofreram; tornaram-se ultrapassadas, caducas. Creio que te disse, ou te insinuei, que, antes da chegada de qualquer grande mudança, há leis designadas, soltas de estrutura — poderias até chamá-las irracionais. Há os que estão fora da fórmula, que então se tornam a voz que ressoa com o conhecimento de que a mudança está sobre nós. E há depois os exércitos, por fim, que não ouvem a voz que ressoa, mas têm fome também de produzir algo. E continuam igualmente a bater às portas e a produzir, à sua maneira, algo para a mudança. E há ainda os trabalhadores, que continuam a obedecer. O homem vive dentro da colmeia. A Natureza mostra-te, no labor do animal, exatamente o que acontece na comunidade chamada homem;

no inseto, na árvore, no depósito mineral, na terra e nos seus elementos estão as suas escrituras. Verdade? E aquele que é, frouxamente — ou, como diríamos para manter a palavra, irracionalmente —, reunido, é capaz, como a casa construída levemente sobre a areia, de ser um recetáculo conveniente, digamos, através do qual sopram os elementos do conhecimento.

E ele tem de o ser; não se pode impedir.

Porque as formas fixas não… as formas não estão fixas à sua volta. Sim?

Ele tem de o ser. É aqui que ele sobe ao palco.

É-lhe aberta a disposição pela história — na verdade, ele tem de estar aberto.

Tem de ser aberto por mais do que a história; é aberto pelo processo — tem muitos nascimentos.

Agora, ele passou muitas vezes pelo barro solto da circunstância.

Ora, isto são duas coisas separadas, não são? Ou seja, estamos aqui num tempo da história em que as formas, os símbolos, já não estão fixos. Quebraram-se, deixaram confusão. Depois há, sem essa forma, aquilo que vemos como uma espécie de irracionalidade que não é fixada pelas formas racionais das coisas. E essa irracionalidade resulta na abertura porque não há crença fixa. Sim, isso faz parte da mudança.

Sim, e é assim que a Natureza faz as suas mudanças. Independentemente do homem e, no entanto, por causa dele.

Sim. Agora, a Natureza está a fazer esta mudança no tempo — aquilo a que eu diria "na história". E, no entanto, ela faz esta mudança por meio de certos indivíduos, presumo.

Sim, os irracionais. Trabalhas a tua filosofia, a tua fórmula. São os irracionais que têm de sair primeiro e lançar as sementes. Sempre foi assim.

Sim. Agora, os que são escolhidos para isso, os que têm, digamos, a tarefa de o fazer — qual é a qualidade deles e o que há neles? Foi a circunstância que os fez?

Não, não completamente, oh, não, não, não. Antes de mais, os elementos que estão dentro da circunstância que os criou. É isto. Não penses por um momento que o nascimento é mero acaso. A criança no adulto — digamos assim — sabe muito bem que vai entrar numa fórmula que será o seu espaço. Será a sua casa. Há muito dentro dele já que moldará as atividades. Há muito dentro dele que trará eventos sobre ele, durante o tempo em que está contido no invólucro, se quiseres — o corpo — e a psique, porque ambos lá estão: um para proteger o outro. Sem um, não há outro.

Muito bem, ele sabe que aceitará, para esta cápsula particular, aquele lugar que lhe trará as medidas corretas na sua vida; que o forçará, que o colocará fora da lei, se quiseres, mas que, não obstante, produzirá ali a consequência necessária. Tem, portanto, antes do nascimento, a sua escolha. Essa escolha — agora entramos em química — é que alguém, os elementos, as estações, o contágio do todo, hão de produzir, na área de duas outras máquinas químicas, esta mesma histeria que produzirá aquela sensação na qual ele entrará por amor ou pelo criativo. Fala-se de amor, que seria inteiramente diferente de criação. Não é assim. O princípio criativo é um princípio hostil.

A criação é hostil em que sentido? Em que…

Em que, quando juntas dois corpos para cumprir a lei, para produzir e sobreviver, a produção do tema, a produção dos símbolos e a produção da vida e a sustentação da vida são uma medida dupla. Não é produzida em solenidade. Não pode ser produzida até que a natureza e os elementos de duas pessoas estejam em explosão emocional. Irracionalidade. Então — e só então —, quando o corpo está em qualidade explosiva, isso pode ter lugar.

Como… sim, é uma espécie de tensão.

Não podes ter nascimento sem tensão, é verdade?

Sim, e portanto o criativo…

Todo o princípio de toda a tua maquinaria fundamental da vida — desde os teus grandes monstros que voam no céu até à mais pequena peça de maquinaria — segue exatamente o que acontece quando a vida é criada entre um homem e uma mulher. Já pensaste nisso?

Sim. Agora, como descreverás isto?

Não podes meter uma coisa noutra, para a fazer, assim (estala os dedos). Para a fazer encaixar e ficar, tens de pegar no teu metal passivo, não é, cortá-lo, pô-lo na forja e moldá-lo, e ajustá-lo àquilo a que se chama a parte macho, para que fiquem trancados um ao outro. Ora, tudo na tua vida industrial segue esse padrão.

Um ajustamento do feminino em torno do masculino. Bem, não é assim?

Sim, de facto, e portanto é uma união destes opostos, mas…

E não é a união dos opostos que se atraem? Não é a força magnética destas duas secções? Positivo e passivo, na maquinaria, que continuarão a contrair e a mantê-los juntos, tal como os elementos serão seu pai e sua mãe. Porque sabes que a tua porta, por melhor que esteja ajustada, não encaixará tão bem quando a chuva cai. Nem a tua porta assumirá o mesmo ângulo e proporções quando o vento trabalha a madeira. Mas a atração entre os teus metais e entre aquilo que mantém todas as coisas juntas é tal que os elementos hão de contrair e explodir, contrair e explodir. E assim, todo o princípio de tudo quanto está na tua vida — e na vida do homem — sempre, quer ele faça um objeto, quer faça uma locomotiva — como é feito? Soldado, junto.

E, portanto, dizes, todo o ato criativo e o processo criativo é um de…

Tensão.

Tensão e uma certa…

Hostilidade.

Hostilidade, sim, que é implícita na criatividade.

Implícita. Implícita. A grande dificuldade — agora deixa-me retomar; voltemos à escola. Pensa em algumas das pessoas que conheceste e que mais te deram. Não eram as pessoas que concordavam sempre contigo. Foste realmente um rapaz brilhante, inteligente. Eram as pessoas que verdadeiramente te faziam pensar. Não precisavas, por necessidade, de gostar delas e de ser confortado por elas. Não foi destas que mais aprendeste. O que mais aprendeste, sabes, foi através das qualidades negativas.

Posso perguntar — ocorre-me este pensamento — se, agora, Tote, verias, uma vez que falas especificamente de alguns dos meus professores. Vês — podes dizer-me — alguns dos meus professores?

Isso não é da minha alçada. Isso pertence ao momento em que quiseres entrar na secção individual dessas pessoas; então, creio que terás de falar com Ouvani, que é o selecionador da personalidade.

Talvez ele pudesse dizer quais desses professores são de importância para mim no — no trabalho que devo fazer, agora.

Creio que aqueles que, naturalmente, mais te dão são os que eu escolheria. Recuaria aos testamentos muito antigos, às filosofias antigas. Recuaria, claro, aos séculos X e XII, quando a cultura árabe estava no seu auge e melhor. Depois recuaria — nada tirarás da cultura cristã; perdoa-me se o digo, mas isto não é uma cultura em nenhum sentido da palavra. É — como dizeis quando o rio rompe as margens — subsidiária. É isso, essa é a palavra; não é, em certo sentido, senão uma subsidiária. Mas recua para trás disto e lê de novo, e penso que um dos grandes filósofos, na minha estima…

(Nota: Há uma quebra na gravação aqui, no fecho do Lado I da fita. A conversa prossegue no Lado II.)

Isto é de grande interesse para mim: que tu, como muçulmano, digas que o Cristianismo não pode durar muito, sobretudo porque eu gostaria de falar contigo sobre o que somos chamados a fazer para contribuir à nossa situação na história. Parece-me que o que dizes é,

de facto, parte do problema e da necessidade do presente momento — que o Cristianismo, como dizes, não pode durar muito.

Olha para o crescimento hoje das mentes dos homens. Estou certo de que seria muito sensato ao dizer-te que o que estou prestes a dizer-te não é a revelação que te tornará popular, mas estou certo de que vês o crescimento da obra do Islão. Podes não gostar, mas tem estado, vês, em pousio por muito tempo e agora, sob muitos disfarces, vem dar algum fruto. Verdade?

Sim, parece que sim.

Agora, olha para a religião de Estado. Os homens tiveram religião de Estado toda a vida. As religiões mais antigas podem considerar-se religiões de Estado. Preocupavam-se total e completamente com a disciplina da terra, a sua fecundidade e a sua capacidade de dar — não é assim? E, através dessa capacidade de dar, assim puderam os homens colher dos seus frutos, e assim lutar uns com os outros e, por fim, baterem-se. Os territórios mudaram de mãos, mas, no grande processo dos movimentos do tempo, no seu círculo contínuo, isto aconteceu tantas vezes que já não podemos, como legisladores, levar isto a sério. Ainda assim, devemos levar uma ciência a sério. Agora, ao mesmo tempo que tens o Islão a erguer-se e religiões de Estado a erguerem-se por todo o Oriente — de onde sempre veio a lei; a lei vem do Oriente tão seguramente como a luz do sol. É verdade?

Sim, parece sê-lo.

Sempre foi assim, sempre será. Por isso, essas religiões de Estado não me ofendem. É apenas a forma como às vezes são usadas que me perturba, pois a religião de Estado é tão antiga quanto o próprio homem. Cada homem cultivou aquilo de que cuidou; cada homem rezou para que os elementos o protegessem. E cada homem sofreu na medida em que protegeu.

Quando dizes “religião de Estado”, referes-te ao Comunismo?

Sim, posso conceder ao Comunismo, porque — que importa? — hoje não é o Comunismo.

Claro que não é, em sentido real, não. Mas qual é a relação entre essas religiões de Estado e a ascensão do Islão?

Pois isto é, de novo, a subida de outro ciclo: outro profeta abre os olhos e boceja, e os homens obedecem e, em nome do seu nome, começam a fazer progresso. Não é assim? O Islão tornou-se uma ferramenta importante nas mãos de muita gente — e é assim que a religião se forma. Ora, a religião cristã, hoje, já não é uma ferramenta importante porque, aos olhos do múltiplo — e há hoje mais homens a pensar em termos de si mesmos e dos seus bens e haveres —, há toda uma revolução, e essa revolução pode ser "pregada" a qualquer indivíduo particular. É o que digo: os acontecimentos fazem o homem. Verdade?

Sim. Há algum homem em particular a viver agora?

Não pronto para assumir o que chamaremos o termo duvidoso "Messias". Na verdade, há Messias a mais. Mas da China — da China — erguer-se-á uma força, e hão de surgir sacerdotes e poetas, e seria aí que certamente buscaria a fórmula. A Índia um dia, como país, desaparecerá; sentes isso. Estou certo de que o sabes. E a Ásia, que tantas vezes se expandiu pela Europa, provavelmente se expandirá para lá do que se pode ver. Mas creio que o grande movimento, de novo, vem mais da China.

Mas agora, Tote, falaste do Islão. Gostarias de dizer algo mais acerca do que o Islão tem de fazer agora?

Pois, creio que voltarás de novo aos tempos zoroastrianos — e aí encontras, também, não é, um homem de sabedoria e cultura. Hás de lembrar-te do homem — maior, creio, do que muitos daqueles a quem a Índia presta grande homenagem — Milarepa. Leste-o?

Sim, li sobre a sua vida.

Um poeta.

Sim — e tibetano.

Hás de contactar muitos dos grandes xeques dos séculos X e XII, creio, no teu museu, e verás de novo que havia uma grande força vital de vida nessa parte do mundo.

Sim, de facto havia.

Uma grande força de vida. Todos a dizerem muito o mesmo. Depois voltarás ao que é deísmo, porque o que tens hoje é uma forma de neo-judaísmo — é uma boa forma de o dizer?

Queres dizer Cristianismo com isso?

Sim. Dirias que o Islão é um neo-judaísmo?

Exatamente.

De facto, em certos aspetos, mais próximo do Judaísmo do que o Cristianismo.

Porque quão próximo podes estar do Judaísmo? O cristão pertencia a um santo — dos quais, notamos, não eram particularmente disciplinados. Mas, não obstante, um ramo do mesmo carvalho. Assim, há — por assim dizer, e tens isso, repetidamente, nas tuas escrituras — a expressão "os filhos de". Verdade? Os filhos de David, os filhos de Judá — não é verdade? Aqui tinhas, pois, estes povos a fundirem-se e, de certo modo, a destruírem-se, ao confundirem-se mutuamente.

Isto deve ser-te bastante óbvio quando olhas hoje para o mapa. Creio que o teu bom Ouvani te apontou que eu lhe dera instruções de que o mapa diante dos cardeais é muito difícil. Pegas nesses pobres homens que vêm de diferentes habitações e vês que, com exceção do teu próprio país, vêm de países que não possuem força, pela simples razão de que, hoje, em Itália, a Igreja perdeu favor. Não é assim? Ora, toma esta parte da América que é parte do teu continente e verás que a Igreja também perdeu favor e, de certo modo, tomou para si aquilo a que a teologia cristã chamaria a idolatria do índio. E, no entanto, pergunto-te: quem é o índio senão um asiático? Não vês que os degraus já estão talhados.

Vejo, sim — dizes que os degraus estão talhados para alguém vir do Oriente. Da China.

Sim, os degraus estão todos talhados. E o que está a acontecer hoje? Não "esta noite", não — mas a acontecer a cada momento da tua vida. Está a acontecer, como te dirá qualquer geólogo que viu o movimento impercetível da avalanche. Aos teus olhos não se move, mas sabes que a Natureza, na sua marcha final, a está a mover.

Mas agora, esta questão aqui, Tote… Isso não te leva à pergunta básica: quem sou eu?

Sim, e eu ia fazer essa pergunta: porque é que pareces querer — e interessar-te, em todo o caso — por aparecer aqui, por meio de um instrumento, na civilização ocidental?

Bem, não achas que precisamos de um pouco de preparação?

Absolutamente.

Começara já a dizer-te que, em momentos de grande tensão e em momentos de mudança, isso aconteceu repetidas vezes. Podem surgir e começar a falar em termos — e começar a falar como oráculos. Não é novo. Porque, finalmente, depois de olharmos para todo este problema do governo de Estado, depois de olharmos para as fórmulas do governo clerical e secular, então encontramos que o coração do homem exige e comanda uma palavra que não é desta Igreja, não é desta religião. Dar-lhe-á a capacidade de se mover e a capacidade de pensar. Ora, quem são hoje os sacerdotes? Estarão os grandes eclesiásticos a escrever palavras para os povos da Ásia?

Creio que não.

Quem são os sacerdotes?

Creio que os sacerdotes são os homens que trabalham em termos de ciência.

Quem diz hoje a palavra — quem move a avalanche? Quem é que está a compreender-se mutuamente hoje, tenha a pele curtida pelo sol ou branqueada pela planície ártica? Quem dá a palavra?

O cientista. Mas, ora, o cientista fez muitas coisas, e, no entanto, parece que outro tipo de palavra é necessária até para ele; outro tipo de palavra é necessária dele próprio. Mas parece, não parece, que o cientista precisa de um caminho — precisa que lhe mostrem um caminho para usar o que está a encontrar.

Ele não vai ajoelhar-se aos pés do seu sacerdote para o descobrir, nem sequer à palavra tua e de homens como tu.

Sim. E agora…? Levarias isso mais longe?

"Para onde vais à palavra?", perguntas-me. E digo-te: voltas aos teus primeiros pastores e mestres, que não foram, de modo algum, impedidos de dar a lei — embora a lei tenha de ser dada em imagens, e dada em fórmula artística, e dada em cantos, e dada em lenda —, e, ainda assim, ela passou… e está entre os homens, e é, portanto, dada às poucas disciplinas que têm curiosidade — como os homens que vão entre os homens para entender a raiz e os significados básicos da humanidade; aos homens que estudam os homens; e, finalmente, aos homens que voltam atrás e tomam a palavra e lhe dão uma nova fórmula. Não um novo significado — uma nova fórmula. Um novo simbolismo. Um simbolismo aceitável ao momento. Estes são os homens — e não são assim tantos — que estão aqui e a quem, sob este arco, o cientista olha em busca de orientação.

Uma nova fórmula, disseste.

Parecerá uma nova fórmula porque terá de ser redigida não nas palavras de um Shakespeare, não nas palavras de Milarepa — são demasiado obscuras —, não nas palavras dos que escreveram o teu Talmude, não nas palavras do Alcorão, nem sequer nas palavras de Confúcio — que foi poeta e tolo, mas também sábio. Mas estas palavras têm de ser tomadas e têm de ser interpretadas em significados que sejam claros para os homens de hoje.

É para isto — e só para isto — que o sopro de Deus fala: Tote, Rama, quem quer que seja, sopram aos ouvidos daqueles cuja posição na vida os abre. Não apenas a posição nesta vida, mas a posição na vida por terem lidado com as palavras. Para onde pensas tu que vai a

palavra quando terminas? Julgas que tudo o que és termina quando te metem na terra? Onde estás tu, o pensador? Onde está a árvore que queimas no teu lar? Em cinzas, dizes-me, e em fumo. Mas o fumo voltou à química da vida e as cinzas à química da terra, para se encontrarem de novo. E o espírito — todo o símbolo que contém a imagem do livre — está, provavelmente, contido num termo que cresce nos teus bosques, à espera que os elementos o transformem disto naquilo.

Nada se perde, a palavra menos do que tudo. Voltas aos teus mestres antigos — quanto mais antigos, melhor —, porque eles tinham tempo e espaço para olhar e desejo de compreender. Eram limpos e são, e, à medida que a palavra passava, ora eles escreviam — e preservaram — Deus. O que é Deus? A palavra, o sopro, e todos os símbolos de toda a vida que era o seu tesouro. Nunca para ser destruído. É isto diferente de algum dos ensinamentos do teu mestre?

De facto. Agora, como me aconselharias — a mim, pessoa do meu tempo — a entrar em contacto com esses mais antigos dos mestres? Hei de encontrá-los nos livros? Ou hei de encontrá-los em mim mesmo?

Hás de encontrá-los. Primeiro, baterás à porta que contém a palavra deles e dirás: "Velho, acorda. Quero trocar palavras contigo." E, passados momentos, ele bocejará e dirá: "Sou eu um tolo? Sou eu um patife?" Eu, Tote, disse que tinha de entrar ali no templo, e há ali uma estátua magnífica, e lá tenho de enganar o povo e falar através dessa estátua, para que eles sigam pelos caminhos e lavrem os campos e preservem as suas águas — porque esta imensidão lhes falou. Mas, se pensas que eu, homem, poderia ter ido diante deles e produzido os mesmos resultados sem o colosso que representava um deus — teriam eles isto?

Sim. Nunca ouviriam.

Vês, então, que nobreza, ordem, doutoramentos e sacerdócios e reinos têm, de facto, o seu lugar no seu compêndio. São os cofres de segurança, os lugares sagrados, dentro dos quais residem ordem,

disciplina, mérito. E quem os aconselha, quem os impede de tomarem o pó dos séculos para serem obliterados? Os poetas. Os irracionais. Esses são os sacerdotes.

Os poetas mais do que os cientistas.

Os poetas e os sacerdotes têm de ir e ouvir os cientistas a pensar.

Mhmmm. Gostaria de te contar uma visão que veio a um amigo meu — um homem moderno —, para perguntar o que poderia significar para ti. Foi uma visão em que esse homem estava na cidade de Nova Iorque e olhava para o horizonte — e era noite —, e olhava para o recorte do horizonte e via os grandes prédios de escritórios, os arranha-céus, e via que estavam iluminados, embora fosse noite, e que as janelas não eram janelas comuns, mas eram como janelas de igrejas.

Muitas cores.

Sim, e tinham sobre elas gravuras e cenas da Bíblia, em vidro colorido.

Por outras palavras, as parábolas. As parábolas não eram mais do que aquilo a que chamamos os cofres onde pomos o ouro. Para que o povo as possa entender, sim? Continua.

A sua visão era de que estes edifícios comerciais, estes edifícios de escritórios, se tinham tornado como igrejas. E, na visão, sentiu uma grande êxtase e ouviu-se a dizer: “Deus! Deus! Deus!” — e então a visão terminou.

Bom, bom, bom, aqui estão todos, ocupados com os seus livros, as suas composições, todos ocupados, sem saber bem com o quê. Dependentes do número mágico, tão mágico como os dias da antiga cabalá, ou a calcular os seus números em quadros, por máquinas inseguras, e a vida está a entrar e, com a vida, vem também a manifestação da sua presença. E, segundo as suas luzes, fazem o melhor que sabem. Mas continuam a tecer feitiços e a operar milagres, alguns em competição, alguns em excitação, alguns com gravidade, alguns doentes; mas que importa? A palavra dos anos é Deus, ou bem.

E, afinal, não importa à grande roda do ajuste, quer no grande âmbito, na subida perpétua para a experiência, que o homem, no que outro homem diz, seja mau, ou sem decoro, ou bom, ou tolo. Não importa nada. Mas o que o destruirá será quando ele sair deste caminho sempre em movimento e se sentar e disser: "Não participarei." Este homem tem de voltar atrás, pois isto, e só isto, é a morte.

O seu sonho foi excelente. Deixe-o sonhar muito mais. Excelente. Agora vê que Tahotch nunca o pode abandonar?

Sim, de facto, e espero que não.

E vê que não importa a idade, o clima, o traje ou a circunstância que os homens possam fazer. Tal como há muitas pessoas, a voz de Deus tem tantas cores e tonalidades como as flores do jardim. Mas marca bem o que digo: ainda não viste acontecer que a violeta alguma vez tenha desfilado como a rosa, a menos que o homem se tenha embriagado e tentado fazer uma mudança. Tampouco viste a rosa dizer: "Trarei peras, em vez de folhas e cheiros e perfume do jardim."

Assim vês que Tote deve manter-se dentro da sua fórmula. E aqui o árabe esteve bem quando disse que o tapete de Abdullah tinha de ser feito em tantas cores por tantas mãos. Ora, se a mão de um tivesse ficado cansada e começado a interferir com a fala do seu vizinho, o tapete teria parecido incompleto e o trabalho teria de começar de novo, porque um homem saiu da sua fórmula. É por isso que Tote continua, talvez mudando, mas mantendo, na raiz, a vitalidade do nome. Hás de encontrá-lo sempre, sempre, sempre, à medida que os homens mudam as suas oferendas votivas e mudam as suas crenças de Estado e mudam as suas constituições.

E deseja Tote — desejas tu, Tote — fazer uma aparição especial, uma entrada especial no tempo presente, para dar ao homem o conhecimento especial?

Ele faz a sua entrada de muitas maneiras em muitos lugares, mas tu destruirias a sua utilidade. Lembra-te também da história algo preciosa de João Batista. Repara em todos os homens que vêm e vão, trazendo a palavra, que começam a pensar que são a palavra. O fim é

mau para esse homem. Enquanto o homem for a voz, os elementos, e não a trombeta a falar em vez da voz, tudo está bem. O teu Tote deve permanecer sempre velado.

E nesta era, através deste instrumento particular que escolheste, tens um especial…?
EG: Não pensaste nisso? Posso ter-te aparecido por muitos instrumentos especiais? Em outros tempos?

Até na tua leitura. Como sabes que foste tu que me chamaste? Não achas que podes ter sido enredado, por assim dizer?

Bem pode ser. Querias dizer?

Eu diria que não foi um acidente, mas uma teia completa de desejo. Lembras-te de que o nosso instrumento, sentado em quietude, exigiu encontrar alguém que, de algum modo, lhe desse uma explicação de que ainda precisava. Não a explicação. Estamos perfeitamente dispostos a que ela faça quaisquer ajustamentos. Então, como sabes que os teus passos não têm sido sempre guiados pelos que te desejam? Pelos que sempre gostaram de ti? Ou pelos que se sentaram como amigos com pessoas num banquete e, no entanto, sempre disseram: "Ai, o meu objetivo é mais alto." Portanto, posso revelar-to: sempre foi assim e chegou o momento em que falaríamos contigo, e tu te tornarias, de certo modo, parte desse ensinamento. Que o queiras ou não, estás a vir. Estás comprometido.

De facto, claro que o quero. Muito obrigado.

Que os deuses tratem de ti com justiça e com graça e humor, e que não te exijam que, em momento algum, faças mais do conhecimento de que falam do que aquilo que já percebeste. Pois tal é a sanidade, e deixemos que… (frase final inaudível. EG suspira, geme, sai do transe).

COMENTÁRIO
SOBRE A CONVERSAÇÃO N.º 2
COM TOTE

O objetivo desta pergunta, que volta a ocorrer mais tarde na sessão, é orientar o foco da discussão para quaisquer propósitos mais amplos que a figura de Tote possa considerar importantes. Ao longo do inquérito, pareceu essencial tratar Tote e cada uma das figuras com a máxima seriedade. Uma vez que são pessoas, devem ser respondidas como pessoas e receber o respeito que lhes é devido. Assim, o tom oracular com que Tote fala pareceu-me pedir encorajamento para que se estendesse e se tornasse específico. Deste modo, o propósito, tanto pessoal como transpessoal, por detrás destes fenómenos da psique poderia tornar-se claro.

Quando Tote perguntou pelo principal interesse do homem, respondi em termos da própria vida. Não posso ter certeza disso, mas parece-me que antecipei a resposta geral que Tote desejava. Não é certamente irrelevante assinalar aqui que o fenómeno de morrer, juntamente com a extensão da vida, tanto em termos de longevidade como de imortalidade, tem sido de extraordinária fascinação para a Sra. Garrett ao longo dos anos. Isto é bastante evidente nas suas descrições dos anos de infância na sua autobiografia, *Adventures in the Supernormal*, e torna-se claro em quaisquer conversas psicológicas sustentadas que se tenham com ela.

Tenho também a impressão de que um forte interesse no ato de morrer, no significado da morte, e, assim, nas possibilidades de uma vida sustentada como meio de superar a morte, é uma característica psicológica de muitíssimas pessoas interessadas no espiritualismo e nos fenómenos espiritualistas. O impulso de instinto de sobrevivência é, portanto, muito compreensivelmente feito ponto de partida do argumento de Tote. Certamente teria o apoio da Sra. Garrett; e devemos notar que, neste ponto, tem um sabor mais naturalista do que ocultista. A ênfase nos círculos espiritualistas recai necessariamente sobre a sobrevivência, mas isto também tem uma base naturalista que cedo precisa de ser transcendida por causa das limitações óbvias da mortalidade. O leitor interessado nesta questão encontrará a pulsão de sobrevivência discutida tanto de uma perspetiva evolutiva como

espiritual em Progoff, *Depth Psychology and Modern Man*, Capítulos 6 e 7.

Os comentários feitos aqui por Tote refletem uma característica muito interessante da Sra. Garrett. Um estudo atento das suas atitudes pessoais precoces indica que o seu envolvimento nos fenómenos espiritualistas deriva não tanto de uma preocupação com a sobrevivência pessoal, mas de uma curiosidade transbordante acerca dos mistérios da vida e da morte. Isto é indicado na observação de que o homem é sempre um estranho no mundo que permanece apenas por um curto período sem ter tempo suficiente para compreender o significado da sua existência. Esta curiosidade é equilibrada, penso ser seguro dizer, por uma intimação de que a profundidade não consciente da psique guarda algumas respostas para estas questões que está ansiosa por revelar.

Parece-me, portanto, que o interesse da Sra. Garrett na investigação psicológica dos fenómenos das suas experiências psíquicas, tal como tem sido conduzida por numerosos e eminentes predecessores psicológicos do presente estudo, não tem sido verdadeiramente um interesse no que os seus estudos revelariam. Digo-o porque tenho a forte impressão, ampliada em muitas das suas discussões, de que a Sra. Garrett nunca deu suficiente importância aos constructos psicológicos correntes para se importar com quaisquer achados supostamente formulados nos seus termos.

A motivação subjacente a estas numerosas investigações não era encontrar uma teoria psicológica de que ela não poderia cuidar menos, mas sim, ainda que inconscientemente, dar à psique uma oportunidade de exprimir e ampliar as intuições latentes sobre o significado da existência que ela contém. É por isso que o princípio subjacente à estruturação destas conversas tem sido montar uma situação que evocasse das figuras o máximo possível das suas intuições e conceções não expressas. Assim, empreendemos descobrir, nas profundezas da psique da própria Sra. Garrett, qual é a natureza e o significado das suas vozes e da sua mensagem.

Um dos aspetos interessantes das discussões com Tote é a ampla perspetiva do tempo que ele assume. É uma visão da história em termos tanto da natureza como dos ritmos do cosmos incorporados nos ciclos da história. Tote percorre certamente o tempo sem restrição e profetiza com grande liberdade sobre o curso dos dias vindouros. É verdade que a Sra. G., no seu estado de vigília, tem uma predileção por fazer afirmações sobre o futuro, mas creio que a qualidade destas é bastante diferente das perspetivas históricas de Tote. Nas declarações de Tote há um alcance muito maior, uma ousadia de intuição e de afirmação, e uma qualidade profética que se estende no tempo com muito maior liberdade de inibição intelectual.

A conceção de uma tensão de opostos como subjacente aos acontecimentos sociais e aos atos de criatividade tem, claro, uma longa tradição. Não é, porém, apenas uma doutrina intelectual. É necessária uma experiência interior para o reconhecimento da tensão de opostos que opera nos ciclos do universo, na sociedade, na história e na personalidade. Seria correto dizer que a experiência contínua de uma tensão entre as polaridades dos seus componentes psíquicos profundos está na base do reconhecimento, por parte da Sra. Garrett, da tensão de opostos na vida. É, em geral, assim que experiências dentro da personalidade estabelecem uma base de correspondência, na individualidade, para a perceção e compreensão de princípios fundamentais que envolvem muito mais do que a personalidade individual.

A questão aqui é, mais uma vez, uma tentativa de pôr os poderes clarividentes da Sra. Garrett a uma prova específica, pedindo-lhe que nomeie alguns professores concretos que eu tenha tido em anos passados. Caracteristicamente, não é dada qualquer resposta específica, e é claro que não está disponível nenhuma perceção clarividente. A razão apresentada, porém, para não nomear tais professores passados meus é muito interessante. Reduz-se a uma questão de jurisdição dentro da estrutura da psique. Tote diz que não está no seu foro fazê-lo, uma vez que é Ouvani quem trata dessas coisas individuais e pessoais. Ele, Tote, ocupa-se das questões mais

fundamentais e básicas da vida; e assim prossegue falando comigo sobre os aspetos mais amplos das fontes do meu pensamento.

A jurisdição indicada aqui reflete a qualidade de compartimentação, com uma atribuição definida de papéis, que as figuras de controlo parecem ter; e isto, como veremos mais plenamente mais adiante, corresponde aos vários níveis de profundidade na psique.

O ponto geral que Tote faz aqui — que o Islão está prestes a uma ressurgência religiosa — recorre ao longo dos diálogos. É um comentário que, evidentemente, também foi feito por outros de natureza mais erudita, como Arnold Toynbee, que o veem como uma força ideológica adicional a atuar no desenvolvimento de África. Aí, pareceria que um dos principais fatores que concorrem a favor do Maometismo é o ressentimento e a reação contra o Cristianismo como a religião da civilização do homem branco.

Visto do ponto de vista da psicologia pessoal da Sra. Garrett, também seria esse o caso. Ao longo de vários anos, tem vindo a ocorrer nela uma luta com a religião cristã, baseada essencialmente nos seus sentimentos de insegurança relativamente a muitas das suas organizações. Este sentimento negativo em relação ao Cristianismo é indicado nas passagens do texto que se seguem; mas devem, creio, ser entendidas no contexto de uma tendência mais ampla na psique da Sra. Garrett para chegar a um entendimento com a figura de Cristo de um modo que o torne significativo num contexto para além de doutrinas cristãs específicas.

Quando a filosofia que Tote apresenta é considerada no seu conjunto, pode muito bem ser um dos seus principais feitos: o de Tote ter articulado para a Sra. Garrett uma filosofia consistente de sentido religioso que fornece uma perspetiva na qual as várias religiões da história podem ser compreendidas e relacionadas de forma afirmativa, sem um compromisso doutrinal com os seus dogmas. O comentário sobre o Islão aqui não deve, penso, ser tomado como mais do que um comentário histórico sobre o curso dos acontecimentos durante a

próxima geração e uma vénia à religião tradicional das suas figuras de controlo árabes. O compromisso religioso que está a ser trabalhado pelas várias figuras na psique da Sra. Garrett vai para além de qualquer religião organizada.

Depois dos comentários divagantes mas interessantes dos parágrafos anteriores, procurou-se voltar à questão central. A Sra. Garrett pareceu sentir que a conversação se tinha desviado, e Tote disse: "Isso não o leva à questão básica: quem sou eu?" No pano de fundo das conversas há sempre a sensação de que estamos ali por um propósito específico. Peguei nesta pergunta em termos do papel e do interesse que Tote pode ter na civilização moderna. Afinal, é legítimo perguntar por que razão Tote não aparece em civilizações que não esta Ocidental, em luta. O cerne da resposta é duplo.

Em primeiro lugar, é que ele aparece em todas as civilizações no momento designado, visto que o Logos da vida é pertinente a toda a humanidade. E, em segundo lugar, é que o momento próprio para o aparecimento de Tote, enquanto Logos, numa civilização, é o seu tempo de crise, quando é convocada uma grande visão nova. Isto é comparável à situação que se encontra na personalidade individual quando uma crise traz uma reestruturação dos conteúdos da psique profunda de tal modo que a pessoa passa depois a experienciar a vida de uma forma que antes lhe não tinha sido possível. Da crise surge, muitas vezes, uma nova visão da realidade e uma nova relação com ela, nenhuma das quais teria sido possível se a crise não tivesse sido vivida.

Cumpre então perguntar qual é o agente por meio do qual esta nova visão da realidade surge e, na essência, a resposta, entendida simbolicamente, é Tote. Isto é, o efeito da crise, à medida que é vivida, é tocar o princípio do significado, o Logos, na profundidade da psique, despertá-lo, entrar em contacto com ele e, em maior ou menor grau, tornar-se idêntico a ele. Então, a inspiração pelo Verbo, de que Tote é uma personificação simbólica, torna-se um facto. Torna-se um acontecimento primordial na vida de um indivíduo; e, quando ocorre

na vida de uma pessoa como Moisés, torna-se um acontecimento primordial na vida de uma civilização.

Neste contexto, o ponto importante parece ser que, agora que a civilização ocidental está na sua crise de vida, tem também, por esse mesmo facto, a oportunidade de abrir uma experiência da realidade mais ampla e mais significativa do que a que conheceu em séculos anteriores; e isto só pode acontecer à medida que o princípio de Logos da psique se torne acessível a um número significativo de pessoas na civilização moderna. O propósito de Tote falar neste tempo da história torna-se assim claro. É tornar-se um canal de sentido por meio do qual pessoas significativas na civilização moderna serão colocadas em contacto com uma experiência mais ampla da realidade. Assim, isto, como Tote o formula, "um novo símbolo" e "uma nova fórmula", será trazido à existência à medida que a dimensão do Logos da vida se torne acessível e forneça novas visões e novas inspirações.

A pergunta algo retórica, "Para onde julgas que vai a palavra quando terminas?", é muito reveladora. Indica tanto a conceção da continuidade do princípio de Logos como a experiência pessoal que está por detrás dela. Na sua conceção, o Verbo toma a forma de muitas pessoas, exprime-se no mundo e depois é libertado para seguir e tomar novas formas no tempo. Esta é a conceção intelectual; mas o saber disto é uma questão de experiência pessoal. É a experiência de sentir o princípio do Logos como um Verbo ativo e inspirador a trabalhar dentro de si como um fator pessoal. Na gravação anterior, o objetivo das declarações de Tote foi comunicar um sentido da realidade do princípio de Logos de modo que a pessoa se pudesse sentir identificada com ele e encarná-lo ativamente na sua vida.

Quando consideramos a relação da Sra. Garrett com Tote, percebemos que, como mulher a viver no mundo moderno, seria embaraçoso identificar-se com este princípio e encarná-lo publicamente. Poderia conhecê-lo em privado e voltar-se para ele como o seu recurso interior; mas seria prudente e reservada quanto a identificar-se com ele em público. Não obstante, sente-o intensamente e sente que a relação com o princípio de Logos deve ser

disponibilizada ao maior número possível de pessoas que o possam conhecer. Não o pode exprimir diretamente e, no entanto, sente a sua importância. A resolução do problema que a sua psique elaborou foi então exprimir o princípio de Logos de maneira indireta, como personificação. Assim, Tote surge como uma dramatização da perceção interior do Logos na profundidade da psique; e exprime as intuições simbólicas e os discernimentos que derivam desta profundidade de experiência.

O estilo indireto pelo qual a psique avança em direção a este objetivo muito específico revela-se transparentemente aqui. Tahotch descreve como entra no templo e toma a forma de uma estátua para dramatizar o princípio que está a exprimir, a fim de que o povo o aceite. Se Tote tivesse ido como um ser humano, o povo não o teria aceite. Quando, porém, se dramatiza como uma estátua que representa um Deus, estão dispostos a prestar atenção. Assim, Tote descreve-se a falar através da estátua em termos exatamente paralelos aos do modo como fala através da Sra. Garrett. Ele tem um nobre propósito ulterior, o que é dizer, está a exprimir boas intenções derivadas da profundidade da psique, e procura cumprir essas intenções por uma dramatização espontânea de imagens inconscientes.

Quando falamos disto em termos de Tote enquanto princípio de Logos a manifestar-se através da estátua, ou a manifestar-se através da Sra. Garrett enquanto médium, vemos-o numa perspetiva. Obtemos, porém, um entendimento adicional quando consideramos a forma como esta situação específica surgiu na psique da Sra. Garrett. A voz do Deus vem através dela como vem através da estátua. Ela é, portanto, o oráculo do Deus. Esse é o significado último da sua mediunidade. No nível mais superficial das relações pessoais, a sua mediunidade serve, ou tem servido ao longo dos anos, como meio de descrição clarividente de doenças e de outras comunicações em termos espiritualistas. Este tem sido o papel de Ouvani e de Abdul Latif.

Um propósito mais fundamental esteve no pano de fundo da sua mediunidade, ali latente, embora se tenha expresso de tempos a

tempos, tanto em certas experiências de transe como em ocasionais envolvimentos de vigília na vida. Este tem sido o objetivo inconsciente de servir de canal por meio do qual afirmações últimas e transpessoais de verdade pudessem vir ao mundo.

Chegamos agora a outra imagem presente na profundidade da psique da Sra. Garrett que tem procurado encenar-se no decorrer da sua vida. Trata-se de um Dinatipo de Oráculo, comparável, por vezes a trabalhar em paralelo e por vezes em oposição, ao Dinatipo Executivo de que falámos antes. O dinatipo de oráculo, tal como é incorporado na Sra. Garrett, tende a ser mais feminino do que masculino; o dinatipo executivo tende a ser mais masculino do que feminino. A qualidade especial do dinatipo de oráculo, enquanto imagem em desdobramento na semente de uma personalidade individual, é a de se encenar não em termos de problemas humanos pessoais, mas de considerações humanas universais, ou pelo menos históricas. Fala em termos de preocupações últimas e as suas perspetivas estendem-se pela plenitude do tempo. Isto contrasta com as atividades mediúnicas em que a Sra. Garrett procura localizar um diamante desaparecido através da entidade espiritual Tia Nellie, ou em que pede a Abdul Latif que a guie num diagnóstico clarividente de uma doença esquiva. Tudo isto é pessoal nas suas preocupações, mas o dinatipo de oráculo procura o transpessoal e, assim, tende a falar não com entidades espíritas, mas com Deuses.

Neste contexto, podemos fazer uma distinção entre o trabalho da Mediunidade e o trabalho da Oracularidade. A Mediunidade ocupa-se de preocupações pessoais, enquanto a Oracularidade trata de universais e de questões de significado humano permanente. Ambos estes dinatipos — o do médium e o do oráculo — foram incorporados na obra de vida da Sra. Garrett; mas parece haver uma mudança definida de ênfase no decurso da sua vida. Nos seus primeiros anos, a Mediunidade foi claramente enfatizada e foi então que as suas experiências foram fortemente moldadas pelos pressupostos espiritualistas de identidade pessoal e de sobrevivência.

Com o passar dos anos, porém, o dinatipo de oráculo veio cada vez mais à tona e tornou-se cada vez mais insistente nas questões que colocava. Eram questões últimas e universais que iam para além do tema particular da imortalidade pessoal. Foi certamente sob a marca do dinatipo de Oráculo que a Sra. Garrett colocou a questão relativa à legitimidade da conceção espiritualista da sobrevivência que forneceu o ponto de partida para este estudo. A tendência do dinatipo de oráculo tem sido a de transformar a personalidade externa da Sra. Garrett, cada vez mais, num instrumento de declarações metafísicas fundamentais.

Vimo-lo nas sessões com Tote e vimo-lo ainda nas conversas com Rama. O dinatipo de oráculo tem, porém, outra qualidade: à medida que se desdobra e se exprime, e à medida que cresce nas suas capacidades, envolve a própria personalidade cada vez mais profundamente em questões sobre o significado último da sua existência pessoal. Tal tem sido o efeito, cada vez maior, à medida que este dinatipo tem sido expresso na vida da Sra. Garrett. Temos nele um exemplo interessante do facto de que, muitas vezes, o desdobramento de verdades últimas no mundo se processa por vias paralelas e até simultaneamente dentro de uma única personalidade.

O estilo com que Tote contempla a história de João Batista é muito indicativo da atitude da psique da Sra. Garrett, no seu conjunto, relativamente ao seu trabalho enquanto Oráculo. Há uma tarefa a cumprir e envolve uma verdade grande e fundamental. Não obstante, não deve ser falada diretamente. Tem de ser velada e indicada simbolicamente. É por isso que a Sra. Garrett só pode falar em termos do seu dinatipo de Oráculo. Não deve identificar-se com Tote e não deve falar como se fosse o próprio Deus. Isto deve ser feito apenas de forma indireta, simbólica e por dramatização.

Se cometesse o erro de falar como se fosse o próprio Tote, e não meramente o seu oráculo, então estaria na posição de João Batista, cuja cabeça foi cortada. Nisto, parece que a psique profunda da Sra. Garrett, personificada em Tote, indica a sua perceção intuitiva dos perigos de uma inflação da personalidade. Quando imagens grandes,

universais, ou semelhantes às divinas, estão a falar, é importante lembrar que falam apenas através da personalidade individual. O indivíduo não deve tomar para si a grandeza delas. Pode ser o seu instrumento com segurança e eficácia, e com impunidade; mas se se esquecer do seu papel intermédio e falar como se fosse o próprio deus, será destruído psicologicamente e, depois, na vida.

Foi necessário que isto fosse mantido em mente pela Sra. Garrett ao longo das suas atividades, porque, quanto mais forte se tornou o dinatipo de oráculo, maior foi o seu contacto com fatores últimos e semelhantes aos divinos na profundidade da psique. Maior, então, foi o perigo de uma inflação da psique pessoal por fatores superiores à pessoa. Provavelmente a maior ajuda para superar isto foi o seu sentido de humor, pois tem um efeito muito vasto em ultrapassar o tipo de seriedade que conduz ao dogmatismo. Um bom teste das grandes religiões do mundo é o grau de humor que nelas se encontra. As que têm humor intercalado nos seus ensinamentos possuem a graça salvadora que evita a estreiteza do dogmatismo. Nestes termos, encontramos Tote a dizer-me, no fecho da sessão, depois de sublinhar a importância da minha ligação pessoal a ele: "Que os deuses te tratem com justiça e com graça e humor."

CONVERSAÇÃO N.º 3

COM TOTE

(Respiração profunda, gemidos, lamentos, à medida que a Sra. Garrett entra em estado de transe.)

Sou eu, Ou-vay-nee. Trago-te saudações, amigo.

As minhas saudações, Ouvani.

Queres trocar palavras comigo?

Sim. Perguntei-me se poderia falar com Tote. Achas que Tote estaria disposto a falar comigo?

Eu sentir-me-ia, com efeito, certo de que Tote falará contigo. E, assim, deixando a porta aberta para Tote, bendito seja o seu nome, retirar-me-ei. E, quando ele terminar a sua entrevista contigo, fechará a porta e talvez eu já não torne a aparecer.

Portanto, não te constranjas. Tudo correrá bem.

Muito bem.

Agradeço-te e despeço-me. Adeus.

(Mais gemidos, lamentos e respiração pesada, à medida que a Sra. Garrett avança mais no estado de transe.)

É Tote quem fala contigo.

As minhas saudações, Tote.

Está-te tudo bem?

Sim, obrigado, e é um grande prazer falar contigo de novo.

Muitas luas vieram e se foram desde que trocámos palavras.

Sim, já vai algum tempo.

E tiveste tempo para refletir?

Sim, eu… tive tempo para reflexão e para um certo aprofundamento, assim o espero.

E estás agora preparado para ter mais perguntas?

Sim, sim.

E tens as tuas perguntas… na tua mão, sim?

Sim, tenho perguntas a colocar-te, e são as questões mais básicas. São perguntas, poder-se-ia dizer, de vida e de morte e de Deus e do diabo, essas questões básicas sobre qual é o significado da vida para os seres humanos.

Agora vamos ficar muito claros acerca das palavras que vamos considerar.

Uh-huh.

Estás a falar agora de algum Deus em particular?

Agora… agora usamos a palavra Deus num sentido geral. Mas, para nós agora…

Não falas a partir de… não falas no teu sentido tradicional, pois não, ou falas no sentido coletivo?

Bem, talvez isto. Vejamos se me consegues clarificar como devemos entender esta questão da natureza de Deus quanto a saber se Deus deve ser entendido como um deus específico; ou se Deus deve ser entendido como simplesmente o Inominado; ou se Deus é talvez ao mesmo tempo inominado, informe e específico.

E… sim, sim. Agora compreendo-te. Vês, a Divindade, a Cidadela, a Totalidade, o princípio e o princípio outra vez. Vamos pôr a coisa assim. Vamos falar disto em toda a sua magnificência. Sim?

Sim, a totalidade.

Muito bem, agora compreendemos isto. Então conduzirás as tuas perguntas quanto a que elemento deveríamos começar.

Sim. Qual é a relação do ser humano com Deus no sentido mais amplo?

No sentido último?

Sim.

A relação é aquela que é definida pelo entendimento que o homem tem da sua relação.
IP Sim, sim.

Toda a vida está relacionada. Tudo. Ora, o homem que começa a falar de Deus provavelmente tem, digamos, herdado… porque herdou um conjunto de ideais ou símbolos que lhe retratam o significado transcendental. Verdade? Mas isto é muito bom porque, tendo isto posto de lado, é capaz, por assim dizer, de sair do seu próprio caminho e permitir que a Divindade nele, portanto, cresça. Mas vê, não podes, fora do teu sentido teológico, diferenciar entre Deus e o homem, pois

vês que o homem fez esta divindade à sua própria imagem. É ao contrário. Deus não fez o homem à Sua imagem; foi o homem que fez a sua divindade para se ajustar à sua imagem.

Sim. Ora, isto referir-se-ia a deuses especiais, conceções especiais de Deus.

Oh, não. A todos. Toma qualquer definição particular de experiência religiosa que queiras. Começa onde quiseres e verás que este homem pode sentir que um deus que ele adora está numa árvore tosca, numa pedra disforme, na água ou no pássaro; ou outro homem pode construir um edifício de um deus que parece um pouco consigo próprio. O mais primitivo talvez não entre nesse lugar onde faz a divindade à sua semelhança. Mas sente que, sendo a divindade maior, deve ser diferente, pelo que a sua conceção pode ser inteiramente diferente. Mas podes estar certo de que terá algumas das características da sua raça, do seu ser, do seu clima, não importa se é uma rocha, uma pedra, um mineral ou um grande edifício. Representará, sem dúvida, o seu tempo e a sua conceção tal como ele, olhando para fora, pensa que deve ser.

Sim, sim. Creio que compreendo bem isto; e concordo com isto. A minha pergunta, porém, seria… aqui dizes que estas são uma espécie de formas de Deus. Estas são as formas sociais, históricas.

São, sim. São as formas primitivas, sociais, históricas e…

Quero dizer, seja uma primitiva seja uma que surja num dia posterior da civilização, é a mesma coisa.

Não importa. É sempre a mesma necessidade, o mesmo desejo que o homem conhece. Compreendes a minha ênfase na palavra "conhece". O homem sabe que ele próprio é parte da realidade. Portanto, não importa que espécie de homem seja, procura imediatamente remover-se da realidade para que a possa ver com mais clareza.

Oh, isto seria bastante importante. O homem sabe que é parte da realidade, mas procura remover-se da realidade para a ver.

Exatamente.

Ahhh… agora.

Agora, és pai de um bebé. Os teus sentimentos exigem que leves esse bebé ao peito e a tua primeira atitude será agarrá-lo. "É meu, carne da minha carne" — mas espera um momento. O movimento seguinte será afastar o bebé para que possas observar as semelhanças, as diferenças e a singularidade. É sempre quando afastas a imagem — a imagem-criança — de ti que és capaz de a contemplar e dizer: "Isto é uma imagem de mim, dos meus antepassados", mas é de facto uma criança. Não é um deus. É uma criança; e, no entanto, é singularmente diferente. Mas, no primeiro momento, vês, quando a seguras aqui, estás a pressionar essa imagem tão perto de ti que não a podes observar.

Ora, o homem, no seu princípio, também deve ter tido o conceito de estar apertado na totalidade e na inteireza. Mas o impulso para se identificar com a singularidade de si mesmo exige que, para entender o que é, tenha de se colocar fora da sombra tudo-abarcante; pois, se não saísse da sombra tudo-abarcante, não nasceria. Seria dela. Continuaria relacionado e, enquanto assim estivesse relacionado, não teria havido utilidade em ser separado. Assim, deve sair da sombra para aquele lugar onde pode observar, tocar, sentir, conhecer a unidade e então começa a roda fiandeira da identidade da vida com ele. Mas ele tem a certeza desde o primeiro momento — quer esse momento seja o grão de areia que sopra perante o vento, há ainda essa certeza dentro desse grão de areia do seu destino final, que é um retorno à unidade da qual, contudo, se deve divorciar para experimentar o não-ser e depois fazer a longa viagem identificando-se com todas as coisas antes que possa regressar ao que sabe, que a sua verdadeira identidade é com o infinito. Portanto, vês, Deus e o homem, na sua invencibilidade e na criatividade do homem, dependem um do outro. O próprio contínuo deste trabalho é o método pelo qual o contínuo da totalidade se completa. Vês o que te estou a dizer?

Agora, antes de dizer sim, deixa-me…

Bem… sim, disseca. Há tempo.

Agora, primeiro o homem sabe. Primeiro dizes que o homem sabe que é parte da realidade. Entendo que disseste que desejas enfatizar a palavra "sabe". O meu entendimento…

A ênfase é "sabe".

Que "sabe" significa que ele sabe diretamente com o seu ser interior — não com qualquer conhecimento, qualquer conhecimento intelectual.

Não… sim… mas ele sabe que está dividido e sabe de que fonte.

Agora, disseste que o homem sabe que é parte de ou que é separado de? Sabes, na nossa língua…

Ele é parte de e à parte de. Ambos.

Ambos. Sim. Ele conhece ambos. Agora… agora este é um ponto importante que mencionaste, que o homem tem de se remover desta realidade. Mas não seria que o homem está, na verdade, pela sua própria natureza, removido da realidade, isto é, pelo facto de ser criado como um ser finito e de que, embora criado da unidade…

Sim, para compreender a unidade, para compreender o seu lugar, para se assegurar do seu ser, da sua alma e do seu verdadeiro ser, deve de facto quebrar-se para longe do grande tema central do infinito. E se o infinito há de continuar — e o infinito continua e está para sempre a recarregar-se e a remitir-se — está para sempre a crescer e a diminuir, a crescer e a diminuir. Creio que verás este ponto num momento. Mas, para compreender isto, e para manter o contínuo sempre ordenado e sempre em movimento, o homem tem de se tornar tão afastado, não importa quão afastado esteja, está sempre seguro, bem no fundo de si, de que há uma luz que segue. Não obstante, ele deve entrar na própria escuridão tal como a semente deve entrar na escuridão da terra, aí sofrer, aí germinar e aí, de novo, encontrar as vias pelas quais buscar a luz.

Do mesmo modo, assim deve o homem, no curso da sua viagem, entrar na escuridão a fim de voltar a conhecer o que é, que é. Mas, não importa o que vá reunindo para si, o conhecimento nunca o afasta da fonte, a girar sem fim, tomando capa após capa, camada após camada, até que, por assim dizer, já não é claro para si mesmo, chegando àquele lugar onde começa a compreender este processo e então o movimento é diferente. E quando chega ao lugar onde entende porque é que teve de perder a compreensão de si, então está na rota de casa. Ora, no caminho de regresso, vai tomando consciência do que é e, na sua rota, roça ombros com as variedades de experiência que são como lâminas afiadas ora a cortar, ora a acariciar, trazendo-lhe a experiência pela qual vai regressar, pela longa rota, à perfeição da consciência individual. Só aí então percebe que é, de facto, a parte concreta do todo de onde veio. Está isto claro para ti?

Sim, sim. Agora deixa-me perguntar, contudo. Esta é uma área tão vasta.

Área, sim…

Um conceito tão vasto…

Dividi-lo um pouco, dizes?

Sim, sim.

Muito bem, muito bem. Estou encantado. Divide-o frase a frase, se assim desejares.

Então, o homem começa como parte da unidade, encontra-se separado e não compreende realmente o que a sua separação significa. Ora, então, ao perceber que a sua separação, a sua individualidade, até o seu ego, é de algum modo um facto necessário…

Muito.

Sim. E, à medida que valoriza o significado disto e faz… Sim, deixa-me perguntar isto. Se o homem não lutar contra isso como algumas doutrinas teológicas procurariam superar a eguidade, lutar contra ela…

Se superares o ego, destróis parte do fino mecanismo pelo qual ele está ali para proteger.

Agora, ele então reconhece a sua separação como a essência da sua vida… (interrupção: o telefone toca e é atendido por IP)

Sim, Tote.

Toma-o muito suavemente. Vamos alcançar a compreensão disto.

Sim. Agora… o indivíduo está separado da unidade e não compreende, a princípio, porquê. Não entendendo porquê, pode revoltar-se contra isto…

Oh, sem dúvida, porque sentirá sempre um pouco de nudez e um pouco de perda.

Ah, sim. O sentido de estar separado e perdido na…

Sim, isso estará sempre lá, porque, finalmente, será isso que o chamará a casa.

E, na verdade, quanto mais profunda a sua compreensão e aceitação do seu estar perdido…

(profundamente) É isso.

Sim.

Ora, ao longo do caminho do "estar perdido", como gostas de lhe chamar, há aqueles que têm de manter esta entidade, esta entidade cósmica, em movimento e, para compreender o movimento, deve reconhecer que o pó cósmico em que está se chama experiência.

Sim, o pó cósmico em que está chama-se…

Em que está contido é experiência. Ora, ajusta-se-lhe mal e ele gostaria de lhe escapar, mas há aqueles ao longo da rota… Acreditas em anjos da guarda?

Sim, creio… direi que sim. Poderíamos discutir o que isso significa, mas, em geral, sim.

No sentido amplo. Pois então, acreditarias que havia aqueles cuja posição lhes exigia que fossem eles a assegurar que ele não rebolasse para o pó e se escondesse.

No pó da experiência.

Exatamente.

Mas que ele deve, por mais que se role no pó da experiência e feche os olhos, sair e provar. E pode gostar do sabor. Mas, se gostar demasiado, isso irá retardá-lo. E então há aqueles que lhe dizem: "Chafurda nele, se quiseres." E há também os que dizem: "Mas não te demores em excesso." E ambos são igualmente importantes, pois ambos estão a servir o propósito; e o propósito não é apenas pedir-lhe que use o que pode chamar o seu livre-arbítrio para examinar este pó cósmico, mas também há outra voz deste guardião da rota que diz: "Já não chega?" e a entidade que rola tem exatamente essa escolha.

Acrescentar ou parar?

Pode parar por um momento, pode fechar os olhos e dizer: "Não me estou a mover." Pode tomar deste pó e pode pensar que é a joia do reino do qual sente estar um pouco à parte. E, se o tomar, há lá aqueles que dizem: "Toma do teu máximo." Mas há sempre outro que diz: "Sê comedido e compreende-o." E, por fim, há Aquele acima de ambos que vela para que a entidade dentro do pó cósmico venha a compreender a experiência das suas ações. E, se não compreender, fica contida na sua ação até compreender.

Ele deverá compreender a experiência da sua ação e ficar contido nela até o fazer. Como é que…

Fica contido dentro dessa experiência até a compreender plenamente.

Sim. Ora, o que significaria essa compreensão da experiência? Não queres dizer alguma análise intelectual dela.

Oh não, não.

Algo mais específico…

A experiência, vês, dessa entidade cósmica a rolar-se em muitos mantos de muitas cores pode ser mil sentimentos. Ele deve, por fim, tirar proveito, não deve? Ou ser, no que chamarias, induzido em erro pela experiência e nada receber dela. Pode pensar que a experiência é tudo.

Mmm. Ah, pode pensar que a experiência é tudo. Sim, continua.

Percebes o que quero dizer com isso. Portanto, pode ficar apanhado na sua totalidade. Ora, isto é uma forma do que os poetas podem chamar o inferno da experiência. O inferno da experiência são as alegrias e deleites dela, a tristeza de não saber o que fazer com ela, a não-intenção de a enfrentar. Ora, isto é doloroso, acredita, e só quando a entidade cósmica está pronta para olhar para o que tomou para si, e quando o examinou finalmente pelo que foi, é que começa a compreender a natureza da experiência. Para o compreender melhor, toma alguém, toma qualquer personagem histórica. Consideremos essa personagem histórica e veremos essa entidade cósmica que ela é a rolar, e que apenas uma parte muito pequena disso te é clara aos olhos. Será apenas uma parte pequena, percebes. Mas lancemos um pequeno olhar a qualquer personagem em particular e então vejamos o que ela estava a fazer e quem a ajudava e onde estavam os guias.

Quem gostarias de…

É contigo. Escolhe alguém em quem tenhas pensado.

Digamos Albert Schweitzer.

Sim. Albert Schweitzer… Schweitzer… uhhh… uhhh… uhhh… Schweitzer, as vibrações. Sim. Muito bem. Está certo. Agora diz-me por que o escolhes.

Não sei… aqui está um homem…

Aqui está um homem…

Aqui está um homem…

Aqui está uma entidade cósmica, sim.

Que fez algo, que interessou muitos pela humanidade, e que realizou um desenvolvimento muito pleno na sua própria existência, na sua própria experiência. Ora, fez algo por outras pessoas e, ao mesmo tempo, fez algo que lhe pareceu uma necessidade para si, mas uma necessidade que não parecia ter compreendido no início; e poder-se-ia sentir talvez que isso se alterou mesmo enquanto o vivia. Sim, isso pode ser algo do significado da sua vida, que o que fez terá sido talvez diferente do que empreendeu fazer.

Dirias que ele se afastou da realidade tal como o seu povo a via, e que se afastou da ilusão para olhar mais de perto?

Deu a si próprio uma certa distância disso, sim.

Então compreenderias o que quero dizer ao falar da necessidade de alguém que chega. Dirias, não dirias, que ele entendeu o significado da experiência como positiva, como não tão positiva e como distintamente negativa. Dirias isso?

Que veio a compreender isso, talvez, sim. Sim, que aceitou a importância da experiência.

Ahh, agora vês. Suponhamos por um momento que esta alma, desejando nascer — e, de facto, esta alma nasceu no que chamarias o caldeirão comum do viver — tenha feito para si, na sua luz cósmica, este lugar em que nasceria, sabendo muito bem que, dentro desta órbita, haveria dificuldades que teria de superar. Acreditarias, portanto, que a alma avança embora conheça as dificuldades? Lembra-te de que a alma está sempre a conhecer o objetivo, por mais tênue que seja, por mais tênue que seja essa luz, a luz do conhecer está sempre lá, ainda que seja um reflexo de um reflexo. No entanto, está lá. Agora tomas este homem e mostras-lhe a alma como desejada. Ele é largado neste caldeirão do viver. Não lhe foi possível aceitar isto. Portanto, toma experiência das mãos de todos para compreender claramente a experiência.

Compreendendo a experiência, não cai nela para nela habitar até ao esquecimento de si. É isto que quero dizer. Agora, pode haver aqueles ao longo da rota, o que lhe diz: “Habita aqui e come do lótus”,

e o outro, irmão de sangue, amigo, que diz: “Não habites demasiado perto do lótus.” Assim, ele põe-se a caminho pela rota que todos os homens devem saber percorrer, quer sejam conhecidos como deuses quer como demónios, e a rota é o serviço a todos, porque todos os homens são, afinal, a energia cósmica dentro do pó cósmico. Não é assim? E, assim, ele torce todas estas pequenas formas no tabuleiro de xadrez da vida; à medida que avança, ficam melhor pela experiência, porque traz consigo o conhecimento da experiência por que tem de passar, não só agora mas sempre. Mas, com isso, também não se esqueceu de quem é. Ora vês que quem ele é é muito importante para cada homem.

Começas a ver porquê. O quem ele é é aquilo a que há pouco chamaste o ego. Portanto, tens de manter o ego e a experiência também te ensina; e, assim, rebolas-te no pó cósmico para entender o que é o pó cósmico na sua relação contigo. Agora chamamos ao pó cósmico os oceanos da vida, o sopro, tudo o que quiseres nomear; mas tu, na tua própria experiência, também estás a criar experiência para ele, porque, ao rolarem por estas muitas — chamemos-lhes muitas vidas — evoluções, és o dínamo da sua existência. Estás a tomar em ti tudo isto e estás a devolvê-lo ao mundo da consciência etérica.

Ora, estou a falar de energia, consciência de energia, se quiseres. Assim, vês que não estás apenas a fazer a tua própria experiência. Estás a fazer experiência no seu sopro cósmico. E com isso ele cresce. Ora, a experiência pode ser, segundo o teu companheiro de leito, muito má, hã. Podes ser um homem mau, como dizemos, ou podes ser um homem bom, como dizemos. Não é importante no grande crescimento, porque tens de experimentar ambos, pois são um e o mesmo.

Isto é, ambas as partes do uno.

Ambas são partes do uno. Não pode haver frutificação se não houver o casamento e a inter-relação entre as duas.

Bem e Mal.

Assim vês que estás a fazer muitas coisas. Estás a recolher o conhecimento do que significa ser a totalidade. Estás a aprender; no grande movimento da vida, estás a aprender isto. Estás a aprender o que significa ser Ele. Mas não o poderias aprender se não estivesses separado dele. Ao mesmo tempo, na ação dinâmica do teu movimento, estás a fazer com que outras energias se movam na sua evolução. Depois, estás a fazer outra coisa. Estás a tomar o sopro e estás a dar-lhe experiência viva. Ele está a participar na tua luta.

Sim. Estás a dar-lhe experiência viva. Estás a dar-lhe, por assim dizer, a marca do teu casco.

É isso. Sim, tens de fazer isto. De modo que, vês, tens aqui um movimento tríplice e é terrivelmente importante que nunca te esqueças de que és parte da totalidade; e não podes, porque o homem está sempre ansioso por regressar a essa totalidade. Não a pode esquecer.

Esta é a lição orientadora nesta vida. Não importa que experiência possa procurar e, na jornada final, isso não importa; importa que tenha experiência. Importa também que, durante a experiência, tenha devolvido à vida cósmica aquilo que produziu do dínamo de si; e importa também que, ao fazê-lo, esteja a roçar ombros com os seus semelhantes — não só com os seus semelhantes, mas com todas as formas de vida. Consequentemente, quando pensa que está na sua viagem a experimentar por si, também está a experimentar pelo cosmos, dando-lhe vida, marcando-o à medida que avança; mas também está a criar experiência para as outras energias cósmicas em seu redor, em movimento, percebes?
Sim; acrescentando vida.

Isto é o cósmico. O contínuo da totalidade, do infinito, é importante.

A sua natureza é crescer. Isto é, o contínuo cresce. Se parar de crescer, morrerá.

Não haveria nada. Então começas a ver que força tremenda é esta? Quão terrivelmente importante é; e, no entanto, se começarmos a

pensar na importância do eu em relação a ela, quase paramos o trabalho de progredir.

Ah, sim — a consciência disso detê-lo-ia.

Sim. E, num certo sentido, destruiria o que se chama a máscara, o casulo, dentro do qual jaz toda a estrutura dinâmica do que poderias chamar este Schweitzer. Este ego, portanto, vês, é profundamente importante; e isto é importante para ti porque vês que, ao lidar com ele, deves considerá-lo como algo natural, como a criança olha algo com tal admiração, a sua cor, a sua amplitude. E não o deves esmagar, porque, se o fizeres, de uma forma ou de outra, então este ego cósmico não seguirá o caminho do verdadeiro viver da experiência. Vês por que atribuo importância a este ego manter o seu equilíbrio? Ora, creio que, no processo de algumas do que chamais estruturas analíticas, há um grave perigo de fazer muito mal se não compreenderes a preservação do ego, que não é o "eu", mas é o "isso" — o "isso". O "eu" já está lançado numa sombra que pode confundir, mas o "isso" não está lançado numa sombra porque ainda não está consciente da "eu-idade". Isto é muito importante no trabalho que tens de fazer. Agora, estaremos nós a falar da mesma coisa quando falas do ego — creio que sim.

Agora, é o ego o "isso"?

Talvez aqui não estejamos exatamente sintonizados.

Creio que a forma como estou habituado a usar o termo "ego" é no sentido do ego consciente especial e individual, a autoconsciência de uma personalidade; e isso não vai funcionar.

Não vai funcionar. Agora vês a diferença entre o "eu" e o "isso".

E o teu ego é aquilo a que talvez eu chamasse o núcleo do eu, o núcleo interior.

O núcleo interior que produz, claro, muitas máscaras.

Isto seria talvez o *coul* que vem a existir de que falaste, a alma que vem a existir, disseste, conscientemente.

Conscientemente.

Sim, em princípio, conscientemente, propositadamente. EG Em princípio. Sempre sabendo, mas nem sempre entendendo ou compreendendo.

IP Sabendo-sabendo interiormente e pela experiência.

E só sabendo finalmente através da experiência.

Sim. Nesse sentido, o saber com que a alma ou o eu passa a existir e entra em atividade é na verdade um saber potencial, uma espécie de pressentimento antecipado.

Pressentimento. É isso. Não é saber no sentido em que uma criança diz: "Eu sei isto." Mas é o tipo de saber que o recém-nascido tem quando chega e procura o seio. Ele sabe, sabe que há sustento. Ou a criança que diz: "O meu pai vai pôr tudo em ordem para mim." Pode não ser verdade, mas por dentro a criança está a dizer-te que tu és a representação da totalidade e da inteireza, aquilo que está sempre a trabalhar a meu favor. A criança não questiona isso nos primeiros tempos. A criança está consciente da imanência, não é verdade?, da imanência da totalidade ou da inteireza?

Ora bem, quanto à experiência que chega. Primeiro há o pressentimento do que é possível. Depois vem o passo antes da experiência. Isto é, então a experiência acontece no que chamaste o pó da experiência e tudo isso que compõe a vida. Ora, quando a experiência acontece, os pressentimentos tornam-se reais…

E ativos.

E ativos. E requerem mesmo o ativo.

E pode tornar toda essa experiência uma manifestação escura ou luminosa. Ora, a manifestação que os muçulmanos farão talvez não seja a manifestação que tu farás, mas quem observa o percurso não se importa com isso. Só é necessário que a experiência tenha sido vivida, saboreada e compreendida. É aqui que surge então a confusão para o indivíduo entre o que é certo e o que é errado. Vês, no certo e no

errado há uma grande confusão, porque o que será certo para mim não será certo para ti, e estão sempre lá, ao longo do caminho, aqueles que dizem: “Muito bem, fica com isto, se quiseres. Come com isto, bebe com isto, carrega-te com isto.” E de facto haverá sempre a tendência para não avançar, mas haverá sempre o guardião, o senhor, que dirá: “Não há muito tempo para demoras. Digerir a experiência e seguir em frente.” Digerir a experiência e seguir em frente.

Não fiques embriagado com a experiência. Não permaneças nela. Não te tornes tão cheio dela que te esqueças. Mas, no percurso longo, mesmo que o faças, isso também cabe na grande globalidade da compreensão. Mesmo que fiques saciado dessa experiência, isso também está bem. Consegues ver o que quero dizer com isso? Claro que terás

perdido o caminho.

Mas saberás que perdeste o caminho, e esse saber.

Acabarás por saber que perdeste o caminho. Então, tendo posto o pé no lodo, as areias movediças engolem-te. É muito doloroso. Depois dizes: “Como é que me meti nisto e por que vacilei?” Mas então já lá estás. Agora tens de levá-lo ao extremo para veres como a experiência se grava em ti.

Mas isto também é experiência.

Isto também é experiência.

De modo que se entra nisso também.

Naquilo que, se quiseres, se afasta da grande luz. Tens de procurar a tua unicidade como parte disso. Agora, és perfeito quando começas, mas estás inconsciente da perfeição. (Esta última frase foi sussurrada.) És perfeito quando começas, mas inconsciente da perfeição.

Agora, para onde vais? No todo, vais descrever muitos, muitos, muitos círculos, durante os quais vais acumulando muito do pó cósmico até que momentaneamente não consigas ver, de tão enterrado

que estás nele. Mas este é o caminho para a experiência. E depois chega o momento em que o coração anseia por essa rutura; e este é o momento em que começas a olhar para as roupas, os casacos, as aparências, todas elas, e então começas a compreendê-las. Dizes: "O que é que eu juntei?" Agora começas a pegá-las todas, uma a uma, e este é o começo do conhecimento. Este é o começo do "tu" a tornar-se perfeito mas consciente. E fazer isto na sua inteireza é ser preservado. Agora, todos aqueles ao longo do caminho, seja o que for que te façam, são os servos. Agora faz-me uma pergunta quando pensares nisso.

Sim, agora…

Começas a ver a relação definida do homem com o grande fator ou começas a ver o processo da vida dentro de cada planeta?

Este movimento sempre. Agora quero perguntar algo sobre o seu retorno, percebes, sobre o retorno do homem à medida que vai tomando consciência da sua separação e à medida que participa nas experiências e, à medida que as aceita e com elas cresce.

(Há uma interrupção no fim de um lado da fita.) Agora, a minha pergunta: o homem toma consciência da sua separação e isso…

À medida que caminha para a consciência, a necessidade disso.

Sim, e entende a sua importância, a razão disso. Ao mesmo tempo, trabalha para superar essa separação porque esta ânsia, este sentimento de anseio…

De estar separado.

Sim, de estar separado e apartado daquilo de que é, essencialmente, parte. Então ele prepara-se…

Para a isso retornar.

E estabelece para si lembretes a fim de o fazer, que podem ser os ídolos ou as estátuas ou o tronco da árvore ou a grande catedral, ou pode ser apenas o vento a falar-lhe, ou pode ser as águas, ou pode ser

as águas, ou pode ser algo que ele próprio moldou; portanto vês o que é o dogma.

E o dogma tem então esta importância para que ele se lembre, lembre-se de onde vem. Portanto vês a sua importância.

Mas agora, enquanto ele vai procurando esse retorno e estando envolvido na experiência, com experiências que prolongam a vida, que levam a vida adiante, agora, procurando esse retorno, tem de esperar pelo fim de uma existência para esse retorno ou pode acontecer que esse retorno ocorra realmente no decurso desta experiência?

Puseste o dedo numa coisa muito interessante aqui, porque agora começas a compreender o que acontece ao teu místico, como lhe chamas. E começas a compreender o que acontece ao teu eremita que se afasta para procurar, na oração e na solidão, a compreensão — não para rejeitar o que tem de fazer, mas para encontrar a sua realidade, a fim de ganhar força para prosseguir com isso.

E o meu pensamento sobre o qual pergunto, Ta-hoteh, é se, na própria experiência do que ele faz com as outras pessoas, com os acontecimentos da sua vida, não é apenas quando se afasta nas suas meditações como eremita, mas no próprio confronto da sua vida…

Enquanto está na praça do mercado, roçando ombros com toda a gente, a graça…

Todos os que estão à parte, todos os que estão sós, que estão cortados…

Mas a graça da sua compreensão do que ele é não pode ser escondida e está a tocá-los, mesmo que eles não o saibam.

Mas ele está na sua apartação.

Quando ele passa a compreender essa apartação e a necessidade dela, então é como o viajante a caminho de Meca que sabe muito bem que não precisa de se apressar porque Meca está lá; assim, não sendo um crente culpado — e há tantos —, não se apressa e os seus pés não

ficam feridos pela pressa com que se move, nem cai pelo caminho porque ele

Onde está, a cidade está na estrada… a cidade está na estrada. Então o retorno está cumprido…

Mesmo enquanto caminha em direção à cidade. Isto fica-te claro?

Sim.

Por outras palavras, ele vai para a cidade e chama para si a beleza da cidade, e a divindade e a fusão estão a ter lugar mesmo enquanto ele se contenta em caminhar em direção à cidade, de modo que a cidade está dentro dele. E por causa disso pode levar o seu tempo e trocar uma palavra com os mais necessitados e os menos compreensivos. Assim vês que, quando tem esta missão a cumprir, está tão certo dela que pode alongar o caminho porque já não é agora antecipação de chegar a casa, mas o conhecimento de que já está em casa.

E a casa está na estrada.

E a casa está sempre lá, e ele nunca a perdeu. Agora compreendes um pouco do que tens andado a escrever?

Ora bem, isto… vejamos agora… isto deve então ser… agora, como é que ele vai pôr isto em experiência? É aqui que estaria a questão, porque aqui…

Bem, vês, neste ponto não o podes evitar. Vês, neste ponto estás, ao mesmo tempo, consciente dele, a tomar grandes liberdades com ele, por assim dizer, e a tomar da sua magnificência e a não o transformar na tua experiência porque sabes que a cidade está dentro de ti e ele é, ao mesmo tempo, a cidade e tu, a estrada. Agora não perguntas, mas, sabendo, tens a segurança de que podes tomar disto e que podes manifestar para outros que não tiveram isto. E assim, mesmo até às portas da cidade, estás a curar e a ajudar aquilo a que chamaremos o crente culpado, e tens tantos crentes culpados. Sabes o que quero dizer por crente culpado? Sim, e em ação.

Um homem que vai a Meca de qualquer modo porque sente que há uma Meca e sabe que faz parte de algo, mas não sabe de quê; e, no entanto, há algo que o puxa para lá.

E pode muito bem ser, portanto, que conheças a sua agonia e conheças o seu protesto e saibas que ele tem de ir, porque aqui é o lugar onde não há retorno e, por isso, podes valer-te da certeza do que tu és e do que ele é e podes transformar isto num manto dourado com o qual o nosso pobre crente culpado e empobrecido possa entrar pelas portas. Isso, creio, dá-te uma noção diferente de por que falo contigo e do que estás a fazer. (Pausa.)

Vês, observei-te muito de perto.

Se tivesses procurado fabricar um ego para outro indivíduo e fazê-lo à tua maneira e colocá-lo sobre ele, eu não estaria aqui a falar contigo. Creio que sabes o que quero dizer. E estamos todos demasiado ansiosos por fazer isto. Vês, subimos ao palco. Sabemos que somos criador e criado e ansiamos por subir ao palco desde o momento em que nos é dado o direito de ser homem. Ansiamos por subir ao palco, por dar vida. Isto é o supremo, não é? Por vezes, ao tentar fazê-lo, fazemos roupas tão reles para o infante, e damos-lhe aquilo a que chamarei a máscara de um ego que lhe assenta mal.

Quando cheguei pela primeira vez, observei-te e tive a certeza de que não ias interferir com a inteireza de um indivíduo, como fazem muitos professores. O professor está tão ansioso por criar uma coisa à sua imagem, em vez da imagem última que está contida na luz da energia cósmica, única.

Mas o professor é realmente aquele… um verdadeiro professor é aquele que faz emergir o que lá está, percebes, e não…

E não impinge algo que é errado para aquele indivíduo. Assim, vês quão desagradável para o criador é a premissa do homem na civilização de hoje e por que tem de correr mal. Tem de correr mal.

A não ser que lhe possam mostrar como estar aberto a si mesmo.

A não ser que se afaste e olhe para a imagem e diga: “Não é isso. Podia ser melhor.” Mas quando começa a interferir com a luz e a vida cósmicas básicas, como muitos fazem em nome do ensino, e transforma essa energia cósmica em algo agora disforme, e desprotegido, e por isso indefeso, esse é o pecado da experiência, não digerida, não informada e mal usada. Este é o processo por que o homem, neste momento, está a passar — não um processo que preocupe Tote: o homem passa por este processo vezes sem conta, dissipa o seu tipo e espécie e depois nasce outra imagem e ele parte de novo pelo caminho sinuoso. Verdade?

Sim, sem dúvida. Mas pode ser como falámos da pessoa que perde o caminho e tem essa dolorosa experiência de estar nas areias movediças…

Isto é o doloroso, isto é parte do que a teologia te ensina, esse lugar em que podes ficar preso na teia do teu próprio desejo, seja para não te moveres de todo, seja para te moveres depressa demais, para parar e beber todas as águas da vida, ou para morrer de sede. Mas, na longa duração, não importa qual foi a tua escolha, porque tens tempo.

Sim, de qualquer maneira, e porque, como dizes, a cidade está presente em…

Lembra-te sempre de que és divino. Mas agora, para manteres esta divindade a crescer continuamente, tens de estar separado e tens de começar a rebolar-te no pó da experiência, toda a experiência.

Ora, quando nas nossas escrituras, Tote, se diz que o homem é feito do pó da terra, interpretarias assim, que o homem é feito do pó da experiência?

É isso. É isso. Agora vês a jornada — quão proveitosa pode ser, quão infrutífera pode parecer aqui, quão proveitosa pode ser ali — mas tudo isso, a soma e o total de tudo, é que és a joia no coração do criador, não a tornar-te, como tens de te tornar, mas a seres limpo, purificado. Mas és a joia de qualquer modo desde o primeiro momento em que te separaste dessa perfeição. Agora tens de atravessar tudo isto e depois começar a arrastar-te para fora da escória e da inexperiência

com que começaste. Agora, crescido em experiência, começas a ver o que é a jornada. E então começas a partilhá-la com outros e descobres que a jornada não foi tão longa como pensaste, porque nunca estiveste ausente. Porque és parte da joia.

Sim, é uma coisa estranha. Sim, sim, dizes que a jornada não é tão longa como pensaste porque, enquanto estás na estrada para a cidade, de repente percebes que, aqui na estrada, a cidade já está contigo. Assim, continuas a jornada, mas já estás no teu destino.

Exatamente. Mas, nesse ponto, quando sabes que a cidade está dentro de ti, então, percebes, tornas-te responsável no sentido mais verdadeiro da palavra. Agora sabes o que é ser responsável pela sua lei, pela sua palavra, e tornas-te então consciente de destino e de destinação.

Sim, que se revela a cada momento… a cada momento.

Ora, não é isso o que tens vindo a pôr na tua própria linguagem?

Sim, é mesmo. Até estava a pensar, enquanto falamos, que agora aqui no…

Portanto, expliquei-te a tua própria tese.

Sim, sim, explicaste. Sim, sem dúvida.

Pois, tive de fazer isto para te levar a compreender quem eu era e que eu era, e que tinha estado em contacto estreito nesse percurso e que, portanto, te tornas responsável, tal como eu, pela companhia que manténs; e também te tornas irresponsável, como eu, quanto ao resultado; porque o simples saberes o que és e que és é, em si, a tua proteção.

Sim.

Isto é o que tens. Este é o salário da vida.

A experiência, em si, tem o sopro dentro dela.

É isso. É isso.

Agora falámos de Deus, e ainda assim não deus. Falámos de deuses, dos diferentes.

Dos muitos deuses que podemos encontrar que o homem fez para si, não menos dignos, repara, por este ser pequeno e aquele ser grande, ou este usar um diadema, ou aquele poder ser um elefante ou um tigre. Não importa, desde que a vontade interior tenha identificado isso com a totalidade e a plenitude. Assim, todos os deuses são por si importantes e todos fazem parte do método labiríntico por meio do qual se alcança o último.

Ora, esse último seria aquilo de que se fala como o inominável, o informe, o intemporal…

O informe, o inominável, o intemporal, a totalidade, a beleza, a graça, a simplicidade, a generosidade, acima de tudo a justiça, a grandeza, a luz radiante, o fulgor de uma miríade de sóis. E agora lembra-te de que cada um tem dentro de si esse sol, essa imagem que ele virá a ser um dia, porque, quando a unidade inteira da perfeição se reúne para glorificar, vais dizer-me: "Mas agora, quando é a totalidade desta perfeição? Não chegamos a uma paragem?" Não é assim? Não… não chegamos a paragem.

Não. Porquê?

Porque essa perfeição é ação.

Unicamente em cada um; mas a perfeição tem sido de tal modo única em cada um que cada um se torna então um mosaico que se encaixa na perfeição do conjunto e, ainda assim, mantém o seu motivo, delicadeza e cumprimento particulares. E finalmente essa perfeição dá do seu esplendor para se tornar a luz, a energia de uma constelação, de um sol, de uma imensidão. Assim, quando tiveres passado por essa perfeição onde a tua luz brilhará como uma só e, ainda assim, cada um for uma estrela cintilante, única, em si, pensa então no que esta energia pode produzir em ordem, em compreensão, em disciplina, na continuidade dessa totalidade, inteireza, grandeza. Como poderíamos fazer mais do que levar dentro de cada um de nós uma joia refulgente que é divindade, inseparável do todo? Isso é o que

somos. Isso é o que permaneceremos. Mas levará éons a fazer a joia nessa inteireza perfeita em que ela se torna o sol e a lua da sua luz para trazer outros universos à existência. Portanto, vês quão grave, e ainda assim quão jubiloso, quão responsivo, quão responsável, quão grande é o caminho.

Tote, posso perguntar isto a respeito de ti, enquanto me falas agora? Posso perguntar pelo teu interesse e pelo teu papel e pelo teu desejo…?

Bem, agora posso revelar-te que o meu papel poderia ter sido duplo. Se, quando vim e falei contigo, tivesses estado com muita pressa, se tivesses dito sim, posso usar isso, está tudo bem, creio que sei, na verdade eu sei. E se tivesses estado com muita pressa para moldar a unicidade de cada indivíduo à tua maneira, eu poderia ter tomado um significado e uma forma diferentes. Eu poderia ter-te ajudado a moldar, mas asseguro-te que a moldagem não seria única. Poderia ter-te posto à prova até ao ponto em que me terias confundido com alguém que te daria uma falsa piedade, uma falsa justiça. Eu poderia ter-te oferecido muitas coisas, e cada uma delas, se as tivesses aceite sem pensar, poderia ter-te trazido certas coisas boas, mas também certas coisas não tão boas. Tive isso com as palavras. Fui visto pelos homens como o supremo, como o pai das palavras e dos seus significados, quando deixei os significados aos homens para lhes darem a tonalidade que era o conteúdo do seu coração. Tenho um propósito duplo, mas isso suspeitaste. Creio que disse o suficiente. Deixo-te agora a refletir. Provavelmente vais pegar em tudo o que disse e, se quiseres contradizê-lo ou dissecar, terei todo o gosto em voltar a entrar nisto contigo, em todos os seus aspetos, porque isto não é uma lição que possamos tomar a peito e dizer: “Sim, é assim.”

Sim, sem dúvida. É verdade. Agradeço-te muitíssimo, Tote, e, se me permites, pedirei para falar contigo amanhã.

Façamo-lo. Creio que será proveitoso, porque estamos a caminho de Meca e, se mudarmos de vestes, ou mesmo descansarmos um pouco pelo percurso, é o teu tempo; e disso temos o que desejamos.

É verdade. Os meus profundos agradecimentos.

(Gemidos, respiração profunda, suspiros, gemidos e bocejos intermitentes, suspiros e contínuos grunhidos e respiração profunda, à medida que a Sra. Garrett sai do estado de transe.)

COMENTÁRIO
À CONVERSAÇÃO N.º 3
COM TOTE

Num certo sentido, poderia parecer que fui eu próprio a definir o tom das discussões pela natureza das perguntas que apresentei a Tote. Isto foi, porém, determinado mais por Tote do que por mim. Sempre que, nas conversas anteriores, levantei questões mais específicas ou mais pessoais, Tote ou as evitou ou sugeriu que eu fizesse as perguntas a Ouvani ou a Abdul Latif.

Assim, Tote eliminou as questões mais estreitas, de modo que não tive alternativa senão colocar-lhe problemas tão vastos e gerais como a vida e a morte, e a natureza de Deus e do Diabo, como faço aqui. Tenho, no entanto, a impressão de que uma das razões principais pelas quais consegui estabelecer uma relação tão estreita e sustentada com Tote foi ele ter respondido ao meu interesse por estas questões, uma vez que o meu envolvimento pessoal nelas suscitava interesses e preocupações que ele sentiu necessidade de explorar mais a fundo.

Esta sessão tornou-se uma experiência intensamente pessoal tanto para a Sra. Garrett (no aspeto Tote da sua psique) como para mim. Tornou-se uma afirmação muito forte e íntima do que é preciso compreender da ligação mais íntima da Sra. Garrett — e talvez até então não articulada — com a divindade, enquanto Logos. Esta qualidade da discussão emergiu lentamente. Começou com o que poderia parecer um jogo de palavras. Primeiro surgiu a questão da definição de Deus, e isso trouxe perguntas e intuições sobre as quais já comentámos.

Esta sessão ilustra, de facto, muito bem as conceções de Deus que descrevemos nos comentários às secções anteriores. A referência à palavra "saber" e ao seu uso especial indica a qualidade intensamente pessoal da experiência que está a ser comunicada. Na sessão, era presumivelmente a figura de Tote quem falava; mas senti, do princípio ao fim, que o que me estava a ser descrito era a experiência íntima da própria Sra. Garrett do princípio de vida que, na sua psique, se dramatiza como Tote.

Nesse sentido, teríamos de dizer que era realmente a Sra. Garrett, e não Tote, quem falava; e, no entanto, nos termos em que Tote o descreve, é precisamente isto que está em causa quando se diz que Tote fala. Pois Tote, enquanto princípio do Logos, enquanto "dador da palavra", só se torna real no momento em que um ser humano estabelece com ele uma relação pessoal direta, isto é, com o princípio do Logos. Então, nesse aspeto, nessa forma, Tote torna-se a relação particular que foi estabelecida. Creio que a razão por que esta sessão se tornou tão pessoalmente intensa foi que, depois do profundo trabalho de base das sessões anteriores, quando eu pressionei mais para as questões últimas sobre a natureza de Deus, a única maneira de estas questões derradeiras poderem ser demonstradas era por declarações e ilustrações pessoais.

Em última análise, a natureza de Tote só podia ser comunicada descrevendo-se a relação efetiva de cada um com ele. A Sra. Garrett não o fez abertamente; continuou a ser Tote quem falava. Mas as coisas que Tote descrevia eram as qualidades da relação pessoal com

o princípio do Logos na vida. E, para quem estivesse familiarizado com o percurso de vida da Sra. Garrett, essas descrições apenas camuflavam de forma transparente o envolvimento pessoal da Sra. Garrett.

Por exemplo (parágrafo 11), quando Tote fala de se sentir "um pouco nu e um pouco perdido" como pré-condição para entrar numa relação profunda com a vida, reconhece-se o período de confusão mais cedo na vida da Sra. Garrett. E quando Tote fala de rolar no pó cósmico da experiência como meio de entrar em relação com as realidades últimas da vida, reconhecemos também a atitude de plena participação na experiência que tem caracterizado a vida da Sra. Garrett. Provar todas as coisas ao longo dos anos foi o seu caminho; e aqui encontramos, na descrição de Tote, uma expressão sensível dos delicados problemas que esse caminho de experiência acarreta.

Deve-se provar de tudo na vida, usufruí-lo, permanecer com isso — mas não ficar demasiado tempo. Os prazeres que se encontram ao rolar no pó da experiência são válidos; mas depressa passam ao seu contrário e tornam-se tentações que devem ser superadas. Quando Tote fala (parágrafo 12) dos dois tipos de conselho que as pessoas dão, alguns dizendo "Entregue-te a isso", e outros dizendo "Não demores demasiado no pó da experiência", é fácil reconhecer que representam duas vozes conflitantes que falaram interiormente à Sra. Garrett ao longo dos anos.

Por um lado, permitiu-se participar em muitas variedades de experiência de vida, provando plenamente do "pó cósmico"; mas, vez após vez, sentiu o perigo de ficar presa nisso e avançou. Estas impulsões opostas — participar nas coisas e libertar-se delas — forneceram uma tensão contínua na sua vida. Mas aqui podemos ver, através das observações de Tote, que essa tensão foi constituída pelo conflito de opostos dentro dela a lutar por formar e estabelecer a sua relação com o princípio do Logos que Tote personifica.

Mais uma vez vemos a luta espiritual da Sra. Garrett revelada nas descrições de Tote. "O inferno da experiência" exprime-o bem. O

“inferno” é, na realidade, a tensão sentida no meio do conflito de opostos: atraída pela continuidade de prazeres que estão demasiado prontamente disponíveis e a “tristeza” de não saber como esses prazeres podem ser integrados num contexto significativo. Quando Tote diz: “Agora isto é doloroso, acredita”, percebemos que são os sentimentos profundos e sinceros da Sra. Garrett que estão a ser expressos.

A dor consiste em sentir a tensão interior a puxar em direções opostas até que, finalmente, se consiga compreender os aspetos maiores, cósmicos, do que está a acontecer. Mas é desta forma que um ser humano é suavizado, se torna maleável e se abre para ser capaz de reconhecer o Logos e de entrar numa relação íntima com ele. Neste ponto da conversa, pareceu que Tote, ou a Sra. Garrett, de repente sentiu que o seu material pessoal estava a tornar-se demasiado o centro da discussão. Houve então uma mudança brusca, e foi-me pedido que indicasse outra pessoa cujas experiências pudéssemos usar como base para a discussão. Foi então que mencionei Albert Schweitzer.

Quando mencionei o nome de Schweitzer, deliberadamente não disse mais nada sobre ele, para ver que comentários específicos Tote faria. Mas Tote não fez nenhum. Evitou e incitou-me a dizer as primeiras coisas. Eu, deliberadamente, voltei a esquivar-me, querendo manter o caminho livre e assegurar que a figura de controlo usaria apenas o seu próprio material. Assim, fomo-nos esquivando de parte a parte e, finalmente, fui levado a fazer uma exposição que apresentava alguns aspetos da vida de Schweitzer que constituíam um ponto de partida. Ao que parece, a combinação Garrett-Tote era muito mais hábil a contornar do que eu. A discussão de Schweitzer que finalmente surgiu, no entanto, revelou-se muito valiosa.

É um bom exemplo de um procedimento que a Sra. Garrett parece seguir muito frequentemente — e muito bem — quando está em transe: levar a outra pessoa a fazer a primeira afirmação ou a colocar uma pergunta específica e, depois, responder-lhe de modo intuitivo. É um método que exaspera os investigadores que tentam

testar alguma informação particular em termos de clarividência, mas é um procedimento muito eficaz para evocar ideias e intuições adicionais das profundezas da psique da Sra. Garrett.

A partir de Schweitzer, a discussão rapidamente voltou a tornar-se intensa e pessoal. Trata-se da questão de como se estabelece uma relação direta e eficaz com a Palavra, com o Logos, com Tote. A resposta de Tote volta a parecer trazer o sopro da experiência da Sra. Garrett. Parte-se da generalidade da Palavra, do caráter amorfo da vida e, colocando-se-lhe o cunho único de cada um, torna-se real, torna-se individual e torna-se uma relação viva com o Logos. Torna-se a forma da ligação pessoal de cada um com Tote.

Voltamos a ver a relação da Sra. Garrett com o pó da experiência, expressa por Tote. Rola no pó da experiência, mas não te embriagues com ele. Digeri-o e passa ao seguinte. Esta participação estabelece a forma única que distinguirá a tua relação com o Logos. O interessante nestas afirmações é que parecem decorrer de uma intensificação do contacto pessoal na sessão, que deu a toda esta conversa uma atmosfera de experiência religiosa. Não sei se a transcrição aqui apresentada comunicará necessariamente isto ao leitor, mas foi um elemento importante nesta sessão até ao fim.

CONVERSAÇÃO N.º 4

COM TOTE

(Gemidos, grunhidos e respiração profunda enquanto a Sra. Garrett entra no estado de transe.)

Sou eu, Ou-vay-nee. Saúdo-te, amigo.

As minhas saudações para ti, Ouvani.

E hoje, posso servir-te?

Sim, Ouvani. Ontem à noite tiveste a gentileza de pedir a Tote que viesse e falámos, e ele disse que estaria disposto a falar novamente hoje; por isso, se fosses tão amável, eu gostaria de…

Era desejo dele.

Sim.

Pois então, deixo-te e permito que ele — bendito seja o seu nome — venha e fale por si. E, quando ele partir, a porta ficará bem fechada, para que não tenhas de te preocupar com isso. Tudo ficará bem. *Adieu.* E assim me despeço: *Adieu.*

(Suspiros adicionais, gemidos e respiração profunda enquanto o estado de transe se aprofunda. Por fim, uma voz mais lenta e grave fala.)

Tote fala, meu amigo. Vamos retomar exatamente onde estávamos; ainda que não exatamente. Refletiste sobre os outros aspetos da identidade ou não identidade da inteligência a que chamamos o deus ou o bem.

Sim, falámos de Deus ontem à noite. Falámos de Deus, e tenho uma pergunta a esse respeito. Deus é necessariamente masculino ou feminino, ou qual é o significado disto? Podes esclarecer-me?

Sim, creio que sim. É a dualidade de propósito contida na totalidade. Podem ser as duas faces do medalhão; mas Deus, se pensares em termos do seu poder criador, entende-se melhor se te lembrares de que homens menos inteligentes mas infinitamente mais sábios O viram na sua dualidade, e o próprio homem partilha da divindade. Mal se pode falar de masculino e feminino, pois toda a vida tem ambos os conjuntos de impulsos orgânicos, não é assim?

Sim, é assim.

Não importa se é a pequena vida à superfície do oceano, a mais pequena vida nas profundezas do oceano; ou se é a flor da selva, ou a tua branca flor de jardim, ou a tua árvore. No núcleo do ser básico está a dualidade de propósito. Nada existe sem esta dualidade. Nada. Nada.

Tote, como gostarias que pensássemos em ti? Como masculino ou feminino, ou reconheces isto em relação a ti próprio?

T: Em tudo quanto me têm assim apresentado, sou apresentado como o doador de palavras, um masculino e um grande matemático. Fui apresentado em muitos aspetos, mas é interessante para ti saberes que o sacerdócio do pensamento tinha sempre de servir dentro do templo com indumentária feminina. Tu leste isto, e estou certo de que estudaste mais. Se alguém há de tornar-se o doador, deve também tornar-se o buscador e o recetor; e um verdadeiro doador tem, por necessidade, de se tornar um recetor mais verdadeiro. Portanto, antes de os jovens poderem servir no sacerdócio, tinham de servir muitos anos — nalguns casos, de acordo com as suas necessidades e desejos apostólicos — com o traje do feminino, para aprender a verdadeira passividade, sem a qual não lhes seria possível tornar-se também doadores de significado.

Então creio que verás que, na personificação do pensamento, ele te é sempre personificado como masculino, mas cuidadosamente disfarçado; e às vezes não tem rosto, e por vezes traz a cabeça de um animal, e por vezes é tríplice-faciado. Mas, se eu te aparecer, penso que não irás considerar-me a surgir sob o disfarce de mulher. Contudo, se fosse essa a maneira pela qual a tua mente desejasse a verdade e este fosse o método pelo qual, forçosamente, deveria ser dada a ti, então, naturalmente, há de dar-se a ti na qualidade que sejas mais capaz de perceber.

Então, se me é permitido pôr a questão para ver se entendo: poderias aparecer sob a forma de uma mulher ou poderias aparecer sob a forma de um homem, mas, em qualquer dos casos, estas seriam as formas, não a essência.

É isso.

Sim. E a essência está para além do masculino e do feminino e abarca ambos.

Não pode ser nem masculino nem feminino se é a essência.

Sim.

E, no entanto, tem de conter em si, em nome da criatividade, a totalidade do que tem sido. Tem de conter a fonte do conhecimento. Tem de conter aquilo de que provém. Compreendes o que quero dizer? Não é possível, por outras palavras, em momento algum, mesmo nesse grande espaço de que falámos, em que alguém se torna de facto como o criador de sóis e luas do futuro, não é possível esquecer as lições concretas do masculino e do feminino. É a partir disto que, ainda, a criação tem de ter lugar. Mas não se pensa em termos da entidade.

Mmm. Não se pensa em termos da entidade?

Sim. Agora, este é um ponto difícil para eu comunicar a outras pessoas. Talvez seja por não o ter compreendido suficientemente, mas este ponto ficou comigo — aquele ponto que mencionaste logo da primeira vez em que falaste comigo —, a saber, que todos os seres humanos, todos os homens, são símbolos. Nesse sentido, o masculino ou o feminino sob os quais poderias aparecer seriam meramente uma forma simbólica.

Chamamos-lhe uma forma simbólica, mas, ao mesmo tempo, uma forma adequada na qual a obra da mente — aquilo a que chamas mente — melhor operará.

Isto é, melhor operará para o particular…

Para o crescimento particular deste pensamento dinâmico particular durante a sua reclusão nesse particular — chamemos-lhe de barro — recipiente. Vê, temos agora de pensar no corpo como pensaríamos numa taça. Ora, está todo moldado — rude, sábio, belo, de grandeza requintada ou de gosto simples. Agora, dentro da taça há aquilo a que chamarias o forro, como verias numa caixa de joias, para que a joia dentro não fique com falhas. Esse forro é, em parte, substância anímica e, claro, tem também de ser da química em que o corpo dinâmico repousa.

Então pensa na tua taça com este extraordinário revestimento por dentro e por fora. E tens ainda outro recipiente menor, e esse é o material da alma; pois a substância anímica tem, por si, também de

participar da química do lugar em que está a adquirir compreensão. E, dentro desse vaso da alma, há o dinamismo do espírito que está para sempre nele suspenso e, contudo, não é dele inteiramente parte. Matéria suspensa, mas não inteiramente contida nele. Mas isto dá-te, na tua compreensão analítica, alguma parte do quadro?

Sim, acho que ajuda, em qualquer caso. Deixa-me perguntar de novo sobre essa observação que fizeste, de que a entidade não é importante. Quer isso dizer que não é a entidade que pretendes enfatizar?

Que entidade? O quê? O que…

Usaste a palavra "entidade". Julguei que significava…

Uma entidade é também uma ideia. Uma entidade pode ser uma ideia vestida de qualquer género de forma e moldada na imagem mental que quiseres. Vês, isto é terrivelmente importante de entender. O espírito está em todo o tempo num estado — dirias — de inocência, não dirias? Sabes o que quero dizer por inocência? Ora, ele está contido dentro desta taça da alma, e a alma está novamente contida dentro de outro revestimento que é, em parte, químico; e depois há a incrustação do que o homem chama o etérico, que participa de ambos os estágios; e depois há o dinamismo do corpo. Agora, eu posso, porque sou parte — e tu és parte — da interpretação da vida, criar vida. Não estou apenas em guerra, mas em fricção, com o meu eu dual. É o conflito com o meu eu dual que acabará por produzir a criança. Irei ao ponto de dizer que não são o masculino e o feminino que, de facto, produzem a criança. Dado um tempo, um espaço, no mundo, o próprio homem, se deixado sem o outro lado da necessidade biológica, produzirá por si, mais cedo ou mais tarde, vida. O mesmo é verdade para a mulher — já pensaste nisso? É exequível. Há sempre as entidades que estamos a produzir, mas essas entidades são ideias vestidas. Por que te digo isto? Digo-to porque nada é — é —, mas nada pode ser compreendido, nada pode ser entendido se não estiver em forma.

Sim, e então a entidade é o quê? É a forma que a ideia toma?

Para tornar possível a compreensão de qualquer coisa, até na tua própria vida, tens uma ideia, tens uma canção, tens uma visão bela. Mas isso não está, por muito que o digas, em qualquer estado de realidade — embora saibas que é real para ti. Mas não o podes tornar real para o teu aluno, digamos, se não puderes, antes de mais, pô-lo em forma. É verdade? Posso ter o vinho mais belo. Colherei todas as bagas das colinas e recolherei o fruto, guardá-lo-ei, mas não te posso dar do vinho se não conseguir pôr o conteúdo em algo que o contenha. Perde-se. Assim, qualquer ideia, qualquer inteligência, ou qualquer ato criativo, ou qualquer pensamento, é uma entidade, não é assim? E, se depois quiseres manter a entidade, que fazes? Tens de lhe criar uma forma. Assim, os antigos — nos tempos idos — e eu tenho sido, diz-se, um dos que sabem que não se pode começar a interpretar o significado da vida antes de se começar a fazer formas. Verdade? Agora, essas formas, no teu entendimento, tornaram-se criadas: contêm som, contêm sopro. Finalmente, tornam-se número. Entendes? Porque, caso contrário, por muito extraordinariamente belas que sejam, não as tens numa forma. Não têm existência. Verdade? Não estás muito seguro.

Não, estou. Se não têm forma, não têm existência. Isto significaria, no entanto, que a forma e a existência são, pela sua natureza, um aspeto transitório. Isto é, não são essência, pois não?

Bem, devem — vê: sairás, caminharás para o ar livre. Os teus olhos irão absorver, ou talvez os teus sentidos — um deles, ou todos — talvez absorvam tudo o que vês. Ora, não podes pegar no que vês e entregá-lo a mim dizendo: “Olha.” Eu, no entanto, posso olhar para esse quadro, para o que o compõe; mas, até o fazeres forma, isso não é. Está claro? Não podes agarrar o sopro do que quer que tenha sido o que viste. No momento em que o fazes, iniciaste o caminho da criação. Portanto, o que fizeste, no momento em que tens todas as partes do teu quadro, é fixar dentro dele o sopro. Agora está contigo. Agora, não podes simplesmente manter-te agarrado a isso e falar disso e dar-lhe dimensão a menos que, antes de mais, lhe cries uma forma.

Isto lembra-me o que falámos ontem à noite, a respeito do que dissemos sobre um indivíduo tomar consciência da sua separação, para que possa sentir a sua egoidade. Isso é tornar-se consciente.

É a mesma aplicação. Eu disse-te que não poderia haver a continuidade da totalidade se todas estas partes da divindade não fossem desprendidas da divindade para se tornarem não-divindade. Vês que, ainda assim, continuaria. A mão do criador pode muito bem querer segurar um vaso. Ele moldará o vaso para nele colocar a nascente do seu próprio ser. Mas tem, antes de mais, de visualizar como será esse ser e, depois, tem de o criar. Aí falamos da não-identidade que o homem tem de assumir para executar esta área, esta viagem de que falámos. Durante esta viagem, ele vai passando pelo pó da experiência, cobrindo-se e revestindo-se dele, para perder a identidade com aquilo, a fim de ganhar identidade para isto. E, ganhando identidade para isto, então lança-se de novo a caminho do retorno, devolvendo a joia que é sempre, sempre divina. Mas agora devolvendo a joia polida.

Ah, sim, e este polir, isto faz parte — isto é o que acontece na estrada?

Isto é a estrada.

Sim, aqui, quando usas uma expressão como “a continuidade da totalidade”, a implicação é que essa totalidade envolve a divindade.

Essa totalidade é divindade — nunca foi menos do que divindade. É um grande erro ensinar, na tua dogmática, que o homem se torna divino. O homem tem de ser separado da divindade para saber que é divindade. Este é o grande erro, creio, na dogmática. Não é a descida do homem. É, na realidade, a ascensão consciente da divindade; mas não pode ser consciente até que se tenha destacado do velho lado não-consciente. É toda-sabedora na sua inconsciência, mas, quando se separa, tem de se tornar não-sabedora da sua divindade, e, ainda assim, nunca completamente não-sabedora. Esta é a grande tragédia, se quiseres, na alma da humanidade: ele está destacado e sente-o. Mas isso é necessário. Se todo o efeito — se a vida — há de continuar, e a

divindade é uma continuidade, o homem tem, portanto, isto, como tem tudo. Dar isto — eis a responsabilidade —, dar a vida de volta.

Dar a vida de volta, de facto; tornar a divindade real no mundo.

Manter a divindade sempre. Sempre. Eternamente. Sempre. Esta é a grande responsabilidade com que nos defrontamos: que a divindade não seja diminuída. Que não haja ponto em que a divindade não esteja continuamente — agora e sempre —, mas sempre a expandir-se. Agora dizes: se vamos ter um universo em expansão contínua, o que vai acontecer? E eu digo-te isto: o universo está a expandir-se, mas também, no crescimento dessa expansão, chega o momento em que aquilo a que chamarás a cinza da experiência cumpriu o seu propósito e então, como dois meteoros, a divindade de propósito entra em conflito, tal como se o homem e a mulher, em conflito, se unissem para produzir vida. Que é isto senão conflito? Verdade?

Sim, isto é, o encontro dos opostos.

O encontro dos opostos deve produzir, de imediato, no melhor de tudo, o entusiasmo — o esplendor do entusiasmo — pelo qual a vida é de novo libertada. Assim vês que está para sempre a expandir-se e, ao mesmo tempo, para sempre a manter-se unida; pois o que há na cinza? Chama-lhe a cinza extinta do desejo: quando se desfaz, ainda tem dentro de si a magia do sopro, e essa virá a entrar em conflito com alguma outra área e será apropriada, será tomada. Nunca há — como se chama? — o desaparecimento da divindade, o desaparecimento da relação; porque, sempre, o todo está lá. Mas, para o crescimento do todo, é importante que o homem — ou qualquer via de vida que queiras — seja dividido, para se perder, para perder — nunca perder completamente, mas quase perder — de vista a si próprio, reunindo a si o pó da experiência que, uma vez consumida a sua inteireza, terá então de começar a largar de novo, largando-o agora porque finalmente se tornou consciente da sua identidade. Agora, tornei isto um pouco mais claro?

A: Sim, gostaria de fazer outra pergunta a este respeito. Sobre como um ser humano entra em contacto com uma divindade em si próprio. Falámos disso ontem à noite…
B: Ele é divindade. Como é que entra em contacto com ela? Ele é.

Sim, mas agora, na sua experiência, não manifesta isso facilmente. Ou seja, ele é divindade, mas no início perde isso, perde o contacto com a divindade; e isso é necessário para que ele a descubra e realmente entre em contacto com ela e realmente regresse.

Sim.

E realmente regresse — é isso que queres dizer.

Sim, e, como dissemos ontem à noite, o homem, na estrada para Meca, pelo caminho apercebe-se de que a cidade…

Ele é simultaneamente a cidade e a rota.

Todo o caminho e o objetivo estão realmente contidos no próprio processo de partir…

Do seu saber.

Do seu saber que é para lá que deve ir.

Do seu saber — e, como dizes, também do seu conhecimento, no caminho de volta, do facto de que ele é, de facto, divino.

Sim. Agora, vou contar-te uma situação concreta. Eu, depois de falar contigo, falei com o teu instrumento porque — e isto, talvez tenha de pedir-te mais uma vez permissão — no sentido de que me pareceu que esta informação que me deste ontem, se o instrumento a sentisse e compreendesse verdadeiramente na sua vida desperta, resolveria muitíssimas das suas próprias questões.

Tens a certeza?

Bem, agora.

Ou não levaria a própria imanência da jornada a que ela depusesse o trabalho? Não é esta uma das grandes dificuldades com que o místico se confronta sempre — o facto de ele estar tão

frouxamente coeso, de a ligação entre a jornada e a própria vida ser de tal tecido, de tal fragilidade, que o místico está ele mesmo tão ciente da imanência da morte que o seu grande intento é alcançar o seu objetivo — do qual está tão certo — antes de estar pronto. Vês, nós também estamos prontos para dizer que estamos prontos. Mas não te esqueças de que a alavanca que nos permite saber ainda não está nas nossas mãos. E, se deres essa aquiescência àquele que procura uma relação e disseres: "O caminho agora está livre", romperás os laços e precipitar-te-ás para lá. Não é uma das grandes dificuldades que o instrumento tem tido — não será o desejo de voltar ao redil? Não será tudo isto já uma tentação demasiado grande, a de desistir antes, pensando que poderá estar pronta. Mas a divindade sabe que ainda há muito a fazer. Por isso, não creio que, se ela soubesse tudo o que te disse — tal como tu o estás agora a entender — ou, digamos, parcialmente, e no entanto compreendes muito do que quero dizer — isso pudesse, no caso dela, levá-la a tentar terminar o percurso antes de a alma estar pronta para abandonar a sua tarefa tão necessária e importante. Agora, entendo isto? Quando falámos do retorno, ontem à noite, recordo a pergunta que te fiz ao perguntar: "O retorno implica necessariamente o fim desta existência terrena?" E a resposta foi que não.

Claro que não.

Não, não implica. Agora, o desejo do instrumento de regressar. O que é que isso envolveria? Tal como o vês, o que significaria para ela esse desejo de regressar…

Creio que o seu desejo verdadeiro tem sido sempre essencial. Podes saber que, em criança pequena — e desde então —, houve sempre nela, ao longo de toda a vida, a tentação de desistir. Ela compreende completa e perfeitamente que a morte — se assim lhe chamas, embora esta palavra não tenha sentido real — é aquilo a que chamarás a abertura para outra existência, outra vida. Há sempre nela a tentação de depor esta vida. Ora, se ela viesse a ter a sensação — como tão acertadamente disseste — de muitas das coisas de que falámos, não estou nada certo de que o material anímico fosse

suficientemente forte para suster este recipiente, por muito que seja um recipiente. Para suster, muitos recipientes cairão muitas vezes e não ficarão amolgados nem se quebrarão. Mas ela já suspeita — e é uma coisa só suspeitar-se de algo e não se estar bem certo. E talvez esta "não-bem-certeza" seja parte do estalido de azorrague pelo qual a alma deseja que o percurso assim continue até que a experiência esteja cumprida. Esse é o perigo. Sempre o foi — e uma das razões, talvez, pelas quais o seu conhecimento foi, talvez — chamas-lhe trabalho, mas chamemos-lhe conhecimento — filtrado. Nem a todos será dada liberdade. É a coisa mais perigosa. Tenho a certeza de que o sabes.

Sim, então, no que respeita ao teu instrumento. Tu, se entendo isto corretamente, consideras que, no que respeita ao instrumento, ela não deve ser informada destas coisas?

Não — uhh — não da forma… como te digo, ela suspeita delas. A alma tem conhecimento — digamos assim. Além disso, ela é capaz de recorrer à mente, que é externa — encaremos isso. Não está nessa massa do que chamarias plasma, aquilo a que o homem chama mente. A mente é externa. E o corpo, ou parte dele, pode muito bem ser um cérebro — vejamo-lo assim. Mas, agora, se lhe deres a saber que a imanência que ela vê, suspeita e, às vezes, toca, está lá, então há uma tentação maior de retirar este manto, e a alma não teria cumprido o seu propósito. Fui claro?

Poderias repetir essa última afirmação? Gostaria de refletir sobre isso de novo.

Pois, referi-me ao corpo como um cérebro, se quiseres. Podes vê-lo, se preferires, como um cântaro. Podes vê-lo como algo grosseiramente montado. E, deste modo, refiro-me a ele como um símbolo. Mas é um símbolo que contém em si uma verdadeira essência. E todo o símbolo tem de conter algo, pois assim é composto o universo. Não é assim? Todo ele símbolo. Agora, dentro do símbolo está a essência da alma no seu caminho para a preservação. Mas a alma, antes de entrar no corpo simbólico — ou dínamo, ou como lhe

quiseres chamar, ou vaso —, já sabia que tem certas coisas a realizar por este método, neste — como dizes — vaso?

A alma é exatamente como a criança que olha para a imagem do pai e diz ao pai: "Serei como tu, um dia?" E o pai diz: "Sim." E então a criança diz ao pai: "Mas ordena-me que seja como tu agora; assim o desejaria." Mas o pai diz: "Não, meu filho, tens de passar por certos caminhos. Certas portas têm de se abrir. E tens, por assim dizer, de viajar um pouco antes de te tornares como eu." Ora, a alma conhece a sua própria experiência e mantém uma relação estreita — muito estreita — com o infinito, em amor e entendimento, mas ainda há experiência. Estou a ser claro?

Mmm.

Podes ter uma peça de metal muito bela e querer torná-la algo muito estimulante e descobrir-lhe as cores. Podes entregá-la a três ou quatro mãos rudes — farão também algo muito bom. Mas o mestre técnico virá examiná-la e dirá: "Não, não tem beleza exímia", e pô-la-á de parte. Aí poderá ficar por uma miríade de meses. E, de novo, alguém poderá pegá-la, olhá-la e dizer: "Serve para isto", e levá-la a outro mestre mágico. Depois, um belo dia, cai nas mãos de alguém que vê e observa, que diz: "Mas, com a minha arte, posso tornar isto mais perfeito." Ora, a alma do instrumento sabe que há muito mais que deve realizar neste vaso. Se, portanto, disseres à mentalidade do teu instrumento a facilidade de todo este aspeto, estarás a diminuir, estarás a retirar algo que tem de ser realizado.

Agora, quanto a…

Ainda não estás muito certo. Quero que penses nisso, porque é uma ideia nova para ti, e está na base de toda a ordem e disciplina. E temos de a discutir muitas vezes. Mas vejo que começas a entrever a ideia. Vês, meu amigo, deixo-te isto assim: pode ser muito necessário curares esta criatura — e isso seria excelente para aquela alma —, mas estarás a retirar algo do desejo da alma de nascer se retirares à outra criatura o método e os meios pelos quais ela até aqui percorreu o caminho. Isso torna-o um pouco mais claro?

Sim.

Vês, há aqui algo que penso que todo o professor, desde o princípio dos tempos, teve de enfrentar. A saber: tens o direito de curar? Tens o direito de matar? Não tens. Nenhum homem pode arrogar-se tirar o sangue do seu irmão. Não lhe pertence. Mas, também, há algo que quero que examines com muita clareza — e penso que o teu instrumento o sabe —: há momentos em que é melhor não curar, em que este método do corpo pode ser a melhor via. Vês, se havemos de curar, devemos sempre dizer: "Se for a vontade… da alma." Se, portanto, retirares toda esta área de dúvida, não estarás, de certo modo, a roubar à alma alguns dos instrumentos pelos quais ela cresce? Há necessidades de enfermidades no mundo, e isto é algo acerca do qual gostaria de falar contigo, se tu próprio estás a entrar no tabernáculo para compreender a perceção da cura. Estou certo de que compreendes a medida fundamental. Muitas pessoas dirão: "Mas por que permite a divindade que o homem adoeça?" A divindade nada tem que ver com o homem adoecer; o homem é inteiro. Mas a alma traçou o seu caminho e conhece o seu caminho e pode ser por este processo da argila a enfraquecer, do edifício a enfraquecer, ou pelo processo da negação de outro homem, ou pelo processo da dúvida de outro homem, que a alma esteja a fazer o seu caminho de volta àquela divindade que é absoluta. Percebes o que quero dizer ou estou…

Sim, sim, creio que percebo. Posso perguntar — esta discussão lembra-me agora uma observação que fizeste na primeira vez em que falámos, que então talvez não me fosse imediatamente clara. Pelo que recordo, foi uma observação em que disseste que falavas comigo não para o teu instrumento, mas para mim. Se me é permitido entendê-la assim, então não pretendes que as coisas que me dizes sejam usadas particularmente para curar ou tratar o teu instrumento.

Mas sim para a minha informação.

Não.

Exatamente. Agora vês por que se torna claro — creio que tu e eu devemos, um dia, perguntar por que fui eu a escolher-te; tu não me

escolheste, eu escolhi-te. Tens de descobrir porquê. Depois, tens de entender que há um grande perigo na cura: alguém pode, com a melhor das intenções, tornar este vaso — ou qualquer vaso — limpo e inteiro. Mas, ao fazê-lo, pode ter mudado todo um percurso da evolução da alma. Aí está onde o médico e o curador, por vezes, não assumem responsabilidade para com a ordem. E, tão certo como cada médico instaura o novo aspeto da cura, assim certamente a evolução da alma trabalhará contra isso, se tal não estiver dentro do padrão do desejo da alma de evoluir.

Se não estiver no curso do seu próprio ritmo interior, da sua necessidade. Se exigir esta harmonia.

Compreendo.

Exatamente.

Sim, sim, isto é importante e eu acredito nisso. Penso que eu…

Pelo menos, se olhares para isto do ponto de vista do curador, do ponto de vista da oração, e do ponto de vista de quando a cura é permitida e consentida, e por que não compreenderíamos a cura da maneira como a cura tem sido ensinada. Por alguns dos teus mestres.

Bem, agora, no caso de uma pessoa que — e talvez isto se aplique ao teu instrumento, se nos for permitido falar mais um pouco dela — no caso de uma pessoa que levanta uma questão, que faz uma pergunta sobre si mesma e sobre a sua vida, em que a resposta poderia alterar a situação para ela, em que talvez sinta uma certa desarmonia que gostaria de eliminar — como é que alguém sabe qual é o desejo da alma? Especialmente se está a fazer uma pergunta à qual talvez, no fundo, não queira realmente responder.

A: Se a alma, se a mente coloca a pergunta — e, neste caso, há sempre grande curiosidade. Ainda assim, o aspeto anímico do teu instrumento é daqueles que continuamente interrompem até os planos mais bem traçados de todos os que entram em contacto com ela. E, por isso, penso que só te peço que não reveles, por agora, demasiado, porque creio que, na sua apreciação, ela às vezes se sente um pouco

cansada da luta. Mas vês que o fim da estrada ainda não chegou. A alma sabe-o. E, portanto, não quero — nem tu quererias — dar-te qualquer ideia de que podemos ajudar-te a levá-la a compreender completamente. Porque então, se o fizeres, penso que ela dirá: "Ótimo, era só isto que eu queria saber; não tenho mais nada a aprender." E então desistirá.

Uhuh, sim. Compreendo. Sim.

Vês, sempre houve uma tendência para abandonar este corpo.

Mmm. Agora, coloquemos o tema da nossa…

Para que lhe possas dar uma resposta, se não te importas que o diga, em muitos níveis. Mas não nos podes tirar.

Quem são "nós"?

Não nos podes tirar. Temos de permanecer com ela, por causa do conflito e por causa do trabalho. Somos as ideias. Estamos numa forma. Estamos na taça que ela estende aos outros. Somos o sopro. Somos a vida. Somos ajustados aos diferentes aspetos conforme a necessidade que temos — não a tua, a necessidade que nós temos — de cumprir as nossas obrigações nesta experiência de vida.

Muito bem. E agora deixa-me colocar o que é talvez, para mim, a questão mais importante. Ora, disseste algumas coisas sobre a situação de vida do teu instrumento e sobre a tua relação com ela. Isto é, que…

E, no entanto, eu não tenho relação com ela. Sim? O que queres dizer?

O vinho que vertes para a taça não está muito interessado na taça, é verdade?

Sim, exceto que tem de haver a taça. A taça tem de se manter inteira.

Mas, para que o vinho chegue aos teus lábios, a taça mantém-se inteira. Porém, pouco importa ao vinho que a taça seja de um desenho floral requintadíssimo ou de um material grosseiro. Basta ao vinho

que seja colocado numa forma que o contenha, e então é servido a partir dessa forma. Isto esclarece um pouco?

Sim. Agora, se eu recordar todo o contexto das nossas discussões, se recordar o ponto que foi enunciado a dada altura — creio que foi de novo na primeira vez, Tote, em que falámos —, que a pessoa que chega a conhecer o doador da palavra virá a conhecê-lo na forma em que o seu contacto é feito e de acordo com o seu padrão de vida único. Ora, seria isto correto ou não: que o teu instrumento entrou em contacto contigo, Tote, como doador da palavra — entrou em contacto com o Doador da Palavra — por meio dessas formas ou entidades na maneira como as veio a experimentar. Que esta é a forma em que a palavra se lhe revela e nela e por ela se manifesta. Mas será verdade que isto pode dar-se noutra forma, para outra pessoa?

Para acontecer contigo, cumpri praticamente aquilo para que vim fazer contigo. Não totalmente, não totalmente; mas o que fiz, vês, foi chegar numa forma que, para ti, tem simpatia. Gostas desta forma. Esta forma faz ressoar em ti uma corda que ainda não compreendes. Mas esta imagem, este sistema — chama-lhe agora como quiseres — impregnaram-te, para sempre. Agora irás olhar para todos os aspetos daquilo que eu tenho sido. Deves fazê-lo; não te conseguirás conter. A semente foi lançada. E essa semente é deste semeador particular a quem chamas Tote. Agora tens de ir encontrar os seus ramos por toda a parte até chegar o momento em que já não saberás em que ponto é Tote.

Sim. Em que ponto ele é Tote e…?

Em que ponto… és tu. Esta é a criatividade desta força. Portanto, devo dar-te isto na quietude dos teus próprios sentidos, porque agora faz parte dessa busca, até que tu próprio sejas reunido a essa comunidade. Assim, irás criar forma, experiência. Saibas ou não, é isto. Essa criatividade, portanto, manterá o sopro de Tote a passar de era em era e adiante.

Agora, quanto à forma disto. Dizes que eu não saberei em que ponto é Tote e em que ponto sou eu?

Esse tempo chegará. Chegará a seu tempo. Não digo que esse tempo chegue já.

Sim, compreendo.

Mas esses tempos têm, por necessidade, de chegar, porque chegaram a cada um dos que têm de deixar palavras de verdade. Chegaram a todos os filósofos e pensadores — e não me refiro apenas a bardos que cantam um pouco e deixam a sua canção. Não é isso. Mas sabes que estás destinado a deixar palavras, e chegará o tempo em que o que terás feito terá sido dar a chave de Tote a uma geração. E outros homens virão, muito depois, e dirão: "Assim foi ele conhecido, assim é, assim falou." Isso também há de vir. Por isso, há um significado mais profundo para eu não querer que fales demasiado de mim nem tornes o meu papel fácil com o instrumento, porque quero fazer muito mais trabalho contigo. Ora, se quero que isto se mantenha na melhor tradição, quanto menos de mim lançarmos na consciência dela, melhor poderei desempenhar-me. Torna-se-me…

Sim; qual seria o teu pensamento quanto a este último ponto? Isto é, relativamente ao trabalho que queres fazer comigo. Acharias que mencioná-lo a ela a inibiria ou tornaria o teu trabalho mais difícil?

Não, mas não — seja qual for a transmutação que nela possa ocorrer, na sua cura e no aspeto da cura, deixa-a a cargo de Abdul Latif, bendito seja o seu nome. Não — para a pureza do que tens de fazer e do que eu tenho de fazer — não me identifiques como alguém que é portador de dádivas. Não me identifiques, no nosso pensar, no nosso pensar consciente, como tomando demasiado interesse. Porque, se o fizeres, inibirás o que eu possa fazer. Outro dia explicar-te-ei tudo isto: por que razão tal inibição teria lugar. Mas penso que começas a ver que há razões muito válidas para eu não me tornar demasiado óbvio na vida dela. E não me torno. Pois o meu ensinamento não é para ela, mas através dela. De um pouco tem de participar, porque não podes pôr perfume numa taça e esperar que a taça permaneça totalmente sem cheiro. Através dela, sim; para ela, não. Noutra ocasião, quando falarmos de cura, falarei mais destes aspetos. Mas

preferia muito que refletisses sobre tudo quanto disse, para veres o padrão a revelar-se. Creio que obténs uma noção um pouco mais clara do que procuro desdobrar.

Sim. E como propões fazê-lo? Em encontros regulares, de tempos a tempos?

De tempos a tempos, à medida que fores digerindo. À medida que fores digerindo isto. Começarás a recuar para ver quais são os aspetos, onde se manifestaram. Começarás a procurar as chaves. Depois, quando tiveres a chave que abre isto ou aquilo, então, por necessidade, pensarás: "Isto eu gostaria de discutir." Assim, não te facilito demasiado e não quero que as perguntas que ela levantar sejam respondidas por mim.

Sim. Preferes, para tais perguntas, que eu fale com Abdul?

Não. Não, não. Podes falar com ele, mas não tens, por necessidade, de o fazer. Oh, sim, por todos os meios — muito bem. Damos graças, damos graças plenas por nos ser permitido que eu fale com Tote. Sim, foi bom, foi mau, não foi — mas não dês então a impressão de que faço mais do que falar contigo acerca do que ela não sabe.

Sim, percebo, sim, de facto percebo. Sim, isto é muito bom. É realmente muito bom. Agora, preferes falar mais um pouco, ou talvez…?

Penso que talvez, neste ponto, gostarias de descansar um pouco. E então, se quiseres falar comigo depois de teres revisto os significados muito opostos que te dei de quando em quando, e enquanto te dei o "não" e, ainda assim, afirmei esse "não", talvez então possas começar a perguntar-me mais.

Mais. Muito bem. Agradeço-te imensamente.

COMENTÁRIO
À CONVERSAÇÃO N.º 4

COM TOTE

A questão sobre o sexo de Deus tem vários aspetos. Tote, caracteristicamente, responde na primeira pessoa e com uma ampla perspetiva metafísica. Os opostos masculino e feminino são, diz ele, aspetos duais da unidade maior expressa no Logos. Aqui, de novo, diz Tote, as formas da sua manifestação podem ser vistas e experienciadas de modos contrastantes, dependendo do estilo de vida do indivíduo, pois é isso que determina o aspeto de Tote que ele manifesta.

Esta conceção pode certamente ser compreendida em termos da cosmologia que Tote vem expondo. Tem, no entanto, uma correspondência psicológica significativa na personalidade da Sra. Garrett. À semelhança de Tote, a Sra. Garrett também experiencia a sua vida nos aspetos alternados de masculino e feminino, dependendo em parte de qual *dinatype* está em ascensão. Houve épocas na sua vida em que teria sentido esta questão como um delicado problema pessoal, quando se inquietaria com as suas expressões masculinas e se interrogaria sobre o tom dos seus impulsos femininos.

Mas, com o passar do tempo e uma maturidade mais ampla, veio a reconhecer que tanto o masculino como o feminino pertencem à unidade maior da existência humana e que o ser humano cuja personalidade ultrapassa os estreitos limites do comportamento convencional deve esperar que estes opostos contendam dentro de si.

Esta declaração de Tote sobre a equivalência do masculino e do feminino pode ser interpretada, em termos da psique da Sra. Garrett, em dois níveis. Num nível, indica que, nas profundezas da sua psique, ela foi capaz de experienciar a equivalência dos opostos e a sua união em termos cosmológicos. Noutro nível, mais especificamente psicológico, indica que a tensão dos opostos sexuais tinha sido suficientemente trabalhada na compreensão da Sra. Garrett, de modo a que ela pudesse perceber as alternâncias dos princípios sexuais tanto na personalidade como no cosmos.

A afirmação aqui, ostensivamente feita por Tote mas claramente descritiva da vida e da psique da Sra. Garrett, exemplifica os

comentários feitos acima: “Não estou apenas em guerra, mas em fricção, com o meu eu dual. É o conflito com o meu eu dual que acabará por produzir a criança.” A expressão é uma indicação primária do que torna possível uma personalidade produtiva. É a perceção de que, embora o conflito de opostos no interior da psique seja muito desconfortável, é esse conflito que abre, psiquicamente, o caminho para novos conhecimentos e realizações. A atitude absolutamente essencial para uma pessoa produtiva é, portanto, a aceitação da tensão dos opostos e a capacidade de rolar com ela até que dê fruto. Esta capacidade e reconhecimento intuitivo têm sido uma característica da personalidade da Sra. Garrett ao longo de muitos anos.

O termo “entidade” recebe aqui um uso especial. Não se refere especificamente à unidade de alma ou espírito que transporta a identidade e a imortalidade de uma pessoa para além do estado corporal. Usa-se, antes, num sentido mais geral, para referir qualquer ideia, ato ou imagem. Todos estes são entidades no sentido de que, uma vez trazidos à existência, existem para sempre. Isto é totalmente consistente com as conceções que Tote tem vindo a expor, especialmente no que respeita à natureza da sua própria existência enquanto princípio de Logos.

Todas essas ideias, atos e imagens, uma vez trazidos à existência, continuam a existir como entidades dentro da unidade abrangente do Logos. Têm aí uma imortalidade participante enquanto entidades que são partes permanentes de uma dimensão mais ampla do ser. O mesmo é verdade para os seres humanos; mas notar-se-á que esta conceção, e sobretudo as suas implicações, é significativamente diferente da visão espiritualista da sobrevivência, após a morte, de entidades pessoais.

A questão da identidade pessoal, tão intensamente procurada no ponto de vista espiritualista, acaba, curiosamente, por se transformar no seu oposto quando está em causa a experiência espiritual. Tote fala da experiência de “não-identidade” que tem de ocorrer a um indivíduo para que uma consciência ampliada lhe advenha. Ele tem de perder a sua identidade revolvendo-se no “pó da experiência”, e isto significa

participar tão plenamente na vida que os propósitos subjetivos do ego de alguém são neutralizados e superados. A qualidade de consciência de que Tote fala aqui envolve um alargamento da identidade, quebrando os limites da individualidade pessoal de modo que a pessoa é absorvida numa unidade maior e com ela se identifica.

Esta identidade maior é a vida de Tote, a manifestação contínua da Palavra, o Logos, na vida da humanidade. A conceção de imortalidade aqui apresentada não é, portanto, a sobrevivência de identidades pessoais específicas, mas antes a decomposição das identidades individuais e a entrada e participação do indivíduo na totalidade contínua do Logos. Num dos seus aspetos, é a vida de Tote que corporiza a imortalidade. Devemos considerar esta conceção como a insinuação simbólica da natureza da sobrevivência, percebida de forma obscura e intuitiva na profundidade da psique da Sra. Garrett.

Isto é um indício da hipótese subjacente sobre a qual estas conversas foram conduzidas, a saber, que quando a Sra. Garrett me colocou a sua pergunta original quanto à natureza da sobrevivência, ela já sentia uma nova resposta, antes não expressa, a germinar na sua psique. Essa resposta, que ela já intuía que entraria em conflito com — e substituiria — a conceção espiritualista de sobrevivência segundo a qual tinha sido treinada, estava presente, latente, na profundidade da sua psique. Ela já a conhecia, mas não a conhecia conscientemente.

Tinha uma intuição dela e pressentia que necessitava de um meio de a fazer emergir para que pudesse ser articulada. Foi assim que percebi a minha função principal nas nossas conversas. Eu deveria atuar como evocador, como a pessoa que traria à superfície, das profundezas da sua psique, as insinuações simbólicas de uma conceção mais ampla de imortalidade, tal como essa conceção se vinha desenvolvendo no decurso das experiências da Sra. Garrett em mediunidade e na vivência do seu dinatipo oracular. Esta atitude e hipótese em que se baseou a condução das conversas mostraram-se validadas, sobretudo pelos diálogos com Tote.

Aqui, voltei à questão de saber se a Sra. Garrett beneficiaria pessoalmente caso se tornasse possível para ela experienciar as figuras de controlo sem ficar restringida à situação hipnótica do transe. Levantei, então, a questão de saber se seria aconselhável descrever e discutir conscientemente com a Sra. Garrett o conteúdo destas conversas quando ela estivesse em estado de vigília, especificamente com o objetivo de tornar as figuras de controlo acessíveis para ela sem transe, mas ao longo de todo o seu dia desperto. A resposta de Tote a esta questão é especialmente significativa pelo acutilante discernimento psicológico que revela relativamente à psique da Sra. Garrett como um todo. Ele adverte contra eu tornar acessível à Sra. Garrett, a um nível consciente, o conteúdo destas sessões. Fazê-lo irá, em primeiro lugar, privá-la da qualidade não consciente de si de espontaneidade que a torna capaz de servir como instrumento para as várias figuras que falam através dela. Isto significaria que ela perderia as figuras. Elas já não seriam capazes de a utilizar como instrumento. E então Tote faz um interessante ponto psicológico que toca no cerne de toda a situação.

Ele não se mostra preocupado com o facto de as figuras perderem este valioso instrumento se a Sra. Garrett for psicologicamente libertada a tal ponto que deixe de conseguir servir como seu canal. A implicação é clara: se, em qualquer momento, tiverem outra mensagem que particularmente queiram transmitir, conseguirão encontrar outra pessoa para ser o seu instrumento e atuar como seu oráculo. Sobretudo quando está em causa uma mensagem importante de Tote.

Se o "Dador da Palavra" tem uma Palavra que deseja dar, certamente poderá encontrar uma pessoa capaz de atuar como intermediária. Assim, a reserva de Tote quanto a libertar as figuras de controlo dos limites da condição de transe hipnótico não se deve ao facto de isso colidir com quaisquer objetivos mais amplos que possam estar implícitos na sua existência. Deve-se, isso sim, ao facto de tal mudança colocar sérias dificuldades ao funcionamento da Sra. Garrett como ser humano. É por isso que as suas observações aqui têm um

especial significado psicológico no que respeita à nossa compreensão da personalidade total da Sra. Garrett.

A essência da resposta de Tote é que a presença das várias figuras de controlo é essencial para manter uma condição de equilíbrio na psique da Sra. Garrett. Elas estão presentes como parte da estrutura da sua vida interior e do seu desenvolvimento íntimo. As suas expressões fazem parte do processo pelo qual o seu desenvolvimento individual avança. Se fossem removidas da sua vida antes de se terem cumprido todas as possibilidades do seu crescimento, todo o processo seria interrompido. A implicação é também a de que a personalidade se desagregaria.

Por outras palavras, Tote parece dizer que, enquanto as várias figuras estiverem presentes e forem capazes de falar através da Sra. Garrett, a sua personalidade pode continuar o seu funcionamento ativo e intuitivo no mundo. Elas fornecem a força motriz que mantém o precário equilíbrio da sua psique numa harmonia operativa. Portanto, não devem ser removidas, não vá, ao fazê-lo, eu "roubar à alma alguns dos instrumentos pelos quais ela cresce".

Voltamos à questão da importância da relação pessoal entre o indivíduo e Tote. É um contacto intenso de conhecimento e, por fim, de identidade, que gera uma participação da pessoa individual no desdobramento contínuo do Logos no mundo. O aparecimento das figuras de controlo tem um duplo significado na vida da Sra. Garrett. No plano pessoal da sua psique, elas personificam forças poderosas que mantêm a sua psique em equilíbrio e tornam-lhe possível uma vida vital e ativa. No lado transpessoal, fornecem um meio pelo qual uma perceção sensível do significado pode ser articulada a partir de um ponto de vista para além da intelectualidade consciente.

Mas, no meio disto, dá-se uma ligação importante pela qual a Sra. Garrett, o ser humano individual, e Tote, o princípio do Logos e o Dador da Palavra, são trazidos à unidade. É uma unidade passageira, pois o ser humano individual é mortal e é apenas uma forma, uma

forma simbólica, pela qual o princípio abrangente do Logos se expressa. Não obstante, por um momento há unidade, ao participar a pessoa na Palavra Eterna e ao exprimi-la. Nesse ponto, pouco importa se se fala da Sra. Garrett, de Tote, de Deus ou de qualquer outro nome. É um princípio eterno que então opera, e o nome que se lhe dá é de pouca consequência.

Este mesmo princípio mantém-se quando Tote estabelece uma relação estreita com qualquer outro indivíduo. Torna-se, por fim, uma participação na continuidade do Logos, tal como personificado por Tote, ou por qualquer outra forma simbólica equivalente. Isto torna-se também uma participação na imortalidade, mas transcende os nomes individuais e vai muito além da conceção convencional da sobrevivência de entidades espirituais. Torna-se uma participação na imortalidade à medida que se torna um canal para a expressão do próprio espírito no meio da vitalidade da vida.

CONVERSA N.º 5

COM TOTE

I

(Respiração profunda, gemidos, lamentos, enquanto a Sra. Garrett entra no estado de transe.)

Sou eu, Ou-vay-nee. Trago-te saudações, amigo.

As minhas saudações para ti, Ouvani.

A paz esteja contigo. E na tua vida e em todo o teu trabalho. E nesta casa. Queres falar comigo ou com outro?

Bem, sim, Ouvani. Perguntava se poderíamos — se poderias continuar a nossa conversa com Tote e se serias suficientemente gentil para o chamares por mim.

Assim seja. E, como sempre, terás a certeza de que a porta está bem fechada e não terás cuidados.

Isso é bom.

Agradeço-te e despeço-me. Adeus.

(Novos suspiros, gemidos e respiração profunda enquanto o estado de transe se aprofunda, até que uma voz mais pesada e lenta fala.)

É Tote quem fala contigo.

Ah, saudações, Tote. E alegra-me ter outra oportunidade para falar contigo. Talvez possamos discutir mais alguns dos pontos especiais que surgiram da última vez.

Sim, claro, claro.

Ora, eu perguntava — estávamos a falar de Deus e das formas de Deus e da diferença entre as várias crenças específicas sobre Deus que as pessoas formam, e isto em contraste com o Sem-Nome, que é a Totalidade da vida. E pergunto se, neste momento, poderíamos aplicar isto à tradição da Bíblia na civilização ocidental. Podemos tentar ver que significado isso tem para nós, no que respeita à experiência básica acerca de Deus, ou à ideia de Deus, na nossa civilização? E, ao mesmo tempo, falarás das experiências proféticas de Deus que as pessoas tiveram nos dias descritos na Bíblia? Talvez o discutas em termos do que significa para nós hoje. Peço-to especialmente porque, da última

vez, fizeste o comentário de que havia coisas que querias mostrar-me, pessoalmente. E pergunto se podemos falar disso?

Bem, talvez para ti seja importante olhar para a expressão bíblica, a fórmula antiga. Mas por onde queres que comece?

Quando falávamos antes, ontem, falávamos de como os seres humanos são um, de como a divindade está nos seres humanos. Mas disseste que é necessário que os seres humanos sintam ou experienciem a sua separação, que se sintam separados. Agora...

E, ao mesmo tempo, que lhes é necessário sentirem-se em contacto, uno e o mesmo. Não é possível a um homem, seja qual for o homem, em que época ou tempo ou clima, viver sem crença. Não importa que espécie de homem ele seja ou em que idade apareça. Verás que a linha tênue e pequena a que chamamos divindade está sempre com ele. Pode negar, pode fazer muitas explicações estranhas, pode criar muitas dificuldades para si, mas, finalmente, está certo, nas profundezas de si mesmo, de que está verdadeiramente relacionado com a causa inteira. E, segundo a sua atmosfera e clima, assim estabelecerá para si o símbolo exterior e visível, se quiseres, da sua segurança interior e invisível.

Dependerá muito de que tipo de clima ele está contido, quanto aos aspetos da divindade com que lidará. Mas podes estar certo de que, por mais símbolos que faça, eles conterão em si uma bênção especial da divindade. E, ainda assim, por sobre tudo, haverá a figura central. Pois a alma sabe isto, e nenhum outro entendimento o apagará. E, se o apaga, então o homem extingue-se. Vês isso no teu próprio serviço altamente técnico, que o homem adoece se lhe tiras a certeza da sua relação. Os antigos sabiam isto e testemunharam esse conhecimento de muitas maneiras. E o teu próprio profeta, os teus governantes e pensadores — para eles a ideia de uma unidade com Deus era possível.

Talvez tenha sido mais possível porque os teus povos eram nómadas. Estavam, de certo modo, no meio de muitos, muitos povos, todos eles a adorar nas suas diferentes vertentes. O que torna a vossa

fórmula — quero dizer, a fórmula religiosa dos vossos antepassados — tão dramática é que nasceu da necessidade. Nasceu da fome do coração. Nasceu para tranquilizar. Os povos tinham estado sob grande coação. Vez após vez, tinham sido cortados de outros aspetos de grandeza ou de bondade ou de riquezas. Mantinham-nos numa forma de escravatura, se quiseres. Portanto, os seus líderes e aqueles que recebiam a palavra sabiam que essa palavra tinha de ser dada com força infinita. Tinha de ser uma grande ênfase e talvez seja por isso que, no drama dos vossos mestres, há tanta cor, tanta força, tanto vigor. Não acharias assim?

Foram um povo, em certa altura, disperso, que tinha de ser mantido unido e que vinha de longe e de perto, porque nem sempre eram, como diríeis, racialmente inclinados, mas vagueavam. Mas tinham os seus dias, as suas festividades, que eram muito importantes para eles. E, para os reunir e os manter reunidos e para trazer a sobrevivência aos seus corações e mentes, o drama do Yahovah, ou Yawa, abrangente, tinha de ser vincado. Talvez seja por isso que, nas tradições do entendimento moderno, há muito mais drama nas vossas canções e nas vossas afirmações e no vosso ritual e no seu ritmo do que há noutras áreas de interpretação. Concordarias que é assim?

Sim, creio que é assim. Eu estava a pensar…

A necessidade é intensamente grande. Fazes-me uma pergunta, mas penso que deves desmembrá-la. Qual é a questão central que queres colocar? Qual é o desejo que é teu? Qual é o pensamento, o que impele o pensamento?

Bem, o que me interessa é como a Palavra se manifestou na experiência do Antigo Testamento, visto que és o dador da Palavra. E pergunto-me, se recuarmos bastante na Bíblia, até ao momento em que Moisés ouviu pela primeira vez uma palavra dirigida a ele, ouviu o seu nome chamado, “Moisés”, e respondeu, “Aqui estou”, e então uma voz falou e disse: “Isto e isto estás chamado a fazer.” O que me podes dizer sobre esse momento de experiência?

A voz fala muitas vezes aos vossos profetas e aos vossos mestres. Fala apenas por necessidade, porque o homem nunca ouve a voz se não houver grande necessidade. Portanto, todo o drama da vossa literatura, com toda a sua interpretação, é a interpretação que vem do coração de um povo sofredor, de um povo condenado, de um povo que tem de ser rico em fé para sobreviver. Por isso, também, são, por causa disto, capazes de exigir — e esta é a palavra certa — exigir sinais. Os sinais são da maior gravidade para eles. É essencial, para que continuem, que os sinais surjam. E o melhor milagre, meu filho, é o milagre que se trabalha para a colheita. Portanto, era muito necessário que a voz interior da divindade, no íntimo, exigisse de facto que o pai, o grande doador, o externo, fizesse sentir a sua presença. Mas isto nunca poderia ter acontecido se a exigência interior não tivesse sido tão, tão, tão forte. Tão desesperadamente necessária.

Ora, se é assim que deve ser entendido, a necessidade é uma parte essencial. A necessidade é essencial para que a voz de Deus seja ouvida. Mas será que a voz de Deus é, de algum modo, distinta da necessidade? Isto é, o que pergunto é: a necessidade torna possível que a voz seja ouvida? Ou a necessidade cria a voz?

Não. Não, a voz está sempre lá, meu filho. A voz é sempre e constantemente evidente. Mas quando o homem não está sob grande sofrimento, não inclina o ouvido para a voz. A voz é sempre-presente, sempre, e é apenas o próprio homem que, na sua necessidade desesperada, deseja ouvir e torna possível escutar a música que está sempre lá para ser ouvida.

Podes explicar-me, Tote, a relação entre a voz que falou a Moisés e aquilo a que chamaste a Palavra?

A palavra, tal como a entendíamos — e creio que os vossos profetas a entendiam —, a palavra é o sinal, é a clareira interior, é aquele momento final em que alguém alcança, dentro de si, uma consciência de si. Isto é a palavra. E o que era a palavra? Bem, a palavra tinha sempre a ver com uma área de luz e som. E a luz e o som só podem ser produzidos quando a emoção dos homens é elevada

acima e para além da exigência quotidiana. Se exigisses ter pensamento dele, se no teu coração houvesse esta exigência de que te relacionarias com ele, no dia a dia, isto produziria, de facto, a emoção no teu próprio ser que faria a música, que te traria o significado da palavra. A palavra é contínua e sempre. Mas o homem nem sempre está pronto para a palavra. Muitas vezes, mal a primeira dificuldade lhe é removida, ele volta a afundar-se no que chamaremos a enseada prazerosa da vida. Deves estar bem certo, naturalmente, de que o homem se afastou muito da crença ou de qualquer segurança de que dentro de si está a faísca viva, a luz viva, ou, como gostas de lhe chamar, a palavra — o som rolante do nome do sem-nome. Os sons dos ventos, do trovão, os sons de todos os elementos juntos a adorá-lo, do qual o homem é, na verdade, apenas uma pequena parte. Deves compreender que, nestes dias que entretanto passaram, o homem afundou num estado de incompreensão. Onde encontrarás hoje o homem que dará glória a Deus? Ou que dará da sua vida, ou dará do seu sopro, ou dará do seu ser, ou dará do seu esforço, ou dará do seu primogénito, ou dará do seu alimento, ou dará dos seus jovens; não há hoje no homem nada desta crença.

Bem, é talvez aqui que o problema surge. Parece-me que temos, na verdade, este problema numa dupla forma. Que o homem, no mundo moderno, não tem um sentido desta realidade e, faltando esse sentido, temos de algum modo a tarefa de dar passos, de fazer algo para tornar este sentimento uma possibilidade para nós.

Ora, o homem tem de acreditar em algo. Se lhe retirares a sua relação com a totalidade, bem, ele relacionar-se-á com outra coisa. Neste momento, estais a relacionar-vos com uma série de novos — mas não muito vitais — deuses, se quiseres. O que hoje adorais nada tem que ver com a divindade, em qualquer sentido. A divindade foi esquecida. E penso que isto, mais do que qualquer outra coisa que possas dizer sobre a falta de compreensão do homem, é o que está a matar a raça. E, se pensas que podemos, só porque acreditamos que é bom ter a palavra, a voz, o som — acredita em Tote —, não é assim; mas ele e os seus coadjutores, os que trabalham nesta área, sabem que,

se matares o núcleo dentro do grão e deixares o grão, ele decerto se desidratará, não é? Acabará e não haverá semente. E, por fim, a floresta morrerá. Isso está a acontecer. Está a acontecer porque não podes tirar o homem ao núcleo da realidade. E ele tem de ocupar-se do culto que é a sua relação, esse fio de compreensão entre ele e o todo.

Sim, é por isso que chamo a atenção e te pergunto sobre aquelas primeiras experiências.

Mas essas primeiras experiências tinham de ser experiências muito dramáticas, porque, se não tivessem sido dramáticas, não teriam sido úteis. Quando queres chamar a atenção para algo que é muito importante, tens de produzir os sons. Tens de gerar a força. Tens de incitar as vitalidades. Tens, de facto — como foi feito nos primeiros tempos — de levar tudo isto ao teu templo, ao teu sacerdote, aos teus servidores. E estes, por sua vez, têm de dramatizar isso até que a crença volte a tornar-se a força vital.

Agora, posso perguntar-te, se voltarmos a pôr a atenção nessas experiências de Moisés e se recuarmos até elas, tomando este ponto que fizeste de que as experiências nessa época teriam de ser altamente dramatizadas…

Sim, para o povo que estava em necessidade, lembra-te, digo-te. Penso que hoje estais muito na mesma posição. Encontras muitas vezes pessoas perfeitamente bem condicionadas para te darem um evangelho, uma fórmula. Mas, a não ser que haja algo que seja muito dramático, muito vigoroso, muito extraordinário — a não ser que te seja dado com teatralidade —, não fará qualquer marca de fé ou de entendimento.

Bem, então, se recuarmos à experiência de Moisés. Tiveste alguma relação com isso? Estiveste envolvido nisso?

Eu diria que estive envolvido em todas as coisas ligadas aos inícios do testemunho.

Mmm. Sim. Mas “testemunho” é uma palavra… e quanto à profecia?

Bem, o que é profecia? Se acreditas que o infinito é tudo e está em toda a parte, aqui e ali, então sabes, não sabes?, que é sempre uma combinação perfeita, sem princípio nem fim. E, portanto, se te retiras do brilho da incompreensão, sabes muito bem que este acontecimento que ocorre aqui tem, por necessidade, de ter o seu efeito ali. Tens muita certeza, não tens?, de que tudo o que faças que não seja feito em acordo contigo próprio te trará discórdia. Que é, então, a profecia senão a compreensão inevitável de que o acontecimento de hoje tem, por necessidade, de projetar a sua sombra sobre o que é o amanhã. Pois o que é, afinal, o amanhã? Não pode existir se não fizer parte do hoje. Na verdade, no momento em que dizemos "hoje", o hoje já terminou, e demos à luz o amanhã. Portanto, se fores claro na tua interpretação, vê-lo-ás na linha móvel dos acontecimentos ou na espiral móvel dos acontecimentos, porque isto vai acontecer e acontecerá porque sempre aconteceu. Assim, em certo sentido, a peça é sempre a mesma. As convoluções fazem-na parecer diferente.

Agora, qual é a faculdade num ser humano que lhe permite ter a capacidade de profetizar?

Essa faculdade no ser humano é aquela que lhe permite habitar dentro de si e observar sem exigir que as suas observações sejam expostas. Quem profetiza, naturalmente, acredita muito firmemente que está a ver com clareza o acontecimento que, por assim dizer, começou aqui, e que tem, na viragem móvel dos acontecimentos, de girar e mover-se e mover-se e mover-se e completar o ciclo e avançar para a intemporalidade… para o tempo. Mas quem profetiza sabe, dentro de si, que isto é verdade. Sabe-o também porque sabe que assim foi e assim deve sempre continuar a ser. Portanto, é capaz de se afastar do brilho da confusão e ver os acontecimentos a nascer para produzirem as suas próprias reações.

Onde vê ele isto? Afastar-se, dizes. Onde é que ele vê isto?

Vê isto a acontecer no espelho da mente, pois, se se afasta do dia ou do amanhã ou da véspera de amanhã, então, por certo, a sua visão é muito melhor do que se fitasse o brilho ofuscante. Por vezes, quando

estás no mar, olha para o horizonte e verás muito pouco; mas, se te retirares com o conhecimento de que não há horizonte como outros o poderão sugerir, e fechares os olhos e te retirares para dentro, então terás necessariamente recuado daquilo que queres ver e terás alargado a tua perspetiva. Mas esta perspetiva está no mapa do eu. E o eu está contido em todos os ontens; e, se está contido em todos os ontens, então está contido em todos os dias por vir. Não te podes separar dos acontecimentos nem dos efeitos dos acontecimentos.

Bem, entendendo isto, penso de volta…

Bem, se entendes isto, então, vês, vês dentro da câmara. Dentro disto vês o que é provável que venha a ser, vês isso, por assim dizer, a representar-se indefinidamente. E, porque o fez na intemporalidade, assim continuará a fazê-lo na intemporalidade.

Mmm. Que dirias serem as coisas de que uma pessoa necessita, ou que deve fazer, para ter a capacidade de ver deste modo?

O que é que não se deve fazer — é isso que me devias perguntar. Porque isto não é um fazer, de todo. Isto é crer e receber. É preciso reconhecer o que se é. Dei-te uma pequena sugestão do espírito a imergir, mas nunca a ficar totalmente contido no princípio da alma. Se pensares nisto, e se traçares isto que é o divino, o absolutamente divino, a tornar-se perfeito, e o traçares para dentro do teu ser, terás, por necessidade, de atrair com isso um sentido da grande quietude, um sentido da grande certeza, e, se estiveres em paz contigo próprio, todas as outras coisas caem devagar, quase impercetivelmente. A porta da visão abre-se. Tal como está, a porta está sempre a abrir-se. Um pouco da serenidade passa, assusta o homem, e ele fecha-a. Isso é o que a tua inspiração e a tua intuição são, quando tens grande necessidade e puxas, por assim dizer, da fonte espiritual. Então, um pouco passa e a porta fecha-se bem. Porque, se não tens o hábito de permitir que esta luz solar da alma te abençoe e te acaricie, quando desce à alma — bem, é evidente. Pensas: "O que está a acontecer?" e fechas isso fora.

É preciso a serenidade interior acoplada ao propósito de compreender. O que sabes de ti mesmo? Já te recostaste e ouviste o

mar dentro de ti a cantar a sua canção eterna? Ouviste alguma das forças vitais a fundirem-se dentro de ti? Alguma vez ficaste tempo suficiente tranquilo para ouvir a canção que o corpo canta? Se fizesses isto, mesmo por uns poucos minutos por dia, até te familiarizares com o ritmo musical do teu próprio eu, verias que, ao procurares fazer isto, estavas, de modo quase impercetível mas definido, a abrir a porta para aquela compreensão interior que está lá para todos.

Sabes, há uma lenda sobre Moisés de que, quando foi chamado por Deus e começou a ocupar-se deste trabalho de ser servo de Deus, profeta de Deus, então deixou de ter relações físicas com a esposa. Pergunto-me se há algo que gostarias de dizer sobre a relação da sexualidade com a capacidade para esta experiência.

Bem, penso que também é ensinado, não é?, em praticamente todas as formas de compreensão espiritual, que aquele que procura compreender deve afastar-se dos prazeres da carne, porque os prazeres da carne, se hão de ser prazer, também têm de ser criativos em si mesmos. Têm de ser um ato criativo. Porque, decerto, na experiência física que tem lugar, nessa explosão de energia, há um aproximar-se. Nesse momento preciso em que alguém se esvazia, então está espiritualmente consciente ou — talvez inconsciente — com um saber mais amplo. Não é assim? Portanto, essa energia que, de outro modo, seria mantida para explodir num dos níveis criativos, é conservada para a transmutação que permite, por assim dizer, a abertura ao eu divino. Decerto foi isto que o alquimista sempre procurou compreender, não foi? Ele não procurava apenas o ouro da vida, mas procurava o ouro do espírito. Se procurasse apenas a imortalidade, diria apenas: “Encontrarei uma forma de me unir à divindade eterna.” Consequentemente, há, na área da alma, a exigência, em todo o tempo, de atrair aquele que deseja compreender a jornada da alma para longe das descargas físicas e, portanto, transmutar esta urgência de esvaziar o corpo, num nível criativo, numa área de criação de energia de compreensão maior, num nível de experiência completamente diferente.

Isto é verdadeiro para pessoas criativas de qualquer modo.

Em qualquer forma possível, na verdade não é possível criar os símbolos de que falámos se nos entregarmos aos esvaziamentos ou descargas físicas do corpo. No entanto, em cada descarga há, se a entendermos e compreendermos, uma inspiração, uma tomada. Ora, o artista, talvez, que se liberta no nível físico, sabe como retomar para si a substância da compreensão. Mas só o artista e aquele que abre para si uma rota ou um caminho para a compreensão podem usar o nível sexual para uma compreensão maior — esvaziá-lo para o encher. Mas então tem de o encher com a substância do universo, com a vitalidade. E isto em vez de esvaziar o corpo daquilo que, finalmente, poderá pensar ser a ganga.

Bem, se compreendo o que estás a dizer, deixa que torne a pergunta específica. Na tua perspetiva, a pessoa que é criativa precisa de abdicar da experiência sexual?

Não digo abdicar da experiência sexual, mas temperá-la. Então, de facto, ela torna-se uma experiência, se for transmutada e apenas metade dessa energia for dissolvida. Então o restante fica lá, para ser transformado na grande energia que permite o nascimento dos símbolos. Porque não há apenas a criança plausível em que pensar, mas há a criança da alma e, por fim, a criança do espírito.

Isto é particularmente assim para pessoas cujo trabalho é do espírito. O que estou a perguntar é isto: é mais assim para pessoas que estão envolvidas na profecia em oposição a pessoas que estão…

Agora, farás o favor de me definires que género de homem, na tua área de vida, chamas profeta.

Bem, falei de Moisés.

Ah, mas não tendes um Moisés.

Verdade, não. Então coloquemos isto em… Quem seria o equivalente? Quem seria o vosso Moisés?

Bem, é claro, não temos um Moisés. E isto é parte do problema no nosso tempo.

Mas quem é o líder? Quem é o santificado? Quem é aquele que ouve e vos dá a vontade de ouvir, a vontade de fazer, a vontade de triunfar? Quem é esse, se não o fizeres por ti mesmo? Não tendes mestres que escutem a palavra do infinito?

Não. Portanto, é precisamente essa a tarefa, é isso mesmo que desejas dizer, que é a própria pessoa…

Finalmente, dado que não há aquele que conduza para o lugar onde a voz audível é aceitável, então tens de o fazer por ti mesmo. Vês, esta é a grande e bendita compreensão: que não é pelo sacerdote e pelo profeta e pelo mestre, mas há essa voz vital, essa linguagem vital que está contida em cada um e em todos, que está lá por todo o tempo, ligada — e, aconteça o que acontecer, ligada, digo, ligada — à divindade do propósito. Está lá, para cada um e para todos.

Bem, será que devemos dizer às pessoas na idade moderna que deveria haver algum método especial por meio do qual pudessem alcançar esse centro em si mesmas?

Ora, que fizeram os Moisés de outrora? Não iam eles para o lugar do silêncio? Não iam eles ao templo? Não era o templo, de facto, um lugar para o qual se retiravam com boa intenção para com todos os homens, onde enfrentavam todas as dificuldades da alma e do espírito e se purificavam? E não vinham de lá revigorados — e não era isto mais importante para o Moisés do período do que qualquer outra coisa? Quando saía para caçar, preparava-se; quando saía para olhar a cidade, preparava-se.

O que é que isso significava? Significava preparação real. Significava oração; significava purificação, e significava descanso da perturbação física ou da concupiscência física. Significava purificação efetiva e contenção efetiva. Para que o homem partisse com esta graça de compreensão. Ele não levará o seu camelo para o deserto sem estar plenamente seguro de que o animal comeu. E não sairá com o animal sem estar seguro de que reteve em si não só o bem-estar físico, mas que a raiz do espírito está com ele, que sabe o que se propõe fazer. Ora, esta é a preparação do mestre e é a preparação para a busca antes

que estas áreas se possam abrir para te serem reveladas. Não creio que muita preparação tenha lugar no teu dia. Não tenho razão em pensar assim?

Sim, exceto no sentido que mencionaste antes, o sentido de necessidade. Neste sentido, o próprio facto de rutura na personalidade moderna seria importante e de grande valor.

Mas a maneira como estas pessoas entram em rutura na tua época — esperaríamos que nem sempre fosse física — é como o homem que tanto bateu com os dedos dos pés nos rochedos da vida que fica permanentemente coxo. Nem mesmo na sua necessidade desesperada perdeu ele o caminho de se ajudar? Quantas pessoas conhecerias que acreditariam que dentro delas, cada uma, está esta lâmpada dourada de glória que contém, para cada um e para todos, toda a área de compreensão e entendimento — se podes estender a mão e tocar o coração do divino, porque dentro de si está o mesmo batimento. Quantas?

Poucas, de facto. Mas agora, não é esta a questão? Se as pessoas pudessem acreditar nisto, se fossem capazes de acreditar nisto, então o nosso tempo teria a resposta. Mas o problema é: como podem as pessoas acreditar? O que as tornará capazes de acreditar? Que tipo de evidência precisam de ter para se tornarem capazes de acreditar?

A evidência de que os seus mestres e pastores e guias têm sustento espiritual e, portanto, são profetas por direito próprio, que têm a autoconfiança do bem e da compreensão. Que são fortes. Mas, se tiveres tais homens, tiveres tais homens, então notas imediatamente que outros homens retomam a sua força vital e caminham em harmonia. Obviamente, os teus mestres e líderes — e, se profetas houver — estão apenas a falar de um mundo de sombras. Não estão a falar aos corações dos homens em termos de sinceridade ou em termos de verdade.

Sim. Bem, falaste antes daquilo a que chamarias o pó da experiência. Disseste que se torna o próprio núcleo e coração da vida do homem. Seria, dirias tu, que o que falta na idade moderna é o

contacto com esta dimensão da experiência, com a imediaticidade da experiência?

Eu diria que, na idade moderna, há um medo — um medo de avançar. Há um medo no coração de cada homem de ser aquilo que é. Há uma tendência para que o homem se agarre ao homem, em vez de ao seu verdadeiro eu. Há uma tendência para se amontoarem juntos, e, no entanto, estarem perpetuamente sós. Mas isto deve-se, com toda a certeza, ao fator interior, de que a morada está vazia. Está vazia, pois, se estivesse cheia de vida e de compreensão, esta medonha mistura de dissonância não poderia continuar. Vês, estou a colocar-te uma responsabilidade muito pesada, porque o que estou a dizer não é o que quero dizer. Espero que as minhas palavras te repiquem nos ouvidos. E que gerem em ti também necessidade e urgência. E que mais me dirias?

Falámos da antiga tradição que a nossa civilização tem e da forma como isto, de algum modo, caiu fora de contacto, de modo que a pessoa moderna não tem acesso a ela.

Quais eram os princípios na tradição a que pertences? Nomeia-me, por favor, o que pensas que era a sua força. Qual era a força do antigo Judaísmo, qual é a sua força? Há três forças vitais…

Bem, a primeira, penso, estaria na afirmação que Moisés fez depois de ter dado o ensinamento desses vários modos de vida, que são muito difíceis de seguir especificamente, no mundo moderno. Ele deu este ensinamento básico do mandamento e disse: “Dou-vo-lo para que vivais e não morrais, para que vivais na terra.” Por outras palavras, o seu primeiro princípio era a vida.

Isso é interessante. Preservar — preservar a vida, sim. Ora, esse é o princípio por detrás do sol e da lua e das estrelas e das constelações e dos templos. É o princípio por detrás da totalidade e da inteireza. O que ele estava, portanto, a fazer era atrair a sua atenção — mas muito dramaticamente atrair a sua atenção — para a necessidade de sobreviver. “Sobreviver para quê?”, perguntas-me. Sobreviver para que a grande totalidade, inteireza, a grande grandeza a que chamamos

o sem-nome continue. Pois, se o homem falha na sua missão de fazer aquilo que é o seu trabalho, a sua responsabilidade, Deus fica diminuído. Portanto, vês que a responsabilidade do homem para com Deus é muito, muito importante, mas a responsabilidade do homem para com o homem é profundamente importante. E a responsabilidade não é tão importante como o homem diz — e é muito mais importante do que o homem acredita. Não é verdade?

Sim, de facto.

Quais foram as outras vitalidades dentro desta tradição que lhe permitiram continuar e manter os homens em pensamento disciplinado? Porque é uma disciplina. É uma ordem.

Sim. Eu diria que outro princípio que lá estava era o sentido de como as coisas aconteceriam no tempo futuro…

Se acontecerem desta maneira, hoje.

Sim, é isso, isso é muito bom, isso é central.

Se esta é a lei e se por ela te reges, então isso inevitavelmente há de acontecer. Causa e efeito. Mas sem a causa central, a crença central e a tenacidade que a acompanha, não pode haver senão miragem.

Sim, então temos as previsões de como as coisas serão.

E as previsões de como as coisas serão — sabemos apenas deste modo. Sabes, quando te levantas de manhã e estás bem e fresco e são, e te ligas ao dia e o dia é bem cuidado por ti, sabes bem que, quando a luz da tarde cair sobre a tua fronte, é muito certo que, devido à bondade deste dia, isso terá de dar fruto nos amanhãs. Foi isto que ele lhes deu: deu-lhes as virtudes centrais pelas quais a sobrevivência continua. Deu-lhes também responsabilidade e, sem isto, não pode haver liderança. E, sem isto, não pode haver vida. Portanto, o teu profeta de outrora trabalhei eu com o milagre. Ele era o milagre e o milagre existia por causa dele.

Ele era o milagre? Sim, sim, vejo…

Ele era o milagre. Ele era o milagre porque operava compreensão completa e crença. Sabia do que falava. Tinha o que chamarás inspiração e visão.

Mas diz-me agora como entendes exatamente isto — este é o facto central. Diz-me como isso acontece num homem. Como acontece isto num Moisés? Que parte desempenhas nisso? Qual é o facto disso que está por detrás de ti, que dás a Palavra?

Agora voltamos ao ponto onde te disse antes que a alma decide nascer, que a alma vem já para tomar sobre si os riscos e as dificuldades. A alma que entra neste pequeno espaço, nesta sala do mestre, entra na sala nua; e, no entanto, a alma traz consigo a mobília ou o conhecimento da mobília que vai exigir ao longo desta pequena rota. Ora, onde é que esta alma recolhe todas essas mobílias, que pensas? Pois a alma percorreu um longo caminho, não percorreu? Vem através da tormenta e da bonança. Tudo o que é conhecido neste momento na vida pertence-te. Isso significa que pertenceu a alguém que foste tu e continuará a pertencer a alguém que continuará a ser tu. Acredita, por favor, que os profetas sabiam que, se o homem se separasse deste princípio dinâmico a que chama "corpo", o que parte é a substância da alma, que preserva em si a mobília e as experiências para serem entregues ao espírito. Isto não podes destruir.

A soma total de tudo o que cada homem alguma vez ensinou foi dada ao infinito, que é ordenado e disciplinado e lembrado. Tudo o que és, tudo o que uma alma tomará para si desta experiência — o total da personalidade — isso nunca pode ser quebrado. Esta pequena semente está sempre pronta a descolar, e tudo o que está dentro dessa semente, como bem sabes, essa semente contém a totalidade da divindade que procura encontrar para si, que há de encontrar e conhecer, de modo que, a seu tempo, será essa própria divindade.

Isto é um longo percurso; não pode ser alcançado numa vida, numa só vez. Não pode ser alcançado em mil vidas. Cada dia da tua vida é uma vida. Cada respiração que respiras é uma nova experiência. Cada vez que te deitas para descansar, isso, em si, é o olvido. E, no

entanto, ergues-te disso revigorado, expectante. Portanto, vês, esta palavra "morte" — o que significa? Não significa o que pensamos que significa. Fechas os olhos à experiência para tomares um sopro mais fundo. Para sobreviveres de novo. Significa mais um degrau na escada da experiência. Significa um tempo de repouso entre a próxima corrida que tem de ser feita. Mas uma coisa de que podes estar certo é de que participas de tudo o que foste e, quando passas de degrau em degrau ou de esfera em esfera, ou de nível em nível, levas contigo a soma total da experiência.

Isto é, do que chamamos morte para outra vida — é isto que queres dizer?

Não consigo pensar noutra vida. Só consigo pensar noutra experiência.

Outra experiência, que é uma continuação…

Que é um contínuo de vida.

Sim. E a alma, a alma que vem nesta longa jornada. Como é que ela conhece a sua mesmidade, que marcas tem ela para além da continuidade da experiência?

A continuidade da sua experiência. Tem também instintos infalíveis, se quiseres chamá-los assim. Tem a sensação de compreensão antes de entrar na dinâmica do corpo. Escolheu para si, a sua parte, antes de chegar. Agora, uma vez contida no aspeto do corpo, então começa a luta. Mas a alma é intencionalmente subjugada — ou, como dirás, nasce — a esta limitação, a fim de produzir; pois esta limitação há de produzir a experiência necessária.

Mmm, a limitação produz?

Claro.

E com a remoção da limitação?

Quando a remoção da limitação teve lugar, deu-se um grande passo em frente, um rejuvenescer, um renascimento, por assim dizer, como se alguém tivesse banhado nas águas claríssimas da vida.

Alguém, quando passou por esta limitação, aperfeiçoou o seu próprio saber, deu maior valor às suas perceções. É um novo — verdadeiramente, é um novo — começo. Toda a experiência que se digere, por assim dizer, é mais um passo em frente. Mas um passo muito firme e afirmativo na estrada para a compreensão perfeita. Pois…

Porque estou a falar contigo? Para continuar sobre a alma e continuar o nosso diálogo…

Mas o que te impele?

O que me impele é a sensação de uma tarefa a cumprir. Dirias talvez um sentido de necessidade, pois a sensação é a de uma tarefa a cumprir que, em última análise, não pode ser cumprida pelos recursos do próprio ego ou do próprio eu. O sentimento é o de que se deve, para fazer isto, ter acesso a outro tipo de recurso que não se pode criar de si ou por si. Ora, para isto, é preciso encontrar o caminho para esses outros recursos. Falámos disto, falámos de como se pode abordar isto, como se pode concebê-lo, como nos podemos abrir a isto.

E como fez Moisés isto? Porque renunciou a toda a beleza e cobiça de viver que talvez o estrangulasse, pois não podia ser príncipe do Egito?

Não, pois essa foi a primeira coisa. Porque perdeu o seu lugar no Egito. E, segundo a história, perdeu-o. Perdeu-o; foi-lhe tirado. E assim estava então num momento baixo, tal como o descreve nesse caminho que ia do Egito a Madiã. Se me lembro da história tal como é contada, chegou a um lugar, sozinho, a viajar sozinho, sem saber para onde iria. E então chegou ao lugar onde aquelas raparigas, as filhas de Jetro, falaram com ele. Estavam em apuros e, apesar de não as conhecer, ajudou-as e salvou-as dos outros homens que procuravam tomar-lhes o lugar no poço. E isto foi um ato de espontaneidade. Não se deu conta do porquê de o fazer. Limitou-se a fazê-lo de forma natural. E, no entanto, isto parece-me, na minha leitura da história, um ponto de viragem na vida de Moisés, porque ia de uma posição em

que tinha estado estabelecido — e que perdera — para uma situação desconhecida, pois, ao que parece, não sabia para onde ia.

E, no entanto, o que quero dizer-te é que a alma, pelo seu próprio entendimento, tinha escolhido tudo isto.

Sim, assim parece. Caso contrário, como perguntas, porque o faria?

A alma tinha escolhido tudo isto. Ele não precisava de ter deixado a sua posição no Egito. Mas chegou o momento em que estava cansado e enfermo, de modo que atraiu a si as coisas que tornariam a mudança imperativa. A alma escolhera o seu caminho solitário e saíra para a sua própria escuridão. Dizes "sem saber", mas a alma sabia. E ele esperava a Palavra. A Palavra, claro está, é amor, compaixão, piedade, riso, um pouco de alegria. E então é-se colhido de novo e fica-se fortalecido. Não, não houve qualquer sentimento na vida de Moisés de que por acaso tivesse caído da graça. Oh, não. A alma douraria todo este ambiente e, quando o momento estivesse pronto — por contraste, por contraste —, a alma levá-lo-ia dali. A alma levá-lo-ia apenas quando ele estivesse forte o suficiente para procurar sustento.

Mas aqui talvez esteja um mistério — um mistério que talvez possas explicar. Aqui, quando Moisés era forte no Egito, nenhuma grande Palavra lhe veio. Mas quando perdera a sua posição e era simplesmente um errante pelo caminho, sem destino, e depois quando encontrou o lugar por algum acaso deliberado, digamos, quando encontrou o seu lugar e então viveu por esses muitos anos como pastor nessa terra estranha, e viveu nessa terra estranha…

Por outras palavras, quando se revolvera não só no pó da experiência, mas nas cinzas da experiência. Tinha de fazer isto até ter tido o suficiente.

E mesmo então, mesmo então, quando a experiência e a Palavra lhe vieram, a sua resposta foi: "Mas por que me escolhes a mim, pois não sou bom de fala? Por que me escolhes a mim entre todos os homens?" Pois ele sentia, vês, sentia neste ponto uma certa

indignidade. Sentia, aparentemente, uma fraqueza. E parece que a Palavra veio e que ele foi capaz de ouvir a Palavra num momento de fraqueza, antes que num momento de força. Isto é um paradoxo? Ou como dirias?

Talvez — coloquemos assim. Suponhamos que eras chamado esta noite a cumprir uma posição no mundo, uma posição em que alguém te diria: "Meu filho, tenho-te observado por muito tempo. Em tempos tinhas tudo no mundo e eras muito descuidado. Agora tenho-te observado estas muitas luas a operar mudança e, esta noite, vou colocar sobre ti certas vestes." Ficarias secretamente muito satisfeito com isto. Mas então terias um pequeno tremor na alma. Perscrutarias a tua alma e dirias: "É este o momento? Estou pronto? Não serei indigno?" E ele tem de dizer isto, tem de negar, para estar certo. Vês quantas vezes temos de nos afastar da pungente beleza de viver para podermos estar certos de que ousamos abraçá-la.

Mmm, para ter a certeza…

Mas ele não podia ter feito outra coisa porque o drama tinha de ser representado exatamente deste modo. Mas, novamente, ele tinha de estar certo.

Bem, dizes que sentes que o drama tinha de ser representado exatamente desta maneira. Mas, no momento em que disse: "Por que me escolhes a mim?"

Isto está ele a dizê-lo a si mesmo.

Com toda a sinceridade.

Com toda a sinceridade. O papel — o papel é tão grande. Nesse momento, a visão do papel, a visão do caminho solitário, solitário, a visão da noite escura — porque esta era a noite escura —, isto tinha de ser assim. A visão disso veio e, por um pequeno momento, houve a tendência de virar o rosto. Há sempre esta tendência até se alcançar aquele cume onde já não pode haver dúvida. A dúvida é uma das coisas mais abençoadas no coração do homem em devir.

Dúvida — e, neste sentido, fraqueza —, interrogo-me sobre isto. Pergunto-me se há uma ligação entre um sentimento de fraqueza e a capacidade de ouvir a palavra?

Ora, quando o vigor é forte, o homem é forte no seu plano daquilo a que chama a sua própria vitalidade. Ele é, neste ponto, o deus do seu próprio direito. É o rei, reina no seu próprio reino, não é? E, portanto, é arrogante e está cheio de falhas e não tem o ouvido que escuta. Mas é só quando a força o abandona que a dúvida se insinua. E então tem de dizer a si mesmo: "Sou eu como sou?"

E, no momento em que faz esta pergunta, naturalmente encontra em si a resposta de que é. É uma deslocação de níveis. É a tolerância a farejar a tolerância. Aquilo a que chamas fraqueza pode ser, espiritualmente, o seu momento maior.

Ah, sim, então, isto está n'"A Nuvem do Desconhecer", quando ele diz: "O que é tudo fisicamente é nada espiritualmente."

Exatamente. O tempo todo tens de transmutar, o tempo todo tens de mudar de níveis. O homem que te diz: "Sou feroz, sou forte, sou vigoroso para além do crível, sou de facto forte como o vento norte" — não acredites nele. Ele está a dizê-lo a si próprio, mas não está a escutar o pulso interior, gentil, quieto, que lhe proporciona aquele momento em que expeliu estes alentos indecorosos e, de súbito, fica despojado — despojado de toda a vaidade que lhe era desnecessária, mas pronto agora para conhecer o espírito, quando um momento antes só sabia que era homem. E agora, na sua fraqueza, sabe que é menos do que um homem. E mais do divino.

Isto reconduz, isto leva-me de volta, à coisa central de que falámos antes: os dois aspetos da vida do homem. Estar no caminho e procurar; e, ao mesmo tempo, saber que aquilo que se procura já está presente em nós.

O tempo todo. Sempre, sempre. Esta é a herança do homem — não me importa quem é o homem, não me importa que homem é. Chama-lhe mendigo, chama-lhe doença, chama-lhe homicida, chama-lhe degradado. Há esta herança que é sua e não lhe pode ser tirada. Ele

está aqui e agora a despeito da cobertura. Tudo dentro dele é divino. Mas rebolou-se na lama da experiência, se quiseres chamar-lhe assim; e fê-lo deliberadamente — marca bem — deliberadamente. Cobriu-se até que os ouvidos não ouvem. Chafurdou, se quiseres, em todas as mortes desesperadas e não ouve. Mas isto também é bom. É bom que o tenha feito, pois reuniu a experiência para si, vestiu-se de todas as — como lhes chamarás — mortes, mortes escuras, mortes noturnas da alma, até deixar de ouvir a divindade em si mesmo. Tal homem tem grande força, grande vitalidade, grande vigor. Mas o irmão, olhando, dirá: "Que fraco." Vês…?

Mmmmm, e ele próprio pode sentir-se assim.

E ele próprio, nos seus momentos baixos, pode dizer: "Olhai, ó Senhor. Concedei-me graça para não olhar." E, no entanto, digo-te: não importa o que esta lama da experiência tenha feito, não pode — não pode — ser tão escura que lhe roube o conhecimento da divindade que ele é. O homem está a tornar-se perfeito e, portanto, cada vez mais semelhante a Deus; mas, em todo o tempo, desde o primeiro sopro que o pôs a caminho, lembra-te sempre de que ele é parte do grande Desconhecido e que tem dentro de si essa centelha do desconhecido — o grande saber. Pois ele foi, por assim dizer, projectado da grande perfeição inconsciente que é Deus; e Deus tem de crescer para a compreensão através de ti e de todo o homem.

Essa é a grande responsabilidade do homem. Ele nunca pode perder-se. É por isso que a fórmula que diz que o homem tem de se perder se não crer é correta; mas o homem não se pode perder de si mesmo. Pode perder-se na estrada, na confusão, mas não está perdido de si mesmo e não está perdido no Grande Experimento. Percebes o meu ponto? Portanto, a fórmula que condena, em vez de elevar; a fórmula que se amolda ao desastre e à escuridão e à cegueira — isso não é bom. Toda a fórmula, para ser boa, deve ensinar que aqui, no interior, está a joia.

Sim, sabes isto também — este sentido tem uma qualidade salvadora também para aquelas pessoas modernas que se sentem

perdidas, que pensam no suicídio quando o desdobramento da sua vida as conduz a um tal tempo de depressão.

Isto é terrivelmente importante. Toma-se cada uma destas pessoas e limpa-se toda esta ganga, permitindo-lhe compreender que tudo isto é bendito e necessário. Não importa o que pareça. Cabe a cada um de nós encontrar essa joia. Oh, a joia terá sido deixada, pode ter-se manchado, pode ter-se metido em todo o tipo de áreas onde a noite a deixou. Mas toma-a por um bocadinho no calor da compaixão. Aí a joia está viva e pode sempre ser redimida. Na verdade, a redenção está dentro da própria joia. Por não ter ainda crescido até à divindade, retém ainda em si a divindade aqui e agora. Esta é a fórmula pela qual todos os homens podem ser ajudados. É uma fórmula de compaixão, é uma fórmula de compreensão. É uma fórmula de tomar a mão de cada um e fazê-lo tocar o fio vivo, o sangue vivo, a fonte viva, sabendo que essa fonte é a fonte da Totalidade para a qual ele certamente há de mover-se até ser nela absorvido. Este é o ensinamento.

Sim. Agradeço-te muito, pois isto trouxe uma…

E que o teu caminho seja abençoado. E que estas palavras, tão pobres, tão indignas como são, como jóias a pôr diante de ti — que tenham, no entanto, dentro de si algo desta Totalidade. Que te deem a medida da tua própria força e te convençam de que, embora o reverso da força possa parecer fraqueza, se as tomares e as puseres juntas, dentro delas está a joia — o seu sangue, o seu sopro, o seu amor, a sua paz.

COMENTÁRIO SOBRE A CONVERSA N.º 5 COM TOTE

Devo confessar aqui que, ao colocar a questão relativa à experiência bíblica de Deus perante Tote, eu estava a orientar a discussão numa direção do meu interesse especial. Tote percebeu-o rapidamente e aceitou-o. A sua observação indica que, embora o seu interesse principal não residisse na “fórmula antiga” da Bíblia, a

minha psique aparentemente ainda tem a necessidade de trabalhar certas questões nesse contexto; e, por consideração pela minha necessidade, Tote mostrou-se disponível para discutir comigo esse tema.

As minhas razões para iniciar esta sessão com uma pergunta sobre a natureza da experiência na tradição bíblica não eram apenas pessoais. Tínhamos vindo a discutir a natureza de Deus em geral e fomos conduzidos a várias considerações gerais sobre a relação do indivíduo com o Logos, ou Palavra, e, particularmente, com Tote como personificação simbólica da fonte da Palavra. Agora parecia que seria valioso se pudesse haver um caso de prova histórico em que víssemos como as conceções que Tote vinha descrevendo se tinham concretizado em casos específicos. Perguntei pela relação bíblica com Deus por várias razões, sendo a principal o facto de a experiência bíblica de Deus estar na base da civilização ocidental e ser um ponto de referência para todas as conceções fundamentais dentro dessa civilização, seja ela afirmada ou não. Além disso, tenho-me ocupado de vários estudos do Antigo Testamento e pareceu uma boa oportunidade para ver se se poderia obter alguma informação adicional deste modo heterodoxo.

Especificamente, em termos da hipótese mencionada a propósito da conversa com Abdul Latif na sua tentativa de diagnóstico clarividente, pareceu-me que podem existir intuições significativas acerca da Bíblia que ainda estão enterradas na profundidade da minha psique, onde não tenho acesso a elas. Numa conversa em transe, a Sra. Garrett poderia muito bem ser sensível a estas perceções inconscientes. Poderia perfeitamente captá-las e articulá-las por meio de Tote, dando-me assim contacto com um aspeto da minha psique a que, de outro modo, eu talvez não tivesse chegado tão facilmente. Estas foram as razões para abrir a sessão com esta questão.

Aqui, à medida que a pergunta é definida com maior nitidez, vemos o foco particular. O fator-chave — como vimos nas conversas anteriores — é a relação pessoal que se estabelece entre o indivíduo e o Logos. Tote apresenta essa experiência numa forma simbólica; o

encontro mosaico com Yahweh no Monte Sinai é outra forma simbólica. A questão sobre a natureza do encontro de Moisés com a Palavra implica a hipótese de que estas duas experiências são simbolicamente equivalentes e podem ser compreendidas dentro de um quadro de referência comum.

As observações feitas por Tote aqui, quanto à importância da expressão dramática na experiência de Moisés, são características tanto do temperamento pessoal da Sra. Garrett como da perspetiva teórica que Tote tem vindo a apresentar. Penso que não é frutuoso especular sobre qual é primária e qual vem primeiro. Basta dizer que ambas as considerações acerca do princípio dramático — a temperamental e a cosmológica — se unem na Sra. Garrett no que podemos chamar um sincronismo de personalidade. O seu estilo de vida tem sido, ao que parece, desde os primeiros anos de infância, intensamente dramático. Sempre teve um faro para representar as suas crenças e emoções de modo a impressionar os outros e a ser eficaz na sociedade. Aparentemente, achou bastante fácil, ao longo dos anos, fazer as coisas parecerem algo de diferente ou algo de mais do que são quando vistas de um ponto de vista horizontal ou literalista. Esta aptidão expressou-se nos primeiros anos da sua vida quando esteve associada ao Teatro Irlandês, e terá certamente sido de grande auxílio durante os seus anos de mediunidade profissional.

É, porém, enganador falar da qualidade dramática como sendo primordialmente temperamental na Sra. Garrett. Isso dá-lhe um tom de subjetividade quando, na realidade, o elemento dramático desempenha um papel fundamental no funcionamento da psique. Devemos reconhecer que a razão pela qual a personalidade exterior exibe um talento para dramatizar as coisas é que o estilo interior da psique tem uma qualidade dramática intensamente ativa. Isto significa que o nível profundo da psique é especialmente ativo e fluido numa pessoa assim, de modo que não só a vida onírica pode ser forte, como grande parte da experiência no mundo exterior é percebida como se fizesse parte do mundo dos sonhos.

Na experiência de vida da Sra. Garrett, isto remonta às suas perceções da natureza em termos da mitologia celta pré-cristã. Ela via os "pequeninos" a moverem-se pelo prado e sob as árvores. Veja-se, a este propósito, a sua descrição de algumas experiências iniciais no seu livro autobiográfico Adventures in the Super-normal. Isto, claro, está no estilo do temperamento irlandês, na medida em que esse temperamento expressa os mitos e contos de fadas irlandeses. Andam juntos. A qualidade de personalidade que percebe o mundo exterior como pessoas simbólicas — duendes e afins — está apenas a exprimir um traço básico da psique profunda: ela percebe o mundo de forma dramatizada, personificada. É assim que os sonhos se formam, pois são expressões espontâneas da psique profunda. E é assim que se exprimem todas as manifestações espontâneas dos níveis não conscientes da psique.

Quando uma pessoa tem, como a Sra. Garrett tem, um forte pendor para o dramático ligado não apenas a questões pessoais, mas também religiosas e filosóficas, pode tomar-se isso como indicação de que o seu nível de experiência psíquica está bastante afastado da consciência e especialmente próximo do estilo simbólico da psique profunda. Isto é certamente verdadeiro para a Sra. Garrett e é uma razão psicológica primária pela qual as suas expressões articuladas revelam um reconhecimento tão apurado do elemento dramático na realidade. Dramatização e personificação são qualidades fundamentais do funcionamento da psique profunda, e o estilo de personalidade da Sra. Garrett, sensível a isso, tem estado livre para o permitir acontecer na sua vida de forma tão vincada como o aparecimento das figuras de controlo.

Tote, por exemplo, deve ser entendido como uma personificação simbólica de um princípio interior — e talvez eterno — da existência humana. Qualquer que seja o significado da personificação de Tote e qualquer que seja o maior alcance das afirmações sobre a vida que ele faz, é claramente algo que passa através da psique da Sra. Garrett. Se disséssemos que vem da psique da Sra. Garrett, teríamos de recordar

que a psique de um ser humano é também um veículo para o movimento abrangente da vida.

Toda a experiência deve, portanto, ser entendida como movendo-se através de um ser humano. Ao mover-se pela sua psique, assume as qualidades da psique; e estas são, sobretudo, que os acontecimentos e perceções que passam pelo prisma da psique se exprimem simbolicamente em vez de literalmente, tendem a ser personificados e apresentam-se ao mundo num estilo dramático.

Tote faz isto. Surge de forma dramática, e as suas afirmações indicam que considera isto uma forma necessária de ação se se quiser causar impressão nas psique de outros seres humanos. Isto deve, de facto, estar correto, pois a dramatização é um meio de alcançar abaixo e para além da consciência, até ao nível mais intenso de resposta na profundidade da psique. Isto é especialmente verdadeiro na história da religião, como Tote indicou em diálogos anteriores, e é esse o ponto das suas observações sobre a importância da dramatização na experiência de Moisés.

Pela dramatização, o poder simbólico de um encontro profundo é trazido à frente, onde as pessoas de uma comunidade o podem percecionar, reagir a ele e comover-se com ele, mesmo que não o entendam num nível intelectual. Podem ser movidas em termos simbólicos dramáticos, e isso basta. Essa é a chave do estilo de Tote, e é a chave da qualidade de experiência que Tote perceciona em Moisés, como na história da religião em geral. Poderíamos parafrasear isto como a perceção de que a faculdade dramatizadora do nível simbólico da psique é um veículo primário pelo qual o princípio do Logos toma forma e se encena no mundo social do homem.

Temos aqui outra expressão interessante da conceção de imortalidade de Tote. Trata-se certamente de muito mais do que uma doutrina — é uma questão de experiência pessoal. Podemos vê-lo na discussão aqui.

Talvez uma chave para compreender o que está em causa aqui seja a afirmação de Tote de que não existe morte. Presumivelmente,

ele não quer dizer que os seres mortais não morrem; e também não quer dizer, num sentido espiritualista, que existem entidades anímicas fixas que passam de pessoa para pessoa, comunicam através do tempo e tomam interesse ativo nos assuntos dos mortais.

A conceção de Tote parece antes envolver uma dimensão da realidade que não é limitada por espaço e tempo como o é o nosso mundo sensorial. Poderia ser referida como a Dimensão do Logos, ou a Dimensão da Palavra, embora Tote não use especificamente tais termos. Nessa dimensão, a nossa existência é eterna. Varia; assume formas diferentes à medida que progride, mas não termina. Não pode terminar, porque não é definida pelos termos do tempo e do espaço. Não há, portanto, morte, porque estamos sempre a existir nessa dimensão. O suicídio, por essa razão, é irrelevante (parágrafo 40).

Na verdade, não há fuga possível, nem há qualquer necessidade disso. Mas o que é de máxima importância é que a maioria dos seres humanos passa a vida no mundo sensorial sem tomar consciência da realidade da dimensão do Logos. Mesmo que tenham uma intuição dela, não sentem ligação com ela; e essa é a necessidade primordial. O essencial é que o indivíduo tenha uma experiência intensa pela qual se sinta posto em contacto e sintonizado com este princípio interior, que sente dentro de si e também para além e em redor de si.

Quando se sente ligado ao princípio interior da Dimensão do Logos de modo que este opere nele e através dele, pode dizer-se que fez nascer a sua alma (parágrafo 27). A partir de então, torna-se possível para a Palavra, ou o Logos, viver através dele e estender-se através dele. Correspondentemente, daí em diante, o indivíduo entrou no movimento interminável do Logos na vida, que inclui tudo e o acesso a tudo o que teve lugar na experiência humana passada.

Ele é parte de tudo isso e, ao fazer nascer a sua alma, entrou ativamente na imortalidade viva do Logos, tanto em termos de uma imortalidade transpessoal como em termos de um envolvimento ativo e mais eficaz na vida no momento presente do tempo. A ligação ativa com o princípio interior da Dimensão do Logos é o grande milagre e,

quando ocorre, nasce uma grande alma. Este é talvez o tipo de nascimento a que, em geral, se chama "experiência de renascimento", mas devemos compreender quão profunda, intensa e eficaz é a experiência envolvida no que Tote descreve aqui. A ligação ativa com a Dimensão do Logos é o milagre; e é por isso que Tote diz de Moisés: "Ele era o milagre" (parágrafo 26).

CONVERSA N.º 6
COM TOTE

(Respiração profunda, gemidos, lamentos, enquanto a Sra. Garrett entra no estado de transe.)

Sou eu, Ou-vay-nee. Trago-te saudações, amigo.

Saudações, Ouvani.

A paz esteja contigo, com a tua vida, no teu trabalho e na tua casa.

As minhas saudações, Ouvani. A paz seja contigo. Está bem com o Sahib? Está bem contigo, assim espero?

Sim, obrigado. Sim.

E o que desejas de mim?

Bem, gostaria de falar esta noite com Tote, se o puderes providenciar e se estiveres disposto a fazê-lo.

Assim será. Se quiseres aguardar um momento enquanto abandono o papel para que ele se torne compreensível. Assim será.

Obrigado, Ouvani.

E, ao partir, permita-me pedir que as suas palavras sejam abençoadas, e que os seus pensamentos sejam frutuosos, e que os seus conceitos se ampliem. Que o santo e o verdadeiro, o espírito de generosidade, reverência e compaixão fale através dele. Assim será. Agradeço-te e despeço-me.

(Respiração profunda adicional, bocejos, gemidos, lamentos, enquanto a Sra. Garrett entra num transe mais profundo. Por fim, uma voz mais cheia e lenta fala.)

Fala Tote, meu filho. Está bem contigo?

Sim. Obrigado, Tote. E é bom falar contigo de novo. Fico muito contente por teres vindo falar comigo outra vez.

Há muito a dizer?

Sim, sinto que há muito que temos para dizer.

E, conforme a alma permitir, dir-me-ás em que direção particular quererias conduzir os nossos momentos juntos?

Sim. Sim, falámos muito sobre a natureza do homem e a natureza do homem neste tempo, nesta era, e a possibilidade de o homem reconhecer o espírito e trazer o espírito para a sua vida,

É muito importante que o faça.

E acerca do modo como o homem no nosso tempo, neste tempo, pode compreender o que é o espírito sem se iludir.

É extremamente perigoso — para o homem, não para o espírito. Observas bem. Mas é extremamente perigoso se o homem não entrar em comunhão consigo mesmo. Devemos aceitá-lo, não devemos? Que ele chegou, através do seu amplo arco de experienciar, a um lugar onde, pelo menos, é capaz de compreender pelo menos alguma parte daquilo que teve lugar. E agora não seria de todo na área do que às vezes os homens chamam destino, sim?

Destino, sim.

Não está no destino deste planeta que ele o aniquile, nem a si próprio. Mas, quando esse momento chegar, terá terminado, não terá?, algo que o seu género tem de explorar? E penso que concordarás comigo que a exploração ainda não está totalmente concluída.

Não, não está concluída. Mas a própria possibilidade de entrar — e o modo de entrar — na busca, de uma forma que seria realmente a busca… ah, é disto que gostaria de falar contigo. Isto é, a nossa compreensão do que é o espírito. O que é o espírito — já que parecemos ser capazes de o conhecer apenas nas suas formas mutáveis, enquanto através dessas formas nos movemos em direção a uma realidade que subjaz a essas formas. Tal como tu, tal como falaste comigo como sendo o Dador da Palavra, tal como te entendi…

Só a posso dar em termos que o homem consiga compreender. Posso falar ao homem sobre o seu sopro universal; e posso falar-lhe sobre a necessidade que não é dele, mas, digamos, a necessidade do Grande, de que o homem se aperfeiçoe. Não é a necessidade do homem, tal como o homem a vê. É a necessidade do todo universal de que continue a mover-se. A experiência tem de crescer. Sei que haverá teólogos que discutirão contigo e dirão: "E o homem que regride?" Mas isto é sem visão. Às vezes é muito sensato dar um passo atrás para firmar o andamento.

Mmmmm. Sim. Sim. Como os animais que recuam para atacar.

Assim. Esta é uma parte muito importante do crescimento. E nós, que não o podemos observar, devemos, não obstante, reconhecê-lo. Creio que aqui está um ponto onde poderíamos dizer que a maior parte da teologia de hoje falha?

Sim, sinto que falha, e que falha porque não vem…

É demasiado fácil. Não há labor nisso. E a verdade do que é o espírito não chega a ninguém sem labor. Não te enganes. Quando discutimos o que ocorreu no passado, quando os símbolos foram instituídos, eram formas. Claro que eram. Mas eram formas muito importantes, que tinham de ser observadas. Porque, se tens um excelente — uh, bem, se és o vinhateiro e puseres a tua solução

demasiado forte num vaso mal conformado, ou num vaso que não está, digamos, devidamente posto ao fogo da resistência, acabarás por perder parte da tua solução, não é?

Sim, sim.

E é por isso que te digo que as formas continuam e têm de ser importantes e que, se não preservas a forma, então o que tens onde colocar a essência? E, se é a essência por meio da qual se progride e cresce — se é a força divina —, então é uma força vital e rapidamente aniquilará aquilo em que é colocada, se aquilo em que é colocada não for suficientemente forte para a conter. Creio que concordamos. Torno isto claro para ti?

Sim, isso seria no caso das pessoas. Se entram em contacto com o espírito e não são capazes de o suster, isso destrui-las-ia.

Destrui-las-ia. Com toda a certeza. De modo que a pessoa que estabelece a sua — uh, chamemos-lhe a sua habitação, a sua habitação espiritual, ou a sua igreja, ou o seu altar, ou o que quer que seja — deve reconhecer que tem de ser uma força consciente, concreta. Caso contrário, mais valia não a ter erigido. Porque, se lidares levianamente com o espírito, então o espírito lidará muito não-levianamente contigo. E serás seguramente ferido por isso. E creio que isto é grande parte do que está a acontecer aos nossos irmãos de hoje. Não basta dizer que a Palavra é Tudo. A Palavra tem de ter muitas interpretações. Penso que é por isso que encontrarás que os, aquilo a que chamarias povos primitivos, despendem tanto tempo no processo meditativo, a construir algo que segure a força vital.

Sim. Porque devem construir em si próprios uma capacidade para o espírito entrar.

E não podes simplesmente entrar num lugar e esperar que hás de contactar o espírito, seja no cálice, seja na via, seja nas palavras que estás prestes a emotar. Tens de estar bem certo de que todos os teus símbolos estão em ordem e de que são capazes de conter aquilo com que vais lidar. Caso contrário — de facto, isto é dito muitas vezes — uma chama, uma força, há de descrevê-lo. Quantas vezes ouves falar

do “relâmpago que salta dos olhos”, ou ouviste nas tuas mitologias e nas tuas escrituras sagradas o que acontecerá àqueles que usam isto levianamente. O que estão a tentar dizer-te é que é melhor não tocares nisto de todo, a menos que estejas certo de que consegues suster o vaso em que está. Isto… uh… fica claro?

Sim. Agora, isso significa que é apenas para certos, ou que pode ser para muitos?

Não pode ser para muitos. Não, não pode. Não pode por esta razão. Se olhares para a história, mesmo na tua própria amplitude de tempo, notarás decerto que muitas mais almas estão a ser produzidas. À medida que as condições da vossa vida se tornam mais fáceis, muitos mais passam pelos fogos com maior facilidade. Portanto, dir-te-ei que muitos entram que não sabem como suster a forma — isto é, a forma de si mesmos. Um sopro está contido na forma que és tu; mas quando surge um desejo tão grande de que o sopro nasça e não se dá pensamento ao método pelo qual isto vai ter lugar, vais ter muitos vasos inúteis, não é? E creio, portanto, que muitos desses vasos não hão de conter, digamos, o sustento para que foram formados. E se não podem conter o sustento que é eles próprios, como poderão então conter o sustento que hão de dar a outros?

E sim, penso que viveis numa tal era. Não é assim para todos. Há, contudo, em cada um, uma voz. Não o esqueças. Há em cada um uma voz e, se ele puser os dedos nas cordas, com certeza lhe há de responder e levá-lo pela noite escura. Mas pode ser apenas, vês, suficiente para ele, porque, se tentasse dá-la a outros, pela fraqueza dessa corda, poderá estilhaçar muitos outros vasos que, se fossem deixados em paz, se manteriam inteiros. Torno clara esta imagem?

Sim, sim. Então, há alguns que conseguem carregar o espírito e alguns que seriam rebentados pelo espírito?

Sempre foi assim.

Sim, agora.

Vês, se todos o carregassem — e todos o carregam, e têm de carregar —, toda a forma não é mais do que aquilo a que podemos chamar um receptáculo. Não importa se lhe chamas inanimado ou animado. Continua a ser o receptáculo desse espírito, fazendo a sua parte. Mas quando chegas à personalidade humana e me perguntas: "Está cada homem pronto para carregar o espírito por este e por aquele?" Então digo-te: "Não, pois isso seria, de facto, caos."

Bem, então chegamos à questão de como podemos saber, como podemos discernir quando uma pessoa está pronta.

O próprio espírito. É como o regato que pode ter corrido subterrâneo por éones e chega àquela parte da charneca ou àquele lugar no vale onde está pronto para romper os seus limites e vem à superfície. Não importa como pareça, se é pequeno ou se corre de pronto ou não de pronto. Uma vez que rompeu caminho, está pronto para a sua experiência. E, quando está pronto para esta experiência, há sempre esse saber dentro do ser humano de que é assim. Ora, é terrível quando um homem ergue a sua taça e diz ao seu semelhante: "Eis que tenho a palavra", e não há nada na taça. Porque esse homem há de sofrer, por certo.

Sim. Então, estar pronto significa ter-se preparado. Sim?

Tens razão. Grande preparação. E levo-te de volta, novamente, aos primeiros dias da humanidade, em que "aprontar-se" era de importância profunda. Havia, não havia?, o esforço salutar de se purificar, o esforço salutar de estar "em um" e, ao mesmo tempo, "à parte" dos seus semelhantes. Mas, sem dúvida, havia preparação. Ora, sem essa preparação, pode-se ter a taça e pode-se ter a veste, mas, se nada houver na taça, a veste não falará a palavra, nem a taça. E não resta dúvida, na mente daqueles que escutam com o ouvido interior, quanto à capacidade daquele que segura a taça e usa a veste. Eis por que razão não pode ser que cada homem tenha a palavra. Pode não compreender a palavra e, se não compreender o valor da palavra e não se preparar, então, claro, está em apuros. E creio que, no vosso mundo moderno, reconheceis isto. Antes de te tornares um homem de ciência,

um homem que há de ensinar, tens de passar por um período de tempo e por um período de formação. Mas, se não fores capaz de te cumprir dentro dessa área de formação, a vida lançar-te-á fora muito rapidamente. Não é assim? A própria vida descartar-te-á.

Sim. E agora, no que respeita ao espírito, essa formação é muitas vezes uma questão de vida — isto é, uma questão de experiência de vida.

Uma questão de experiência de vida.

Ora, se assim é, então é necessária preparação para poder carregar o espírito no próprio vaso. Então seria que essa preparação seria de algum modo lenta, isto é, mais lenta do que rápida, e que vias fáceis ou vias rápidas não devem ser confiadas?

Não há vias fáceis.

Sim.

Não há vias fáceis, meu filho, porque raramente é verdade que, quando sabes que tens algo dentro de ti, algo que tem de ser dito ou algo que tem de ser cumprido, pois continuas a procurar meios e modos e a própria busca para ir ao encontro da verdade não é fácil — sabes isto. Mas quem pensa que, por virtude, bem, digamos, da ajuda do pai rico, da ajuda de uma comunidade rica, ou da ajuda de quaisquer desses métodos que os homens tomam, pode alcançar esta função? Não, está apenas a entrar num estado de caos. Sempre foi assim.

Agora, posso perguntar-te algumas coisas sobre o teu instrumento a este respeito? Quero perguntar sobre o teu instrumento e sobre o seu modo de preparação para o espírito; e também sobre a dificuldade e os anos em que essa preparação teve lugar. Ora, dir-me-ias — dirias tu — que a sua relação com o espírito, a sua capacidade, é a mesma agora que foi em tempos passados?

Não.

Como dirias que tem sido?

Bem, penso que, quando começou — eu diria que começou quase ao nascer —, e diria que, à medida que os anos continuaram a passar e ela continuou a dar, como tem sido, digamos, exigido dela — ou à medida que tem dado conforme sentiu a necessidade —, assim tem ela analisado, considerado, aceitado, tomado os seus pastores e os seus mestres, vivido pela sua palavra, seguido nas suas pegadas, permanecido ao seu lado, até que o espírito disse: "Basta." Creio, portanto, que esta é a história da sua vida — não o achas? Passou de um nível de experiência para outro. Lembro-me bem do pesar no coração de muitos dos seus amigos mais antigos quando decidiu que tinha de partir para vir a estas paragens em busca de outros significados. Mas chegara o tempo e coube ao corpo, que faz de si o porteiro — um porteiro hábil —, ter de lhes dizer que não era tanto desejo deles, nem vontade deles, nem sequer dela, mas antes vontade da alma encontrar maior compreensão. E tem-se mantido nisto: achar-se próxima deste e depois daquele, até ao momento em que descobriu que a alma dizia: "É tempo de avançar." E, quando essa palavra chegou, não houve dúvida na sua mente de que esse tempo de maior compreensão lhe chegara.

Mas eu diria que todo o percurso da sua vida foi uma preparação subtil para o passo seguinte. Não o sentirias assim? Espreitou por muitas portas. Lembro-me bem de que permaneceu nesta área de pensamento, olhou para aquela área de pensamento, sentiu que esta era a profissão, sentiu que este era o lugar, e serviu — e eu diria que serviu admiravelmente — em cada uma até saber o suficiente do seu significado para passar para aquilo a que chamaremos a próxima área de experiência.

Mmm. Sim. Ora, é isto que me interessa perguntar mais: no que respeita aos modos de preparação e ao próximo passo que a espera agora; tem-se a sensação de que algo está a mudar na sua relação com o espírito neste momento e tenho-me perguntado, Tote, se há algo que possas dizer sobre isso.

Bem, penso que ela tem grande compaixão e algum — chamemos-lhe sentimento? —. Assumiu uma responsabilidade muito

pesada. Eu diria que, ao avançar — ao afastar-se da "examinação" por que se fez passar, para tornar possível que outros tomem a "examinação" —, isso foi feito sem que tomasse para si o conhecimento da responsabilidade que tal poderia produzir. Creio, portanto, que, ao assumir essa responsabilidade de sentir com muitas mentes, em muitos níveis de experiência, teve, digamos, de mastigar a sabedoria. Posso dizê-lo assim?

Mmmmm. Mastigar a sabedoria?

A sabedoria. No seu desejo de ir para além da porta do templo, creio que esperou muito vivamente que os homens com quem fez — chamemos-lhes pactos, ou rogos, ou o que seja — não estivessem de todo a caminhar para a sua porta do templo. Como bem sabes. Mas creio que eles, a maioria, ficaram tempo suficiente, talvez — digamos — para dizer uma oração diante da mesquita. E tomaram isso por devoção. Ora, creio que ela finalmente viu isto. E creio que, neste momento, procura entender como preservar o muito melhor do que tem sido. E, honestamente — e digo isto dela, uso a palavra "honestamente"; é uma palavra "dela" —, honestamente tentando observar se não estará maduro o tempo para se afastar daqueles que se chamam a si próprios investigadores da psique. Não o sentes tu também?

Sim, e então qual será o próximo passo dela?

Penso que o próximo passo, neste momento, é fazer uma apreciação muito fria da ciência. Agora, não penso por um instante que vá sair-se melhor deixando aqueles que não estão cumpridos. Penso que, ao entrar nesta nova área em que se encontra e, com o seu costumeiro desejo de entender aquilo em que vai entrar, se colocará num lugar em que todo o bom investigador deve estar. Todo o pioneiro tem de trabalhar com as suas descobertas, não é? Quer estas o matem, quer o açoitem, ou seja o que seja que façam. Pelo menos tem a coragem de compreender. Ora, creio que é isto que está a ocorrer com ela, neste momento. Eu diria que tem ficado de alma caída com muito do que tem sido oferecido como realização. E penso que tem

estado tempo suficiente dentro das paredes da — como lhe chamas — psíquica… um… uh…

Investigação psíquica?

Sim, investigação psíquica, para descobrir que estes não são investigadores. São pessoas — boas pessoas —, mas pessoas que tomaram para si um nome que não são capazes de compreender elas próprias. Consequentemente, ao tomar este nome — porque, quando dizes que vais olhar para a psique, tens de compreender um pouco do percurso, não é? — muitos destes não compreenderam e talvez nunca venham a compreender. E usaram a palavra levianamente. Agora creio que ela chegou a um ponto final em si mesma em que viu isto. Então disse para consigo: "Bem, e agora, para onde?" E creio que então deparou com algo num tipo novo e creio que é verdade que verás que os homens se estão a afastar da velha análise. Não é verdade? Longe dos velhos métodos? Ela tentou os velhos métodos e penso que o que está a fazer neste momento é pegar no cálice e beber dele, sedenta, para ver qual será o efeito antes de permitir que outros o bebam. Percebes? É isto que ela está a fazer.

Sim, isso seria também a minha própria impressão. Sim. Disseste que ela tinha agora o impulso de olhar a ciência com alguma frieza.

Olhar com frieza para o investigador, desse lado da ciência. Ela está a olhar para a ciência nos seus muitos aspetos. Notarás, no movimento do trabalho, que ele está a deslocar-se para horizontes mais amplos, onde ela acredita haver aqueles inocentes desse nome de investigador psíquico. Está a mover-se, com bastante assombro e respeito, na direção do homem que dedicou muitos anos da sua vida a tomar para si o conhecimento da sua função particular. Enfrentemos isto: seja qual for o ramo da ciência a que nos dediquemos, o homem que fará o melhor trabalho é o homem que usa a verdade do espírito. Não é assim?

Sim, agora, afastando-se da investigação psíquica, ela entra, ao que parece, mais na experiência direta do espírito como um todo.

Completamente.

Sim. Tomaria isto como o significado do trabalho com o LSD, não tomarias?

Sim. Penso que ela procura compreender completamente o que é o eu. Vês, disse um dia: "Seguirei esse sonho para onde quer que ele me leve." Agora, o sonho levou-a através de muitas disciplinas — creio que sabes isso também. E dedicou muito mais tempo a essas disciplinas do que a maioria, para as compreender. Creio que, neste momento, ela não está a tomar a palavra de ninguém. Penso que está a tomar para si algo, e que o está a tomar muito como tu e eu tomamos este momento: na verdade, a fim de compreender qual é a vastidão de todo este tapete que foi estendido tão copiosamente diante dela. Agora, creio que olhou para toda esta majestade e glória e cor. E não está disposta a acreditar que isto seja a terra do sonhador ou a terra do estio do espiritualista, nem ainda a terra celeste que muitos julgam. Mas sente que, por detrás desta terra — e ela foi tentada por toda a glória e beleza —, há de haver outra coisa. Por isso, creio que entrou agora, como diríamos, pela segunda porta.

Sim. A segunda porta.

Ora, ela passou por algumas destas experiências com LSD que foram muito brilhantes e exaltantes e cheias de riso e rapsódia e canto, e creio que muitos dos seus amigos — e este, em particular, Huxley (falei com ele e com a esposa muitas vezes) — pensam que isto é uma espécie de terra do estio para onde a alma pode ir. E ela perguntou-se, muito naturalmente, se isto é assim. Mas não está preparada para o acreditar, porque, por trás da porta, houve vislumbres de um grande vazio e creio que, neste momento, ela procura descobrir "Que é o vazio?"

Sim. Descobrir o que é o vazio. Ter uma experiência desse vazio, estar lá e conhecê-lo. Sim, e o LSD então é um meio, um método particular que ela segue, neste momento da sua vida, para experimentar a possibilidade de que a droga LSD tenha esse poder. É uma hipótese.

Ela sente que pode confiar neste — que, seja o que for que aconteça nele, acontece por causa de uma substância que, afinal, é uma substância natural. Mas não está sobrecarregada com o conteúdo deste homem ou daquele homem porque, ao longo da vida, podes compreender que cada um disse: "Bem, ela é isto", ou "Ela é aquilo", ou "Pode ser isto", ou "Pode ser aquilo." Portanto, penso que o que ela fez nesta estação particular, enquanto aqui está, é explorar, tanto quanto pode, os meios que encontra — digamos — tomando o que quer que seja a substância que abre a visão.

Sim. Por outras palavras, então, teorias já bastam para ela.

Teorias já bastam — disseste-o, é isso mesmo.

E agora, teorias já bastam, e agora o desejo de entrar na experiência…

De a experimentar efetivamente por si. Isto é o que ela está a fazer no momento.

Sim. E isto em dois modos ou dois graus, porque, em primeiro lugar, para muitas pessoas que olham para o LSD, é um caminho para uma terra feliz.

Oh, sim, muitos deles — estão embriagados. Isto não é verdade.

Sim, e isto é uma visão falsa, muito falsa, precisamente por causa do que estávamos a dizer…

Agrada-me ouvir-te dizer isto, porque muitos deles estão a abrir estas portas, e digo-te que são portas perigosas, porque, vês, se fosse destinado a todos, então a porta da alma abrir-se-ia sem isso.

Sim. Isso é muito bom e bem dito. Como dizíamos antes, se o espírito fosse destinado a vir a todos…

Se o espírito fosse destinado a vir a todos, teríamos uma galáxia de grandeza, uma galáxia de quietude, uma galáxia de humildade. Ora, encontrarás pessoas que te dirão que é uma terra do estio, que riquezas e beleza. Mas também encontrarás o ébrio que te dirá o mesmo, não dirá? Ou encontrarás o homem que toma o seu haxixe. Estou mais

familiarizado com sonhadores orientais do que com sonhadores ocidentais, mas tomarás a tua morfina e o teu haxixe e também terás os teus sonhos — porém, não seriam sonhos dos quais se criam os corredores da realidade. Tenho a certeza de que o sabes.

Agora, estes são os que tentam encher a sua taça, embora a taça não seja capaz de suster o líquido?

E assim voltam-se para algo que lhes parece ser realidade; isto não é verdade. O homem que toma o seu haxixe cria para si, sob o seu fulgor, um mundo espantoso, mas é o mundo que ele quer que seja que ele cria. Não é o haxixe que cria o mundo, meu amigo. É ele que o cria.

Sim, e sentes que o haxixe ajuda e abre o caminho?

Exatamente. O homem que tem de beber o seu álcool — não importa do que o faça, e fá-lo de todo o tipo de substâncias desde tempos imemoriais — vê outro mundo. Mas não é outro mundo. Ele próprio o povoou. Continua a ser o seu velho mundo. Ora, porque faz ele este mundo? É isto que a medicina deveria procurar descobrir. Esta é a área importante para investigação. E só se pode chegar aqui começando a entender qual é a imagética básica pela qual o homem, entre todos os povos do mundo — porque, vês, nada pode acontecer até colocares o espírito em forma…

Mmmmm. Sim. Nada pode acontecer até colocares o espírito em forma. E essas formas vêm da imagética?

E essas formas são a participação do homem na criação, não são? Essas imagens, afinal, são a linguagem da alma.

E isto é o que está lá, basicamente, na pessoa.

Basicamente, sim.

E isto é o que é basicamente universal. Então o haxixe tem o papel…?

Desempenha o papel de libertação. Mas não é o haxixe que produz a imagem. Nem é o fruto da papoila que produz a imagem,

nem é a imagem da sua nova solução. A imagem é apenas aquilo que destranca a porta para te permitir olhar nas muitas moradas e entrever os muitos aspetos da solução.

Sim, e se houvesse outra via que não o haxixe para libertar as imagens, essa via seria igualmente boa?

O homem tomou-as todas, meu filho, ao seu passo. Agora, entre muitos povos do passado, nos templos havia as dançarinas e lembra-te sempre de que, em certos dias de festa, lhes era permitido beber fortemente para que pudessem adorar Afrodite ou Hermes, ou qualquer um, para fazer uma libertação, para que os deuses viessem entre eles. Ora, que pensas que isto era? Era soltar todas as repressões da humanidade, e usavam todas estas poções para derrubar as repressões que se tornavam demasiado dolorosas, de modo que davam das suas energias e eram purificados. Agora, há um certo fator de purificação em todas estas coisas — não há dúvida. Mas, se alguém as toma como fuga para uma espécie de paz divina, está redondamente enganado. Percebes?

Sim, porque o próprio haxixe não é o conteúdo; e, se o haxixe ou o LSD forem tomados antes de o conteúdo estar maduro…

Então, o perigo, por necessidade, há de surgir.

Então, na verdade, o que pode ser necessário não é apenas o haxixe — isto é, a droga, o haxixe ou o LSD — como método de libertar a imagem; mas o que pode ser necessário é um método que não só liberte a imagem como a prepare, isto é, que torne a imagem pronta para ser libertada.

E é por isso que te digo que não é possível dar a palavra sem preparação. E é por isso que volto ao que disse há pouco: que todo o homem que é cientista, doador da lei, doador de vida, doador de um preceito, tem de passar um certo tempo na disciplina, não é?, para se preparar. E o homem que pensa poder entrar nesta disciplina sem preparação — seja para o panícico, para o animista ou para o material — comete um grande erro, percebes. O que vai dar não só o há de

ferir a ele, como há de ferir aqueles a quem o dá. É por isso que nem todos os homens podem ser os portadores.

Sim. Sim. Ora, isso significaria que há dois aspetos nos métodos de desenvolvimento. Um é atrair a imagem para preparar a pessoa, preparar devagar, mesmo…

Oh, sim, porque nada que valha a pena pode ser facilmente aprendido. É como um livro belo, é como… — podes acaso dizer que, ao leres uma coisa de beleza uma vez, podes…

Pergunto-me isto, pergunto-me isto, Tote. Se o método — se o método verdadeiro — não será um método que liberte a imagem quando a própria imagem está pronta para ser libertada. Isto é, quando a própria imagem se desenvolveu até à maturidade, tal como o botão da rosa se abre quando está pronto para se abrir e a rosa pronta para surgir.

E, se interferires com isso, matarás o botão.

Sim. E que o método verdadeiro é um método de permitir que a imagem venha a lume e amadureça no seu tempo. Pergunto-me se o haxixe ou o LSD…

… não produzem imagens imediatas ou mundos imediatos — mas nenhum deles duradouros. Sim, sim. Que pensas?

Isso é verdade. A imagem que lá está, a imagem do que quer que seja que vais dar à luz, não pode mudar de cada vez que tomas alguma coisa. O que fica é que determina essa imagem. É por isso que — creio que te disse; ou, se não o disse, Abdul Latif pode ter-te dito — que o instrumento se esforçou, através da análise, por bloquear estas imagens de nós próprios. O que aconteceu? O analista torna-se curioso, se for sábio e inteligente. E então ela fica preocupada. Mas foram precisos muitos anos para a construção destas estruturas. Se te importas com o país em que vives e queres tornar esse país belo, não ergues um paraíso temporário. Não montas uma cama temporária se estás a tomar a tua habitação e a torná-la tua. Pelo menos quererás uma cama confortável onde repousar, para te deitares.

A: Assim acontece com as imagens: por mais análises que ela faça e por mais sondagens que realize, essas imagens que foram dadas mediante a palavra são como as caixas em que uma mulher guarda as suas joias. Se tens joias perfeitas e és muito prudente, não as atiras para aqui e para ali, porque se riscam e perdem o seu valor, não é assim? E é o mesmo, como dizes, ir ao jardim e não forçar a rosa a abrir em pleno antes de estar pronta. Caso contrário, ela perderá a sua utilidade, o seu perfume e morrerá na tentativa. Terás destruído a imagem da rosa. Tem de seguir um ritmo perfeito. Antes de eu chegar, havia Ouvani; antes de Abdul, havia Ouvani. Antes de haver Tote, havia Abdul. Antes de Rama chegar, havia Tahotch. Quem havemos de conhecer, quem poderá vir depois de Rama? Como havemos de dizer qual é o processo que trará outro mestre à consideração? Percebes? É o mesmo se estiveres num mosteiro. Há essa disciplina, essa disciplina rígida com que se tem de lidar: é preciso compreender a palavra antes de começar a pô-la numa joia. E quando a molda numa joia, então certamente terá de ter cuidado para não a voltar a deitar ao chão com as pedrinhas e assim a perder. Percebes?

Sim. Agora deixa-me dizer de novo como isto surge, onde tenho um propósito específico nestas perguntas e nestas discussões. Agora, o teu instrumento está a procurar uma experiência, um contacto direto para além das teorias. Ela procura uma experiência desse vazio que vive para lá da primeira experiência de superfície.

E até para lá do sentir, onde não se é.

Sim, e para isso tem usado o LSD na tentativa de o alcançar.

Sim. Agora, para compreender a natureza e o significado disto. Se compreendo aquilo que disseste acerca do caminho, as imagens devem poder desdobrar-se no seu próprio ritmo natural.

Para serem compreendidas.

Sim, para serem compreendidas, para se mostrarem, se desdobrarem, serem reveladas no mundo, serem sentidas — tudo isto deve emergir do seu próprio processo, no tempo certo, tal como dizes.

Não do processo dela.

Do seu processo, não do processo dela. Sim. O Tote não surgiu do seu próprio processo. Tote foi muitas coisas, tu sabes disso. Mas Tote teve de nascer por causa da necessidade de alguém; teve de ganhar forma, não foi?

Teve de ganhar forma porque alguém o chamou. Não teria servido de nada que Tote tivesse vindo se não houvesse alguém que o compreendesse. Vês, Tote tem de ser chamado.

Sim, e por isso o processo é mais do que a própria natureza de Tote.

Não é de todo a natureza de Tote. Tote teve de ser chamado à existência.

Sim, e por isso o processo do teu instrumento não está na própria natureza do teu instrumento.

Não na natureza do meu instrumento.

Não, mas haverá…

Não o era em nenhum sentido quando Tote dava a palavra ou falava, ou dava a palavra como serviço. É inteiramente algo chamado à existência pelas exigências daqueles que queriam conhecer a palavra — mas a palavra no seu significado de «fletir» e, ainda assim, preservando o seu significado tal como era desde o princípio. Penso que é para isto que o homem está realmente aqui — que este é um processo pelo qual a palavra é levada avante. Percebes? E o mundo continua a ser criado. Não, vês, ele está a criar o seu próprio mundo. O que ele está a criar, contudo, não é o seu mundo. Ele está a traduzir do que chamaremos o estável para o instável e a traduzir de novo e de novo.

COMENTÁRIO

SOBRE A CONVERSA Nº 6

COM TOTE

Esta sessão ocupa-se de alguns dos problemas reais encontrados no desenvolvimento de fortes capacidades de espírito e, talvez mais do que qualquer outra das sessões, arrasta-nos para uma discussão direta dos padrões, necessidades e tendências do desenvolvimento pessoal da Sra. Garrett.

É interessante notar a resposta que Tote dá aqui à minha pergunta sobre os meios pelos quais uma pessoa pode aproximar-se mais do espírito. A resposta de Tote é enfatizar os perigos que se correm quando uma pessoa faz essa tentativa; mas devemos perguntar se esta atitude de cautela é inerente à personalidade de Tote ou se era um aspeto de certos pensamentos e emoções que estavam a atravessar os níveis inconscientes da psique da Sra. Garrett no momento em que realizámos a nossa sessão.

Inclino-me para a segunda opinião neste caso particular, principalmente pelo motivo de que, à data desta sessão, a Sra. Garrett estava muito envolvida em experiências com a droga LSD. Tivera algumas experiências interessantes com ela — suficientemente interessantes para despertar a sua curiosidade e levá-la a querer prosseguir com as experiências com a droga. Mas também começara a sentir em si própria, e a observar noutros que também se entregavam a essas experiências, alguns dos efeitos negativos que parecem acompanhar a toma de LSD, sobretudo depois de decorrido algum tempo.

Assim, começavam a formar-se sob a camada superficial da consciência, na psique da Sra. Garrett, certas preocupações e dúvidas sérias quanto a alguns dos métodos que as pessoas modernas seguem ao procurar um contacto com o espírito. Estando essas dúvidas abaixo da superfície da consciência, encontravam-se na profundidade onde Tote as tocaria, e verificamos que ele as verbaliza de forma crescente à medida que a sessão avança.

Vemos aqui Tote muito preocupado em sublinhar que o espírito não se alcança sem trabalho e disciplina severa, até dolorosa. A

experiência da Sra. Garrett entre pessoas dos movimentos ocultistas e espiritualistas e o contacto com muitos modistas tornaram-na, naturalmente, bem familiarizada com pessoas que procuram um caminho rápido e fácil para atingir o espírito. Mas a sua experiência recente com o LSD foi o encontro mais concentrado com a abordagem de «artifício» à experiência espiritual. Ela ainda estava a debater-se com isso à época da sessão.

A minha impressão é que, embora a Sra. G. fosse exteriormente a favor disso em termos da sua atitude intelectual, a sua atitude inconsciente era muito mais cética, e foi essa atitude inconsciente que Tote expressou.

A conceção de que cada pessoa chega ao espírito segundo o ritmo interno do seu ser está de acordo com conceitos básicos que Tote tem expressado, especialmente no que respeita à singularidade de cada indivíduo. Há a questão da maturação, do acúmulo de experiências de vida significativas e, sobretudo, do amadurecimento do tempo no indivíduo, e o perigo de que a pessoa que procura chegar demasiado depressa à sua experiência do espírito perca alguns passos essenciais de preparação e, assim, compreenda mal e seja arrastada para erros que encurtarão as possibilidades do seu desenvolvimento mais pleno. Estas considerações vieram novamente ao de cima mais tarde na sessão, quando discutíamos o LSD de forma mais explícita.

Pareceu que este era o momento certo para levar Tote a uma discussão sobre a Sra. Garrett. As dúvidas, bem como a perturbação psicológica que ela vinha a sentir em relação ao trabalho com o LSD, tornavam-no um momento oportuno, embora eu sentisse, durante esta sessão, que a voz de Tote não falava de um ponto tão profundo da psique como parecera ser o caso noutras sessões. Pareceu que desta vez Tote falava menos como a personificação de um princípio eterno e mais como uma voz do nível inconsciente da psique de uma pessoa inquieta por uma preocupação bastante profunda. Isto contrastava acentuadamente com a sensação que Tote transmitia noutras ocasiões, e tive a impressão de que a diferença se relacionava com as várias ocasiões em que a Sra. Garrett tomara a droga LSD.

Um dos efeitos de tomar LSD, na medida em que observei os seus efeitos psicológicos posteriores em numerosas pessoas que trabalharam comigo, é que tem primeiro um efeito exaltante sobre a psique, mas que, passados algum tempo, o seu efeito é perturbador e desorganizante. Isto seria particularmente verdadeiro no caso de uma pessoa como a Sra. Garrett, em quem a condição normal da psique é ativa e até volátil. Um estímulo adicional, como o que o LSD proporciona, pode ter um efeito confusional; e creio que isso estava a ser sentido de forma ligeira à data da nossa sessão.

O estilo em que Tote descreve o desenvolvimento da Sra. Garrett é interessante, na medida em que chama a atenção para uma mudança na natureza do seu desenvolvimento. Ela, naturalmente, passara grande parte do seu tempo e dos seus recursos, ao longo dos anos, a trabalhar com e a ser investigada por investigadores no campo da investigação psíquica. Embora desempenhasse um papel muito ativo na preparação das situações para essas investigações, o papel da Sra. Garrett na investigação em si era sobretudo passivo.

Ela era o objeto da investigação. Durante muitos anos, essa posição passiva fora obviamente interessante e satisfatória para ela; mas agora algo estava a mudar. Havia uma nova atitude evidente, e é possível que esta nova abordagem da sua vida estivesse ligada a algumas das nossas sessões anteriores e, especialmente, a algumas discussões conscientes que tínhamos tido ao avaliar a tendência e a direção da sua vida.

Agora encontramos Tote a refletir alguns pontos principais dessas discussões, a saber, que o significado por detrás do aparecimento das figuras de controlo é um desenvolvimento contínuo rumo à totalidade na personalidade da Sra. Garrett. Assim, salientei que as primeiras figuras a aparecer, Ouvani e Abdul Latif, estavam sobretudo preocupadas com material pessoal. Com Tote, e com Rama que se segue (já tínhamos tido uma sessão com Rama à altura desta sessão com Tote), os temas em discussão eram de âmbito cada vez maior e indicavam um alargamento do interesse e da experiência da personalidade como um todo.

O mais importante nas nossas discussões conscientes foi o facto de termos reconhecido que, à medida que Tote e Rama falavam, profundidades de sentimento e de intuição que tinham estado adormecidas dentro dela conseguiam vir à expressão. O efeito disso foi reforçar os potenciais da sua personalidade e aproximá-los do cumprimento. O parágrafo 27 indica que a ordem em que as figuras de controlo apareceram e o estilo distintivo de fala e de assunto de cada uma delas refletem um padrão global de aprofundamento do desenvolvimento na personalidade como um todo.

Se tentarmos enunciar a diferença nos pontos de ênfase internos na psique da Sra. Garrett, a mudança encontrar-se-ia no âmbito da sua atitude perante a vida. A característica da visão mais antiga expressava-se no estilo do seu interesse pela investigação psíquica, em que ela, semi-deliberadamente, se transformava num objeto passivo de curiosidade científica. Agora, porém, havia um sentimento muito mais afirmativo do seu próprio potencial ativo e da sua capacidade de ter uma experiência direta e uma realização de sentido na sua vida que pudesse ser articulada.

Isto parece ser uma necessidade da maior importância na personalidade da Sra. Garrett: quando ela se sente impelida a exteriorizar pensamentos ou intuições de impulsos psíquicos que lhe surgem, é-lhe intolerável ter de os reprimir. Eis uma razão, creio, por que a sua formação em mediunidade durante os primeiros anos lhe foi tão congenial. Era um meio pelo qual podia ter um canal de expressão para uma voz interior com a qual, de outro modo, não sabia o que fazer. Com os anos, verificou que era capaz de os fazer emergir cada vez mais; mas muito ainda permanecia reprimido. Nas nossas conversas, aparentemente, muito mais foi evocado e trazido à superfície, com um efeito considerável de libertação.

A nossa discussão virou-se aqui para a questão da validade do uso da droga LSD para induzir alucinações e outras experiências de imagética intensa que possam levar uma pessoa a sentir que estabeleceu um ponto de contacto religioso. É curioso que, embora seja Tote quem fala aqui, o LSD seja referido como haxixe, um termo

persa que se esperaria mais de Abdul Latif. Pareceu inevitável que o LSD viesse à tona nesta discussão, porque a Sra. Garrett estava muito preocupada com as ramificações das suas várias experiências de toma da droga.

A questão principal envolvida nas experiências de imagética intensa dos ensaios com LSD é saber se a droga cria as imagens ou se é a psique do indivíduo que as cria. Tote aparentemente favoreceu a segunda possibilidade, e isso levou à inferência de que mais importante do que qualquer droga produtora de visões era a preparação e o desenvolvimento interior da pessoa que usa a droga. O importante (Parágrafo 25) é aquilo que torna a imagem pronta a ser libertada e isto certamente implica que, se existisse um método adequado de trabalhar com imagens, a toma da droga poderia ser um passo desnecessário.

À medida que continua, a discussão do LSD conduz à consideração da integridade do processo de crescimento que se desdobra na singularidade de cada indivíduo. As observações feitas por Tote aqui devem ser tomadas, mais do que em qualquer outra parte dos nossos diálogos, como expressões dos pensamentos conscientes da Sra. Garrett. Não podemos afirmar com certeza que foi o uso da droga LSD que enfraqueceu o poder da figura de Tote, mas é facto que Tote estava aqui mais fraco do que em qualquer das outras sessões. Pode também ter acontecido que a situação geral na psique estivesse mais fraca, não apenas devido ao efeito perturbador e desestabilizador da droga, mas por causa de dúvidas sérias que haviam surgido quanto à validade de a usar de todo.

O ponto interessante que Tote sublinha é que, quando uma imagem procura vir à luz, ela tem o seu próprio momento de maturação e a sua própria integridade. Isto não pode ser alterado pela toma de uma droga, pois, se pudesse, que fé se poderia depositar no processo interior? Como diz Tote, a imagem «não pode mudar de cada vez que tomas alguma coisa». (Parágrafo 27.)

Há algo no núcleo da personalidade que procura expressão, e parece que isto se vinha movendo ativamente rumo à expressão na psique da Sra. Garrett ao longo de todas as nossas conversas, especialmente as com Tote. Agora tinha chegado a um ponto em que a visão de totalidade da personalidade se tornara suficientemente forte para começar uma mudança significativa no tom e no alcance da personalidade como um todo. À época desta sexta sessão com Tote, porém, a experimentação com drogas parecia ter introduzido fatores adicionais e estranhos que comprometiam a integridade do desenvolvimento que ocorria na sua psique.

Infelizmente, a gravação desta sessão não reproduziu a sessão na íntegra.

PARTE IV

CONVERSAS

COM RAMA

O Dador de Vida

CONVERSA Nº 1

COM RAMA

(Respiração profunda, gemidos, ais, suspiros, à medida que a Sra. Garrett entra em transe. Os gemidos vão diminuindo gradualmente e ouve-se uma voz.)

Sou eu, Ou-van-ni. Saúdo-te, amigo.

Saudações, Ouvani.

A paz esteja contigo e na tua vida e no teu trabalho, e nesta tua casa. E poderei ser-te útil?

Ouvani, da última vez tiveste a gentileza de pedir a Tote que viesse falar comigo; e eu pedir-te-ia agora que chamasses aquele a quem chamaste o dador da vida para que venha falar comigo.

Sahib?

Mas não são ambos o dador da vida?

Bem, eram dois de quem me falaste; um era Tote, que é o dador da palavra.

Oh, Tote, ou Hermes, como te lembras de que também era conhecido; e deves procurá-lo sob estas definições. Noutros tempos, quando olhas para a palpitação. E o outro, sim?

Falaste-me de Rama.

De Rá.

Rá.

Ram, — ah… Rama, que é Rá.

Sim, que é o dador da vida. E, se ele pudesse vir falar comigo, pois tenho apenas certas perguntas que foram sugeridas quando Tote falou comigo, e poderá ser que ele as consiga responder melhor.

Compreendo bem porque, se falas com aquele que enche o homem com a palavra, queres encontrar-te com aquele que é e que representa a palavra.

Sim.

Ele falará apenas com alguma… hesitação, por isso espera um momento até ficar em controlo. Serás paciente.

Serei paciente.

Agradeço-te a tua tolerância para connosco e despeço-me. (Respiração profunda e prolongada, grunhidos, suspiros, ais e gemidos. Gradualmente, estes diminuem e ouve-se uma voz mais grave e mais lenta, falando com alguma dificuldade e peso.)

Sou conhecido por muitos nomes. Muitas culturas lançaram os seus mantos para obliterar, ou talvez até para não permitirem que a luz penetre senão tenuemente. Posso apresentar-me como Ré ou Rá ou Ram.

As minhas saudações, Ram, e o meu agradecimento por teres vindo falar comigo.

Falo com alguma dificuldade, mas essa dificuldade desaparecerá em breve.

Podes dizer-me de que vem essa dificuldade?

Oh… Sim, posso dizer-te: é um cansaço no organismo, provavelmente do instrumento que não uso em muitas ocasiões. Velo a minha identidade de muitas maneiras. Não creio ser necessário atirar moedas de ouro diante de crianças que não compreendem o significado da liga mais fina. Nem sempre sou comunicativo, mas, dentro de momentos, a resistência cessará e conversaremos.» (pausa) «Falarás comigo. Eu apenas responderei por ti.

Falei com Tote, que me descreveu o significado da palavra tal como chega aos seres humanos, e a realidade da palavra e a importância do sopro e da experiência. E falou-me da realidade dos símbolos do homem. Ora, tu és o dador da vida e pergunto se me podes falar.

Eu sou o dador da vida. Sou a representação, na mente do homem, do dador da vida.

Sim.

Talvez Tote não te tenha mencionado porque é que os deuses despertam.

Sim.

Tu percebes, estou certo, que o nosso povo — aquilo a que chamarás o povo que brotou dos nossos lombos, pois fomos como homens, e isto tu também sabes.

Sim.

Em grande perigo. E preocupa-nos que a gravidade central nessa parte da vida de onde brotam os pensamentos — talvez os primeiros pensamentos do homem — volte a enfraquecer-se e, com o seu despertar, atraia de novo algo do que poderemos chamar o passado natal do homem, ou a inocência natal. Não estás alheio ao incêndio na alma dos povos entre os quais fizemos o nosso caminho, entre aqueles que talvez mais significativamente nos veneraram. Não é assim?

Esse incêndio na alma… Requer grande luta na alma antes de poderes aparecer? Podes aparecer sem a luta neles? Não?

Tens um jardim que queres tornar belo. Fazes a preparação no jardim para que, quando a primavera da sua vida surgir, muita beleza venha no seu alto meio-dia; a não ser que pegues na pequena muda e a plantes fundo nos confins da escuridão, para aí tremer e encontrar o seu caminho, o seu caminho solitário para a vida, não haverá meio-dia no teu jardim.

Assim é com o nascimento da ideia, o nascimento do homem, o nascimento da vida, o nascimento da própria Terra. É beijado com o fervor do sol ardente, não é? As correntes que produzem o compasso do viver são compelidas e controladas para que também elas, nas suas estações, derramem a sua luz e compreensão. O próprio planeta é levado neste abraço poderoso, sufocado por esse abraço. Toda a vida fica então embebida no coração do planeta, profundamente fora de vista, onde nada é revelado. Mas o aperto afrouxa. Ele está cansado. Envia os aspetos mais gentis e a luz atreve-se a abrir os seus toldos, e em breve tens os filhos desta tempestade. Não é verdade? Não é essa a

história do crescimento, quer seja no teu planeta, quer seja no ventre da mulher, quer seja nas entranhas da terra que o sol prende a si. Nada nasce sem a luta feroz para nascer.

Nada nasce sem uma luta feroz. Acreditas nisso?

Sim, sei que é assim. E, no entanto, a vida que deseja vir à luz está de algum modo já presente, mas tem de se abrir caminho através…

Para encontrar a sua própria singularidade. Porque a vida em si está lá, esteve lá, sempre estará lá. Mesmo a pequena muda que não consegue encontrar o seu caminho até ao topo e, digamos, volta ao pó do solo. Mesmo essa, vês, ao regressar, contém a sua singularidade. Isso nunca se perde. Pegas no corpo do homem de que o sopro se fugiu.

Sim.

Talvez o tenhas reduzido a cinzas. Podes dissipá-las como quiseres. Então pega nas cinzas, e sabes que nas cinzas ainda está a singularidade da vida.

Sim, a vida?

A vida. O princípio vital está aí contido. Voltará à terra. Esse princípio vital é vegetal, não é?

Esse princípio vital é vegetal?

Esse princípio vital é da própria terra e voltará a iniciar o seu ciclo. No processo da evolução, nada se perde. O sopro — isso é diferente. Ele vai para o grande reservatório da compreensão, levando consigo a sua própria singularidade. É a singularidade que é preservada. Depois, destrói, faz o que quiseres com o vaso vazio. Ainda assim haverá o resíduo.

Sim.

Esse resíduo participou da singularidade da substância da alma. Portanto, é eterno na sua singularidade. Voltará à terra; e essa

substância da alma criará, não importa o que faças à terra, uma fertilidade própria. Está para sempre relacionada com a singularidade do sopro que agora passou para o grande poço da singularidade. Foste tu, e fui eu. Isso é preservado.

Essa singularidade do eu…

Essa nunca se perde.

Mas agora, isto tem a ver, digamos, com a singularidade do teu instrumento? Ou contigo próprio?

Antes do nascimento do corpo, essa singularidade já existia?

Sim.

Sim. Como devo compreender isto?

Bem, a alma aqui está nesta atmosfera.

Como vives? Como te manténs vivo?

Sim.

Por meio de quê?

Pelo sopro?

O que é o sopro?

O sopro é da vida?

De onde vem?

Do ar?

A atmosfera que respiras é, portanto, a tua vida. Não é tua. Nada é teu.

Sim.

Muito bem. Duas pessoas totalmente inadequadas uma à outra — pois o sopro não se importa. Não tem sentido moral. Duas pessoas totalmente inadequadas uma à outra encontram-se e produzem hostilidade entre si. Concordarás comigo que aquilo a que chamas amor é hostilidade?

Sim. Ou seja, amor é hostilidade quer dizer que o amor é o outro lado da hostilidade.

Isso mesmo. Assim, por este próprio choque de dois no que se chama amor — o atrito, a hostilidade — porque é uma hostilidade entre um indivíduo passivo e recetivo e um indivíduo agressivo — chama-se o sopro. Ocorre uma libertação de energia e, imediatamente, uma alma diz: essa será a minha habitação.

Sim.

E cada sopro daí em diante pertence ou a um ou a outro. Tomaram os estados. Foram como deuses. Nesse breve momento foi-lhes permitido governar um corpo. Recordas-te de como se diz que ele produziu a partir das mãos e do pó. Produziram vida, e agora ela é cuidada durante o período de gestação enquanto passa pelo processo da sua evolução, como viras as folhas de um livro.

Verdade, conforme recordo isto, e isto, e isto, e isto; e agora começa a minha penalidade. Coloquei-me num tecido; retirei-me da liberdade, do que chamarias esprit, da totalidade. Perdi-me; agora aqui estou, revestido de um novo tecido e, de novo, para o sofrimento que é a vida, comprometo-me com mais experiência. Mas tem de ser feito na singularidade, porque é a singularidade de cada um que, finalmente, faz surgir a semelhança. Essa semelhança que mantém a ordem de tudo só pode ser alcançada através da morte e do crescimento dessa singularidade até que se chegue à semelhança da compreensão que torna cada um tão diferente, e, ainda assim, com a totalidade da semelhança. Isso faz…?

A vida da alma…?

É o princípio vital do teu planeta. Sim.

Percebes como estamos longe de alcançar essa singularidade que produz a qualidade da compreensão perfeita, em que cada um é completamente diferente em tonalidade, em cor e em magnificência; contudo, no grande mosaico, é de modo peculiar e belo trazido para o mosaico da experiência.

Sim. Nessa visão da alma que descreves, a alma existe antes do tempo? É isso que queres dizer? É que o corpo surge, o sopro está lá, e a alma, estando lá anteriormente e à espera, diz: Esta será a habitação que tomarei.

Sim. Esta é a minha habitação.

É a alma que tem a escolha?

Sim, a alma escolhe.

A alma escolhe. Agora, como é que a escolha que a alma faz é afetada pelo que a alma experimentou na sua habitação anterior?

Oh. Agora. O que ele foi em habitações anteriores pode ter-lhe produzido várias qualidades. Considera, por exemplo, alguns dos meus próprios sacerdócios. E tinham muitas qualidades: modos dissolutos, egoísmo, crueldade, desordem, antigas luxúrias da carne — todos os males que acompanham o sacerdócio e a realeza — e são muitos, demasiados para enumerar. Um homem assim, ao libertar-se do corpo, não se depara com um examinador assim que está livre e em casa. Afasta a mão de si próprio e diz: Eis, grande sacerdote, agiste excelentemente. Tal homem encontra-se de repente despojado, de repente nas trevas. O único cumprimento. O que fez ele? O que deve fazer? Qual é a sua recompensa por toda essa magnificência, quando pensava ser a representação do olho vivo, o grande na vida, o deus manifesto? O que acontecerá? Viverá num esplêndido isolamento, solene, despojado de todos os títulos, sem ninguém para o servir. Da dor disso exige — e exige com arrogância; mas não lhe será concedido. Porém, se exige compreender, então começa um julgamento. E quem está presente no julgamento?

Tu estás presente?

Exato. Estou presente no julgamento. É como se estivesses envolto em muitas peles. São difíceis de remover. Olhas para elas. És treinado para olhar para elas. Tens de o fazer, até descobrires o que és. Isso levará muito, muito tempo, durante o qual deve decorrer um autoexame. E, quando alguém chega ao fim desse autoexame — e não

preciso de te dizer quanto tempo isso pode levar — esse grão de infinita candura, perfeito em si mesmo, então suplica expiração para regressar ao bem. Ah, ah, ah, agora chegamos à parte difícil. Mas quando ele pode regressar e escolher o seu lugar, pode então ser-lhe dado algum sentido de alteridade que será produzido apesar de si mesmo, um sentido de alteridade que novamente causará rebelião e dificuldade. Vês, assim, quão jovem é ainda a regeneração.

Essa busca…?

Agora percebes porque é que os teus sacerdotes te falam dos teus lugares tradicionais de sofrimento e dos teus lugares tradicionais de repouso.

Sim, agora esse lugar de sofrimento de que falas é como o Sheol ou como o Purgatório, na nossa maneira tradicional. É isso que queres dizer?

Sim.

Sim, queres dizer que há esse sofrimento depois de a alma deixar o seu instrumento, depois de deixar o corpo?

Exatamente. Tem de chegar ao seu tempo, à sua compreensão do seu verdadeiro eu.

Agora, ela atinge isso?

Bem, deixo-te pensar na duração de tempo que isso pode levar. Agora chegamos ao ponto de nós. Se tu, como nós, produziste tal desordem, e causaste tanto desespero, e produziste tanto nas vidas de tantos — e deixo-te pensar na desordem e no desespero, porque conheces a tua história, não é? — então poderás imaginar porque é importante e necessário regressar, mesmo através de muitos nascimentos, mas mesmo depois e durante o tempo em que não te preparas para o nascimento, isto é, para o encarceramento em estado corporal, és, no entanto, parte daquilo que foste, lembra-te disso. És parte daquilo que foste porque a tua singularidade ainda não cresceu até ao ponto em que o completo esquecimento te aconteceu. E despertas para aquilo que foste pelas dificuldades que tu próprio, no

decurso do tempo, produziste, e essas dificuldades estão então a corroer o coração dos homens que conheceste. És chamado, quer queiras quer não. Vês como funciona? És sempre responsável, sem fim.

Somos sempre responsáveis?

É isso mesmo (mal audível, como um suspiro). Por tudo?

É isso mesmo (dito como um suspiro, seguido de uma longa pausa). Por conseguinte, isto dá-te alguma impressão de por que razão, na altura em que há total confusão — e há — nós, que temos sido bastante responsáveis por grande parte dessa confusão, somos capazes, e somos constrangidos, a fitá-la e, de modos diversos, pensar, em muitos aspetos e de muitas maneiras, para produzir a mitigação que pudermos. Agora vês que o papel de Rá ou Ré é inteiramente diferente do papel do teu amigo Tote. É função dele dar a palavra.

Isto é Tote?

A palavra que produzirá a erupção. Cabe, porém, a Ré, ou Rá, ou Ram, observar isto e, onde quer que seja, através de algum aspeto do homem, procurar trabalhar com ele para aliviar. Ora, creio que já viste este tipo de parceria dual na tua própria vida. Tu viste, e eu vi, um cirurgião erudito tomar o corpo do inválido e pegar no seu bisturi e fazer a incisão para remover o mal. Isto é Tote. Para quem olha, só parece que o cirurgião está consciente do bisturi. Agora, Rá sabe que o paciente ainda não é inteiro. O que tinha de ser feito está feito. Agora tem de começar a inteireza. Esta é a tua função, não é? Mas és perfeitamente amigável, se vais ser útil àquele que realizou a operação.

Sim.

Nunca estais, portanto, em desentendimento um com o outro. Mas as vossas funções têm sempre, por necessidade, de manter-se juntas. Deixo isto claro para ti?

Sim. Penso que sim.

Pergunta-me. Pergunta-me. A minha metáfora é incompleta. Mas pergunta-me. E dá-me a tua própria metáfora para que eu veja que compreendes.

A forma como a vida chega à inteireza. Talvez possas explicar isto.

Através da experiência.

Através da experiência?

De nenhum outro modo.

Sim. Agora, quando Ré aparece, aparece sob muitas formas e com muitos nomes. É assim?

Oh, sim.

Agora, podes dizer-me algumas dessas formas? Ou podes dizer-me: Ré tem desejos? Há um propósito que Ré teria e que cumpriria no mundo?

Sem o desejo mais profundo, onde estaria o mundo?

Ah, sim.

Vês, o pai, o desejo verdadeiro, não terá de ser ele? Tote é isento de desejo.

Sim. Tote é isento de desejo?

Sim, isento de desejo. Num aspeto. O verdadeiro desejo no aspeto da sua vida não é ser vida, mas ajudar a experiência. É o que Tote faz.

Portanto, Tote manifesta-se através dos desejos das pessoas. É isso?

Oh, sim. O próprio desejo da vida.

Sim, na sua essência.

A essência da vida.

É por isso que os homens olharam para o Legislador, para o Dador da Vida. Falam do Pai. Falam do Filho. E falam da luz, ou do

Geist, como quiseres, que é o algo. Seja como for que falem disso, é tudo o mesmo. Mas repara que, sem este desejo, a planta morre. Há muitos aspetos de Rá ou Ré. Cada grupo — chamar-lhes-ás planetas, não chamarás? — tem de ter a imagem de pai.

Porque é isso?

Usas um nome que vem do Egito.

Uso-o porque tenho muito a ver com o povo egípcio através deste instrumento.

Oh. Podes falar-me disto? A tua ligação com o Egito é mais importante do que a tua ligação com outros povos ou com outras culturas e outras religiões?

A minha ligação, ao vir através numa época em que apareci, foi a de que vim, a certa altura, como Menes, que era sacerdote.

Como Menes, sacerdote?

Como sacerdote. A minha ligação também tem sido bastante com o Egito. Trabalhei com muitos egípcios. Trabalhei também, durante algum tempo, com esses estudantes do oculto que procuram compreender algo do Livro dos Mortos egípcio. Por isso adotei o nome que para eles era importante. Mas o que eu sou é o desejo, o desejo verdadeiro, de trazer a experiência. Trazê-la. Trazer a experiência, projetá-la. Depois de a projetar, então já não lhe toco. Percebes?

Projeta a experiência. Depois não lhe tocas? Isso quer dizer que a deixas em paz no tempo. Certo? Até quando? Até poder ser vivida?

Até que tome forma, figura, melodia, sentido. Até que se torne articulada. Até que se torne noite ou dia. Até que se torne uma parte. Não é minha vontade nem meu desejo, nem faz parte da expressão, fazer mais do que produzi-la na forma da sua aparição.

Sim. Projetas a experiência, e isto é a criação da vida. É isto?

Sim, é isso.

Sim.

O pensamento eu dar-te-ei. O que fizeres com ele, isso não posso eu responsabilizar-me, pois fui, nos meus dias terrenos, a personificação da luz. Ora, fazer mais do que dá-la era vê-la. Verdade?

Sim.

Pois, podes então pensar, para ti, no peso do pecado mortal — porque eu fui mortal. Quem, portanto, diria: Eu sou a Luz, eu sou Aquele que te dá, que te alimenta. Eu sou Aquele que te dá o desejo. Eu sou o desejo. Consegues imaginar que hedionda construção isto produzirá?

Tu próprio?

Sim. Falo-te agora como esse elemento de sacerdócio. Falo-te agora como um homem que tomou sobre si estas áreas de pensamento e pensou que era aquilo que não era. Todos nós tivemos de fazer isto, porque, para trazer à vida qualquer coisa, temos de ter um vaso. Agora, tens palavras. De onde obténs as tuas palavras? Elas vêm de um vaso, de um recipiente. Viemos nesta forma unicamente para tornar o caminho dramático.

Ah, sim.

Somos dramatizações das vossas palavras.

Ah, sim.

Agora, isso ajuda-te?

Sim, isto ajuda-me bastante.

Isto é o que somos.

Vós sois dramatizações das nossas palavras.

Sim, dramatizações. Contudo, não te esqueças de que há um significado preciso neste tempo por detrás da dramatização que fazemos e que eu realmente faço. Há a presença efetiva de alguém que, por causa do que ele próprio projetou, sem lei e ilicitamente,

contra o seu próprio saber, sobre um mundo que hoje ainda sofre essa projeção. Pois há homens que, hoje, pensam que eles, como Rá, são deuses. Eles têm de sofrer o seu pecado a partir de onde ele está. Portanto, ele tem de tomar pensamentos e, em casos especiais, disparar setas que são palavras na direção de muito poucos. E há os poucos que lhes podem dar sentido neste tempo preciso das lutas do homem. Não penses, nem por um momento, que aquilo que eu fui se perdeu.

Sim. Explicarás isto?

Sim, tens de compreender isto. Estou fora do que chamarás o teu tempo. Deixa-me dar-te outra analogia. Como poderei fazê-lo? (Pausa.) Sim. O rapazinho caminha com o seu progenitor quando vê uma grande máquina voadora no solo. Pergunta ao progenitor o que é. O progenitor dir-lhe-á que voa no ar, mas o rapazinho não tem entendimento. Depois o rapazinho afasta-se com o pai e vê um belo objeto no seu céu, e o pai dir-lhe-á que é o mesmo. O rapaz não compreende. Como poderia? Só com muita repetição começa a entender que isto e aquilo são um. Mas nunca lhe ocorre, ao ver isto e aquilo, que são invólucros e que dentro deles há uma pessoinha, ou duas pessoas, que são o espírito guia daquilo. Se um homem viesse de um dos planetas e lhe pedissem para olhar para dentro e ver o que estais a fazer, ele viria e olharia. E o que iria então dizer ao seu povo quando regressasse? Ele não veria. Ele não veria o homem de todo, pois não?

Não.

Veria um movimento estranhamente grotesco de muitas máquinas. Eu pedir-lhe-ia que desenhasse, um dia, o que poderia ver. Poderia, de repente, desenhar, um dia, um veículo grotesco e poderia pensar que estava relacionado com muitas estátuas, fios e coisas assim. Perguntaria: “O que é aquilo, Mestre?” Pensaria que há um pequeno indivíduo insignificante lá dentro a conduzir aquilo tudo. Portanto, por detrás de todo o pensamento no teu universo está o acúmulo de tudo o que já passou. Está tudo lá. Agora, já olhaste para

as galáxias, as multidões infinitas? Julgas que estão lá só para parecer bem? Não consegues dizer como são. Mas, para cada uma delas, há a singularidade daqueles que tiveram a sua forma corporal e que ainda têm forma enquanto mente. E esta mente opera de um para o outro em virtude da Mente. Agora, o que é que está na energia da família que mantém unida a família do filho? A singularidade do pensamento.

A singularidade do pensamento do múltiplo.

A singularidade do pensamento?

Sim.

Cada um diferente, mas essa singularidade tendo chegado àquele nível de experiência que lhe permite trabalhar em conjunto. Embora cada um seja inteiramente diferente no aspeto, cada um é uma engrenagem na roda da intenção pura. E cada um está dentro da ordem. Ora, é para essa ordem final que todos caminham. Agora, eu deixei na face do homem uma casca, uma memória. Ela está lá. Chamas a isto um tipo, não é?

Sim, uma impressão.

Uma impressão. Muito bem. Há uma impressão na qual posso encaixar o meu pensamento, se assim desejar ajustá-lo. Posso até usá-la para aparecer dentro dela. Mas eu não estou nela. Posso usá-la. Posso usá-la, se necessário, para ser dramático. Porque, o que é isso senão a taça que em tempos foi tão ordenada que conteve a essência, por assim dizer, da divindade. Ela está lá. Isto está, portanto, relacionado com toda a vossa linguagem. Tinhas pensado nisso?

Sim, creio que percebo como isso seria.

Agora, quando necessário, em vez de imprimir um pensamento — quando necessário, repara — podemos tomar essa forma e usar essa forma. Porque essa forma está lá, a sua singularidade preservada para sempre. Tem de ser assim: a singularidade de cada criatura é preservada. Viste hoje homens na tua rua que parecem legionários romanos. Não vês que a imagem de raça, a imagem de tipo, é preservada na atmosfera do teu planeta? Conserva-se o registo e a

imagem de cada personalidade. Não só o seu pensamento é preservado, mas preserva-se com ele também uma imagem arquétipa dessa personalidade. Ora, quando essa personalidade deseja confortar, consolar, mudar, produzir e até dramatizar para fins de introspeção, ela é capaz de—

(Fim da gravação.)

(Nota: A partir deste ponto, as declarações são parafraseadas a partir de notas, já que a fita tinha acabado.)

—fazer uso desse registo. Pode recorrer a ele para dramatizar a sua singularidade. Esta é a atividade da vontade. A vontade tem muitas formas diferentes de expressão. Algumas são boas e outras nem tanto. É por isso que a vontade não pode ser deixada entregue a si própria. Tem de ser controlada. Tem de ser censurada. Na verdade, a alma exige a censura da vontade, e esse é um dos nossos principais propósitos.

Queres dizer que tu e também Tote estais especialmente interessados no controlo da vontade?

Sim, todos do nosso grupo estamos muito preocupados com isso. É absolutamente necessário que nos preocupemos com isso. Estamos aqui para guardar contra o influxo de conhecimento — todas as formas de conhecimento — numa mente demasiado aberta. Esta é a nossa tarefa especial, porque quando a mente é muito aberta fica sujeita a imagens que agitam a vontade e a conduzem a ações impulsivas; e estas podem ser destrutivas. Direi mais: se tudo quanto se agita na pessoa cuja mente é demasiado aberta não for regulado, se a vontade não for censurada e controlada, isso levaria à loucura. E esta é a nossa função. Somos os censores da vontade.

Pareces falar desta função em termos gerais. Mas talvez possas relacionar o teu papel, a este respeito, especificamente com a vida do teu instrumento atual? Querias fazê-lo agora?

Sim, se assim o desejas, Sahib. Em todos os casos é necessário dar segundo a medida da necessidade individual. Não é diferente no

caso do nosso instrumento do que no de qualquer outra personalidade. Se ela tivesse vivido no nosso tempo da maneira como viveu neste tempo — com descuido e liberdade, e muitas vezes uma abertura não censurada — teria decerto sido destruída. Tivemos de a proteger. Estivemos presentes, portanto, para censurar a sua vontade, para manter a sua abertura de mente dentro de certos necessários constrangimentos.

Queres dizer que atuastes para canalizar as suas energias, de modo que as projeções da sua vida se exprimissem dentro de limites vivíveis? Para que pudesse viver a sua vida e fazer o vosso trabalho? Para que pudesse sobreviver e ser adequada como vosso instrumento?

Exatamente. Como já te expliquei, cada personalidade é uma casca. Essas cascas não são a essência da vida, mas são necessárias. Por isso não retiramos essas cascas. Antes as preservamos, porque tornam possível que a personalidade viva na realidade do seu mundo neste planeta.

É tua função especial preservar essa casca?

Não, nem minha nem de Tote. Essa é a função de Ouvani, bendito seja o seu nome. De todos nós, é ele quem está mais próximo da realidade do mundo em que o instrumento vive. Ele é o regulador. Ele é o guarda da porta. Todos os restantes somos dramatizações que até ela chegam. Vimos com grande propósito e com grande significado, especialmente em certos momentos, mas Ouvani tem a tarefa especial de regular as nossas entradas e saídas. Ele guarda o caminho. É por isso que Ouvani me abriu a porta quando entrei para vir falar contigo hoje, Sahib; e fechará a porta depois de eu partir, quando a nossa conversa terminar. Vês, falamos como dramatizações que revelam grandes verdades, mas Ouvani tem a tarefa de proteger o nosso instrumento até de nós. Cabe-lhe assegurar que ela não ficará presa no esplendor demasiado grande do significado. Compreendes isto?

Sim, creio que sim. Mas ficarei grato se me falares mais sobre isso.

Vês, temos os nossos próprios desejos e as nossas próprias necessidades. Temos certas tarefas a cumprir. Temos de produzir um certo assombro pela intensidade da vida. Isso é necessário. E temos também de produzir a determinação de com ela trabalhar, de lhe permanecer fiel e não simplesmente deixá-la à solta. Temos de produzir um sentido de contacto com a retidão do pensar.

Ora, com estes propósitos, foi-nos muito útil trabalhar através de uma mulher. Na verdade, direi que para nós termos uma mulher como instrumento tornou possível fazermos o nosso trabalho, porque uma mulher é capaz de ser muito mais passiva e recetiva.

Mas temos as nossas próprias personalidades. Temos a nossa própria singularidade, cada um de nós. Cada um tem a sua própria realidade, que é unicamente sua. Porém, a forma sob a qual aparecemos a ti e te falamos não é como somos em nós mesmos. Vimos como projeções, e isto significa que vestimos roupas. Tomamos uma forma, uma aparência, para nos dramatizarmos. E fazemos isto não por causa do nosso instrumento, mas por nossa causa. Pois nós, como todos os seres que estão presos à teia do tempo, estamos presos à desordem das coisas. Estamos todos igualmente presos à desordem da vida. E precisamos também de produzir a nossa própria redenção. Precisamos de alcançar a nossa própria redenção, tanto por nossa causa como por causa de todos os outros seres com quem estabelecemos contacto no decurso do tempo. A desordem é essencial, porque é essencial à vida; é essencial à vontade e, sem vontade, não há vida. A redenção da desordem é a nossa tarefa e a razão por que aparecemos.

Mas agora talvez tenhamos falado o suficiente por esta vez.

COMENTÁRIO
DA CONVERSA Nº 1
COM RAMA

A mecânica das conversas com Rama segue o mesmo padrão das com Tote. A Sra. Garrett entra primeiro em transe e Ouvani vem falar comigo. Quando sabe que desejo falar com Rama, Ouvani retira-se «deixando a porta entreaberta» para que Rama possa entrar. A Sra. Garrett aprofunda então o transe, dando a impressão — através da respiração profunda, bocejos, gemidos, várias contorções e a atmosfera geral que envolve estes atos — de que desce mais fundo e se afasta mais da superfície consciente da vida quando passa ao segundo nível de transe para alcançar Tote e Rama.

A impressão geral é que tanto Tote como Rama vêm de um nível semelhante de profundidade, tanto psicológica como cosmologicamente. As suas vozes e estilos de fala não são muito diferentes. Ambos têm um ligeiro sotaque persa/árabe e falam de modo lento e grave. Rama fala com mais dificuldade do que Tote. A sua voz é mais profunda, mais lenta, e geralmente fica a impressão de que Rama puxa cada palavra de uma fonte profunda e distante, e que a puxa com dificuldade.

Tote, por outro lado, era muito mais fluente tanto no pensamento como na fala. Quanto à calendarização destas sessões, há que ter presente que a Sessão nº 1 com Rama ocorreu pouco depois da Sessão I com Tote. Nessa altura eu andava a tactear nos labirínticos recessos da psique da Sra. Garrett. Estava apenas a explorar e a aprender sobre Tote e Rama, nenhum dos quais tinha falado recentemente com quem quer que fosse. Era tudo novo nessa altura, e eu não tinha conceção do que acabaria por encontrar. Algo novo parecia estar à volta de cada esquina. A segunda sessão com Rama ocorreu quando eu estava perto do fim do meu trabalho com Tote. Trabalhei mais com Tote do que com qualquer outro, porque Tote era o mais fluente e responsivo comigo.

Talvez preferisse ter tido mais conversas com Rama, visto que ele representa um princípio de vida muito fundamental na psique da Sra. Garrett, mas as sessões com Rama pareciam pôr a Sra. Garrett sob tensão, pois ele só surgia com dificuldade. Isto contrastava fortemente com as nossas sessões com Tote. Essas aparentemente não cansavam

nada a Sra. Garrett; pareciam até reanimá-la. Muitas vezes, quando saía das sessões com Tote, emergia do transe radiante, como se tivesse feito uma longa e satisfatória sesta em que ocorreram sonhos afirmativos e tranquilizadores. Com Rama, deu-se justamente o contrário.

A segunda sessão com Rama, porém, revelou-se uma experiência de intensidade singular, e constitui, de muitos modos, o coroamento deste conjunto de conversas. Nela, o ensinamento de Tote foi significativamente ampliado, de maneira a indicar com força como o Oráculo Dinatipo funciona na Sra. Garrett. A experiência envolvida nessa sessão tem claramente muitos aspetos de uma iniciação numa doutrina secreta ou religião de mistério, da qual os ensinamentos esotéricos da Grécia ou do Egito antigos são protótipos.

Os conteúdos dessa sessão foram tão intensos e, de certos modos, a sessão foi tão extenuante para a Sra. Garrett, que não propus mais discussões com Rama no quadro das presentes investigações. Senti que conversas adicionais com Rama deveriam ser adiadas para um momento futuro, por duas razões. Primeiro, quanto ao ritual iniciático que o Oráculo Dinatipo realizara, entendi que era necessário mais tempo para que eu assimilasse a doutrina na minha experiência pessoal, a fim de poder levá-la mais longe no nosso próximo encontro. A minha segunda razão dizia respeito à Sra. Garrett e ao facto de ela achar tão difícil trazer Rama e articular os seus ensinamentos.

Tinha sido uma experiência extenuante para ela, em contraste com todos os outros diálogos, e tomei isso como significando que, ao trazer Rama, estava a esticar demasiado os seus recursos. Pensei que poderia haver algum perigo psicológico para a Sra. Garrett nisso e que poderia ser um indício de que não estava maduro o tempo para conversas mais amplas com Rama. Decidi então que, dado o nosso contacto na segunda sessão ter sido tão intenso e profundo, não o prosseguiria por ora e esperaria por um momento mais apropriado para falar com Rama com maior detalhe. Foi este o plano seguido e é por isso que há apenas duas sessões relatadas com Rama, em contraste com seis com Tote.

O que significa uma pessoa entrar em transe e emergir com uma voz que diz: Eu sou o dador da vida? Para compreender o que isto implica nos seus aspetos mais amplos, devemos ter presente que tais declarações e tais vozes não são para ser tomadas à letra. São símbolos espontâneos que têm, por um lado, o seu significado psicológico em termos das necessidades pessoais do indivíduo; e, por outro, exprimem uma perceção da realidade que deriva de dimensões não delimitadas pela personalidade individual. Aqui, os últimos fundamentos da vida exprimem-se em formas simbólicas variadas, para que possam ser formulados e percebidos nos termos da consciência intelectual.

Esta é uma função primária das vozes enquanto órgãos simbólicos da psique. Elas medeiam entre o nível escuro e profundo da personalidade, onde se dão intuições obscuras sobre a vida, e o nível superficial da consciência racional, onde se podem fazer enunciados e as pessoas se podem comunicar entre si. As vozes servem para ligar os dois reinos da psique e, neste contexto, devemos entender que a psique é uma réplica em miniatura do cosmos. É um microcosmo que reflete o padrão do cosmos maior. O que transcorre na psique de um ser humano, por exemplo, quando um fator simbólico — como uma imagem que se personifica e fala com uma voz — medeia entre a profundidade e a superfície da psique, é, assim, um reflexo de um processo paralelo no macrocosmo, pelo qual a profundidade da vida é trazida a expressão formal na individualidade.

Aqui envolvem-se paralelos de experiência: o macrocosmo e o microcosmo, o universo maior e a psique. As expressões particulares de que dispomos são das imagens que vivem e se corporizam em formas simbólicas ativas, na vida desperta das pessoas, nos seus sonhos, fantasias e na sua expressão artística. Numa pessoa como a Sra. Garrett, cuja psique possui não apenas uma fluidez particularmente grande na imagética, mas também um poderoso impulso dramático, estas reflexões simbólicas do macrocosmo apresentam-se com especial força.

Surgem segundo as necessidades individuais e pessoais da psique particular em que se alojam; mas os seus sobretons e implicações pertencem ao universo mais vasto, do qual a própria psique individual é parte e reflexo microcósmico. Assim, a imagética velada de um William Blake ou de um William Butler Yeats exprime as exigências e problemas particulares das suas existências individuais; mas exprime também intuições da realidade que vão para além de qualquer pessoa individual.

O conteúdo das conversas em transe com as figuras de controlo, culminando em Rama, deve ser entendido em termos destas duplas dimensões. Por um lado, exprimem a estrutura psíquica e as necessidades do desenvolvimento pessoal da Sra. Garrett. Por outro, transportam intimações de realidades e experiências maiores, transpessoais, que são simbólicas, pouco claras e muitas vezes longe da verdade final, mas que, apesar disso, possuem uma qualidade fortemente evocativa para muitas pessoas de determinado passado e temperamento.

Um aspeto primordial da forma como estas figuras exprimem as necessidades psíquicas pessoais da Sra. Garrett é mostrado na profundidade progressiva que cada uma das figuras encarna. Os parágrafos 39 a 41 desta sessão dão boa indicação disso. A função de Ouvani, como vimos, é regular o afluxo e o efluxo de conteúdos psíquicos. Ele é o guarda da porta da psique e é, neste sentido, a figura mais próxima do aspeto superficial e social da consciência na psique da Sra. Garrett. Tem muitas qualidades de organizador e regulador, pois é ele quem reconhece as diferenças entre as outras figuras; e é ele quem vai aos diferentes lugares da psique buscá-las.

Num comentário anterior, falámos do dinatipo executivo a operar na psique da Sra. Garrett. Referíamo-nos a uma imagem que se encena a si própria com qualidades que exprimem um forte pendor organizacional. Esta qualidade organizacional mostra-se na vida externa da Sra. Garrett nas suas várias responsabilidades editoriais e outros compromissos empresariais; mas Ouvani pode ser entendido como a corporização simbólica desse dinatipo executivo tal como se

expressa para dentro, trabalhando sobre os conteúdos da própria psique da Sra. Garrett. A separação das quatro figuras indica o efeito organizacional desta qualidade executiva. O próprio Ouvani tem uma posição condizente com o seu papel. Está estacionado na abertura da psique, onde conteúdos conscientes e inconscientes se misturam. Aqui, regula o fluxo e, em especial, regula o ir e vir das figuras simbólicas que personificam os vários níveis organizacionais da psique.

Assim, Abdul Latif corporiza um nível da psique que está abaixo do nível superficial da consciência, mas que ainda se ocupa de assuntos pessoais, tanto da própria Sra. Garrett como de outras pessoas que a procuram para assistência clarividente e mediúnica. Abdul Latif é, portanto, a figura que desempenhou o papel principal nas atividades mediúnicas da Sra. Garrett. Isto porque ele personifica um nível da psique suficientemente abaixo da capacidade sensorial de perceção; daí as suas aptidões clarividentes e mediúnicas. Mas Abdul Latif também representa um nível da psique suficientemente próximo da superfície para se ocupar de assuntos pessoais.

O nível da psique abaixo daquele que Abdul Latif representa é personificado por Tote. Aqui, as preocupações, como vimos ao longo das conversas, vão além de fatores subjetivos. Tote está implicado no nível da psique que Jung designaria por arquetípico, a profundidade onde os universais da existência são experienciados e retratados. Podemos, de facto, entender que o facto de Tote se descrever como o dador da Palavra indica que ele exprime o nível simbólico da experiência. A Palavra é o Logos, e esta é a dimensão do significado na existência humana. Assim, Tote fala como personificação da perceção transpessoal do significado tal como esta é apresentada à psique da Sra. Garrett e nela.

Mais fundo ainda do que isto há um nível da psique que é primordial. É mais fundamental do que o significado. É a própria vida. Onde Tote exprime o aspeto da experiência humana que se aproxima

da vida com desejo porque esse desejo é percebido como significativo, Rama representa esse próprio desejo, anterior a qualquer significado que venha a descobrir e a anexar a si. Este desejo é a força vital elementar. É o princípio que se move no fundo do ser no universo maior, o macrocosmo; e é o princípio primordial que se move no microcosmo da psique humana individual (parágrafos 19–26).

Quando a voz diz, Eu sou o dador da vida, podemos entender que isto significa que o nível último de profundidade da vida, tal como expresso no microcosmo da psique da Sra. Garrett, se está a personificar simbolicamente na individualidade de Rama. Isto significa também que Rama está a personificar o nível de profundidade da psique da Sra. Garrett, que é o nível da psique humana capaz de refletir e exprimir os elementos do cosmos. Na voz de Rama, a plenitude desta dimensão de experiência é dramatizada, mas é difícil de alcançar.

Rama parece falar de demasiado longe. É como se o desenvolvimento de vida da pessoa cuja psique serve de instrumento ainda não tivesse atingido o desenvolvimento necessário para a tornar capaz de se tornar o médium, ou oráculo, de uma figura tão fundamental. Se Rama falasse plenamente, seria uma personificação dos últimos fundamentos da existência humana. Esta é a impressão que colhemos das sessões. Rama exprime um princípio cósmico último tal como é transportado simbolicamente através da psique e exprime um nível primordial de profundidade na própria psique. Este grau extremo de profundidade tem, porém, as suas desvantagens, e isto exprime-se numa lentidão e hesitação na articulação que não se encontram nas outras três figuras com quem as conversas foram mantidas.

As quatro figuras dividem-se naturalmente em dois pares por critérios evidentes. As duas que estão mais voltadas para os aspetos subjetivos da personalidade têm mais em comum entre si do que as outras duas. Estas, Ouvani e Abdul Latif, tiveram uma vida exterior

mais longa e muito mais ativa no mundo por meio da, ou em expressão da, mediunidade da Sra. Garrett. Parece que exprimem o aspeto da psique da Sra. Garrett a que nos referimos como o Dinatipo de Médium. Além disso, ambas corporizam aspetos da psique que estão abaixo da superfície da consciência; representam a dimensão mais próxima da consciência do que a personificada por Tote e Rama. Estes personificam o lado da psique profundamente não pessoal, tocando os últimos fundamentos da existência, expressos simbolicamente como Logos e como o desejo primordial da própria vida. É por causa destas preocupações transpessoais que dissemos que Tote e Rama exprimem o Dinatipo de Oráculo na Sra. Garrett. O facto de se terem tornado ativos na sua vida muito depois de Ouvani e Abdul Latif indica também que o Dinatipo de Oráculo pertence a um período mais tardio e mais maduro da vida da Sra. Garrett do que o Dinatipo de Médium.

Quando consideramos as quatro figuras de controlo nesta perspetiva, tal como foram organizadas internamente pelo Dinatipo Executivo personificado por Ouvani, vemos que cada uma representa um nível da psique. Ouvani, à entrada, é o regulador mais próximo da consciência. Abdul Latif representa o nível abaixo. Tote está abaixo desse, e Rama na base. Estas figuras parecem, de facto, corporizar quatro níveis de profundidade na psique. Podem, assim, ser entendidas como indicações simultaneamente simbólicas e específicas da qualidade estratificada da psique, que parece ser um princípio subjacente da personalidade humana. A qualidade dramatizante ativa da psique da Sra. Garrett torna estas estratificações relativamente claras e fáceis de ver na forma das personificações das suas figuras de controlo.

CONVERSA Nº 2

COM RAMA

(Respiração profunda, ais, gemidos, longos silêncios, à medida que a Sra. Garrett entra em transe. A certa altura começa a falar em palavras inaudíveis. É uma saudação e termina com as palavras: Paz esteja contigo.)

Obrigado. Paz para ti, Ouvani. Estou grato por teres vindo.

Há algo em que hoje te possa servir? Ficarei feliz.

Pensei, Ouvani, que talvez agora fosse o momento de Rama falar comigo, se for esse o seu desejo. É possível arranjares-me um encontro com Rama?

Ele não fala há muito tempo, mas ficarei de facto feliz por lhe permitir assumir o controlo.

Agradeço-te muito isso, Ouvani. Espera um momento até eu conseguir ajustar o instrumento, pois ele é bastante forte e vigoroso. (Neste ponto, a Sra. Garrett começou a respirar profundamente, a gemer, a soltar ais, como ao entrar pela primeira vez no estado de transe. Logo depois começou novamente a falar, num tom mais grave e com cadências mais lentas e esforçadas.)

Sou eu, Ram, que te quero dirigir a palavra. Queres trocar palavras comigo?

Sim, desejei há muito falar contigo e estou muito grato por teres aparecido para falar comigo.

Tens algum conhecimento de mim?

Soube de ti por Tote, que tem sido muito amável e que falou comigo várias vezes e demoradamente. Foi-me dado a entender que tu e Tote falais a partir de uma maior profundidade, de uma maior distância. É assim?

Grande distância, mas o que é distância? Sim, sim… pergunta-me.

Pergunto-me se poderias dizer-me primeiro qual é exatamente a diferença. Falei com Ouvani, que hoje me franqueou o caminho, e falei com Abdul Latif…

Que é um homem de misericórdia e de cura. E falaste com Tote, que é o dador da palavra, que estabelece as leis…

E foi por ele que soube da tua existência. E falou de ti como o dador da vida.

Muito interessante. Ora, tive muitos símbolos. Certamente tive muito a ensinar no meu tempo, a ensinar àqueles que tomam a vida e que dariam a vida, e penso que isso é um princípio na vida, e não digo que eu seja outra coisa senão um princípio na vida. Mas talvez eu tenha sido divinizado. Os homens veneraram-me e pronunciaram o meu nome; e disseram que eu tinha a vida nas minhas mãos. O que é a vida nas mãos? Há vida à nossa volta; talvez tudo o que eu pudesse fazer fosse inspirar e infundir vida no sopro da palavra. Assim, aqueles com quem lidei ou davam a palavra ou davam-na mal; mas não me importa de que modo a palavra é dada. Essa é a tua responsabilidade. Mas importa-me muito que eu dê a palavra tal como vejo a palavra. Agora, o que fazes com ela, isso já não me cabe a mim dizer. Está claro para ti? Se está, então falarei.

Sim. Mas talvez te faça apenas esta pergunta. Fala-se de Tote como o dador da palavra e de ti como o dador da vida.

Qual é a diferença?

Esta é agora a minha pergunta.

E qual é a diferença? Talvez Tote tenha feito muito no seu tempo, e ele foi e teve o seu tempo. Acreditas nisto?

Sim, sem dúvida.

O seu tempo é hoje tanto quanto alguma vez foi, compreendes.

Sim. E o mesmo seria verdade para ti?

Exatamente. Então, o que éramos nós, afinal? Se vais ensinar crianças, terás de assumir um aspeto tridimensional do viver, não terás? E terás de tomar as suas mentes e terás de dizer, com as dimensões do teu simbolismo: agora, este é o teu sol, e esta é a tua lua, e este é o teu planeta. Não é assim? E estes são os rios da vida e os rios do ar que os separam. Tote deu a palavra, e tu pensaste, meu amigo, que os homens vivem com a palavra. Mas a palavra de nada vale se não soprares a vida, se não lhe insuflares a realidade, o ser. Pois bem, por isso já me encontraste sob muitos disfarces. Talvez me tenhas encontrado em ti mesmo.

Talvez seja por isso que te procuro aqui.

Pensa nisso. Assim, a diferença entre a vida e a palavra é a diferença no que fazes com a palavra. Vais pegar em todos esses sons, todas essas sonoridades do sopro, e transformá-los em blocos fantasiosos para te construíres uma estrada, um parque, um sonho ou uma torre? Constrói o que quiseres. O que tens de te perguntar depois de construíres — seja de desenho requintado ou rude, tanto faz — é: o que é que isso abriga? Não te serve de nada se o que está dentro for apenas beleza. Assim, Tote diferencia e diz: eu dou a palavra. Dá a palavra de modo passivo, porque sabes que é o aspeto passivo do homem, não é assim, que perdura. Mas, se não te apoderares, portanto, do significado absoluto vital projetado por detrás de cada palavra e o revitalizares — o que só tu, a tua singularidade, podes fazer — então a palavra, por si, pode não viver. Consequentemente, por muitas que sejam as palavras a dar, se não houver este outro aspeto a que a palavra está sujeita, a palavra não terá significado. Aplica-se isto?

Ah, sim. Àquilo a que a palavra está sujeita — é isso que dá forma a uma palavra.

E dá-lhe amplitude, divide-a, multiplica-a e faz dela outra coisa e depois reúne-a com uma força vital.

Agora, a força vital — é anterior à palavra? Isto é, na nossa narrativa bíblica, é que a palavra é soprada, o espírito é soprado no homem. O espírito é a palavra, a palavra que é dada.

Como poderá a palavra transportá-lo se não for primeiro imbuída da vida?

Com a vida que aí está para dar força e ser, substância, à palavra.

É isso. Ora, este é o princípio. Eu uso palavras sem desperdício. Não venho ter contigo para desperdiçar o teu tempo. Venho falar-te do que se faz com a palavra. Como é que as fazemos acontecer? O que são as palavras? O que é que entendíamos por palavras? O que é que o nosso povo entende por palavras?

Agora, há algo que vem por detrás das palavras. Isto é, há algo que é anterior às palavras, e esse é o princípio que as palavras estão a veicular. Antes de haver a palavra dada, antes de haver Tote, havia esse algo anterior? Será verdade…?

Sim…

Antes de haver Tote, havia tu… para dar a palavra. Antes disto, tinha de haver algo, não tinha? — algo criativo, algo vigoroso, algo que tinha de ser de si mesmo. Sem palavra.

Então o princípio da própria vida és tu.

O princípio da vida. Num instante começarás a suspeitar quem eu sou realmente. Agora orienta-te e faz-me essas perguntas que são importantes.

Mas, antes de haver homem, havia tu?

Sim, claro. O homem é uma unidade muito nova neste universo, sabes, comparativamente nova. Então, que havia, achas tu, que fez esta criatura erguer-se, olhar, considerar, procurar e perguntar? Que grande explosão terá de ter ocorrido dentro desta criatura para lhe dar esta grande urgência, esta vitalidade para compreender que os seus brados de emoção, os seus gritos de fome, os seus gritos de ódio e combate e amor também poderiam ter outros significados? Não terá

havido um grande princípio envolvido em produzir este súbito — chamemos-lhe — passo primitivo?

Uh-huh. E esse princípio?

E esse princípio — o que é?

É a vida, és tu?

É força. É pensamento. — Ora, o que é pensamento? O que é pensamento?

Talvez dissesses que o pensamento é uma forma de vida?

Não é a energia que flui através de ti em todos os teus momentos, mesmo quando estás no útero? Não é isto que te bombardeia? Não é isto — isto que te envolve — que continuamente te pressiona, te pressiona, te pressiona, até que clamas por encontrar modos e meios de tirar de ti essa pressão? E, por fim, algo acontece na área do que o homem chama o seu ser — não falemos do seu cérebro — mas na área do seu ser, para o levar finalmente a clamar de júbilo ou de tristeza, de ferida ou de triunfo, de ira ou de alegria; e, quando isto finalmente lhe acontece, ele começa a moldar a energia que o bombardeou. Começa a encontrar uma direção para a energia, começa a perguntar-se o que é isto; e então começa a aprisioná-la, a circundá-la e, por fim, a usá-la. Verdade? Sem isto, a palavra tem pouca importância. Assim, talvez o que Tahotch te dizia era que, se queres procurar vitalidade, se queres procurar profundidade em ti, se queres alcançar uma resposta, então tens de falar com este princípio, porque, sem este princípio, o resto não pode ser ampliado.

O princípio da própria vitalidade, da própria vida.

Do próprio pensamento — e de o empregar, de o atrair a ti. Vês, nada te servirá enquanto te moveres com os teus semelhantes, para norte, para sul, para leste e para oeste, e te moveres com eles, ou em círculos, ou solitário na noite, ou moveres os lábios de dia. Nada disso te serve, se não enfrentares o princípio vital, se não te vires contido no bombardeamento da energia do mundo a bater à tua porta, a trespassar-te até à compreensão.

Sim. E o princípio de vida, que é a essência da vida, então, é a dirigibilidade que é o pensamento e que é o significado. É isto?

É isso…

Sim, o significado que o impele em frente.

Então ele diz-te: fala com o princípio — chama-lhe Ram, se quiseres — chama-lhe pelo nome que quiseres.

Isto é o que os egípcios, que divinizaram Ram, sabiam. Que a vida é pensamento.

Que a vida é pensamento. E que a maneira de prolongar a vida, e a maneira de garantir e de tomar posse disto, é vê-la. A maneira é ver-se a si próprio no meio dela, compreender o que está a acontecer ao eu — que se está aqui, num oceano de ar, bombardeado — não há outra palavra — bombardeado por todos os lados, trespassado por mil setas de compreensão — e colocar-se dentro da magnificência disso. Estar de pé e dizer: "Aqui estou. Este sou eu. Abro-me a toda a força criativa vital da vida." É isso que ele te está a dizer. Isto é inspiração. O que ele te está a dizer é: "Sim, meu amigo, posso dar-te palavras — palavras que transmitirão uma certa dose de filosofia, uma certa dose de calma, uma certa dose de tormento — mas que valem essas palavras se tu próprio não te abrires, diária e horariamente, se, a cada momento, não te abrires ao grande bombardeamento da energia criativa?" É isto que ele te está a dizer para procurares.

Agora, esse bombardeamento de energia, esse poder de energia…

Foi simbolizado numa criatura. A essa criatura foi dado o nome…

De Ram. E tens outros nomes?

Tive outros nomes, sim. Reis colheram desta realidade entendimentos diferentes através do seu sacerdócio e, para divinizar o seu sacerdócio, deram estes nomes, mas o nome que é mais forte para ti — e aquele que me alcançará — é apenas aquele… Ram…

E estás a dizê-lo. Mas, quando o dizes, deixa que ele se mova através de ti — para fora e de volta e ao redor e através — e sabe o que estás a fazer: que estás a invocar conscientemente a força criativa para passar por ti, de modo que o teu sangue se carregue, de modo que a tua vida se carregue, de modo que o teu fígado se carregue, de modo que o teu coração se carregue, de modo que sejas tu próprio, finalmente, a inspiração do caminho criativo. É daí que virá o teu conhecimento. Não é isto algo que procuras saber?

Sim, o próprio nome e o dizer do nome.

Sim… e o dizer do nome seria então o ato especial, um ato criativo especial em si.

Ahhhh, mas tens de o querer.

Sim. Mas o dizer…

Mas só o dizê-lo, o chamá-lo, trará a ti essa força vital. Quando essa força vital vem a ti, terás feito aquilo que fazes quando entras no teu quarto. Não duvido que tires as peças de roupa exteriores e depois entras, preparas-te para trabalhar, olhas para isto e para aquilo e, por fim, acendes a tua luz — e então estás pronto para trabalhar. Pois é isso que farás. Ligarás a energia. Ligarás a luz interior. Dirás: estou agora pronto para receber. Isto é um ato de entrar em contacto com a inteligência criativa, que é tão vital para ti, meu amigo, como acender a luz. Ou como qualquer coisa que vás fazer quando fores restaurar o corpo — dizer: pois bem, aqui estou eu, dador de energia, chama-me como quiseres, com isto estou a tomar para mim, de fora de mim, de todo este reino — pois eu sou uma ilha — ou um continente, se quiseres — sê o que quiseres, podes ser um mar — mas eu sou isto — sentado no meio desta carga. Tudo quanto faço é feito conscientemente, absolutamente, plenamente, com perfeita compreensão, enquanto tomo para mim, com cada ato vigoroso, a inteligência criativa do mundo. Isso é o que sou.

E o pronunciar do nome, o senti-lo…

E o chamá-lo ao ser. Quando chamas isso ao ser, ligaste-te àquela área de luz que é importante e necessária, para que brilhe através de ti, para que te traga resposta imediata, para que saibas, doravante, que vais dizer palavras que não são palavras a menos que as carregues de vida. Vês a diferença? Tu, que te sentaste em tantas modalidades de conversa, sabes o que quero dizer.

Sim. E começamos, na verdade, com o poder. Começamos por ligar-nos à fonte.

Agora, recordo uma conversa maravilhosa que tive com Tote, que talvez tenha relação com isto — sendo isto um passo ulterior, um conhecimento adicional que me darias. Lá, Tote falou do sopro.

Do sopro vivo.

Sim. Do sopro vivo, e parece-me aqui, como ele disse, que a realidade entra pelo sopro. A realidade entra pelo sopro, e com o sopro...

Como poderia ela chegar de outro modo?

Sim. Sim.

Como poderia ela chegar de outro modo?

Com o sopro que inspiras...

Com o sopro que inspiras, e, quando inspiras esse sopro, não dizes "vou engolir uma poção", não dizes "vou preguiçar ao sol"; mas, quando falas de Ram, simplesmente estás a dizer: "Eu sou tu."

Eu sou tu.

Eu sou tu. Neste momento torno-me vital, torno-me criativo, estou vivo em cada pulsar do meu ser. Não conheço as dores e as maleitas da humanidade, pois, neste momento, elevo-me acima de todas essas coisas da memória que foram lançadas sobre mim. Estou a libertar-me da doutrina, estou a libertar-me do dogma, estou a libertar-me do homem. Estou de pé, puro, imaculado, na boa luz do ser

criativo. Estou a escutar, estou a tomar, estou a receber e estou a executar a tua vontade. Por outras palavras, tornaste-te como Deus.

Sim, eu sou tu.

Eu sou essa parte de ti. E essa parte de ti, dir-me-ás, pode tornar-se maior, mais responsável, mais vigorosa, a cada dia, à medida que eu for capaz de a conceber. Ser responsável por ela, usá-la e não a negligenciar. Deste modo, tens a vida como tua mestra e tens o sentido de toda a vida e todas as palavras e todos os pensamentos e tudo o que é bom ou não bom, conforme o vejas, a cair sobre ti como a chuva mansa. E tornar-te-ás inspirado porque és bom em ti mesmo, imediatamente dentro do arco do conhecimento. Estás a colocar-te para lá das palavras. Estás a pedir que te tornes um instrumento carregado para compreender, com ponderação, o que te chega de todos os lados. E agora hás de agradar a Tote, o doador da palavra, pois ele dar-te-á belas palavras que são os cofres que guardam a vida.

E este é o caminho. Este é o caminho...

Esta é a vida...

E quando se diz Ram do modo como falaste, e isto é então o inspirar do sopro...

Isto é atrair para ti, é a criança a chamar a mãe. Não é verdade? Como saberá a mãe do perigo da criança se a mãe estiver longe, se a criança não fizer o som? A criança tem fome, a criança grita e, de imediato, vem auxílio. Como esperas, se não gritares, que o auxílio te venha? E, se não souberes o princípio pelo qual esse auxílio chega, então qualquer tolo poderá vir encher-te de palavras. Nem sempre será a palavra de Tote, mas ele encher-te-á com a palavra dele, ou dela, ou deles. E, quando invocas aquele que há de vir a ti, aquele que te dará energia criativa para compreender a diretividade do sentido, então chamaste a vida. Encontras isto em todas as tuas escrituras. IP Este tornar-se um com o princípio.

Um com o princípio...

Por meio do nome que dá o sopro da vida...

Por meio do nome que te identifica com a ponderação vivificadora. Uma vez que te tenhas dado ao princípio vivificador, por outras palavras, compreendeste quais são os sentidos de todas estas áreas que te são externas, que te consomem, que te tocam, e, por fim, construíste para ti um lugar de recetividade a isto. Era disto que os sacerdotes falavam quando erigiam a imagem de Ram, deus do sol. Pois o que é o sol senão a expressão exterior e visível da energia? Assim, é isto que Ram...

Essa frase que acabaste de usar, repito: quando alguém se dá ao princípio vivificador, àquilo que é o doador último, dá-se a ele, tornando-se ele. Então alguém torna-se... EG

Porque não podemos conduzir-nos até ele nem tomar dele se não nos dermos a ele.

E como eu sou tu, do modo como disseste, nesse momento tu és eu.

É isso. Mas então dás-te a ele. Ora, não há nada de fraco nisto...

Nada de pessoal, nada de individual...

Não, não, não. Dás-te a ele. Por outras palavras, és um bom executivo, estás sentado à tua mesa, exigiste compreender e entender e estar em contacto com outro indivíduo — melhor orientado, se quiseres, mais conhecedor-mente orientado, se quiseres — a quem possas recorrer sempre que as dificuldades não pareçam demasiado evidentes na tua vida ativa. Farias isto. Telefonarias a um homem por quem tens respeito e dir-lhe-ias: “Perdoa incomodar-te.” Ou não. Se fossem bons amigos, dirias: “Olha, queria ter cinco minutos de conversa contigo enquanto te exponho claramente um problema que me preocupa.” Não farias? E obterias clarificado o problema? Talvez não obtivesses a resposta, mas certamente obterias as coisas que talvez trouxessem a solução adequada que procuras. Mas, se simplesmente te sentasses aqui e respirasses belas palavras para ti mesmo ou para qualquer outro que dissesses, e não te tivesses posto em contacto com alguém que soubesse só um pouco mais, bem, poderias ter dito belas palavras ou feito bom uso das palavras, mas nunca as terias carregado.

É verdade? É isto que Ram significou e é por isso que, noutros tempos, os homens o divinizaram e disseram que ele era um deus da força, um deus da luz e um deus da realidade.

Agora, agora tenho, penso, uma questão muito importante, porque vejo, Ram, dois lados nisto. Vejo dois lados na tua vinda para falares comigo. Um lado que vejo é quando dizes isto tal como Tote o apresentou, quando mo dizes, isto é, como a uma pessoa que tem certa coisa a fazer aqui, neste tempo.

E digo-to apenas porque mostraste que estás a esbater os cantos, que estás disposto a deitar fora alguns dos trajes, e que procuraste um lugar para ir ver e perguntar e exigir e questionar, e que usarás Tote e as suas palavras bem e fielmente; mas nunca compreenderás verdadeiramente as suas palavras até lhes teres dado luz criativa.

Tenho de iluminar as palavras. Tens de ser eu. É isso, IP Sim. E, se eu compreender isto, prosseguindo este lado que desejo perguntar, se eu compreendesse isto e, o que é mais importante, se o aplicasse, isto é, se o vivesse, porque, afinal, não se trata apenas de...

Não, não é entendimento intelectual. Isto não é o entendimento treinado pelo qual os teus examinadores e os teus mestres te levarão a um lugar onde te dirão que agora estás pronto para sair para o mundo. Isto não é o que chamarás entendimento capturado.

Se eu puder ir por experiências que tive no passado, saberia a realidade do que estás a dizer, isto é, saberia a realidade de “eu sou tu, Ram”. Saberia a realidade de, à medida que faço coisas na vida...

À medida que fazes coisas na vida, à medida que diariamente fazes coisas na vida, saberias a realidade da minha experiência do modo como sabes, quando estás a sentir, que é um bom dia e sais com passo vivo e a roupa te assenta bem, que disseste algo bem ou fizeste a coisa bem — sabes a realidade do bem-estar.

E o contacto, o contacto de...

E o contacto com todo o homem que deseja exatamente aquilo de que falo. A segurança inerte e a capacidade de saber.

Saber deste modo de grande unidade, saber...

É isso, saber grande unidade. Saber-te pronto para te sentares com todos os homens e, ainda assim, estares para sempre à parte. Pousar a cabeça na almofada do universo e respirar em uníssono com todos os homens e, ainda assim, saber que o sopro individual é teu. Tomar a mão de cada homem que sofre e tem dor e agonia e saber-te aparte disso. Olhar em redor para o universo ofuscante e desgostoso do homem e dizer, numa só inspiração, "aí está", e então tomas a outra inspiração e dizes: "E isso é da minha responsabilidade." É isso que quero dizer — estar para sempre à parte e ser para sempre unicamente tu. Não pedir aos teus pastores e mestres, mas pedir a esta coisa criativa que virá habitar em ti, ser capaz de inundar a terra, não com os incómodos do pensar alheio, mas com a nobreza daquilo que, ombreando, agora veio habitar em ti. Coloco sobre ti uma responsabilidade.

E agora que disseste isto, ó Ram, agora que o disseste através do teu instrumento, é-me possível falar contigo, aprender contigo, nos meus momentos privados do dia a dia?

Sim. É isso que quero. E, quando vires que não estás a achar esses momentos privados tão bons quanto deviam ser, então fala comigo de novo deste modo. Até fazermos desses teus momentos privados momentos absolutamente reverentes, até dividirmos esses momentos em segundos infinitos e tornarmos cada um deles importante, até te tirarmos todas as dificuldades, os cuidados, as obrigações, até sermos capazes de os pôr de lado assim e, na respiração seguinte, tomá-los de volta. É isto que quero que sejas. É isto que procuras. É isto que tu és.

E é por isso, creio, que vieste falar comigo.

Porque chegou o tempo de falares ao princípio criativo de ti mesmo, que tem de encontrar-se, que tem de firmar-se, porque és uma luz. Aí estás, com o farol. Ora, não pode ser a luz de outro homem, não pode ser uma luz ou tocha que tenhas tomado da mão de alguém cansado; isso não serve. O mundo está cansado, já tivemos o

suficiente disso; agora queremos — e faríamos bem em ter — a juventude ofuscante, a vitalidade, o impulso criativo a correr-te no sangue, a voltar à terra, a atravessar os teus sonhos, mas a correr de ti para todo o mundo — é isso que quero para ti. É isso que queres para ti.

Que é uma só coisa, isto é, eu sou tu e tu és eu.

Estás à procura do momento no espelho da tua própria inteligência criativa. Ergueste a persiana e perguntaste: "Quem vive na casa?" E eu digo-te: o que vive na casa é aquilo que fez as nações. Nunca farás nações com homens, nunca farás grandes leis com homens, nunca farás grandes doutrinas com homens, mas haverá um que verá, que pensará, que procurará, que tocará, que finalmente saberá, e ele dirá: "É isto." Isto é o que tens procurado todos os teus dias.

Assim é, assim é verdade.

Esse é Ram. Essa é a personificação da criatividade da vida que libertou o homem, que o fez procurar, respirar, exigir, desejar e, finalmente, tendo desejado, encontrou modos e meios de fazer sinais e sons que, finalmente, se reuniram para tornar possível a poesia do entendimento para os seus problemas. É isto que pedes e é por isso que te falámos deste modo e não a qualquer outro, nem é talvez muito provável que voltemos a falar deste modo. Só para ti. Mas não creio que, na vida do instrumento, estas palavras venham a ser proferidas. Eu quereria que o fossem. Foram-te ditas porque as procuras e chega o tempo em que tens de estar pronto para as tomar e dar-lhes essa fidelidade, essa força, esse vigor, esse crescimento instantâneo de toda a vida à palavra.

Para dá-lo agora às palavras na vida. E o teu instrumento? O teu instrumento tem grande vida.

Grande força. Força para vencer, força para perpetuar estas coisas.

Por isso ela tem sido um canal para ti, porque isto existe nela própria.

Porque nada pediu senão viver.

E agora, com isto, ela fez isto e veio tornar estas coisas possíveis. Há uma força, uma dádiva, algo adicional que possas fazer por ela, embora ela não o tenha pedido? Embora não o tenha pedido, há uma grande força, uma grande sabedoria, um poder novo, um poder renovador, uma vitalidade renovadora que lhe possas dar para o seu serviço?

Se ela pedir.

Podem os seus amigos pedir por ela?

Não.

Podem os que a amam pedi-lo?

Não.

Só ela própria?

Só ela própria. Penso que, de certo modo, ela está a pedir.

Pode ela pedir comigo agora?

Ela tem de te pedir a ti. Estas são as regras do espírito. Temos de merecer os nossos dons. Temos de os procurar, temos de querer conhecê-los, temos de ser ciosos deles, temos de os guardar, mas nunca os teremos até dizermos: "Isto é o que eu preciso." É isto que tens andado a dizer: estás a olhar em todas as direções, estás a procurar para lá e além daquilo que conhecemos. Por fim dizes a esta boa alma: eu desejaria falar com Ram. Ram dir-te-á quem é, porque foi divinizado. É porque, no passado, os homens passaram tempo a compreendê-lo, a entender o princípio criativo por detrás de toda a vida e da sua perseverança, e não foram capazes de dizer isto a todos os homens porque isto será infinitamente simples. Por isso falaram dele em termos oblíquos, como o profeta da aurora, para ser

conhecido por todos os homens sábios — e até pelos tolos, pois não será um homem tolo muito sábio?

Sabes que o que dizes agora, Ram, é algo neste trabalho que tenho feito com a tua médium. Aconteceu que um certo conhecimento que me chega neste trabalho é de tal natureza que não o consigo pôr na forma que os cientistas exigem para as coisas que me dizes agora. E, no entanto, consigo compreender...

Não podes apresentar isto aos cientistas. Irás assustá-los. Eles diriam: este homem é um infiel. O que é ele? Está a tentar escapar ao serviço? Está a tentar ser um tolo? O que está ele a tentar ser? Ah — esta é a tua responsabilidade: dar o que puderes, mas não o dar obliquamente, a menos que seja necessário. Mas dá-lo nos teus termos: que é vida, que ousa ser dito, mas dito em termos tais que eles nem sequer percebem. No entanto, há sempre aqueles que escutam, que procuram o sinal. Há aqueles que dizem: "Aqui, aqui está alguém que procuro."

Quão pouco, é verdade? Quantas grandes palavras há, mas que significam elas? Só tu podes dar a vitalidade. Depende de ti. E nós somos princípios, acredita bem. Somos princípios que pertencem à vida. Como nos vamos identificar com o homem? O homem é que se deve identificar connosco, porque somos os princípios pelos quais ele vive, pelos quais ele ascende, pelos quais ele persevera, pelos quais ele consagra, pelos quais ele santifica, pelos quais ele mata, mas pelos quais, todavia, continua a perseverar. Não é assim? Sem estes princípios, o homem voltará a escarafunchar na selva. Não é verdade? Por isso, não nos importa que lhes chames princípios. Limito-me a explicar-te que outros homens que despenderam grandes momentos de tempo a procurar uma pequena resposta, de súbito, encontraram iluminação e disseram: "Vamos divinizá-la, porque não podemos dizer aos homens que isto é um princípio contido neles próprios. Temos de os fazer procurá-lo."

É por isso que falaste de ti mesmo até como símbolo — símbolo do que, em última análise, não deve ser vertido de forma intelectual.

Não podes.

E, portanto, como símbolo, e até esta personificação de que falaste, esta personificação da criatividade.

Que o homem usou no passado, mas que hoje está obsoleta.

Falando comigo como pessoa, para me abrir o caminho a um contacto com a fonte criativa da vida, a energia e o poder criativos, falando como pessoa. Isto é algo...

É o princípio que te está a falar de tudo o que já foste e de tudo o que serás, e estas palavras perdurarão, quaisquer que sejam as dificuldades, porque estás a falar contigo. Estás a falar aos panos de ouro universais que és tu. Estás a falar a todas as áreas do rapazinho, estás a falar ao homem, estás a falar à tua própria vitalidade, estás a falar aos teus sonhos. Este instrumento é capaz de tomar estes sonhos de cada homem e transformá-los num símbolo e, se ele for sábio, entregar-lhos. E, se não, há sempre o porteiro que me deixou entrar. E ele tomará alguns dos sonhos deste homem ou daquele e tecê-los-á em algo e entregá-lo-á a eles. Tal como darás à criança que vem ter contigo pedir um doce qualquer coisa com que ela irá embora e brincar e ficar feliz e contente. Não vês que temos um sentido mais profundo? São estas as coisas de que terei gosto em falar contigo, porque são estas as coisas que procuras em ti. São estas as coisas que o teu mestre outrora conheceu tão bem. Não é verdade?

É para isto que venho falar contigo e que considero realmente o grande privilégio, embora a grande responsabilidade, que me foi dada.

Nunca te teria sido dada se a tua alma, na sua adolescência, não tivesse exigido esta luz. Nunca te teria sido dada se, por um momento, tivéssemos a sensação de que a irias abusar. Agora serás chamado muitas coisas por muitos homens, e estamos bem cientes disso. Mas rirás sempre e, com o riso dos deuses, roçarás ombros com os homens e permanecerás fiel ao princípio da força criativa e vital que há nela. E, à medida que começas a compreender isto, compreenderás o Panteão dos Deuses no mundo primevo e no moderno. Começarás a ver as suas necessidades e começarás a ver que eram justos e

necessários e sábios e ponderados. E todas estas coisas te serão reveladas pouco a pouco...

Ao invocar o teu nome...?

Ao invocares o meu nome. E lembra-te do meu instrumento, que me deu o sopro da vida. Eu gostaria de a deixar forte, gostaria de a deixar apta para fazer este trabalho e, oh, meu filho, antes de te retirar este sopro eu pediria que estes grandes poderes dirigentes, vitais como são, estejam para sempre contigo para guiarem o teu caminho, para guiarem os teus dedos ao folhearem as páginas da vida e da história, e para saberes que cada momento sucessivo é uma página na história do teu próprio desabrochar. Assim é... (sussurra algo mais, suavemente, uma bênção. Não é audível.)

Agradeço-te, ó Ram, pelo que me deste...

Dei-te o espelho no qual te veres a ti mesmo.

E agradeço-te pela vida e pela força...

E não sejas alguém que vai manchar essa imagem. Porque a imagem é tua. Mantém-na nítida e justa. Não digo limpa; não conheço o significado da palavra.

Nítida como a nascente que brota da terra; e justa, como justa é a lei do teu universo. A estas palavras, que o teu coração pulse dentro de ti eternamente.

Assim seja.

(Respiração profunda, gemidos, etc., enquanto a Sra. Garrett sai do estado de transe.)

COMENTÁRIO
SOBRE A CONVERSA N.º 2
COM RAMA

Esta sessão começa do modo habitual, com Ouvani a estabelecer a situação de transe e depois a sair para que um estado de transe mais profundo possa ser alcançado, de modo que Rama, a figura principal, possa entrar. Como tinham passado vários meses desde a primeira conversa com Rama, tive de restabelecer a minha relação com ele. Há, portanto, um tom nas primeiras páginas da transcrição que poderia dar a impressão de que esta foi a minha primeira sessão com Rama. Não foi. Contudo, a necessidade de restabelecer a relação proporcionou uma ocasião para colocar perguntas específicas quanto à natureza de Rama em comparação com Tote, e este foi um ponto de partida útil para a conversa.

Aconteceu que, uma vez iniciada a conversa, o nosso contacto anterior ficou restabelecido com considerável força e conduziu a um encontro pessoal de grande intensidade durante a sessão. Tenho a impressão de que a razão por que esta conversa demora a arrancar é que a Sra. Garrett experimenta alguma dificuldade em ajustar a sua psique para que a personalidade de Rama possa vir ao de cima. Contudo, uma vez estabelecida, prossegue bem; mas continua a ser, ao que parece, uma experiência fatigante para ela.

A questão relativa à diferença entre Tote e Rama dá o tom desta sessão, mas a forma como Rama apresenta a sua resposta fá-la não uma réplica intelectual, mas um verdadeiro passo na experiência para além do que encontráramos em Tote.

Tote tinha sido identificado com a Palavra, que é a dimensão de sentido e Logos na existência humana. Agora Rama diz que a sua preocupação é com o que se faz com a palavra. Rama, por outras palavras, representa o contexto de vida em que a palavra é dada, em que o Logos aparece. Rama afirma, assim, o princípio que Tote exprime, mas estabelece-lhe um contexto. Rama inclui Tote e estabelece a base para um passo ulterior para além dele. Parece que, uma vez assimiladas as experiências maiores do princípio do Logos tal como ocorreram nas sessões com Tote, estávamos prontos para um passo ulterior na consciência.

Tornou-se cada vez mais evidente, à medida que esta sessão avançava, que Rama tinha uma mensagem particular para mim. É outra forma de dizer que o dinamótipo do oráculo foi ativado na Sra. Garrett e se estava a exprimir com grande força e a partir de uma posição de profundidade na sua psique. Este fator de profundidade estava ligado ao facto de ser a figura de Rama a personificar aqui a sua mensagem. A imagem oracular nas profundezas da Sra. Garrett tinha algo de grande alcance para me transmitir, de importância para ela e para mim, e a sua psique estava a usar as figuras de base mais profunda de que dispunha — Rama — para dramatizar a mensagem e comunicá-la. Isto cedo se tornou patente à medida que a sessão prosseguia.

Aqui estabelece-se uma ligação subtil com o princípio do Logos de Tote. O princípio do Logos da palavra e do pensamento é importante, diz Rama, mas de maior consequência é a energia que lhe dá poder. A energia, que é a força da vida, está em todas as coisas — a Palavra e o pensamento entre elas. Assim, o passo seguinte após uma experiência do princípio do Logos, tal como encarnado no encontro com Tote, é uma experiência do princípio da energia vital que atravessa todas as coisas no mundo. Se se pretende colher o benefício da experiência do Logos que o encontro com Tote tornou possível, é também necessário "enfrentar o princípio de vida". É necessária uma experiência ulterior para extrair o fruto da anterior, e Rama passa agora a explicá-la.

Como devo proceder para alcançar e solidificar esta nova experiência? Aqui, Rama é o mais direto e explícito na forma como me fala. "Fala com Rama", diz ele. A afirmação é clara. Rama foi considerado, em várias épocas da história, uma divindade; os egípcios, por exemplo, divinizaram-no. Mas o que significa isso? Apenas que Rama representa o princípio subjacente da energia vital no cosmos, que ele a personifica e que, relacionando-nos com Rama como uma personalidade, um indivíduo pode entrar em ligação íntima com o próprio princípio da energia vital. Fala com Rama. Isto é possível porque ele é uma pessoa.

Se Rama fosse uma imagem dentro de mim, eu poderia empreender falar com ele pelo método psicológico do diálogo interior. Se Rama fosse uma imagem dentro da psique da Sra. Garret, ela poderia empreender falar com ele da mesma forma. Mas nenhuma destas situações parece ser o caso. O único modo, então — e isto parece ser a conceção central do que se segue na sessão — é eu falar com o princípio da energia vital no cosmos, corporizado como personalidade na forma simbólica de Rama. A figura emerge das profundezas da psique da Sra. Garrett, onde a minha própria psique a encontra; e é ali, no espaço psíquico entre nós dois, que se deverá realizar um encontro dialógico pelo qual se possa estabelecer uma relação com esse princípio subjacente.

Agora, Rama é explícito. Não é a energia vital do cosmos com que estamos a lidar, mas a sua simbolização. Ela é simbolizada por Rama, cuja existência pessoal como entidade psíquica é um símbolo. Mas a consciência que subjaz a este diálogo é o reconhecimento de que um símbolo desta ordem é uma realidade, é de facto um poder no mundo. Por meio de tal símbolo e por meio da qualidade de dramatização com que ele se move entre os homens, pode tocar-se o princípio da existência que está por detrás dele e do qual é um veículo.

Mas, novamente, como fazê-lo? Por meio do nome. Pronunciando o nome e falando com a personificação que encarna o nome. Aqui, Rama exprime um princípio ligado a Tote quanto ao poder da palavra. O sopro que é transportado no nome é o fator psíquico aqui envolvido. Dizer o nome é estabelecer a ligação e dar o primeiro passo para alcançar o princípio que está por detrás do nome. O nome deve ser proferido e usado como meio de focar a psique, mas o mais importante é compreender que o nome é apenas um símbolo. “Chama-lhe Ram, chama-o por qualquer nome que queiras.” Mas sabe, nas profundezas do teu ser, o princípio criativo da vida que ele simboliza.

Neste ponto, entra em Rama uma estranha excitação que não surgiu em nenhuma das outras sessões exatamente do mesmo modo.

Há nela um zelo de instrução, como se algo na situação tivesse dito: "Chegou o tempo de ensinar."

Tendo enfatizado a qualidade simbólica do nome de Rama e tendo assinalado que o sentido em que é considerado uma divindade é o de uma dramatização do princípio cósmico da energia vital, Rama passou a instruir-me. "Diz o nome", disse-me, "e, quando o disseres, deixa-o mover-se através de ti, para fora e para trás e à volta e através, e sabe o que estás a fazer: que estás a invocar conscientemente a força criativa para que passe através de ti, de modo que o teu sangue fique carregado, de modo que a tua vida fique carregada..."

Rama disse isto com grande intensidade, e estava a exortar-me a sentir com igual intensidade a imagem representada pelo seu nome. A implicação era que, se eu fizesse isto, vir-me-ia uma experiência de força religiosa. Pode então perguntar-se se isto não seria apenas um gesto artificial. Pode não resultar numa experiência de contacto, permanecendo apenas como um ato de autossugestão. Poderia, de facto, ser assim; mas o que é facto é que um princípio importante da psicologia das profundezas estava a ser invocado intuitivamente por Rama. O princípio da energia vital, do qual Rama é uma personificação simbólica, não é um facto objetivo do mundo exterior, nem o próprio Rama é um símbolo peculiar à psique da Sra. Garrett, em quem ele se acha. O que está em causa, antes, é uma imagem elementar que exprime e sente a quintessência do processo vital. Trata-se de uma imagem universal, eterna, arquetípica, que adormece na profundeza do homem, mas que possui tremendo poder criativo se for despertada.

Ao exortar-me intensamente a dizer o seu nome e a sentir, em cada parte do meu ser, o princípio de vida que o seu nome representa, Rama procurava evocar em mim a imagem latente do processo unitário da vida que se encontra na profundeza da psique de todo o ser humano. É uma imagem profunda, fundamental, poderosa, e invocá-la não basta para lhe dar vida. Ela tem de estar madura para se abrir; mas, se o tempo é o certo, pode abrir-se e tornar-se eficaz na personalidade, especialmente se a imagem puder ser relacionada,

pessoal e dramaticamente, com outro indivíduo com quem seja possível o diálogo. É por isso que foi psicologicamente válido, como meio de contacto religioso, que Rama se apresentasse em forma personificada como uma divindade, e é por isso que também foi psicologicamente correto instruir-me a falar com ele e a manter com ele um discurso contínuo, em qualquer forma que eu pudesse e tanto quanto me fosse possível. Do ponto de vista da experiência religiosa, o oráculo de Rama não me estava a induzir em erro.

A recitação do nome era entendida como evocação da imagem da energia vital e como meio de estabelecer contacto com a figura que a personifica. Era algo a fazer integralmente via a psique, via a Palavra, o que significa na dimensão do Logos que foi atribuída a Tote e confiada a ele na hierarquia das figuras de controlo. No nosso diálogo, referi-me a isto e assinalei o ensinamento de Tote de que o contacto básico se faz via o sopro, isto é, via a palavra, em termos de Logos. Rama confirmou-o, indicando que o que Tote dissera estava incluído no que ele, Rama, estava agora a dizer; mas fez um acréscimo interessante.

O ato de usar a Palavra, de pronunciar o seu nome, torna-se, assinalou ele, um ato de identificação. Eu, a pessoa que pronuncia o nome do Deus, torno-me um com o Deus. "Eu sou tu." Como é isso possível? Ao invocar o nome da figura divina, a imagem correspondente a esse princípio do ser pelo qual o Deus responde é evocada dentro da psique. Ela ganha vida e projeta-se em direção ao Deus, sendo atraída para ele e ficando ligada pelo nome. O princípio pelo qual o Deus responde é evocado pela imagem dentro da psique quando esta desperta; e então tanto a figura divina como a pessoa que foi despertada para esta nova perceção ficam numa relação de dependência de um princípio último da existência, que é anterior a ambos e ao qual ambos só podem ter ligação simbólica. Qual é, então, a diferença entre a figura divina e a pessoa cuja imagem elementar de vida foi evocada? "Eu sou tu" pode, com verdade, ser dito pela pessoa ao Deus e pelo Deus ao homem. Este é o diálogo recíproco de identidade entre Deus e o homem.

Pode falar-se assim e explicá-lo, mas o que estava realmente a ocorrer nesse diálogo entre Rama e mim? Ele estava a dar-me um ensinamento e instruções específicas, mas não estava a explicar nada. Estava, antes, a puxar a minha psique para a frente. Estava a estimular ainda mais as imagens profundas que já tinham sido ativadas dentro de mim, ao longo dos anos de muitas maneiras e, mais recentemente, nas sessões com Tote. Estava a conduzir-me a um encontro, a um ato de união.

A sessão tornou-se, assim, nesse ponto, semelhante a um ritual de iniciação. Era como se algo novo irrompesse na sala e no mundo: uma poderosa experiência de unidade com um princípio permanente de vida que se apresentava como pessoa, um princípio de força e significação transpessoal. Quem fez com que isto acontecesse? Teria sido a própria figura divina, que eu sabia ser uma dramatização simbólica de um princípio eterno? Ou teria sido o oráculo do Deus que o trouxe à tona? Teria sido que o oráculo, a partir da sua tremenda necessidade de cumprir a imagem-semente do seu oraculato, montou uma situação em que o Deus e eu disséssemos um ao outro "eu sou tu"?

Uma força tremenda estava então presente, e parecia não haver dúvida de que estava a ter lugar uma iniciação de alguma doutrina simbólica. Era simplesmente um acontecimento que, quando acontecia, podia trazer grandes forças de vida à existência do indivíduo. O importante não era falar disso, não era intelectualizá-lo, mas tomar os passos psicológicos concretos que tornassem o acontecimento possível. E foi isso que Rama fez através do seu oráculo. Ou, diremos, foi isso que o oráculo fez através de Rama? Qual é a forma mais correta de o dizer? Como gosta de dizer o velho sábio Suzuki, "qualquer das formas serve".

Esta secção tende a colocar considerável ênfase na continuidade desta experiência de iniciação com Rama. Decerto, Rama parece estar tremendamente envolvido nela e em traçar um caminho para atividades futuras e para disciplinas futuras, no sentido de ampliar

ainda mais a experiência de contacto. Há muito nestes parágrafos que pode ser mais plenamente interpretado noutro lugar.

Após a concentração continuada na minha relação pessoal com Rama, voltei o foco para a Sra. Garrett e perguntei o que Rama gostaria de fazer por ela. A resposta foi interessante, no sentido de que Rama parecia ter pouco interesse pessoal na Sra. Garrett. De facto, parece que as preocupações de Rama são totalmente impessoais, bem como transpessoais. Há certos princípios de vida em curso que lhe são importantes. Não dizem respeito às subjetividades da vida individual, e Rama parece não ter tempo para elas. Mas ele interessa-se por pedidos pessoais quando o indivíduo seguiu as leis psicológicas necessárias. Se a situação se construiu o suficiente, e se a imagem requerida se despertou de modo que a pessoa é impelida a partir do interior e não tem outro recurso senão vir e pedir, algo pode ser feito. Neste sentido, a Sra. Garrett não parece ter para Rama maior interesse do que qualquer outra pessoa. Mas isto ajusta-se à hipótese com que temos interpretado o aparecimento de Tote e Rama.

São personificações daquele nível profundo da psique que não se ocupa de considerações pessoais. Exprimem o nível objetivo, não pessoal, da psique, onde as verdades são verdades em formas eternas e universais, ainda que essas formas possam ter infindas variações simbólicas. Visto que os princípios profundos que simbolizam estão para lá da subjetividade, é coerente com a sua natureza que Tote e Rama não tenham interesse na fortuna pessoal da Sra. Garrett, embora ela lhes sirva de instrumento, a menos que ela cumpra os mesmos requisitos psicológicos que todos os outros.

Ela tem de vir e pedir por si. Ou seja, nada deve ser feito até que o tempo esteja maduro, porque a psique amadureceu a partir de dentro. Este é, seguramente, um critério válido, e Rama alude a isso sob diversos aspetos ao longo desta sessão. É de importância primordial que o desenvolvimento ocorra no indivíduo antes de se fazer algo a partir do exterior. É isto que está envolvido na insistência de Rama de que a própria Sra. Garrett peça antes que se faça algo pela sua saúde física, por exemplo. Não é suficiente, e não é válido, que os

seus amigos peçam por ela, como talvez eu tencionasse fazer se a resposta de Rama me tivesse encorajado.

Aqui, Rama responde-nos a uma parte importante da questão do que significa a Sra. Garrett funcionar como médium ou como oráculo. Para quem é ela médium? Para quem é oráculo? Em nome de quem? É em nome de um Deus? Mas então, quem é o Deus? Tu és o Deus. A pessoa é o Deus. Então, para quem é a Sra. Garrett o oráculo? Ela é oráculo para a pessoa que vem ter com ela fazer uma pergunta sentida com profundidade suficiente para exigir uma resposta. Se eu falo com Rama e chego a conhecer o princípio de que Rama é símbolo, e se continuo a falar com Rama da forma mais livre e sincera, com total ausência de reservas, que descobrirei? Aprenderei mais sobre Rama? Talvez. Mas o que é Rama? Se me identifiquei com ele, ele identificou-se comigo. Então Rama deixou de ser — na verdade, nunca foi — uma existência objetiva separada dos seres humanos individuais. Mas Rama tornou-se eu — ou tornou-se e torna-se cada indivíduo que estabelece uma relação totalmente aberta com ele como personificação simbólica do princípio da energia vital. Então, se eu falo com Rama, quem fala? E quem responde? Sou eu a falar com o princípio de vida que está no ponto mais profundo, no centro da semente do meu ser e da minha potencialidade. É isso que Rama está a dizer. "Estás a falar ao pano universal de ouro que és tu", diz ele, ao seu modo característico.

E esta é a chave do talento especial que a Sra. Garrett possui no que se tem chamado a sua sensibilidade psíquica ou mediunidade. Rama formula-o aqui: "Este instrumento", diz ele, referindo-se à Sra. Garrett, "é capaz de tomar estes sonhos de cada homem e transformá-los num símbolo e, se ele for sábio, entregá-los-lhe. E, se não, há sempre o porteiro que me deixou entrar. E ele tomará alguns dos sonhos deste homem ou daquele, tecê-los-á em algo e entregá-lo-á a eles. Isto é tal como tu darás à criança que vem ter contigo pedir um doce qualquer coisa com que ela irá embora e brincar e ficará feliz e contente."

Aparentemente, há dois níveis em que a Sra. Garrett é capaz de funcionar, mas é sempre em termos de responder à necessidade mais profunda da outra pessoa. Se essa necessidade mais profunda na outra pessoa for pequena, ou superficial, como uma criança a pedir rebuçados ou uma pessoa assustada a procurar segurança, ela dar-lhos-á. Ou talvez Abdul Latif ou Ouvani lhos darão. Essa é a função mediúnica da sua psique. Ela responde desse modo. Responde ao que a outra pessoa requer. E, se essa outra pessoa requer algo mais, se a plenitude da sua natureza o suscita, é então que o dinamótipo de oráculo na psique da Sra. Garrett é chamado a atuar.

Mas então, por quem é ela o oráculo? Pelo Deus na outra pessoa. Ela evocar-lhe-á a semente da sua potencialidade, fá-la-á emergir e depois permitir-lhe-á cristalizá-la, de modo que, embora seja dita por seu intermédio ou por uma das figuras de controlo, ainda assim é dele próprio. Se for sábio, será capaz de fazer disso um símbolo e utilizá-lo. Ou seja, a pessoa para quem este encontro aconteceu reconhecerá que algo de profundo e oculto nas profundezas da sua natureza psíquica, de outro modo inacessível, foi tocado e se tornou-lhe agora acessível. Contudo, não fará disso uma "coisa".

Não o tratará como uma entidade fixa, ou como uma doutrina, nem fará da experiência "um lugar onde parar", como diria Whitman. Mas reconhecerá que algo profundo e escondido nas profundezas da sua natureza psíquica foi-lhe refletido. Reconhecerá que o Deus nele foi representado por um oráculo — um oráculo tão dedicado a viver a imagem para a qual foi chamado que se entrega totalmente aos Deuses dentro de si, para poder falar pelos Deuses que vivem nos outros.

HIPÓTESES EM CONCLUSÃO: E INSINUAÇÕES

DEPOIS destas doze conversas com Ouvani, Abdul Latif, Tote e Rama, que resposta pode ser dada à pergunta que a Sra. Garrett

originalmente me colocou? Qual é o significado das vozes e das pessoas que falam por seu intermédio? O que são elas? Quem são elas? Que insinuações podemos colher delas quanto às dimensões da existência humana?

Uma perceção fundamental a que as conversas nos levaram é que o tema da mediunidade e os fenómenos a ela associados exigem uma perspetiva ampla e aberta para que possam ser entendidos. Todo o assunto é de tal ordem que não pode ser compreendido — e só pode ser confundido e mal-entendido — se for abordado de modo literalista. Os fenómenos que ocorrem — as vozes, as pessoas, as imagens — são tais que não estamos de modo algum autorizados a assumir que são aquilo que parecem ser.

Pelo contrário, são expressões simbólicas. São representações simbólicas de dimensões da experiência humana que não se deixam facilmente encaixar nas nossas categorias habituais de conhecimento. Esta é, de facto, uma das suas qualidades mais valiosas e sugestivas. Abrem possibilidades de conhecimento em áreas nas quais, no passado, tivemos de nos apoiar em insinuações poéticas. Estudadas no quadro integrador da moderna psicologia das profundezas, dão-nos acesso a intuições que tornam possíveis grandes, novas hipóteses sobre a natureza do homem.

Para obter esse conhecimento, porém, é necessário disciplinarmos firmemente os hábitos da mente e não nos permitirmos resvalar para o nosso estilo costumeiro de pensar literalista. É essencial recodificarmos de forma consistente o estilo do nosso pensamento nos termos da dimensão simbólica da experiência, a fim de não deturparmos a natureza do nosso objeto.

O facto de haver duas maneiras diametralmente diferentes de abordar o assunto — e de a maneira a que o nosso estilo de pensamento está mais habituado ser profundamente inadequada — coloca um ónus especial sobre quaisquer tentativas de interpretação. A forma como as nossas perguntas são formuladas pode determinar em larga medida a natureza das respostas a que finalmente chegamos. É

de importância tremenda termos as perguntas certas, para que as questões sobre as quais refletimos não fiquem confundidas. Por exemplo, quando perguntamos com quem são travadas as conversas em transe, há algo implícito no conceito subjacente à pergunta que é enganador. Implica que a voz do "quem" representa uma pessoa e que está envolvida uma personalidade distinta, no sentido em que estamos habituados a entender esse termo.

Isto significaria, se fosse correto, que a voz de Abdul Latif ou de Tote, por exemplo, teria de ser entendida como expressão de uma personalidade específica. Então teria de se perguntar, como de facto se tem perguntado ao longo de várias gerações de investigação psíquica: estas vozes representam entidades desencarnadas ou são figmentos psicológicos sem significado real?

Colocar a questão desse modo apresenta uma polaridade em que se indica uma escolha definida, como se a resposta correta tivesse necessariamente de ser ou que as vozes representam entidades espirituais, ou que são destituídas de sentido, senão patológicas. Mas um dos resultados primários das conversas em transe que temos vindo a estudar é a perceção de que estas duas hipóteses estão longe de esgotar as possibilidades. Na verdade, as indicações apontam para a validade de uma terceira hipótese, baseada numa conceção totalmente diferente do objeto. Parece mais frutífero abordar as personalidades de transe não como entidades espirituais, mas como formas simbólicas de dramatização pelas quais princípios mais amplos de vida se tornam articulados na experiência humana e pelas quais as nossas insinuações de sentido na vida se tornam mais específicas.

Em termos semelhantes, a pergunta sobre o que está envolvido nas mensagens das personalidades de transe é demasiado restritiva para possibilitar uma exploração plena do tema. Mesmo que o "quê" se entenda como referência a fatores psicológicos envolvidos no processo básico de desenvolvimento da personalidade, há limitações severas num conceito supostamente factual desse tipo. Ao passo que, de um ponto de vista literalista, uma interpretação dos fenómenos em

termos da personalidade pode ser tida como explicação suficiente, na realidade fornece pouco mais do que uma descrição preliminar.

Um relato da sequência de eventos que ocorrem na psique individual pode passar por compreensão psicológica, mas não fornece realmente compreensão. Os estudos psicológicos foram durante demasiado tempo vítimas da crença errónea de que, simplesmente porque um evento precedeu outro, era por isso a "causa" dele. Relação sequencial está longe de equivaler a relação causal. Com esta consciência, elimina-se grande parte da redução da experiência humana a eventos da infância.

De muito maior importância é a questão da direção e do fim a que as experiências humanas tendem. Perguntamos: o que procura exprimir-se? Mas também esta pergunta pode ser entendida de modo demasiado estreito. O fim do desenvolvimento pessoal não é simplesmente a teleologia implícita do crescimento. Não se limita ao desabrochar das potencialidades latentes na semente do indivíduo. Aquilo que procura exprimir-se pode ter a sua fonte em dimensões da vida muito mais abrangentes do que a personalidade individual.

Na verdade, há muitos indícios que conduzem à convicção de que a psique do ser humano individual é um reflexo de princípios mais vastos, transpessoais, e de que os conteúdos psicológicos da experiência da pessoa são expressões simbólicas e esquivas insinuações do que essa outra dimensão da vida pode ser. Neste sentido, as experiências de transe de que temos falado são fenómenos que apontam para o significado — nos quais a psique de uma pessoa individual, com todas as suas inevitáveis fraquezas e limitações, é utilizada para abrir a ligação entre as nossas mentes literais e níveis de consciência a que podemos, pelo menos, começar a aceder por vias simbólicas.

Com estas observações, temos um quadro para entender o que está em jogo quando empreendemos interpretar os fenómenos mediúnicos em termos psicológicos. Se dissermos que todos os eventos de que aqui temos tratado tiveram lugar na psique de Eileen

Garrett, isso seria verdade — e também não seria de todo. A psique da Sra. Garrett fornece o contexto, o "lugar", dentro do qual todos os fenómenos psíquicos, todas as vozes, palavras e conceitos aparecem. Mas a psique de Eileen Garrett é também veículo de algo muito maior do que o indivíduo cujo nome ostenta.

As suas capacidades, a sua natureza, a sua intenção e os conteúdos das suas expressões psicológicas são todas manifestações simbólicas de um princípio e de um poder que não são, de modo algum, Eileen Garrett. É esse princípio que faz emergir Eileen Garrett, como faz emergir todos os outros indivíduos. Fornece os materiais necessários e utiliza-os, e segue o seu caminho infinito.

A pessoa individual pode fornecer o campo temporário em que os eventos têm lugar; mas o indivíduo não é a sua causa, e a plenitude de sentido contida nos eventos não deve ser entendida com referência à psique individual per se. Assim, uma interpretação psicológica dos fenómenos envolvidos nas conversas aqui tratadas não pode, de modo algum, esgotar as implicações do assunto. Pode apenas fornecer uma descrição do terreno — e de alguns aspetos do terreno — em que esses fenómenos ocorreram.

Se, com estas limitações específicas, considerarmos a psique de Eileen Garrett como o campo em que se formaram os conteúdos das conversas, cumpre notar que, dentro da unidade dessa psique individual, existem vários fatores e forças especiais. Entre os principais estão as tendências ativas para dramatização de imagens, que descrevemos nas secções de comentário como dinamótipos.

Os dinamótipos são as potencialidades específicas de expressão de vida presentes na semente da personalidade, e pressionam no sentido do desdobramento ao longo da sua vida social e do seu crescimento pessoal. No caso da Sra. Garrett, e no que respeita às preocupações particulares deste estudo, assinalámos três dinamótipos principais presentes e eficazes na sua vida. O primeiro é o dinamótipo Executivo; os outros dois são o dinamótipo Médium e o dinamótipo Oráculo.

Uma das características dos dinamótipos é transportarem as capacidades de personalidade necessárias ao desdobramento da imagem que é a essência da sua potencialidade. Assim, o dinamótipo Executivo na Sra. Garrett traz consigo uma habilidade particular para organizar eventos, um talento para colocar as coisas na sua devida "gaveta" e mantê-las lá até que a sua função tenha sido cumprida. Isto manifestou-se de modos específicos no trabalho comercial e editorial da Sra. Garrett, na sua capacidade de pôr ordem e de manter uma disciplina ordenada nos acontecimentos e situações ligados a uma parte particular da sua vida — a parte que é pertinente ao dinamótipo Executivo. Isto explica as atividades num certo segmento da vida da Sra. Garrett, mas tem também um significado mais amplo.

Correspondendo às capacidades organizacionais do dinamótipo Executivo está a capacidade do dinamótipo Médium para exprimir uma sensibilidade superior às necessidades psicológicas subjetivas de outras pessoas. Esta sensibilidade aos outros opera totalmente nos níveis subliminares da psique inconsciente, pois tanto as suas perceções como a comunicação dessas perceções têm lugar abaixo da superfície consciente da mente. A qualidade especial desta sensibilidade, quando está em causa o dinamótipo Médium, é ser dirigida às necessidades subjetivamente pessoais de outras pessoas.

É-lhes sensível, capta-as — em transe ou noutros momentos de sintonia não consciente — e comunica essas perceções sem estar racionalmente ciente do que está a fazer. Nestes atos de perceção e comunicação, o indivíduo em causa é verdadeiramente um médium, no sentido de ser pouco mais do que um funil para a informação transmitida. Não interessa à própria médium e não lhe traz benefício. Ela é simplesmente o meio através do qual a informação circula por via da sua sensibilidade psíquica. Este tipo de informação caracteriza-se, geralmente, pelo facto de não só não interessar à médium no caso, como também não ter interesse nem significado mais amplo para qualquer outra pessoa além daquela cuja preocupação subjetiva é.

O dinamótipo Oráculo traz consigo uma sensibilidade semelhante ao nível inconsciente profundo da psique de outras pessoas, mas a

qualidade das suas perceções é mais fundamental. Não é arrastado para a vida subjetiva de outras pessoas, nem se ocupa da vida pessoal e das necessidades, sequer, da sua própria experiência. As suas atividades orientam-se totalmente para o nível de experiência que envolve os aspetos universais ou transpessoais da existência humana. Assim, a sensibilidade do dinamótipo Oráculo exprime não o subjetivo, mas o transpessoal, e as suas afirmações tendem a apresentar, em forma simbólica, as insinuações dos significados da vida humana.

Esses significados, sendo mais do que pessoais, aplicam-se à humanidade em geral e, como caso particular da humanidade, aplicam-se também ao indivíduo que está a viver a imagem do dinamótipo Oráculo. Isto liga-se, sem dúvida, ao facto de o dinamótipo Oráculo se exprimir com maior força no ponto da vida do indivíduo em que a necessidade de experienciar o sentido último da vida se torna uma pressão intensa dentro da psique. Quando está ativo num indivíduo, o dinamótipo Oráculo permite à pessoa ultrapassar as suas experiências exteriores e alcançar este nível de consciência em termos simbólicos.

Encenar o dinamótipo Oráculo parece, então, representar uma fase avançada de desenvolvimento pessoal para o indivíduo que começou com capacidades mediúnicas. Para além da sua função objetiva de atuar como canal de significado para os outros, também serve para conduzir o indivíduo a um contacto com o significado transpessoal na sua existência pessoal. Neste contexto, novamente, os fenómenos expressos nas conversas em transe que discutimos são simultaneamente psicológicos e expressivos de dimensões que são mais do que psicológicas.

Uma das observações muito interessantes a que somos levados, repetidas vezes, no estudo da psicologia das profundezas, é a variedade de modos engenhosos pelos quais a psique humana desenvolve espontaneamente meios de dramatizar as suas necessidades. Usa formas simbólicas para o conseguir e, por meio dos seus símbolos, elabora padrões de vida pelos quais os requisitos

subjacentes da psique são trazidos para a estrutura da experiência pessoal.

O desenvolvimento da personalidade de Eileen Garrett ao longo de sete décadas é uma excelente ilustração da riqueza e da variabilidade com que este princípio da psique se pode manifestar. Por um lado, ela nasceu num mundo em que ao indivíduo são apresentadas expectativas sociais inevitáveis. Especialmente para uma rapariga a crescer na cultura protestante irlandesa em que a Sra. Garrett nasceu, as exigências da sociedade são nítidas. É solicitado um determinado "imagem" ambiental, a ser desenvolvida e encenada na vida; e, através disso, forma-se o padrão de personalidade que se torna o rosto exterior que se mostra ao mundo.

Tal rosto exterior é absolutamente indispensável se a pessoa quiser encontrar um lugar e ser aceite na sociedade, mas é apenas uma adaptação exterior. A formação de um rosto interior também é necessária, e isto tem uma importância especialmente grande porque envolve o sentimento, por parte do indivíduo, do significado privado da sua vida. Especialmente em indivíduos cuja vida mental é ativa com ideias e projetos que pedem expressão, o rosto interior da personalidade é particularmente importante.

Em tais pessoas, onde as potencialidades de desenvolvimento são numerosas e fortes, é essencial que as imagens ambientais não encerrem a personalidade, para que os potenciais psíquicos possam crescer livremente.

Tanto o rosto interior como o rosto exterior precisam de ser mostrados ao mundo, e a questão crítica na vida de muitas pessoas é como podem ambos ser apresentados simultaneamente. São bastante diferentes um do outro e, muitas vezes, estão em oposição direta. Muitas pessoas sofrem períodos de intenso conflito psicológico porque possuem duas faces contrastantes e são impelidas pela necessidade de viver, no mundo, a imagem de ambas.

A Sra. Garrett é uma pessoa cuja psique contém tal conflito. O seu rosto exterior, para o dizer nos termos mais gerais, é o rosto de

uma mulher no mundo moderno. Cabe-lhe cumprir as expectativas sociais sobre o que uma mulher deve ser, bem como proporcionar um canal para a sua própria vida emocional num contexto aceitavelmente convencional. O rosto exterior da mulher pode ser mostrado apenas no contexto social de um mundo de homens, no qual se espera que a mulher aceite uma posição dependente. O rosto interior da psique de Eileen Garrett, porém, exige um papel forte e ativo no mundo.

O dinamótipo Executivo contém uma tendência impulsionadora e a necessidade de organizar eventos e assuntos e de desempenhar um papel diretivo junto de pessoas. O dinamótipo Médium também exige um papel ativo. Especificamente, requer uma situação social em que as qualidades de sensibilidade psíquica possam ser expressas em relação às necessidades inconscientes de outro ser humano. Infelizmente, situações sociais deste tipo não se estabelecem facilmente dentro da visão convencional da mulher como um ser fraco e dependente. A terceira imagem do rosto interior, o dinamótipo Oráculo, requer o papel mais ativo — até o mais masculino — de todos os três, pois a sua necessidade definidora é a de um confronto continuado e aprofundado com as questões últimas da Realidade. O papel modesto atribuído à mulher num mundo de homens dificilmente fornece espaço para isto e, no entanto, a pressão psicológica para cumprir esta imagem é grande.

Visto mesmo dentro deste campo de visão limitado do contexto da psique da Sra. Garrett, podemos aferir o grau de tensão inevitável. O rosto exterior de uma mulher a viver num mundo convencional está, inevitavelmente, em conflito com o rosto interior que possui três imagens dinamotípicas dominantes. Que tipo de condição de coexistência pacífica poderia ser estabelecida para tornar psicologicamente possível continuar a viver com alguma eficiência moderada? Uma das qualidades primárias da psique é a sua capacidade de elaborar tais arranjos em que os opostos são equilibrados numa relação funcional. No caso da Sra. Garrett, a psique elaborou o arranjo necessário com uma engenhosidade excecional.

A essência desse arranjo é a separação espontânea de segmentos de personalidade, cada um dos quais atua e fala como uma pessoa distinta. Assim, Ouvani, como guardião da porta, atua como a pessoa que regula a entrada e a saída da psique. No meio da condição delicada de tensão provocada pelas imagens em contenda, Ouvani mantém o equilíbrio precário. Ele exibe, em relação ao conjunto da psique, as qualidades do dinamótipo executivo, pois organiza a psique e regula-a.

A segunda figura, Abdul Latif, personifica o dinamótipo Médium, pois exprime a capacidade de ser sensível, psíquicamente, às condições subjetivas de outras pessoas, de refletir as suas necessidades e de diagnosticar as suas dificuldades por meio das ligações clarividentes do inconsciente. O dinamótipo Oráculo é personificado por duas figuras. Tanto Tote como Rama exprimem a necessidade, na psique da Sra. Garrett, de alcançar as profundezas do ser e trazer à luz uma formulação articulada das verdades subjacentes da existência humana.

Estas quatro figuras, personificando os três dinamótipos primários que definem o rosto interior de Eileen Garrett, tornaram possível que ela vivesse com eficiência no meio de uma tensão psíquica que, de outro modo, teria tornado a vida insustentável. O que teria ela feito se tivesse sido capaz de viver apenas em termos do seu rosto exterior, se tivesse sido capaz de viver apenas como uma mulher num mundo convencional? Muitas outras mulheres foram forçadas a acatar esta limitação, e podemos julgar pela sua experiência qual teria sido a alternativa para a Sra. Garrett. Invariavelmente, quando a vida é definida pelo rosto exterior, todas as imagens que compõem o rosto interior são reprimidas. Então, a mulher vive apenas uma pequena parte da sua potencialidade e é atormentada por irritabilidade porque o lado não vivido de si mesma a espicaça, a partir de dentro, pedindo expressão.

Se os três dinamótipos não tivessem encontrado um meio de se encenarem, a repressão do rosto interior, numa psique tão intensa e tão rica em potencialidades, poderia muito bem ter despedaçado a

personalidade; mas o desenvolvimento espontâneo, pela psique, de uma dissociação de pessoas — uma segmentação ordenada da psique — tornou possível que a personalidade, como um todo, funcionasse em termos dos mundos exterior e interior. Por meio do processo psíquico de separação de pessoas dentro da psique, torna-se possível ao indivíduo exprimir potenciais, ou outras necessidades compulsivas prementes que, de outro modo, teriam de ser reprimidos, e exprimi-los de modo ativo e construtivo, por meio de uma personalidade que é uma pessoa distinta e competente, mas que não é a personalidade exterior que mostra o rosto ao mundo.

A validade psicológica deste processo foi reconhecida e fortemente sublinhada durante as conversas quando Tote apontou claramente que retirar as personalidades de transe da experiência da Sra. Garrett deixaria um vazio na sua psique e poderia, eventualmente, ter consequências psicológicas muito graves.

Ao compreender as necessidades e o desenvolvimento da personalidade da Sra. Garrett neste contexto, torna-se patente que um princípio fundamental da psique está envolvido no surgimento das quatro figuras de controlo com as quais as conversas foram mantidas. Se isto é verdade, significa que o facto de estas separações de pessoas se terem processado sob condições de transe é de importância secundária. O facto primário é que essas separações ocorreram — e que a necessidade psíquica delas era tão forte que continuaram, de uma forma ou de outra, ao longo de muitos anos.

Que o fenómeno da separação espontânea de pessoas dentro da psique é integrante do desenvolvimento da personalidade da Sra. G. é indicado pelo facto de que, mesmo na infância, ela se via a escorregar para fora da sua personalidade desperta para outra qualidade de consciência. Estas experiências eram-lhe confusas e assustadoras porque não as compreendia e, naturalmente, inferiu, na altura, que poderiam ser evidência de patologia. Mais tarde, o acontecimento que precipitou o seu trabalho no domínio da mediunidade psíquica foi uma dissociação espontânea que teve lugar numa sessão pública, quando ela estava na assistência. Depois disso, o seu treino em mediunidade

foi conduzido por meio de entrada hipnótica no estado de transe, e isso estabeleceu o padrão para a metodologia que ela tem seguido desde então.

Podemos ver, porém, que o efeito líquido da hipnose e da entrada em transe foi apenas recriar, por um método repetível, a condição que a psique havia, por si mesma, criado espontaneamente noutras ocasiões. A entrada hipnótica no transe (auto-hipnótica, como a Sra. Garrett a pratica) entende-se, essencialmente, como um procedimento exequível que a Sra. Garrett desenvolveu como um fac-símile viável do fenómeno de separação, como meio de alcançar, à vontade, a condição psicológica necessária.

Uma vez dominado este método, e uma vez que a Sra. Garrett desenvolveu um estilo de o usar que o tornou adaptável às suas exigências particulares, ele tornou-se o seu meio pessoal de produzir a condição de separação de pessoas dentro da psique que permitiu que os princípios internos da sua personalidade se exprimissem. Em todo este processo, o desdobramento da imagem do oráculo parece ser primário. A certa altura, já as nossas conversas em transe iam adiantadas, perguntei à Sra. Garrett, numa discussão em vigília, o que achava que teria sido a sua vida se tivesse nascido na mesma área geográfica e do mesmo tronco racial cerca de 1.500 anos antes do seu nascimento real.

A resposta foi imediata: “Oh, provavelmente teria passado o tempo a cheirar vísceras.” Queria dizer que, se tivesse nascido numa era pré-cristã, teria gravitato para o trabalho dos oráculos num contexto druídico e teria estado envolvida nas profecias rituais que essas práticas religiosas antigas previam. Ao dizê-lo, reconhecia a força e a necessidade contidas no dinamótipo Oráculo ativo dentro de si. Teria conseguido exprimir então o dinamótipo mais facilmente do que na sua situação do século XX, porque as convenções religiosas ter-lhe-iam proporcionado um formato para isso.

Na sua vida moderna efetiva, o dinamótipo Oráculo apresentou uma dificuldade particular porque não tem lugar em nenhum dos

sistemas reconhecidos da vida social. Não existe um papel social disponível para um Oráculo no mundo moderno, embora tais papéis estivessem prontamente disponíveis em culturas mais antigas onde a função xamânica ainda era forte.

Com este vazio social a rodear, nos tempos modernos, o dinamótipo Oráculo, podemos ver facilmente que, para não o reprimir totalmente e para poder viver, em alguma medida, a imagem do oráculo, a psique da Sra. Garrett escolheu o único meio que tinha à sua disposição. Pelo processo de separação espontânea de pessoas, dramatizou a imagem do oráculo como uma pessoa que podia articular as insinuações de verdade que o rosto interior da Sra. Garrett sentia, mas às quais o seu rosto exterior não podia dar voz perante o mundo.

O teor das conversas com Tote e com Rama indica que há muitas implicações nas discussões que tivemos com o dinamótipo Oráculo. Um aspeto principal que não deve ser perdido de vista é o facto de a imagem do oráculo não estar restringida a pessoas particulares, mas ser uma imagem de potencialidade universal. Sócrates falava do "oráculo interior" ao qual cada pessoa pode recorrer para a verdade nas profundezas da sua própria psique. A grande dificuldade, porém, é como o ser humano individual pode aceder ao oráculo dentro de si. É a esta questão que, creio, as conversas de que temos estado a falar trazem uma resposta das mais importantes, ainda que inesperada.

Se seguirmos a orientação de Sócrates, temos de tomar como hipótese de trabalho a conceção de que todas as pessoas transportam o seu oráculo dentro de si. Esta é certamente uma conceção para a qual a experiência em psicologia das profundezas nos inclina. Mas como pode o oráculo interior ser trazido à luz? E como pode o indivíduo aceder a ele? O facto psicológico é que a imagem elementar que jaz como potencialidade nas profundezas da psique só pode vir a lume dramatizando-se — e isto significa dramatizar-se em alguma forma simbólica apropriada.

Quando o meu oráculo interior procura expressão dentro de mim, não posso simplesmente voltar-me para ele. É necessário permitir-lhe

que se dramatize simbolicamente. Então, posso estabelecer uma relação com ele. Posso ser capaz de o fazer num estilo simbólico direto, usando um método como a Imagética do Crepúsculo*; ou, mais provavelmente, posso comunicar com o meu próprio oráculo interior projetando-o sobre outro ser humano e falando com ele por via dessa outra pessoa.

Temos aqui, creio, um dos pontos de maior significado no que respeita às conversas em transe com as pessoas de Eileen Garrett. Isto está implícito, decerto, no grau de rapport que se estabeleceu nas sessões e que foi, de imediato, tão significativo para ela, para o seu grupo de pessoas — "consortes interiores", chamámo-los uma vez — e para mim. Nessas conversas comigo, ela podia viver a sua imagem de oráculo em relação a outra pessoa cujo próprio oráculo interior requeria um oráculo exterior que o dramatizasse e o tornasse eficaz.

A Sra. Garrett fez isto como expressão natural do dinamótipo a procurar vir a expressão, e foi certamente esta a base da força e da intensidade de sentimento que entrou nas conversas. Quando Tote e Rama falavam, era a imagem mais fundamental na psique da Sra. Garrett a trabalhar para vir à tona. Uma capacidade maior dessa imagem, o dinamótipo Oráculo, é a sua faculdade de tocar os elementares da existência humana, tanto no universo como na psique de outros seres humanos. Assim, podia estabelecer-se uma ligação ao nível profundo da psique, onde a imagem de oráculo de cada um podia falar e entrar num diálogo de aprofundamento.

Os fatores envolvidos nisto são subtis e, sem dúvida, esquivos. Têm certamente implicações importantes de várias ordens, que creio mentes honestas e inquisitivas não quererão ignorar. Esta é uma razão principal por que resolvi reunir estas conversas num registo fiel do modo como ocorreram. Há um fator intangível envolvido na natureza do diálogo ao nível de profundidade em que teve lugar, e isso pode, eventualmente, ter a máxima importância quando o material for novamente estudado.

Grande parte do impacto das conversas está, naturalmente, ligada à intensidade do contacto face a face na situação real. Reconheço que a transcrição não o transmite, mas algo disso há de transparecer nas entrelinhas e entre as páginas para o leitor sensível cujas antenas pessoais se estendem para a dimensão de realidade em que estas conversas tiveram lugar.

É importante lembrar que, quando nos estendemos para o sentido maior das coisas, estendemo-nos todos em conjunto — sobretudo porque não somos capazes de alcançar separadamente e a sós. É assim que o dinamótipo Oráculo da Sra. Garrett não se pode exprimir nem pode ser canal para Tote e Rama a menos que uma pessoa recetiva esteja presente para evocar as profundezas da sua psique e para chamar a si, em formas dramáticas, essa imagem de oráculo. Neste sentido, a minha própria psique — a entrar na experiência como investigador, mas permanecendo como pessoa totalmente envolvida e comprometida com ela — deve, certamente, ser contada como um fator nos acontecimentos ocorridos.

O facto de, à medida que as sessões avançavam, elas se terem tornado, para mim, uma tentativa de contactar o meu próprio oráculo interior — e de isso ter sido pressentido, tocado e dramatizado pela Sra. Garrett através de Tote e Rama — é indicativo da mutualidade espontânea que atua quando as sobreposições conscientes da personalidade caem.

Alcançar, sozinho, o próprio oráculo interior é desejável, mas difícil. Na situação das conversas, e naquele momento da minha vida, havia aparentemente fatores em ação que tornavam necessário que o meu oráculo interior tivesse um contraponto exterior para conduzir mais longe as suas experiências. É esse o ponto em que a imagem do oráculo interior, a procurar expressão dentro da minha psique, se dirigiu para e foi chamada pela imagem do oráculo a procurar encenação na psique de Eileen Garrett. Um evocou o outro — e este é o protótipo de todas as relações humanas válidas em que algo das profundezas da existência pessoal é tocado.

O significado da relação envolvida nestas conversas foi, certamente, diferente para a Sra. Garrett do que para mim; e, no entanto, houve um terreno de encontro onde teve lugar um diálogo nas profundezas do ser de ambos. A qualidade e o conteúdo desse diálogo só podem ser conhecidos diretamente, aludidos, ou intuídos — não podem ser encerrados em palavras. Transporta uma realidade que transcende todos os acontecimentos exteriores e condições materiais.

É esquivo no seu conteúdo e nas suas implicações, mas certos aspetos indicam que transmite a essência do contacto humano com o sentido último da vida. Na última década, desde a obra pioneira de C. G. Jung até aos escritos mais recentes da psicologia existencial, tem-se notado, cada vez mais, que uma experiência de sentido último é necessária para que o trabalho no campo da psicoterapia tenha êxito.

Procurando responder a esta necessidade, os vários psicólogos existenciais tenderam a enveredar por discussões filosóficas, mas já há ampla evidência de que filosofias intelectuais não alcançam fontes suficientemente profundas para satisfazer esta necessidade. Novas fontes, não nos manuais, terão de ser sondadas, e estas conversas com os consortes psíquicos de Eileen Garrett poderão muito bem estar na vanguarda entre elas.

- *Ver ob. cit.*

- *Ver novamente o meu livro O Simbólico e o Real, Capítulo II, Secção I, "Sócrates como Evocador", onde o conceito de "oráculo interior" é discutido.*